



DA LIVRARIA UNIVERSAL
DOS IRMÃOS

E. & H. LAEMMERT

RUA DA QUITANDA, 77
RIO DE JANEIRO



Este Livro pertence a
Eduardo do Costa Sr^o

Chegou em Cabo modico
15 de Set de 1862

Custou este Livro - 3\$000

A DAMA DAS CAMELIAS.



A BAKA DAS GARNITUR



Michell's Lith.

Lith. de Roze & Lima.

MARGARIDA CAUTIER.

A DAMA DAS CAMELIAS

ROMANCE ESCRITO EM FRANCEZ

POR

ALEXANDRE DUMAS (FILHO.)

PROCEDIDO D'UM PROFACIO

POR

JULES JANIN

TRADUCÇÃO LIVRE

NOVA EDIÇÃO CORRECTA E AUGMENTADA COM ESTAMPAS

PUBLICADA POR L. C. DA CUNHA.

LISBOA

NA TYPOGRAFIA DE LUIZ CORREA DA CUNHA,
COSTA DO CASTELLO N.º 15.

1860.

A DAMA DAS CAMELIAS

ROMANHO ESCRITO POR

FOR


ALEXANDRE DE ALMEIDA

FRANCO DO RIO DE JANEIRO

FOR

ESTÁ NA BARRA DO RIO DE JANEIRO
EM 1880
A DAMA DAS CAMELIAS
ROMANHO ESCRITO POR
ALEXANDRE DE ALMEIDA
FRANCO DO RIO DE JANEIRO
1880

A MADEMOISELLE MARIA DUPLESSIS.

avia no anno do Senhor, de 1848, nestes, annos de abundancia e paz em que todos os favores do espirito, do talento, da belleza e da fortuna pareciam conjurar-se para fazerem realçar esta Franca, esta sempre noiva da Europa, uma engraçada e joven senhora de semblante formosissimo, cuja presença lhe conciliava certa admiração e deferencia d'aquelle que, tendo-a visto pela primeira vez, lhe não sabiam nem o nome nem a posição. Realmente possuia aquella senhora, sem a mais leve sombra de affectação ou constrangimento, o olhar meigo e ingenuo, o gesto seductor, o andar desembaraçado e ao mesmo tempo comedido, d'uma pessoa da mais alta sociedade. O parecer era grave, o sorriso desabroxava-lhe dos labios com bastante magestade, finalmente, quem a visse, pelo passo apenas, podia dizer, o que um dia dizia. Elle viu a respeito de uma fi-

dalga: Sem duvida, ou é alguma mulher de proceder duvidoso, ou então uma duqueza.

Ainda mal! pois não era nenhuma duqueza; tinha nascido lá nos últimos degraus da difficil escada social, e foi necessario ter sido bem formosa e allrativa para em tão breve espaço, como o dos seus dezoito annos, que não mais teria então, haver subido já, tão agil os primeiros degraus. Lembra-me tel-a encontrado uma noute, pela primeira vez n'um detestavel salão de um dos theatros dos *bolevards* mal alumiado, e apinhado de certa turba-multa, que apparecia os melodramas de espectáculo. Andavam por alli, como é de crer, mais *bluzas* que casacas, mais bonés que chapéos redondos, mais *paletós* sa-fados que trajas elegantes; conversava-se de tudo, da arte dramatica e de batatas fritas; das peças do Gymnasio e dos pasteis do bolequim do Gymnasio; optimo! quando essa mulher transpoz tão extraordinario terreno, parecia que illuminava com um simples volver daquelles bellos olhos, todas essas cousas burlescas e selvagens. Apenas, e de leve tocava com os pés o immundo sobrado como se effectivamente atravessasse a alameda em dia de chuva; arregaçava as barras do vestido por instincto, para o não roçar pelo chão enlameado, e sem lhe passar pela idéa deixar-nos vêr (e para que?) o pé irreprehensivelmente calçado, terminando uma bem torneada perna que a transparente meia de seda de miudo aberto deixava perceber. O todo do vestuario armonisava com a sua estatura flexivel e fresca, o rosto lindo e oval um tanto pallido, correspondia á graça que em torno de si desparzia, como um perfume de jardim mysterioso.

Entrou ; atravessou de cabeça levantada a maravilhada multidão, e a ambos nos causou pasmo, a Listz e a mim, o vir ella assentar-se familiarmente no banco onde estavamos, porque, nem eu, nem Listz lhe havíamos nunca fallado ; era dotada de agudeza, espirito e bom senso, e dirigio-se primeiro ao grande artista ; contou-lhe, que, havia pouco tempo o tinha ouvido, e tal impressão a enlevára, que ainda por muitas vezes depois, julgára estar cedendo ao encanto daquellas notas magicas. Elle, contudo, semelhante a esses sonoros instrumentos, que respondem ao primeiro bafejo da brisa de maio, ouvia com inalteravel attenção aquelle gracioso fallar cheio de pensamento, aquella lingua melodiosa, eloquente, e sympathica. Com esse instincto maravilhoso, que é só d'elle, e com a grande practica da melhor roda official, e do que ha de melhor entre os artistas, perguntava entre si, quem seria proventura essa mulher, tão familiar e tão nobre, a primeira a fallar-lhe, e que depois de trocadas as primeiras phrazes o tratava com certa superioridade, como se fôra elle proprio, que tivesse sido apresentado em Londres no circulo da rainha ou da duqueza de Sutherland,

Todavia as tres pancadas solemnes do regente da orchestra tinham-se ouvido na sala, e do salão evacuarão todos aquelles espectadores, e criticos improvisados. Só a dama desconhecida tinha ficado com a sua companheira e comnosco ; chegou-se para o fogão e aproximou os pés enregelados do fogo ; de maneira que muito á nossa vontade a podíamos observar, desde as pregas bordadas da saia até aos anneis voluptuosamente encaracolados dos seus ca-

bellos d'ebano; luva mui justa e alva lhe escondia a mão que mais parecia uma pintura; o lenço maravilhosamente ornado de primorosas rendas; nas orelhas trazia duas perolas do oriente que causarião inveja até a uma rainha. Com todas estas lindas cousas se adornava, como se houvera nascido entre sedas e veludos, e se creára nos doirados camarins dos bairros opulentos, n'um throno para reinar, com mil adoradores a seus pés. Assim nella harmonisavam porte e linguagem pensamento e sorrir, trajar e formosura, e baldado fora procurar, no mais escolhido e elevado da alta sociedade, creatura em mais bella e completa união com o adorno, vestido, e discurso.

Porém Listz, muito admirado da apparição daquella maravilha em tal logar, e daquelle entreacto galante d'um melodrama espantoso, de boamente se abandonava aos caprichos da sua imaginação. Convém dizer que não só é um grande artista, mas tambem um homem eloquente. Sabe conversar com as mulheres, passando como ellas de uma idéa a outra idéa, preferindo sempre as mais oppostas. Adora o paradoxo, sabe ser sério, toca no burlesco, e difficil me seria explicar-vos com que arte, com que tacto, com que gosto infinito corteu com aquella mulher, cujo nome até ignorava, todas as escalas vulgares, e todas as *fiuraturas* elegantes da conversação quotidiana.

Praticaram assim ambos todo o terceiro acto do sobredito melodrama; digo *ambos* porque pelo que me diz respeito apenas por cortezia fui interrogado uma ou duas vezes; mas como succedia então estar eu n'um desses momentos de máu humor em

que toda a especie de enthusiasmo é defeza á alma humana, tenho por certissimo que a dama me-achou em todo insipido, perfeitamente absurdo, e a fallar a verdade parece-me que leve muitissima razão.

Passou esse inverno, veio o verão, e no outomno seguinte ainda outra vez, mas então foi no esplendor d'uma representação em beneficio, em plena opera, vimos abrir-se de repente com estrondo um dos grandes camarotes da frente e apparecer com um ramallete na mão aquella mesma beldade que tinha visto no *boulevard*. Era ella! Mas! naquella noute com o trajar mais ellegante da moda e brilhando com todas as magnificencias da conquista. Estava penteada com um esmero d'encantar; por entre os cabellos misturavão-se diamantes e flores, collocados com certa graça estudada que lhes dava movimento e vida; tinha nos braços e seio nus, collares, braceletes e esmeraldas. Trazia na mão um ramalhetinho, de que côr? não sei. E' preciso ter olhos de mancebo e imaginação de menino para distinguir ao certo a côr da flor sobre que repousava um semblante formoso. Nas nossas idades, não se olha senão para a cara e fulgor dos olhos e pouco importam accessorios, e se acontece entretermo-nos a tirar consequencias, tiram-se da propria pessoa, e já isto é bastante.

Naquella noute Duprez encelára a sua primeira lucta com essa voz rebelde, cujas rebelliões definitivas já presentia; mas, ao menos, era só elle a presentil-as, que o publico, ainda nem por sombras o advinhava. Apenas a parte mais attenta do auditorio, alguns amadores sómente, entreviam a fadiga mal subjugada pela mestria, e o desalento do artis-

ta sob os imensos esforços com que a si mesmo tentava illudir-se. Era evidente que a bella de que fallo era um habil juiz, por que depois dos primeiros minutos d'attenção, via-se que deixára de ceder ao encanto habitual, pois se recostou para logo no interior do camarote, e entrou a enterrogar, d'oculo em punho, a phisionomia de quem estava na sala.

Era mais que certo conhecer ella muitas pessoas das mais escolhidas d'entre os espectadores. Bastava só reparar-lhe para o movimento do oculo, para julgar, que a gentil espectadora podia ter contado mais d'uma historia á cerca dos cavalheiros de mais alta nomeada; ora o dirigia para um, ora para outro, sem escolher; não concedendo mais attenção a este do que áquelle, indifferente a todos com quanto cada um lhe retribuísse com um sorriso, ou n'um gesto quasi imperceptivel, ou com um volver d'olhos vivo e rapido, a attenção por ella concedida. Do fundo dos camarotes obscuros e do meio da orchestra, outros olhos, ardentes como vulcões, se fitavam na bella, mas esses não os via ella. Finalmente, se por acaso assestava o oculo para as senhoras da verdadeira sociedade parisiense, havia de subito, na sua attitude, não sei que ar resignado e humilhado que fazia pena. Pelo contrario desviava a cabeça com amargura, se por desgraça fitava a vista n'alguma dessas reputações duvidosas que occupam os mais bellos logares do theatro nos dias de enchente.

O seu companheiro pois tinha nessa noute um cavalheiro, era um guapo mancebo semi-parisiense, que ainda conservava algumas reliquias opulentas da casa paterna, que tinha vindo comer, geira por gei

ra, nesta cidade de perdição. O mancebo, na auro-ra da vida, estava visivelmente ufano d'aquella bêl-lesa no apogeu, e bem se conhecia não se lhe dar da ostentação que d'ella fazia, mostrando bem que era propriedade sua e prestando-lhe um sem fim de attenciósos cuidados tão gratos sempre a uma joven quando vem do amante amado, e tão pouco agrada-veis quando se dirigem a uma alma distraida.. Era escutado sem se ouvir, era olhado sem ser visto... Que disse elle? Não o sabia a dama; mais fazia deligencia por responder. e ainda mesmo aquel-las poucas palavras, sem sentido, não era sem fadi-ga que as proferia.

Assim sem darem por tal, não estavam ambos sós naquelle camarote cujo preço representava o pão d'uma familia por seis mezes, Entre ella e elle ti-nha vindo tomar o seu lugar o assiduo companheiro das almas doentes, dos corações mal feridos, dos espiritos desenganados; o enfado, este immenso Mé-phistophéles das Margaritas errantes, das Clarisses perdidas, de todas estas divindades, filhas do acaso, que se abandonam á tóa da corrente da vida.

Estava por tanto enfadada, e quem tal diria? aquella peccadora, cercada pelas adorações e ho-menagens da juventude, e aquelle mesmo enfado lhe devia servir de perdão e desculpa, por isso que foi o câstigo das suas prosperidades passageiras. O en-fado foi o grande mal da sua vida. A' força de ter visto as suas affeições desfolhadas. á força de curvar a cabeça á necessidade destas relações ephémeras e de passar d'um amor a outro amor, sem saber, in-feliz! porque tão depressa matava a inclinação re-cemnascida, e as ternuras que lhe alvoreciam, tor-

nára-se indifferente a tudo, esquecendoo amor d'hontem, e não gravando mais fundo no pensamento o amor d'hoje, que a paixão d'amanhã.

Infeliz, sim! precisava solidão.... não a deixavam. Precisava silencio... e ouvia sem cessar, as mesmas palavras mil vezes repetidas! Queria estar tranquilla?... Arrastavam-na ás festas e aos espectaculos. Queria ser deveras amada!... e diziam-lhe que era bella!

Entregava-se sem resistencia áquelle turbilhão que a ia devorando! Que mocidade!... e como se comprehende tão bem aquelle dito de mademoiselle de Lençós, depois de ter chegado ao cumulo das suas prosperidades como que fabulosas, exclamára com um profundo suspiro de pezar: «Se por ventura me houvessem proposto similhante vida, teria morrido de susto e dôr!»

Acabada a opera, deixou aquella belleza o seu logar; apenas tinha passado a primeira parte da noite. Esperava-se Bouffé mademoiselle Déjazet e os actores do Palais-Royal, sem contar o bailado em que a Carlota devia dançar, leve e encantadora, nos primeiros dias d'enthusiasmo e poesia... Ella não quiz esperar pelo *vau-deville*; quiz sair immediatamente e voltar para casa, quando tanta gente ainda tinha tres horas de divertimento.

Vi-a sair do seu camarote, e cobrir-se a si mesma com uma capa forrada d'arminhos. O mancebo que alli a acompanhára, parecia contrariado, e como ja não tinha que fazer ostentação daquella mulher, bem pouco lhe importava que tivesse frio ou não. Lembro-me que lhe ajudei a conchegar a capa para os hombros, tão alvos, e ella olhou para

mim, sem me reconhecer, com um leve sorriso doloroso que fez reflectir no cavalheiro, entretido naquella momento a pagar á mulher que abre os camarotes, e a fazer-lhe trocar uma peça de cinco francos. — Póde ficar com tudo, senhora, disse ella á mulher, dando-lhe as boas noites com muito bom medo. Via descer pela escada da direita; o vestido branco contrastava-lhe graciosamente com a capa escarlata; levava o lençinho na cabeça alado por baixo da barba; a renda egoista lhe descaía um tanto por sobre os olhos, mas que importa? a dama tinha representado o seu papel o seu dia estava acabado, e já se lhe não importava parecer bella... Naturalmente naquella noute deixou o mancebo á porta.

Uma cousa digna de attenção e em seu abono é que esta mulher, que nas horas da sua mocidade gastou rios d'ouro, porque a par do capricho unia a beneficencia, e em pouco estimava aquelle triste dinheiro que tão caro lhe custava, jámais foi a heroína de nenhuma dessas historias de ruina e escandalo, de jogo, dividas e de duellos, que tantas outras mulheres, no seu logar, teriam suscitado no decurso da sua carreira. Pelo contrario, em torno della, ninguem fallava senão da sua belleza, dos seus triumphos, do seu gosto no aprimorado do vestir, das modas que sabia inventar, das que impunha á imitação. A seu respeito nunca se fallou de casas arruinadas, de prisões por dividas, e traições, que são o acompanhamento ordinario dos amores tenebrosos. Havia sem duvida em torno dessa creatura, tão cedo roubada pela morte em outro proposito, uma certa decencia irresistivel. Ella viveu á parte, mesmo no mundo á parte em que habitava, e n'u-

ma região mais placida e mais serena bem que a final, pobresinha! habitasse nas regiões onde tudo se perde.

Ainda a torneia ver pela terceira vez na inauguração do caminho de ferro do norte, nessas festas dadas por Brussellas á França, desde então sua visinha e commensal. Nessa *gare* centro immenso dos caminhos de ferro de todo o norte, tinha a Belgica reunido todos os seus esplendores: os arbustos das suas estufas, as flores dos seus jardins os diamantes das suas corôas. Amontuavas-se naquelle ponto de reunião para uma festa que não mais se tornará a vêr um sem numero incrível d'uniformes, de cordões, de diamantes e de vestidos de seda. O patriato francez, a nobreza allemã, e a Belgica hespanhola, Flandres e Hollanda oroadas de suas antigas joias e alfaias, contemporaneas do rei Luiz XIV e da sua córte, todas as pezadas e massicas fortunas da industria, e mais d'uma elegante parisiense, similhantes a borboletas em colmeia de abelhas, tinham acudido áquella festa da industria e da viagem, e do ferro domado, e da chamma obediente ao tempo vencido tambem. Confusão extraordinaria em que todas as forças e todas as formosuras da creação estavam representadas desde o carvalho até á flor, desde o carvão de pedra até a amethysta. No meio desse movimento dos povos, dos reis, dos principes, dos artistas, dos ferreiros e das grandes notabilidades femininas da Europa, via-se apparecer, ou antes, vi eu só apparecer, mais pallida ainda, e mais branca que de costume, aquella gentil mulher já fulminada pelo mal invisivel que a devia arrastar á sepultura.

Tinha entrado naquelle baille, a despeito do

seu nome, e a favor da admiravel formusura de que era dotada ! Altrahia todas as attenções, e era seguida por todos os incensos do galanteio.

Um murmurio lisongeiro a saudava onde quer que apparecia, e até aquelles que a conheciam se inclinavam perante ella ; comtudo acceitava aquelles universaes testemunhos de consideração, sempre tão placida e reservada no seu habitual desdem como se todos aquelles respeitos lhe fossem devidos. Não a maravilhava tão pouco, pizar os tapetes que a propria rainha pizára primeiro. Parou mais d'um principe para a ver, e nos olhos lhes podia ler ella, o que tão bem sabem decifrar as mulheres : Parecis-me formosa, e não me aparto de vós sem pezar ! Dava o braço naquella noute a outro estranho, a outro recém-chegado, louro como um allemão, impassivel como um inglez, muito apertado e consiso na sua casaca, muito impertigado, e que julgava estar fazendo naquelle momento (bem se lhe conhecia pelo andar) um desses atrevimentos sem nome, de que os homens se arrependem até ao ultimo dia de sua existencia.

Realmente a attitude desse homem era desagradavel para a joven que lhe dava o braço ; percebia-o ella, com aquelle sexto sentido que possuia, e duplicava a altivez, porque o seu maravilhoso instincto lhe dizia que quanto mais esse homem estivesse admirado da sua propria acção, tanto mais insolente ella devia ser, e tanto mais devia calcaraos pés com desprezo os remorsos daquelle rapaz assombrado de si mesmo. Bem poucos avaliaram o que então padecia lá por dentro : mulher sem nome, pelo braço d'um homem sem nome que parecia ir-

lhe lançando em rosto os clamores da própria dignidade, e a mostrar pelo modo quasi ameaçador a inquietação da alma, o indício do coração, o contrafeito do espirito, e o quanto ia mal consigo mesmo. Porém esse anglo allamão foi cruelmente castigado, das suas agonias intimas. quando ao voltar d'uma grande rua de luz e verdura, encontrou a nossa parisiense um amigo seu, um amigo sem pretenções. que lhe pedia de tempos a tempos um aperto de dedos ou um sorriso dos labios, um artista da nossa sociedade, um pintor que sabia melhor que ninguém, apesar de a ter visto tão pouco, até que ponto era ella o modelo de todas as elegancias e de todas as seducções da juventude.

— Ah! hem vindo, lhe diz, dai-me o braço e dansemos! e largando o braço do seu cavalheiro, entra a valsar a valsa a dois tempos, que é a seducção personalisada, quando obedece á inspiração de Strauss, e chega enamorada la das margens do Rheno allemão, sua patria legitima! Era um enlevo d'extasiar, vél-a dansar sem demasiada vivacidade, e um pouco reclinada, obedecendo tanto á cadencia interior como ao compasso visivel, tocando apenas com pés de fada o solo elastico, ora saltitante ora serena e meiga, d'olhos morbidamente pregados nos olhos do seu par. Agruparam-se os circumstantes em de redor dos gentis dansadores, a qual teria a fortuna de ser tocado pelos donosos cabellos que seguiam o rapido movimento da valsa a qual lhe passaria mais proximo aquelle diaphane vestido recendendo em subtis aromas, e a pouco e pouco se foi concentrando o circulo, os outros pares deixando de dansar para os verem até que o mancebo al-

to... o que a tinha conduzido ao baile, a perdeu na multidão, e em vão quiz tornar a encontrar esse braço delicioso a que tinha prestado o seu com tanta repugnancia.....

O braço, a sua possuidora e o artista, não mais se tornou a ver.

Passados dois dias veio de Bruxellas a Spa, n'um formoso dia, áquella esplendida hora em que o sol dardeja no mais recondito d'essas montanhas constantemente verdes. Alli chegam todos os doentes felizes que buscam descansar das festas do passado inverno, afim de estarem melhor dispostos para quando chegarem as folganças do seguinte inverno.

Em Spa não se conhece outra doença além da que se adquire no baile, nem outras anciedades senão as produzidas pela ausencia, nem outros remedios a não ser a conversação, a dança, a musica e a agitação febril do jogo, quando á noite o Reducto se illumina com um fulgor sobre-natural, e o echo das montanhas vae repetindo pelos reconcavos das rochas as harmonias fascinadoras da orchestra.

Em Spa foi a parisiense recebida com um acolhimento bem raro n'aquella aldeã não muito tratavel, e que de bom grado abandona a Bade, sua rival, as bellezas anonymas e sem posição definida. Em Spa causou tambem geral admiração saber-se que aquella mulher tão joven ainda, estava verdadeiramente enferma, e confessarem os medicos, com bastante desgosto, que poucas vezes tinham encontrado mais resignação e valor reunidos.

Com grande cuidado e interesse foi consultada a sua saude, e depois d'uma consulta séria, acon-

selharam-lhe socêgo, somno e silencio, baldado sonho de toda a sua vida! Quando tal ouviu, sorriu-se com um engraçado gesto de incredulidade, porque bem sabia ser-lhe tudo possivel, menos a posse d'aquellas horas escolhidas, que disfructam certas mulheres, e que a ellas só pertencem. Todavia prometteu obedecer por alguns dias, e subjeitar-se a esse regimen tranquillo; porém baldados esforços! Foi vista pouco depois, presa de louca e enganosa alegria, salvando a cavallo os desfiladeiros mais perigosos, causando assombro com semelhante alegria á allemada das *sete horas* que a tinha achado pensaliva a ler para si, á sombra de seus copados arvoredos.

Em breve tempo fez-se a *leôa* d'quelles encantadores sitios. Assistiu a todas as festas; era a rainha do baile; impunha á orchestra as peças de musicas que lhe eram mais favoritas; e fóra d'horas, quando algum repouso lhe devia ser mui proveitoso, ficava a assustar os mais animosos jogadores com os montes de ouro que se lhe ajuntavam diante, e que perdia com a mesma facilidade e indifferença com que os ganhava. Chamava o jogo como apendice á sua profissão, como meio de matar as horas que a matavam a ella tambem.

Tal como éra, ainda assim mesmo uma fortuna lhe respeitava o cruel azar da vida, e foi o poder conservar amizades, coisa rara! que até um dos signaes dessas relações funestas, é não deixarem senão cinzas e poeira, vaidade e aniquilação depois de adorações! — Oh! e quantas vezes não tem passado o amante junto com a amante sem a conhecer, e quantas a desgraçada o não tem cha-

mado em seu auxilio, mas em vão !... Quantas vezes se não tem aquella mão, que espalhou flores, estendido á mendigada esmola, ao pão duro da indigencia ?

Não succedeu assim á nossa heroína ; caíu sem soltar um queixume, e depois de cair tornou a achar auxilio, apoio e protecção entre os adoradores apaixonados dos seus bellos dias. Aquelles homens outr'ora rivaes, e talvez inimigos, combinaram entre si, para velarem á cabeceira da doente, para expiarem as noutes sérias, quando a morte se aproxima, o veu se rasga, e a victima alli prostrada, e o seu cúmplice comprehendem por fim a verdade desta palavra severa : *Væ redentibus!* Ai daquellas que riem ! Ai dellas ! sim ; isto é : ai das alegrias profanas, ai dos amores vagabundos, ai das paixões voluveis, ai da juventude que se deixa perder nas sendas más, porque em certos rodeios da fatal deveza, forçoso é voltar para traz e cair nos abysmos aonde se escorrega aos vinte annos.

Assim morreu, docemente embalada e consolada por mil palavras affectuosas, por mil carinhos fraternaes ; e já não tinha amantes... nunca tinha tido tantos amigos, entretanto não levou saudades da vida, que bem sabia ella o que a esperava se recobrasse a saude ; bem sabia a triste que sôra mister levar de novo aos labios desbotados aquella malfadada taça do prazer, cujas fezes tinha provado antes de tempo. Morreu em silencio, ainda mais occulta na morte do que patente na vida, e após tanto luxo e escandalosos, teve o supremo bom gosto de querer ser enterrada ao romper da aurora, em sitio escuro e solitario, sem pompa, sem fausto,

em segredo, do mesmo modo que uma virtuosa mãe de família que fosse reunir-se ao finado esposo, ao pai, a sua mãe e a seus filhos, a tudo quanto na terra amava, ali, no humilde cemiterio que lá em baixo alveja.

Comtudo aconteceu que a sua morte, foi uma especie de acontecimento do qual se não fallou tres dias; e é muito nesta cidade das paixões sapientes, e das festas redivivas sempre, e nunca saciadas. Ao cabo de tres dias abriu se a porta até ali fechada da casa em que habitou. — As grandes janelas que davam para o *boulevard*, fronteiras á igreja da Magdalena, sua padroeira, deixaram de novo entrar o ar e o sol para o recinto onde tão cedo se partira desta vida. Dissereis ir tornar a apparecer a joven n'aquella morada. Nem um só dos lugubres aromas da morte ficara entre as assetinadas bambinellas, nas magestosas tapeçarias em que vinha quebrar-se a luz em suaves cambiantes, ou nas custosas alcatifas dos Gobelinos em que parecia despontarem flores, apenas tocadas por aquelles pés infantís.

Cada movel desse aposento sumptuoso estava em ordem e no seu lugar; a cama onde morrera, mal se lhe conhêcia um leve dessarranjo. A' cabeceira, conservava ainda um avelludado escabello os signaes dos joelhos do homem que lhe cerrou os olhos. Aquelle relógio dos antigos tempos, que souu a ultima hora á senhora de Pompadour e á senhora Dubarry, ainda se fazia ouvir como algum dia; os candelabros de prata estavam carregados de velas preparadas para a derradeira conversação da noite; nas jardineiras, a rosa de todo o anno, e a

murta tambem pela sua parte se debatiam contra a morte Morriam á falta d'uma gota d'agua ... sua dona finara-se á falta d'uma gota do celeste balsa-
mo da esperanza, d'um raio se quer da felicidade.

Nas paredes ainda se viam os paineis de Diaz, que e la tinha sido uma das primeiras a odoptar, como o verdadeiro pintor da primavera do anno; estava tambem o seu retrato que Vidal debuchara a tres lapis. Tinha feito Vidal d'aquella cabeça, uma cabeça deliciosa e casta. acabada com summa elegancia, e depois que aquella deusa morreu, só quiz retratar senhoras de bem, que para aquella fizera uma excepção de tanto proveito para a recente nomeada de pintor e do original!

Tudo ainda alli fallava d'ella! Em suas gaiolas doiradas cantavam os passaros; nos moveis de Boule, por entre as redomas e maquinas de cristal se agrupavam (escolha admiravel e digna de um bom e rico antiquario) os mais raros primores da manufactura de Sèvres, as mais exquisitas pinturas de Saxes, os esmaltes de Petitot, as nudezes de Klins-
tadt. Eram os seus amores, esta arte fugitiva, graciosa, elegante, em que até o vicio tem o seu espirito, em que a innocencia tem as suas nudezes; gostava dos pastores e pastoras de procelana fôsea. dos bronzes florentinos, dos artefactos de barro, de todos os caprichos do gosto e do luxo, das sociedades dissipadas. Via em todos esses dices, outros tantos emblemas da sua formosura e da sua vida. Ai! sim: que ella, tambem ella não passava de ser um ornamento inutil, uma fantasia, um frivolo dixe que qualquer contacto despedaça, um producto bri-

lhante d'uma sociedade nos derradeiros paroxismos, uma ave de arribação, uma aurora momentanea.

Tão longe tinha requintado a sciencia das commodidades domesticas, e a adoração de si propria, que não ha ahi coisa que se compare com os seus vestidos, com a sua roupa branca, com os mais pequenos promenores do seu uso, porque o adorno da sua belleza era, bem averiguado, a mais favorita e deliciosa occupação em que empregava a mocidade.

Tenho ouvido ás senhoras de melhor distincção, e ás mais habéis elegantes de París admirarem-se da arte e apuro dos seus menores instrumentos de toucador. O pente com que se penteava subiu a um preço fabuloso; a escova do cabello foi pesada a ouro. Até as luvas que lhe tinham servido ainda foram vendidas, tal era a delicadeza das mãos que as calçaram. Venderam-se as botinhas, que tinha trazido, e senhoras mui sérias disputaram entre si a posse desses sapatinhos de Cendrillon. Vendeu-se tudo, até mesmo o chaile mais velho que tinha já tres annos; até a sua arara de garridas pennas que sabia repetir uma breve melodia mui triste, ensinada pela dona; venderam-lhe os retratos, as cartas d'amores, as tranças, tudo em fim quanto deixou, e a familia que desviava os olhos quando aquella mulher sahia em carroagens ornadas de brazões, tiradas a gallope por cavallos inglezes, guardou com triumpho algum objecto do seu espolio.

Tal era essa mulher *sui generis* até mesmo nas paixões parisienses, e pensai qual não seria a minha admiração quando appareceu este livro de

interesse tão vivo, e não menos de verdade tão recente e contemporanea, intitulado — A DAMA DAS CAMELIAS. Foi a primeira recepção fallar-se delle, como é pratica fallar-se de paginas recedentes á sincera inspiração da mocidade, e todos se compraziam de confessar, que o filho de Alexandre Dumas, que ainda ha dois dias sahio do collegio, estreitava já com passos resolutos a carreira brilhante de seu pae. Era delle a vivacidade, e o sentimento interior; era delle o estylo animado, rapido, e esmaltado desse dialogo tão natural, tão variado e tão facil, que dá aos romances daquelle grande inventor, encanto, sabor e assento de comedia.

Obteve por tanto o livro grande acceitação e applauso, mas em breve reflectindo os leitores ácerca da sua fugitiva impressão, fizeram reparo em que A DAMA DAS CAMELIAS não era um romance sem fundamento, que aquella mulher tinha por certo existido e vivêra recentemente; que este drama não era fantasiado, senão uma tragedia intima, cuja representação sôra verdadeira, e verdadeiro o sangue de suas feridas; então deu muito que pensar o nome da heroína, a sua posição no mundo, e a reputação de seus amores. O publico que quer saber tudo e que a final tudo vem a saber, teve noticia de todas essas particularidades, uma por uma, e lido o livro tornava o desejo de o reler, e naturalmente aconteceu, que depois de conhecida a verdade recaísse no interesse da narração.

Ora eis como succede, por extraordinaria felicidade, que impresso este livro com a sem-cerimonia de um futil romance apenas destinado a viver um dia, se reimprime hoje com todas as hon-

ras de um livro geralmente recebido ! Lêde-o, e reconheceréis nas menores circumstancias a historia lastimosa, cuja elegia e drama este moço tão felizmente dotado, escreveu com tantas lagrimas, fortuna e bom exito.

JULIS JANIN.

A DAMA DAS CAMELIAS.

ROMANCE.

I.

Sou de opinião que senão podem crear personagens senão depois de ter estudado muito os homens. da mesma sorte que se não póde fallar uma lingua senão depois de a ter aprendido sériamente.

Não estando ainda na idade em que se inventa, contentar-me-hei de contar.

Rogo pois ao leitor, que se convença da realidade de uma historia como esta, em que, todas as personagens á excepção da heroina, são ainda vivas.

Ainda mais; existem em Paris testemunhas da maior parte dos factos aqui archivados, e que podiam confirmal-os se o meu testemunho não bastasse. Por uma circumstancia particular só eu os podia escrever, porque eu só fui o confidente dos ultimos promenores, sem os quaes impossivel fôra fazer uma relação interessante e completa.

Eis-aqui pois como esses promenores vieram vindo ao meu conhecimento.

A 12 de março de 1847 li na rua Laffite um grande annuncio constante de certa venda de mobilia e ricos objectos de curiosidade. Era a venda de um espolio, em consequencia do fallecimento. Não vinha declarado no annuncio o nome da pessoa fallecida, mas a venda tinha logar na rua d'Autin n.º 9, a 16, do meio dia ás cinco horas.

Ainda mais, dizia o papel que era permittido nos dias 13 e 14 visitar a casa e a mobilia.

Sempre fui amator de curiosidades, e fiz tenção por tanto, de não deixar perder aquella occasião, se não de comprar, ao menos de vêr.

No dia seguinte fui á rua d'Autin n.º 9.

Era cedo, mas com tudo havia já nos aposentos muitos visitantes, e até visitadoras, as quaes apesar de vestidas de veludo, com chailes de cachemira e esperadas á porta pelos seus elegantes *caleches*, olharam com admiração, e até mesmo attonitas, para o luxo que a seus olhos se ostentava.

Vim mais tarde a comprehender, donde provinha a sua extraordinaria admiração, pois que entrando tambem a examinar, reconheci perfeitamente que estavamos em casa de uma mulher que teve diferentes apaixonados.

Ora se ha cousa que as mulheres de distincção desejem observar, e alli havia-as, é o interior dessa classe de mulheres cujos trens, lhe andam sempre a salpicar de laia os seus; que têm, como ellas, e á sua ilharga, um camarote na opera; e

que em Paris alardeiam a insolente opulencia da sua formosura, e escandalos.

Aquella, em casa de quem eu então me achava, tinha morrido; as senhoras de mais estremada virtude podiam por tanto devassar-lhe até o quarto de dormir. Tinha a morte purificado o ar daquella esplendida sentina, e tinham aliás por desculpa, em caso de necessidade, que vinham a uma venda, sem saber a casa de quem. Tinham lido annuncios e por consequencia queriam visitar, o que aquelles annuncios promettiam e escolher o que lhes conviesse; não ha nada mais natural, e isto não lhe tolhia procurarem no meio de todas aquellas maravilhas os vestigios de sa vida de mulher perdida de que se lhes havia feito, sem duvida, por mais de uma vez, hem estranhas descripções.

Infelizmente os mysterios tinham morrido com a deusa, e a despeito de toda a sua boa vontade, não poderam aquellas senhoras ver senão o que estava á venda depois da morte, e nada do que se vendia durante a vida da inquilina.

Em fim, havia que comprar que era o essencial. Moveis de páu-rosa e de Boulé, vasos de Sèvres e da China, estatuasinhas de Saxe, selins, velludos e rendas em quantidade.

Eu andava de sala em sala, e segui as nobres curiosas que me tinham precedido. Entraram n'uma camara armada de estofos da Persia, eu ia a entrar tambem quando saíram logo a sorrirem-se, como se se tivessem envergonhado desta nova curiosidade. Cada vez desejava mais entrar naquella camara. Era o gabinete de toucador, guarnecido com as mais minuuciosas particularidades, em que parecia

ter-se desenvolvido no maior auge a prodigalidade da fallecida.

N'uma grande mesa encostada á parede, de tres pés de largura por seis de comprimento, brilhavam todos os thesouros d'Aucol e de Odiot. Era pois uma collecção magnifica, e nem um só desses mil objectos, tão indispensaveis ao toucador de uma mulher como aquella em cuja casa estavamos, nem um só era de outro metal, que não fosse ouro ou prata. Todavia, tal collecção de certo que se não havia feito de repente, mas sim a pouco e pouco, e não foi de certo o mesmo amor que a completara.

Eu, que me não assombrava d'escrupulos á vista do toucador d'uma mulher da classe da que foi possuidora daquellas opulencias, entretinha-me a examinal-as com minuciosidade, e vim a conhecer que todos aquelles objectos magnificamente cinzelados tinham iniciaes variadas e diversas cores.

Olhava para todas aquellas cousas que me representavam uma prostituição da pobre rapariga, e dizia comigo que Deus tinha sido clemente para ella, pois que não tinha permittido que chegasse ao castigo ordinario, e a tinha deixado morrer no seu luxo e belleza, antes da velhice, esta primeira morte das mulheres daquela vida.

Com effeito ha ahi mais triste espectaculo que a velhice do vicio, mormente na mulher? Nem um atomo de dignidade, nem de interesse inspira ao menos. Aquelle eterno arrependimento, não dos máus caminhos que se tomaram, porém dos calculos mal feitos e do dinheiro mal empregado, é

uma das cousas mais desanimadoras que se podem ouvir. Conheci uma antiga mulher d'errado proceder, a quem do passado só restava uma filha quasi tão formosa como, segundo o dizer dos do seu tempo, houvera sido a mãe. Aquella pobre creança que dos lábios maternos jámais ouvira dizer: Tu és minha filha, que para lhe ordenar que lhe amparasse a velhice como ella própria lhe tinha amparado a infancia, aquella desventurada creatura chamada Luiza, foi obrigada a obedecer á desnaturada mãe, e entregava-se ao vicio contra vontade, sem paixão, sem prazer, da mesma sorte que trabalharia por um officio, se por acaso tivessem tido o cuidado de lh'o mandar ensinar.

A continuada presença da devassidão prematura, alimentada pelo estado valetudinario da pobre adolescente, lhe tinha varrido a intelligencia do mal, e do bem, que Deus talvez lhe tinha concedido, mas que a ninguem havia occorrido desenvolver-lhe.

Jámais poderei deslembrar-me daquella rapariga que passava pelos *boulevards* quasi todos os dias ás mesmas horas. Com tanta assiduidade a acompanhava a mãe, que a ser ella verdadeira mãe mais não fizera por uma verdadeira filha. Bem joven era eu então, e bem disposto a aceitar para mim a facil moral do meu seculo. Todavia, recordo-me que a vista daquella vigilancia escandalosa m'inspirava tedio e desprezo.

Accrescentai ainda, que difficil sôra encontrar semblante virginal com similhante expressão d'innocencia, com similhante sentimento de triste padecer.

Dirieis ser a imagem da resignação.

Um dia illuminou-se a phisionomia daquellea mulher. No meio dos desconcertos, cujo desregrado programma redigia sua mão, affigurou-se á peccadora ter-lhe Deus permittido uma felicidade. E, finalmente, Deus que a tinha feito sem força, não lhe teria, por ventura, reservado uma consolação sob o pezo doloroso de tão amesquinhada vida? Um dia, portanto, conheceu que estava grávida, e quanto nella havia de casto, estremeceu de alegria e jubillo. Insondaveis refugios tem a alma! Correu Luiza a annunciar a sua mãe aquella noticia que tão contente a fazia. Cobrem-se as faces de vergonha ao relatal-o, todavia não fantasiámos para aqui immoralidades a nosso gosto, contámos um facto verdadeiro, que bem pôde ser que melhor fizessemos em calal-o, se não pensassemos que é mister de quando em quando revelar os martyrios dessas existencias que se condemnam sem julgamento; é vergonhoso, repetilmol-o, mas a mãe respondeu a sua filha que o que havia já não sobrava para dois, quanto mais para tres; que filhos taes são inuteis, e que uma gravidez é tempo perdido.

No dia seguinte, uma parteira, que nós mencionamos como amiga da mãe, veio vêr Luzia que ficou alguns dias de cama, e se levantou mais pallida e amortecida que d'antes.

Trez mezes depois, compadeceu-se della um homem, e tentou restabelecer-lhe o morale e o physico; mas o ultimo abalo tão violento havia sido, que Luiza morreu da consequencia do aborto a que foi coustrangida.

A mãe vive ainda ; como ? Sabe-o Deus.

Tinha-me occorrido esta historia em quanto contemplava uns cofres de prata, e algum tempo, naturalmente, se tinha passado nestas reflexões, porque na câmara mais ninguem restava do que eu e um guarda, que da porta examinava com attenção não furtasse eu alguma cousa.

Fui ter com aquelle bom homem, a quem tão graves desconfianças estava inspirando.

— Podieis fazer-me o favor de me dizer o nome da pessoa que aqui morava !

— Mademoiselle Margarida Gautier.

Eu conhecia aquella rapariga de nome e de vista.

— Que me dizeis ! retorqui ao guarda. Margarida Gautier morreu ?

— Sim, Senhor.

— E quando ?

— Ha-de haver tres semanas julgo eu.

— E porque pozeram a casa franca ?

— Pensaram os credores que nisto ia grande vantagem para a venda. Quem vier pôde ver d'ante-mão que effeito fazem os estofos e a mobilia, hem me intendeis, e é meio caminho andado para comprar.

— Então ella tinha dividas ?

— Tantas, que até faz admiração.

— Mas o leilão cobre-as todas ?

— Ainda resta.

— E o remanecente para quem é ?

— Para a familia.

— Então ella tem familia ?

— Parece-me que sim ! ...

— Muito obrigado.

Rehabilitado perante o guarda, sahi, depois delle me ter saudado.

— Pobre rapariga! dizia eu comigo mesmo ao entrar para casa, bem tristemente, coitada, teve de morrer, porque na sua profissão, só ha amigos sob a condição de não estar doente. E, sem querer, compadecia-me inteiramente da sorte do Margarida Gautier.

Talvez que isto pareça ridiculo a bastantes pessoas, mas ninguem faz idéa da interminavel indulgencia com que encaro as mulheres de similhante vida. e não me canço a gastar tempo com a discussão dessa indulgencia.

Um dia, ia eu buscar um passaporte á perfeitura, e vi n'uma das ruas proximas uma dellas, conduzida por dois soldados da policia. Não sei o que aquella rapariga tinha feito, porém o que posso assegurar-vos, é que se debulhava em lagrimas, cubrindo de beijos uma criancinha d'alguns mezes de quem tal prisão separava. Desde aquelle dia, nunca mais pude despresar uma mulher á primeira vista

II.

O leilão era para o dia 16

Um dia de intervalle entre as visitas e a venda fôra deixado para dar tempo aos armadores de despregarem os cortinados, as tapeçarias, etc.

Naquelle tempo acabava de chegar de uma viagem. Não admira não ter sabido da morte de Margarida, como d'uma das grandes novas que os amigos nunca deixam de dar a quem regressa á capital

das novidades, Margarida era linda; mas, tanto mais dá que fallar a vida caprichosamente estudada daquellas mulheres, tanto menos se falla da sua morte. São sóes cujo accaso é semelhante ao nascimento, isto é, sem esplendor. A sua morte, quando morrem môças, é sabida de todos os seus amantes ao mesmo tempo, porque em Paris quasi todos os amantes d'uma rapariga conhecida vivem em intimidade. Avivam-se a seu respeito algumas remiscencias, e a vida d'uns e d'outros continúa sem que semelhante incidente a venha perturbar, nem ao menos com uma lagrima.

Actualmente quando se tem vinte e cinco annos, tão raras se tornam as lagrimas, que se não podem assim tributar á memoria de qualquer mulher. Quando muito os parentes que pagam para serem chorados, só conseguem esse fim na rasão do valor que deixam, com tal destino.

Em quanto a mim, ainda que a minha firma não se achasse em nenhum dos cofres de Margarida, esta instinctiva indulgencia, esta commiseracão natural que ha pouco vos confessei, me faziam pensar na sua morte mais tempo do que talvez valesse a pena.

Recordava-me de ter encontrado Margarida repetidas vezes nos *Campos-Elysios*, aonde vinha assiduamente todos os dias, n'um *coupé* azul tirado por magnificos cavallos baios, e lembrava-me tambem de ter então reparado haver nella certa distincção pouco commum ás suas semelhantes, distincção que era de mais a mais realçada por uma belleza simpactica e verdadeiramente excepcional.

Estas infelizes creaturas, quando sahem, vão

sempre acompanhadas por individuos desconhecidos.

Como nenhum homem consente pôr em publico os amores nocturnos que lhes consagram, como ellas aborrecem de morte a solidão, levam consigo ou aquellas que, menos felizes, não tem carruagem, ou algumas dessas velhas loucas e elegantes, cuja elegancia nada justifica, a quem é facil poder cada um dirigir-se sem receio, quando quer tomar informações, seja de que natureza forem a respeito da mulher por ellas acompanhada.

Não acontecia assim entretanto com Margarida. Chegava aos *Campos Elysios* sempre só, na sua carruagem, aonde se occultava o mais que pedia, de inverno embrulhada n'um grande chaile de cachemira, de verão trajando com muita simplicidade; e apesar haver no seu passeio predilecto bastantes pessoas do seu conhecimento, quando por acaso para ellas sorria, era o sorriso visivel para ellas só, e uma duqueza podia ter sorrido da mesma maneira.

Não passeava do meio para a entrada dos *Campos Elysios*, como fazem e faziam todas as suas companheiras. A formosa parelha a transportava rapidamente ao bôsque, alli apeava-se, andava uma hora, tornava a entrar no lindo *coupé*, e voltava para casa fozosamente levada pelos dois cavallos.

Ora todas estas circumstancias, de que algumas vezes tinha sido testemunha, passavam-me pela memoria, e realmente causava-me pesar a morte daquella rapariga, como pode penalisar a total destruição de uma bella obra.

E, sejamos francos, era impossivel vêr belleza mais seductora que a de Margarida.

Alla e delicada até á exaggeração, possuia em supremo gráu a arte de fazer desaparecer aquelle esquecimento da natureza com o simples arranjo do seu vestuario. O chaile quasi a arrastar, deixava escapar de cada lado os largos folhos do vestido de seda, e o espesso regalo em que escondia as mãos e que apertava contra o peito, estava rodeado de pregas tão habilmente traçadas que a vista, por mais exigente que fosse, nada tinha que dizer no contornado e gracioso das linhas.

A cabeça, deliciosa maravilha, era o objecto do mais requintado catilismo.

Era pequinina, n'uma oval de indizivel graça, imaginai dois olhos negros sobre que se arqueavam umas sobranceilhas de curvas tão puras que nem desenhadas; escondei-me esses olhos com grandes pestanas, que quando se elles abaixavam, davam certa sombra que mais fazia realçar a côr de rosa das faces; traçai um nariz delgado, direito, chistoso; desenhai uma boca regular, cujos labios se descerrassem graciosamente n'uns dentes alvos como leite; assetinai-lhe a pelle com esse avelludado que cobre os peegos por ninguem ainda tocados, e tereis o conjuncto daquella encantadora cabeça.

Os cabellos pretos como azeviche, ondulados naturalmente, apartavam-se na testa em dois largos *bandós* e perdiam-se atraz da cabeça, deixando ver as extremidades das orelhas, onde brilhavam dois diamantes do valor de quatro ou cinco mil francos cada um.

Tão ardente vida, como deixava no semblante de Margarida a expressão virginal, até infantil que a caracterisava? E' o que somos obrigados a affirmar sem comprehender.

Tinha Margarida um maravilhoso retrato seu tirado por Vidal, unico homem cujo lapis podia reproduzil-a. Depois da sua morte tive alguns dias aquelle retrato em meu poder e era de tão admiravel similhaça, que me servio de dar-me esclarecimentos para os quaes me não fora sufficiente a memoria.

Entre os promenores deste capitulo, alguns não me chegaram ao conhecimento senão mais tarde, mas vou-os escrevendo seguidos para não ter de repetil-os, quando principiar a historia anecdotica desta mulher.

Assistia Margarida a todas as primeiras representações, e passava todas as noutes ou no espectáculo ou no baile. Cada vez que se representava alguma peça nova, era certo vel-a no theatro com tres coisas que nunca a deixavam, e que occupavam sempre a frente da sua frisa, a saber o oculo de punho, um saquinho de dôces e um ramallete de camélias.

Vinte e cinco dias de cada mez, eram as camélias brancas, e os outros cinco eram vermelhas, nunca se chegou a conhecer a razão daquella variedade periodica de côres, que menciono sem a poder tambem explicar, e que os frequentadores dos theatros aonde ella ia mais vezes, e os seus amigos tinham observado assim como eu.

Nunca se viram a Margarida outras flores senão camélias. Tambem em casa de M^{me} Baron, sua

florista, vieram por fim a cognominal-a a dama das camélias, e ficou-lhe o sobrenome.

Além disso sabia eu, como todos os que vivem n'um certo circulo em Paris, que Margarida tinha sido amante dos rapazes mais elegantes, que ella o dizia em voz alta; do que elles proprios se gabavam, o que provava que elles e ella, estavam todos contentes uns com os outros.

Com tudo, passado tres annos, pouco mais ou menos, desde certa viagem a Bagrières, ella já não vivia senão (como constava) com um velho duque estrangeiro, fabulosamente rico, e que tinha feito altas diligencias por desvial-a o mais possivel da sua passada vida, ao que, por fim, ella tinha parecido consentir de bom grado.

Eis o que sobre o caso me contaram.

Na primavera de 1842, estava Margarida tão fraca, tão mudada, que os medicos lhe receitaram aguas termaes, e partio para Bagrières.

Alli, entre as doentes se achava a filha do tal duque, a qual não só tinha a mesma doença, senão que na physionomia era tão parecida com Margarida, que facil fora tomal-as por duas irmãs. Só com a differença que a joven duqueza estava no terceiro gráo de phthisica, e que succumbio poucos dias depois da chegada de Margarida.

Uma manhã, o duque que ficara em Bagrières como se fica no solo onde está sepultada uma parte do nosso coração, vio Margarida na volta d'uma alemêda.

Afigurou-se-lhe ver passar a sombra da sua querida filha, e caminhando para ella, tomou-lhe as mãos, beijou-a entre lagrimas e soluços, e, sem lhe

perguntar quem era, implorou-lhe a permissão de a vêr, e de amar nella a imagem viva de sua finada filha.

Margarida só em Bagrières com uma criada, e não tendo aliás receio algum de se comprometter, concedeu ao duque o que lhe elle pedia.

Achavam-se em Bagrières pessoas que a conheciam e que vieram officiosamente advertir o duque da verdadeira posição de Mll.^e Gautier. Foi na verdade um golpe para o velho, porque alli terminava a similhaça com sua filha, mas era tarde de mais. Aquella menina havia-se-lhe tornado uma necessidade para o coração, e para elle ainda viver era só ella então o unico pretexto, a unica desculpa.

Não lhe fez a menor arguição ; não tinha direito algum para isso ; mas perguntou-lhe se estava disposta a mudar de vida, offerecendo em troca de sacrificio tal, todas as compensações que podesse desejar. Prometteu-lh'o ella.

Cumpre dizer, que, n'aquelle tempo, Margarida, natureza entusiasta, estava doente. Aparecia-lhe o passado como uma das causas principaes do seu padecimento, e uma especie de superstição lhe fez esperar que Deus, em recompensa do seu arrependimento e conversão, lhe deixaria a belleza e a saude.

Com effeito, as caldas, os passeios, a fadiga natural e o somno a tinham quasi restabelecida quando chegou o fim do verão.

Acompanhou o duque a Margarida a Paris, onde continuou a fazer-lhe visitas como em Bagrières.

Esta relação, cuja verdadeira origem, cuja causa ninguém sabia, deu lugar aqui a grande sensação, pois que o duque conhecido pela sua extraordinaria fortuna, fazia-se conhecer n'aquella conjuntura pela prodigalidade.

Attribuio-se á libertinagem, habitual nos velhos ricos, esta intimidade do idoso duque, e da joven Margarida. Tudo se suppoz, menos o que na realidade era.

Entretanto o sentimento deste pai para com Margarida tinha uma causa tão casta, que outra qualquer relação, que não fossem as relações do coração com ella, lhe pareceria um incesto, e nunca lhe disséra uma só palavra que sua filha não tivesse podido ouvir.

Longe de nós o pensamento de fazermos da nossa heroína outra coisa do que era. Diremos portanto que em quanto se demorou em Bagrières, não era difficil cumprir a promessa feita ao duque, e cumprio-a: porém, mal que chegou a Paris pareceu áquella rapariga costumada a dissipação quotidiana, aos bailes, até ás orgias, que tal solidão, interrompida apenas pelas visitas periodicas do duque, a faria merrer de aborrecimento, e os sopros ardentes da sua vida d'outr'ora, passavam-lhe ao mesmo tempo pela cabeça e pelo coração.

Acrescentai que Margarida voltára d'aquella viagem mais bella do que nunca tinha sido; que tinha vinte annos, e que, a molestia adormecida, mas não vencida, continuava a excitar-lhe esses desejos febrís, que são quasi sempre o resultado das affecções do peito.

Mui doloroso foi pois para o duque o dia em

que os amigos, sem cessar á espreita d'algum escandalo que podessem descobrir á mulher com quem se compromettia segundo elles diziam, lhe vieram dizer e provar-lhe que ás horas em que estava certa de que elle não vinha, recebia visitas, que se prolongavam, muitas, vezes até ao dia seguinte.

Margarida interrogada, confessou tudo ao duque, aconselhando-o de muito boa fé que se deixasse de se importar com ella, por que não se sentia com forças de respeitar os seus compromissos, e não tinha vontade de receber por mais tempo os beneficios d'um homem a quem enganava.

O duque esteve oito dias sem apparecer, foi tudo o que pode fazer, e ao oitavo, veio supplicar a Margarida que ainda o admittisse, prometendo-lhe de a acceitar tal como fosse com tanto que a visse, e jurando-lhe, que, mais facil lhe fôra morrer de pena, que lançar-lhe em rosto o seu proceder.

Eis aqui tendes fielmente relatado em que estado se achavam as coisas, tres mezes depois do regresso de Margarida, isto é em novembro ou dezembro de 1842.

III.

No dia 16 foi á rua d'Autin.

Da porta da rua ouviam-se os pregoeiros.

Havia alli todas as celebridades do vicio elegante, disfarçadamente examinadas por algumas senhoras de distincção que ainda mais uma vez tinham tomado o pretexto da venda, para terem o direito de ver de perto mulheres com quem não

teriam nunca outra occasião de concorrerem e cujos faceis prazeres talvez occultamente invejassem.

A duquesa de F... acolovelava Mlle A... uma das mais tristes provas das nossas modernas concubinas; a marquiza de F... hesitava se havia de comprar ou não certo movel sobre que lançava M^{me} D... a mulher adúltera mais elegante e mais conhecida da nossa época; o duque de Y... que passa em Madrid por se arruinar em Paris, e em Paris por se arruinar em Madrid e, que a final não chega a despender nem mesmo as suas rendas, enquanto conversava com M^{me} M..., uma das moças mais chistosas interlocutoras que se digna de tempos a tempos de escrever o que diz e de assignar o que escreve, trocava furtivos olhares de confidencia com M^{me} de N... esta bella frequentadora dos *Campos Elysios*, quasi sempre vestida de côr de rosa ou d'azul, e que tem dois optimos cavallos negros que Tony lhe vendeu por dez mil francos, e... que ella lhe pagou; em fim Mlle R... que consegue só com o seu talento o dobro do que as mulheres do mundo conseguem com o seu dote, e o triplo do que as outras conseguem com os seus amores, tinha, apesar do frio, vindo fazer algumas compras, e não era de certo para ella que menos se olhava.

Podéria-mos ainda citar as iniciaes de bastantes pessoas reunidas neste salão, e bém admiradas de se encontrarem se não receassemos fatigar o leitor.

Sómente diremos que todos estavam com disposição para rir, e que entre todas as que alli se achavam, muitas haviam conhecido a defuncta, e não pareciam de tal recordarem-se.

A alegria tornára-se estridente ; os pregoeiros faziam uma algazarra muito grande, os mercadores que tinham invadido os bancos dispostos junto ás mezas da venda, e debalde tentavam impôr silencio, para fazerem os seus negocios com tranquillidade. Era em verdade uma reunião tão variada como buliçosa.

Fui ganhando terreno humildemente pelo meio desse tumulto de entristecer, quando me pareceu haver logar perto da camara onde tinha expirado a pobre creatura, cujos moveis se vendiam em leilão para pagamento de dividas. Tendo ido mais para analisar que para comprar, olhava para as caras dos crédores que tinham fiado e que n'aquelle dia faziam vender, a brilharem-lhes os olhos cada vez que algum objecto chegava a um lance porque não esperavam.

Honrada gente, que tinha especulado com a prostituição d'aquella mulher, que tinha lucrado cento por cento com ella, que tinha perseguido com papeis sellados os derradeiros momentos da sua vida, e que vinham depois da morte recolher os fructos dos seus honestos calculos, ao mesmo tempo que os interesses do seu vergonhoso credito.

Com quanta razão não tinham os antigos senão só um mesmo Deus para os negociantes e para os ladrões !

Vestidos, chales, joias, tudo se vendia com rapidez incrível. Nenhuma d'aquellas coisas me servia, mas sempre esperava.

Senão quando, oiço apregoar :

— Um volume, perfeitamente encadernado, in-

titulado: Manon de Lescant. Ha alguma coisa escrita na primeira pagina: Dez francos.

— Doze, diz uma voz depois de longo silencio.

— Quinze, digo eu.

Porque? Nem eu mesmo o sabia. Naturalmente por ter ouvido dizer que *havia alguma coisa escripta.*

— Quinze repetio o pregociro.

— Trinta, acudio o primeiro lançador, com um tom que parecia de quem desconfiava que lançassem mais.

Principiava uma luta.

— Trinta e cinco! grilo eu com o mesmo tom.

— Quarenta.

— Cincoenta.

— Sessenta.

— Cem!

Confesso que se tivesse querido fazer effeito, tinha-o conseguido completamente, porque ao lançar tal quantia, houve profundo silencio, e olharam para mim para saberem quem era esse individuo que tanta resolução mostrava para possuir aquelle livro.

Parece que a inflexão com que proferi a minha ultima palavra, tinha convencido o meu antagonista; preferio, portanto, abandonar um combate de que não resultou senão ter eu que pagar aquelle volume por dez vezes o seu valor, e inclinandose, me disse mui graciosamente, posto que um pouco tarde.

— Cedo-vol-o senhor.

Como ninguem tivesse dito coisa alguma, foime o livro adjudicado.

Como temia nova pertinacia que talvez o meu amor proprio sustentasse, mas com que a bolsa se não daria bem, fiz inscrever o meu nome, poz-se o volume de parte, e desci. Provavelmente dei muito que seismar ás pessoas que, tendo testemunhado aquella scena, entre si perguntaram sem duvida com que fim tinha eu ido pagar cem francos por um livro que podia tirar em qualquer parte por dez ou quinze, quando muito.

D'ahi a uma hora mandei buscar a minha compra.

Na primeira pagina estava escripta á penna, elegantemente calligraphada a dedicatoria do offe-
rente do livro. Esta dedicatoria constava apenas destas unicas palavras :

« *Manon a Margarida, Humildade.* »

Estava assignada : Armand Duval.

Que queria dizer aquella palavra : Humil-
dade ?

Manon reconheceria em Margarida, segundo a opinião daquelle sr. Armand Duval, uma superioridade na impudicia, ou no coração ?

A segunda interpretação era a mais verosimil, por que a primeira teria sido uma impertinente fran-
queza que não accitaria Margarida, apesar da opi-
nião que de si mesmo formava.

Tornei a sair e não me occupi mais com
aquelle livro, senão á noite quando me deitei.

Realmente *Manon Lescant* é uma sensibili-
sadora historia, de cujas circumstancias ainda as
mais particulares eu tenho conhecimento, todavia

quando encontro aquelle volume, ha sempre em mim certa sympathia irresistivel que para elle me attrahe, abro-o pela centessima vez, e revivo com a heroina do abbade Prévost.

Ora esta heroina é de tal forma verdadeira, que me parece tel-a conhecido. Nestas novas circumstancias, a especie de comparação feita entre ella e Margarida, me dava um attractivo inesperado para a leitura d'aquelle livro, e a minha indulgencia se augmentava cada vez mais compadecida, subindo, até quasi de compaixão a amor para com a pobre rapariga, a cuja herança eu devia aquelle volume. Manon tinha morrido n'um deserto, é verdade, porem nos braços do homem que a amava com toda a energia da sua alma, o qual, depois de morta, lhe abriu a sepultura, a innundou de copiosas lagrimas, e com ella sepultou o coração: em quanto Margarida, peccadora como Manon, e talvez convertida como ella, tinha morrido no regaço d'um luxo sumptuoso, a acreditar no que eu tinha visto, no leito do seu passado, mas tambem no meio deste deserto do coração, muito mais avido, muito mais vasto, muito mais inexoravel que esse outro em que fôra Manon sepultada.

Margarida, com effeito, como o eu tinha sabido d'alguns amigos informados das derradeiras circumstancias da sua vida, não tinha visto assentar-se-lhe á cabeceira uma consolação real, no espaço de dois mezes que durou a sua lenta e dolorosa agonia.

Depois, ia reflectir-se-me o pensamento de Manon e Margarida n'aquellas que eu conhecia, e que via encaminharem-se entre o descuido das alc-

grias ephemeras, para os golphãos de quasi sempre invariavel morte.

Pobres creaturas ! Se ha mal em amal-as, de certo, que o não será jamais lastimal-as. Lastimais o cego que nunca, nem uma vez só, poude ver os raios do dia ; o surdo que nunca ouvio as harmonias naturaes ; o mudo que nunca poude traduzir as vozes da propria alma ; — e sob um falso pretexto de pudor, não quereis lastimar aquella cegueira do coração, aquella surdez da alma, aquella mudez da consciencia que fazem delirar a desventurada afflicta, e que a tornam, máu grado seu, incapaz de ver o bem, de ouviro Senhor, e de falar a lingua pura do amor, e da fé.

Victor Hugo escreveu *Maïon Delorme*, de Musset escreveu *Bernerette*, Alexandre Dumas escreveu *Fernanda*, os pensadores e os poetas de todos os tempos têm trazido á prostituida a offerta da sua misericordia, e algumas vezes um grande homem as tem rehabilitado do seu amor e até do seu nome. Se assim insisto neste ponto. é que entre os que me vão lêr, talvez grande parte, já está disposta a rejeitar este livro, no qual receiam ver só uma apologia do vicio e da prostituição, e a idade do author contribue sem duvida ainda a motivar-lhe os receios. Desenganem-se esses que assim pensarem, e continuem, se era só tal receio que os delinha !

Estou simplesmente convencido d'um principio, que é ; Para a mulher a quem a educação não ensinou o bem, abre-lhe Deus sempre dois caminhos que ahi a conduzem ; estes caminhos, são a dôr, e o amor. Difficis são ; as que nesses caminhos en-

iram, ensanguentam os pés, ferem as mãos, mas conjunctamente com os soffrimentos da jornada, tem a fortuna de irem deixando apegados aos abrolhos da estreita senda os avios do vicio, e chegam ao fim com aquella nudez que não faz córar na presença do Senhor.

Os que encontrarem essas caminhantes ousadas, devem amparal-as, e dizer a todos, que as encontraram, porque no publical-o, vai não menos que mostrar a todos o caminho da expiação.

Não se trata de levantar dois marcos á entrada da vida com esta inscripção n'um delles: *Caminho do bem*, e com esta advertencia no outro: *Caminho do mal*, e dizer aos que chegam: Escolhei; não, não é assim. Cumpre, como Christo, mostrar os atalhos e veredas que conduzem do segundo caminho ao primeiro aquelles que se tinham deixado tentar pelas seducções do ingresso; e não deverá ser o principio destes caminhos transversaes doloroso em demasia, porque não pareça impenetravel de mais.

O christianismo lá está com a sua maravilhosa parabolá do filho prodigo para nos aconselhar indulgencia e perdão. Jesus era cheio de amor para com essas almas feridas pelas paixões dos homens, e regosijava-se de curar-lhes as chagas, tirando o balsamo com que havia de cural-as das proprias chagas. Assim dizia a Magdalena: «Muito te será perdoado, porque muito foi o teu amor» sublime perdão que devia despertar uma fé sublime.

Porque nos havemos de fazer mais severos que Jesu-Christo? Porque, aferrados tenazmente ás opiniões deste mundo que se faz endurecido para que

o julguem forte, porque rejeitaremos com elle essas almas vertendo sangue com o qual, como com o sangue ruim do enfermo, se esvâe o mal do seu passado, almas essas que não esperam senão por mão amiga que as cure e lhes dê a convalescença do coração?

A' minha geração é que me eu dirijo, é áquelles para quem as theorias de Voltaire felizmente já não existem, é áquelles que, como eu, comprehendem que a humanidade vai ha quinze annos n'um dos seus mais audaciosos impulsos para o provir sem trevas que o assobrem. A sciencia do bem e do mal está para sempre adquirida; reconstree-se a fé, o respeito das cousas santas nos é restituído, e se o mundo não se faz bom, pelo menos melhora-se. Os esforços de todos os homens intelligentes convergem ao mesmo alvo, e todas as grandes vontades concorrem para que triunphe o mesmo principio: sejâmos bons, sejâmos jovens, sejâmos verdadeiros! O mal não é mais que uma vaidade; tenhâmos o orgulho do bem, e principalmente, cumpre não desesperar. Não desprezemos a mulher que não é nem mãe, nem irmã, nem filha, nem esposa. Não limitemos a estima á familia, a indulgencia ao egoismo. Pois que no céu ha mais alegrias pelo arrependimento de um peccador, que por cem justos que nunca peccaram, façâmos por alegrar o céu. Sim, façamol-o, que nos póde compensar com usura. Deixemos no caminho que levamos a esmola do nosso perdão áquelles a quem mundanos desejos trazem perdidos, a quem talvez que salve uma esperanza divina, e, como dizem as velhas quando aconselham algum remedio: se não fizer bem, mal

também não pôde fazer a pessoa de qualidade alguma.

Oh! certamente que bastante atrevimento deve parecer da minha parte, o querer fazer sair grandes resultados do tenue assumpto de que trato; mas que? se sou daquelles que acreditam que tudo está em pouco. Pequeno é o menino, e mais nelle se contém o homem; estreito é o cerebro, e mais elle contém o pensamento; não passam os olhos d'uns pontos, mas quem os não percebe a abraçarem leguas a despeito do que são para o espaço!

IV.

Dois dias depois estava completamente terminada a venda. Produzira cento e cincoenta mil francos.

Haviam os credores repartido entre si os dois terços, e a familia, composta de uma irmã e d'um sobrinho menor, tinha herdado o resto.

Aquella irmã havia aberto uns grandes olhos quando o seu procurador lhe escreveu mandando-lhe dizer que herdava cincoenta mil francos.

Havia seis ou sete annos que aquella rapariga não tinha visto a sua irmã, a qual tinha desaparecido um dia, sem que se soubesse por ninguém a menor particularidade a respeito da sua vida, desde o momento dessa desaparição.

Chegára por tanto a toda a pressa a Paris, e não pequena tinha sido a admiração de quem conhecia Margarida, quando se vio que a sua unica herdeira era uma gorda e bonita rapariga do campo, que até então nunca tinha saído da sua aldeia.

Achou-se de improviso, senhora d'uma tal ou qual fortuna, até sem mesmo saber de que origem lhe procedia aquella riqueza inesperada.

Voltou, disseram-m'o depois, para o seu casal levando da morte de sua irmã uma grande tristeza, compensada porém pelo emprego que fizera da sua herança que poz a render a quatro e meio por cento.

Todas estas circumstancias repetidas em Paris, metrópoli do escandalo, começavam a ser esquecidas, e até eu proprio já me não recordava que havia tomado parte naquelles acontecimentos; quando um novo incidente me fez conhecer toda a vida de Margarida, e me communicou os promenores tão sentimentaes, que me inspirou o desejo de escrever esta historia.

Haveria tres ou quatro dias que as casas em que habitára, sem moveis alguns, estavam para alugar, quando certa manhã me bateram á porta.

O meu criado, ou antes o meu porteiro que me servia de criado, foi abrir e trouxe um bilhete de visita, dizendo-me que a pessoa que lh'o tinha dado me desejava fallar.

Lancei os olhos para o bilhete, e li estas duas palavras:

Armand Duval.

Procurei recordar-me onde tinha visto já aquelle nome, e lembrei-me da primeira folha do volume de *Manon Lescant*.

Que desejaria de mim a pessoa que tinha dado aquelle livro a Margarida? Dei logo ordem para fazerem entrar a visita.

Vi então um mancebo louro, alto, palido, ves-



Michell's lith.

Lith. de Rosa & Lina

ARMANDO DUVAL

Este es el primer libro de la obra...
 que trata de la vida humana...
 desde su nacimiento hasta su muerte...
 y de los deberes que corresponden a cada una de estas etapas...
 El autor trata de explicar con claridad...
 los principios de la moral y de la política...
 y de su aplicación en la vida cotidiana...
 Este libro es necesario para todos los hombres...
 que quieren vivir con virtud y felicidad...
 y cumplir con sus deberes hacia Dios y hacia sus semejantes...
 El autor trata de explicar con claridad...
 los principios de la moral y de la política...
 y de su aplicación en la vida cotidiana...
 Este libro es necesario para todos los hombres...
 que quieren vivir con virtud y felicidad...
 y cumplir con sus deberes hacia Dios y hacia sus semejantes...

lido como viajante, traje que parecia não ter deixado havia alguns dias, e mesmo não se ter dado ao incommodo de se escovar ao chegar a Paris, porque vinha coberto de pó.

M. Duval, muitissimo sensibilizado, não fez esforço algum para occultar a sua commoção, e foi com as lagrimas nos olhos, e a tremer-lhe a falla, que me disse:

— Senhor, por quanto ha vos rogo me desculpeis a minha visita, e o modo porque venho vestido; mas, além de não haver usualmente grandes cerimoniaes entre rapazes, desejava tanto ver-vos hoje, que nem mesmo me demorei a apear-me na hospedaria para onde mandei as minhas malas, e apressei-me a correr aqui, receando ainda, não vos encontrar em casa.

Roguei ao sr. Duval que se assentasse junto do fogão, o que elle fez, tirando da algibeira um lenço com que por um momento escondeu o rosto.

— Difficil vos será advinhar, tornou o meu interlocutor sorrindo-se tristemente, o que vos quer esta visita desconhecida, a taes horas, com semelhante arranjo, e a chorar sempre.

Comtudo, venho simplesmente, senhor, pedir-vos um grande serviço.

— Fallai, senhor, podeis contar comigo.

— Assististês á venda do espolio de Margarida Gautier?

A esta palavra, a commoção deste moço havia triumphado por um instante, foi mais forte que elle, e vio-se obrigado a levar as mãos aos olhos.

— Bem ridiculo vos devo parecer, não é as-

sim? continuou elle, e acreditai que me não esquecerei nunca da paciencia com que me quereis ouvir.

— Senhor, repliquei eu, se o serviço que eu julgo poder-vos prestar, deve tranquilisar, por pouco que seja, o desgosto que vos punge, digei-me quanto antes, em que vos posso ser útil, e achareis em mim um homem feliz por ter uma occasião de servir-vos.

A dôr de M. Duval era sympathica, e máo grado meu desejava obsequia-lo.

Respondeu-me então :

— Comprastes alguma coisa na venda de Margarida?

— Sim senhor, comprei um livro.

— *Manon Lescant*?

— Justamente.

— Ainda tendes esse livro?

— Está no meu quarto.

Armand Duval, a esta resposta pareceu alliviado de um grande peso, e agradeceu-me como se eu tivesse já principiado a prestar-lhe um serviço em conservar aquelle volume.

Levantei-me então, e fui ao meu quarto buscar o livro, e entreguei-lh'o.

— Ah! sim, é isto, é isto, disse elle mal olhou para a dedicatoria da primeira pagina.

E duas lagrimas de escaldar foram cair nas paginas do livro.

Ah! senhor, disse elle erguendo os olhos para mim, e nem mesmo fazendo já diligencia por me encubrir que tinha chorado, e que ainda estava com vontade de chorar mais, tendes este livro em muito apreço?

— Porque?

— Porque vinha pedir-vos o de m'ò cederdes.

— Perdoai-me a minha curiosidade, disse eu então ; mas, fostes vós quem deu este livro a Margarida Gautier ?

— Fui eu mesmo.

— E' vosso o livro, senhor ; torna a pertencer-vos, e julgo-me feliz por vol-o poder dar.

— Mas, continuou M. Duval com acanhamento, consenti ao menos que vos dê o que elle vos custou.

— Sou eu que vos peço licença para vol-o offerecer. O preço de um só volume n'um leilão daquelles é uma insignificancia, e já me não lembra bem de quanto este me custou.

— Déstes cem francos.

— E' verdade, respondi eu tambem então acanhado, mas... como o sabeis ?

— E' bem simples ; esperava chegar a Paris a tempo da venda do espolio de Margarida, e não me foi possível chegar senão esta manhã. Queria absolutamente possuir um objecto que lhe tivesse pertencido, corri a casa do avaliador, e lhe pedi licença de me deixar ver a lista dos objectos vendidos e dos nomes dos compradores. Achei que este volume tinha sido comprado por vós, resolvi-me a pedir-vol-o, ainda mesmo que o preço porque o obtivestes me fizesse recear não ligasseis, vós mesmo, qualquer recordação á posse deste volume.

Fallando assim, Armand parecia manifestamente recear não tivesse eu conhecido Margarida da mesma forma que elle.

Desfiz-lhe immediatamente as suspeitas que concebêra.

— Apenas conheci mademoiselle Gautier de vista, lhe disse; a sua morte fez-me a impressão que faz sempre n'um mancebo a morte de uma mulher formosa que estimava encontrar. Quiz comprar alguma coisa na venda, e tive o capricho de lançar neste livro, não sei porque, talvez pelo prazer de metter raiva a um sujeito que se obstinava a leval-o, e parecia desafiar-me sobre a posse delle. Repito-vos pois, que este livro está á vossa disposição, e de novo vos supplico m'ó acceiteis, para o não receberdes de mim, como eu o recebi de um avaliador, e para que seja tambem o penhor de um conhecimento mais duradouro e de relações mais intimas.

Muito bem, senhor, me disse Armand dando-me a mão e apertando a minha; acceito, e ser-vos-hei grato por toda a vida.

Bastante vontade tinha eu de interrogar Armand a respeito de Margarida, porque a dedicatória do livro, a viagem do mancebo, o desejo de possuir aquelle volume, tudo me excitava a curiosidade; porem tinha medo, que, entrando a fazer perguntas ao meu hospede, não parecesse ter-lhe recusado o seu dinheiro só para ter o direito de me intrometter com os seus negocios.

Parece que adivinhou o meu desejo, porque me disse:

- Já lestes esse volume?
- Do principio até ao fim.
- Que pensais das duas linhas que eu escrevi?

— Comprehendi logo, que a vossos olhos, a pobre rapariga a quem tinheis dado este livro sabia da cathegoria vulgar, porque não queria tomar aquellas linhas por um comprimento trivial.

— Etendes razão, senhor. Aquella joven era um anjo. Fazei favor de ler esta carta.

E deu-me um papel que parecia ter sido lido muitas vezes.

Abri-o, e eis o que elle dizia :

« Meu querido Armand, recebi a vossa carta,
« ficastes de saude, graças a Deus. Sim, meu amigo,
« estou doente, e com uma destas doenças que não
« perdoam ; mas o interesse que ainda me consa-
« grais, diminue muito o meu padecimento. Já não
« chego, provavelmente a viver, até á occasião de po-
« der ter a ventura de apertar a mão que escreveu
« a boa carta que acabo de receber, e cujas pa-
« lavras me curariam, se alguma coisa tivesse o
« poder de me curar. Não vos tornarei a ver, por-
« que mui perto estou da morte, e centos de leguas
« vos separam de mim. Pobre amigo ! a vossa Mar-
« garida d'outro tempo, quão mudada está, e póde ser
« que melhor seja não a tornardes a ver, que vel-a
« tal como é. Perguntais-me se vos perdôo ; oh ! de
« boa vontade, amigo, porque o mal que quizestes
« fazer-me, não era senão uma prova do amor que
« tinheis por mim. Ha um mez que estou de cama,
« e dou tanto apreço á vossa estima, que cada dia
« escrevo o jornal da minha vida, desde o momento
« em que nos separámos, até áquelle em que já não
« tiver forças para escrever.

« Se o interesse que tendes por mim é ver-
« dadeiro, Armand, quando voltardes, ide a casa

« de Julia Duprat. Ella vos entrégará este jornal. Nelle
« achareis a razão e a desculpa do que se passou
« entre nós. Julia é muito boa para comigo; conver-
« samos ambas muitas vezes a vosso respeito. Es-
« tava aqui quando chegou a vossa carta, que nos
« fez chorar.

« No caso tambem de me não terdes dado no-
« ticias vossas, estava encarregada de vos entregar
« estes papeis, á vossa chegada a França. Não me
« tributeis gratidão por isto. Este regresso quotidiano
« aos unicos momentos felizes da minha vida, faz-
« me um bem incalculavel, e se vós deveis achar
« nesta leitura a desculpa do passado, tambem aqui
« acho para mim uma continua consolação.

« Quizera deixar-vos alguma cousa que me
« trouxesse presente em todo o tempo ao vosso es-
« piritto, mas tudo em minha casa está como apre-
« hendido, nada já me pertence.

« Comprehendeis; meu amigo? vou morrer, e
« da minha alcôva sinto na sala os passos do guarda
« que os meus credores puzeram alli para não sair
« cousa alguma, e no caso de eu não morrer não
« me resta nada. Espero que elles aguardarão pelo
« fim para venderem tudo que me pertence.

« Oh! os homens são inexoraveis! ou antes
« é Deus que é justo e inflexivel.

« Emfim, meu querido, vireis á minha venda
« e comprareis alguma cousa, porque se eu puzesse
« de parte para vos guardar algum objecto, por me-
« nor que fosse, e o viessem a saber, capazes se-
« riam elles de vos prenderem como por extravio
« d'objectos embargados.

« Triste vida é esta que eu deixo!

« Quanta não seria a bondade de Deus para
« comigo, se fosse servido permitir que vos tor-
« nasse a vêr antes de morrer! Segundo todas as
« probabilidades, adeus, meu amigo; perdoai-me se
« vos não escrevo mais, mas esses que dizem que me
« hão-de curar, debilitam-me com sangrias, e não
« me é possível escrever nem mais uma letra se-
« quer.

« *Margarida Gautier.*

Com effeito, as ultimas palavras estavam ape-
nas legiveis.

Restitui a carta, a Armand, que, sem duvida,
a acabava de tornar a lêr no pensamento como eu a
tinha lido no papel, pois me disse quando lhe pe-
gou :

— Quem dirá que é uma mulher daquella
classe que escreveu isto! e sensibilizado de sauda-
des, olhou algum tempo para a carta, que por fim
levou aos labios.

— E pensar eu, continuou elle, que morreu
sem a poder tornar a vêr, e que nunca mais a ve-
rei, pensar eu que ella fez por mim o que uma ir-
mã não faria, não me posso perdoar de a ter dei-
xado morrer assim quasi ao desamparo!

Morta! morta! a pensar em mim e a proferir
o meu nome, pobre Margarida!

E dando Armand livre desafôgo ás suas idéas
e ao triste lenitivo das lagrimas, de novo me to-
mou a mão, e continuava :

— Oh! que se me vissem lamentar assim tal
morte, bem louco me haviam de chamar; era por
não saberem quanto fiz padecer áquella mulher,

quanto fui cruel, quanto ella foi boa e resignada. Julgava eu pertencer-me a mim perdoar-lhe, e hoje... hoje não me considero digno do perdão que me concede. Oh! daria dez annos da minha vida para chorar uma hora a seus pés.

E' sempre difficil consolar uma dôr que se não conhece, todavia sentia-me inclinado por tão viva sympathia para com aquelle homem, fazia-me com tanta franqueza o confidente das suas penas, que julguei não lhe serem indifferentes as minhas palavras, e disse-lhe:

— Não tendes parentes? não tendes amigos? tende esperança, ide vêl-os, consolar-vos hão elles, porque eu que posso fazer, senão condoer-me das vossas magoas! . . .

— E' justo, sim, disse o mancebo pondo-se de pé e passeando com passos descompassados pelo quarto, causo-vos enfado. Desculpai-me não tinha reflectido que pouco vos deve importar a minha dôr, e que vos estou a importunar com uma cousa que não pôde nem deve interessar-vos em nada.

— Não percebestes bem o sentido das minhas palavras; podeis em tudo dispôr de mim; sómente o que lastimo devéras é a minha insufficiencia para vos tranquillisar o desgosto. Se a minha sociedade e a dos meus amigos vos pôde distrahir, se emfim tendes precisão de mim para qualquer cousa, desejo fazer-vos conhecer bem o prazer que tinha em ser-vos agradavel.

— Perdão, perdão, me disse, a dôr exaggera as sensações. Deixai-me ficar aqui mais alguns minutos, o tempo de enchugar os olhos, para que os occiosos que andam por ahi por essas ruas não se

ponham pasmados para este menino a chorar. Ai quanto vos devo por me terdes dado este livro! quanto sou feliz por este presente! Não sei, realmente com que vos hei-de mostrar o meu reconhecimento.

— Concedendo-me uma porção da vossa amizade, disse eu a Armand, e dizendo-me a causa dos pezares que tanto vos atormentam. Em comunicar magoas ha sempre consolação que as allivia.

— Tendes razão; mas hoje tenho muita necessidade de chorar, e não vos direi senão palavras sem nexo. Um dia vos contarei esta historia, e então vereis se tenho razão de ter tantas saudades da pobre rapariga. Por hoje, accrescentou elle enchugando pela ultima vez os olhos, disse-me que me não achais piegas, e permitti-me que vos torne a procurar.

No olhar do mancebo havia bondade e doçura; cordialmente o abracei.

Os olhos d'elle porém, principiavam outra vez a toldar-se de lagrimas; vio que eu dava por isso, e desviou-os de mim.

— Então, é preciso ser homem! Animo! disse-lhe eu.

— Adeus, me disse o meu novo amigo.

Fazendo um esforço inaudito para não chorar sahe precipitadamente de minha casa, que mais parecia ir fugindo.

Ergui a cortina da janella, e vio tornar a subir ao *cabriolé* que o esperava á porta; mas, apenas so assentou, debulhou-se em lagrimas e escondeu o rosto com o lenço.

V.

Grande espaço de tempo decorreu sem eu ouvir nunca mais fallar de Armand, mas como que em compensação muitas vezes se tratou de Margarida diante de mim.

Não sei se tambem tendes reparado; basta que o nome de uma pessoa, que parecia ter de ficar-nos incognita, ou pelo menos indifferente, seja pronunciado uma vez diante de nós, para que os prome-nores venham vindo a pouco e pouco agrupar a roda daquelle nome, e para que ouçamos então a todos os nossos conhecidos e amigos fallarem-nos de uma cousa em que nunca de antes haviam tocado. Descobrimos então que aquella pessoa quasi que tinha relação comnosco, vimos a conhecer que passou repetidas vezes na nossa vida sem ser notada, achamos nos acontecimentos que se nos contam certa coincidencia, certa affinidade real, com certos acontecimentos da nossa existencia. Não vos terá succedido isto alguma vez? Não estava positivamente naquellas circumstancias com Margarida, porque a tinha visto encontrado, e conhecia de vista e de tradicção; todavia, desde aquelle leilão, o nome della tinha-me voltado aos ouvidos com tanta frequencia, e na circumstancia que já disse aquelle nome viera misturado com uma saudade tão profunda, que a minha admiração crescia na proporção em que a curiosidade se me augmentava.

D'aqui resultou que nunca fallava a um amigo, a quem nunca tinha fallado de Margarida, que não dissesse:

— Conhecestes uma certa Margarida Gautier.

— Quem, a Dama das Camélias?

— Justamente.

— Muito!

Estes *muitos* eram algumas vezes acompanhados de sorrisos incapazes de deixar a menor duvida sobre o que significavam.

— E então? o que era essa pequena? continuava eu.

— Ora, o que havia de ser!... uma boa rapariga.

E nada mais?

— Mais espirito, e talvez que mais um pouco de decoração que as outras.

— E não particular a seu respeito?

— Arruinou o barão de G...

— Sómente?

— Foi amante do velho duque de...

— Esteve por conta d'elle?

— Assim dizem, em todo o caso elle dava-lhe muito dinheiro.

Sempre as mesmas informações.

— Entretanto andava com muito desejo de saber alguma cousa sobre as reclamações de Margarida e de Armand.

Encontrei um dia um destes que vivem continuamente em intimidade com mulheres conhecidas. Interroguei-o.

— Conhecestes Margarida Gautier?

O mesmo *muito* me foi respondido.

— E então, que tal?

— Era boa e bonita. Tive muita pena que morresse.

— Não teve um amante chamado Armand Duval?

— Alto e louro?

— Sim.

— E' verdade, teve.

— Que qualidade de homem era esse Armand?

— Um rapaz que comeu com ella o pouco que tinha, segundo penso, e que foi obrigado a separar-se della. Dizem que era doido per Margarida.

— E ella?

— Tambem o amava muito, se é verdade o que se diz, mas como aquellas pequenas amam....

— Que foi feito d'Armand?

— Eu sei!... Não tivemos grande conhecimento com elle. Esteve cinco ou seis mezes com Margarida, mas fóra da terra. Quando ella veio do campo, partio.

— E não o tornastes a vêr depois disso?

— Nunca mais.

Nem eu tão pouco tornei a vêr Armand. Tinha até chegado a pensar, que quando me foi visitar, a noticia recente da morte de Margarida exaggerára o seu amor de outro tempo e por consequencia as saudades, e dizia entre mim, que talvez já se não lembrasse nem della, nem da promessa que me fez de tornar a procurar-me.

Esta supposição houvera sido verosimil uma vez que se tratasse d'outro que não fosse Armand, mas no desespero deste, manifestaram-se inflexões sinceras e um cunho de verdade inimitavel, e, passando d'um extremo ao outro, quiz-me parecer que a magua se mudara em doença, e que se não tinha sabido mais delle, era porque estava doente e talvez já na outra vida.

Máu grado meu, interessava-me pōr aquelle moço Talvez que n'esse interesse houvesse tambem egoismo ; quem sabe se debaixo daquella dôr não tinha eu entrevisto huma historia maviosa do coração ? Quem sabe se enfim o desejo que eu tinha de a conhecer não era em grande parte a causa do cuidado que me dava o silencio de Armand ?

Pois que Duval não voltava a minha casa, tinha-me resolvido a ir ter com elle. Não era difficil encontrar pretexto ; infelizmente não sabia onde morava, e entre todos aquelles a quem interrogara, nem um só m'o tinha sabido dizer.

Por isso fui á rua d'Antin. Talvez que o porteiro de Margarida soubesse onde morava Armand. Já não era o mesmo porteiro. Não estava mais adiantado que eu. Informei-me então do cemiterio onde tinha sido enterrada mademoiselle Gautier. Era no cemiterio Montmartre.

Principiára o mez de abril ; o tempo estava agradável ; os tumulos já não haviam de ter aquelle aspectò doloroso e lugubre que lhes imprime o inverno : enfim, já fazia calor sufficiente para que os vivos se lembrassem dos mortos e os visitassem. Fui portanto ao cemiterio, dizendo comigo : bastará só vêr o tumulo de Margarida para conhecer se ainda existe a dôr de Armand, e talvez que eu saiba que foi feito d'elle.

Entrei na guarita do guarda, e perguntei-lhe se no dia 22 de fevereiro não tinha sido enterrada no cemitério Montmartre uma mulher chamada Margarida Gautier.

O homem folheou um grande livro onde estão inscritos e numerados todos os que entram na-

quelle ultimo asylo, e me respondeu ser verdade que no dia 22 de fevereiro, ao meio dia, tinha sido sepultada uma mulher com aquelle mesmo nome.

Pedi-lhe que me mandasse acompanhar á cova, porque não ha modo de atinar com o que se quer nesta cidade dos mortos que tem tambem as suas ruas como a cidade dos vivos. Chamou o guarda por um jardineiro a quem deu as necessarias indicações, e que o interrompeu dizendo-lhe: bem sei, bem sei.

— Oh! aquelle tumulo não tem muito que conhecer, continuou elle voltando-se para mim.

— Então porque?

— Por que tem flores bem differentes dos outros.

— Tratais dellas, não é assim?

— Sim senhor; e era bem bom que todos os parentes tivessem pelos seus defuntos o cuidado que tem daquella sepultura o mancebo que me recommendou esta obrigação.

Depois d'alguns rodeios, parou o jardineiro e disse-me:

— E' aqui.

Com effeito, apresentava-se um quadrado de flores, que ninguem jámais tomaria por sepultura se um marco de marmore branco com um nome a não tivesse denunciado.

Estava aquella pedra a prumo; um gradeamento de ferro limitava o terreno comprado, e aquelle terreno estava cuberto de camélias brancas.

— Então, que dizeis a isto? perguntou-me o jardineiro.

— Que é muito bonito.

— É logo que uma camélia murchar, tenho ordem de pôr outra no lugar della.

— E quem vos deu essa ordem?

— Um mancebo que chorou muito a primeira vez que aqui veio; um antigo conhecimento da defunta, porque, pelos modos ella era uma louqui-nha. . . . E dizem que era bonita. O senhor conheceu-a?

— Conheci, sim.

— Como o outro, disse o jardineiro com um sorriso maligno.

— Não, só a conhecia de vista.

— E vindes aqui vel-a; é uma fineza que lhe fazeis, porque dos que vem visitar a pobre rapariga não se enche o cemiterio.

— Ninguem aqui vem?

— Nem viv'alma, a não ser aquelle rapaz que veio uma vez.

— Uma vez só?

— Sim senhor.

— E d'então para cá não voltou ainda?

— Nada, não senhor; mas ha de tornar aqui na volta.

— Então anda por fóra?

— Sim, sahiu de Paris.

— Sabeis onde estará?

— Julgo que se acha em casa da irmã de Mademoiselle Gautier.

— E que faz ahi?

— Foi-lhe pedir authorisação para mandar ex-humar o cadaver, afim de lhe dar outra sepultura.

— Porque não a deixa ficar aqui?

— Bem sabeis, senhor, que cada pessoa tem o seu modo de pensar com os defuntos. Vemos acontecer isto todos os dias, nós que andamos já acostumados. Este terreno foi comprado só por cinco annos, e aquelle mancebo quer uma concessão para sempre, e mais largo espaço. No campo novo hade ser melhor.

— A que chamaes campo novo?

— Aos terrenos novos que se estão vendendo alli para a esquerda. Se o cemiterio tivesse andado sempre como agora, não havia outro no mundo que lhe egualasse, porem ainda ha muito a fazer para ficar completo. E a final ha gente que tem uma pancada tão rija. . . .

— O que quereis dizer nisso?

— Quero dizer que ha até quem tenha aqui vaidade. Ora, esta senhora Gautier, parece que era algum tanto *humana*, desculpai-me a franqueza. Agora coitada, está morta, e tanto resta d'ella, como das que gosaram bôa fama, e cujos canteiros regamos todos os dias: está visto! contra esta verdade não ha replica; pois hade crer que, quando os parentes das pessoas que estão enterradas ao lado d'ella vieram no conhecimento de quem ella era... tiveram a fresca lembrança de dizer que se haviam de oppor fortemente a que a deixassem aqui ficar, e que era mal permittido não haver um logar reservado para aquella qualidade de mulheres, como ha para os pobres. Vio-se já um descôco semelhante? E eu então que os conheço á legua! uns ricos senhores que não veem quatro vezes no an-

no visitar os seus defuntos, que lhes trazem elles proprios as flores, e que flores! ellas ahi estão que se podem ver, que olham como divertimento as visitas que fazem aos parentes por quem choram, e que lhes escrevem nos tumulos lagrimas que nunca verteram; e esta gente é que não está contente com os seus visinhos!

Acredita-me se quizerdes, senhor, eu não conhecia esta menina, nem sei ao certo quem ella era; pois bem! amo-a; amo esta pobre pequena, tracto d'ella, e dou-lhe as camélias muito baratas, é' a minha defunta favorita.

Nós outros, senhor, que remedio temos senão amar os mortos, por que fallando a verdade, temos aqui tanto que fazer, que quasi não nos sobra tempo para amar outra coisa.

Olhei para aquelle homem, e alguns dos meus leitores comprehenderão, sem eu ter necessidade de lh'a explicar, a commoção que sentia de o ouvir.

Sem duvida reparou n'isso, pois continuou:

— E dizem que havia quem se arruinasse por ella, e que tinha amantes que a adoravam; e que importa? — quando me recordo que não ha um só que lhe compre uma flor sequer, acho isto celebre e muito triste!. E ainda assim não tem muita razão de queixa por que tem um tumulo, e se não ha senão um que se lembre d'ella, é o mesmo por que pratica pelos outros as honras á finada.

Porém nós temos aqui desgraçadas raparigas da mesma vida e da mesma idade, as quaes se atiraram para a valla, e aqui para nós, faz-me doer o coração quando oíço cair aquelles pobres

corpos lá dentro na terra. E quem se lembra mais d'ellas depois de morrerem?!

Este meu officio não é dos mais risonhos, principalmente quando nos resta alguma coisa no coração. Que quereis? é mais forte do que eu.

Tenho em casa uma filha de vinte annos, e quando trazem aqui uma defunta da mesma idade, lembro-me d'ella, e quer seja fidalga, quer seja bagabunda, não sou senhor de mim para deixar de ficar triste.

Agora é que eu me recordo que vos estou a aborrecer fortemente com as minhas historias, e não foi para as ouvir, por certo, que viestes aqui.

Disseram-me que vos acompanhasse á sepultura de M.^{elle} Gautier; ahi a tendes, que me determinaes?

— Sabeis onde assiste o sr. Armand Duval?

— Sim, senhor; mora na rua de *** pelo menos foi alli que eu recebi a importancia de todas as flores que aqui vedes.

— Agradecido, meu amigo.

Lancei pela ultima vez os olhos para aquella sepultura florida, cujas profundezas, máu grado meu, quizera sondar, a fim de observar o que a terra tinha feito da linda creatura que lhe tinham confiado, e affastei-me d'aquelle local com bastante tristeza.

— O sr. deseja ver Mr. Duval? tornou o jardineiro que caminhava a meu lado.

— Desejava muito.

— E' porque estou bem certo de que ainda não chegou, pois d'outro modo já aqui o tinha visto

— Estaes persuadido que ainda não se esqueceu de Margarida?

— Não só estou certo d'isso, mas até apostaria que o grande desejo que elle tem de a mudar de sepultura, é com o intento de a tornar a ver.

— Como assim?

— Quando veio ao cemiterio logo disse: — Como a poderei ver uma vez? Isto não podia ter logar senão mudando de sepultura, e informei-o de todas as formalidades para obter a desejada trasladação, por que bem sabeis que para mudar os mortos d'um tumulo para outro é necessario reconhecer-os, e sómente a familia do defunto é quem pode authorisar aquella operação, á qual deve presidir um commissario da policia. Foi para lhe darem semelhante authorisação que Mr. Duval foi a casa da irmã de Mademoiselle Gautier, e a sua primeira visita será de corto para nós.

Tihamos chegado á porta do cemiterio; agradei outra vez ao jardineiro, dando-lhe algum dinheiro, e marchei em direcção á morada que elle me tinha indicado.

Armand ainda não tinha chegado.

Deixei-lhe em casa duas palavras escriptas, rogando-lhe que me fosse procurar logo que chegasse, ou que me mandasse dizer onde o poderia encontrar.

No dia seguinte pela manhã, recebi uma carta de Mr. Duval, na qual me informava da sua chegada, pedindo-me que o procurasse, pois que estando muito fatigado da jornada, não lhe era possível sair de sua habitação.

VI.

Encontrei Arnaud de cama. Logo que me viu, estendeu-me a ardente mão.

— Tendes febre, lhe disse eu.

— Não hade ser nada; é a fadiga da rapidez da jornada e nada mais.

— Vindes de casa da irmã de Margarida?

— Sim, venho; quem vol-o disse?

— Basta que o saiba; e alcançastes o que querieis?

— Alcançei; porem quem vos informou da viagem?

— O jardineiro do cemiterio.

— Vistes a sepultura?

Custava-me na verdade a responder-lhe, por que a inflexão daquella phrase, provava-me que quem m'a tinha dirigido, estava continuamente sendo victima da agitação de que eu tinha sido testemunha, e que cada vez que o seu pensamento ou a palavra d'outro o fizesse recair naquelle doloroso assumpto, por muito tempo ainda aquella agitação lhe traria a vontade.

Contentei-me pois de lhe responder com um aceno de cabeça.

— Tem tido cuidado della? continuou Armand.

— Sim.

Duas lagrimas deslizaram pelas faces cavadas do doente, que voltou a cabeça para as esconder. Fingi não ter reparado em tal, e procurei mudar de conversa.

— Já fez tres semanas que d'aqui saiste, lhe

perguntei, Armand passou a mão pelos olhos e respondeu :

— Tres semanas justas.

— A viagem foi longa ?

— Oh ! nem sempre viajei ; estive enfermo quinze dias ; a não ser isso, ha muito tempo que eu já cá estava ; mas apenas cheguei lá, senti febre, e vi-me obrigado a ficar de cama.

— E tornastes a metter-vos a caminho sem estar restabelecido de todo.

— Se eu ficasse mais oito dias naquella terra morria de certo.

— Mas agora que chegastes, cumpre tractar de estar melhor ; os vossos amigos hão de vir visitar-vos, sendo eu o primeiro, se m'o permittis.

— Daqui a duas horas levanto-me da cama.

— Que imprudencia !

— Mas é necessario ! . . .

— Então que tendes que fazer com semelhante pressa ?

Preciso ir ter com o commissario da policia.

— Porque não encarregais isso antes a alguem ? pode-vos fazer adoecer mais, sair tão cedo.

— E' a unica coisa que me poderá curar. E' preciso que eu a veja. Desde que soube da sua morte, e principalmente desde que lhe vi a sepultura, não tornei a dormir. Não posso acreditar que esta mulher que tão joven e tão bella deixei, esteja morta. E' preciso desenganar-me com os meus proprios olhos. E' preciso que eu veja o que aprouve a Deus fazer daquelle ente que tanto amei, e pode ser que o terror de simi-

lhante, vista venha substituir o desespero da saudade; acompanhar-me-heis, não é assim?..

— A irmã, que vos disse?

— Nada. Parecia ficar muito admirada de que um estranho quizesse comprar um terreno e mandar fazer um tumulo a Margarida, e sem se fazer rogar, assignou-me a auctorisação que lhe pedia.

— Acreditai-me, esperai primeiro que melhoreis de todo, e depois terá lugar a trasladação.

— Oh! serei forte ficai descansado. De mais, enlouquecia se não acabasse quanto antes com esta resolução, cujo final se tornou em necessidade para a minha dor. Juro-vos que não terei socego sem ver Margarida. E' talvez uma sede da febre que me escalda, um sonho das minhas insomias, um resultado do meu delirio; mas ainda que tivesse de me fazer cartuxo como M. de Rancé depois de a ter visto, hei-de vel-a.

— Compreendendo isso, disse eu a Armand; viste Julia Dupreat?

— Vi-a no proprio dia da minha primeira chegada.

— Deu-vos os papeis que Margarida lhe tinha deixado para vos entregar?

— Eil-os.

Armand tirou um rolo debaixo do travesseiro, e tornou immediatamente a pô-lo aonde estava.

— Sei de cór o que estes papeis dizem. Ha tres mezes que os releio dez vezes por dia. Haveis de lel-os tambem, porem mais tarde quando eu não estiver tão agitado, e quando eu poder fazer-vos comprehender tudo que esta confissão revela de coragem e amor.

Agora tenho que pedir-vos um favor.

— O que é? fallai.

— Tendes lá em baixo uma carruagem?

— Tenho sim.

— Muito bem! tendes a bondade de levar o meu passaporte, e ir perguntar ao correio geral se ha cartas para mim? Meu pai e irmã haviam de me escrever para Paris, e parti com tal precipitação, que não me demorei sequer a ir saber disso antes da minha partida. Quando voltardes, iremos ambos prevenir o commissario da policia para a cerimonia d'amanhã.

Armand deu-me o seu passaporte, e fui á rua de J. J. Rousseau.

Havia duas cartas com o nome de Duval, recebi-as, e voltei.

Quando entrei, já Armand estava vestido e prompto para sahir.

— Agradecido. E tomou as cartas que lhe trouxe. Sim, continuou elle depois de ter olhado para os sobrescriptos, sim é de meu pai e de minha irmã. Natural é que nada tenham comprehendido do meu silencio.

Abrio as cartas e mais proprio é dizer que as adivinhou, porque eram de quatro paginas cada uma, e d'ahi a um instante já as tinha outra vez dobrado.

— Amanhã responderei.

Fomos ao commissario da policia, a quem Armand entregou a procuração da irmã de Margarida.

Deu lhe em troca o commissario uma ordem para o guarda do cemiterio; decidiu-se que a tras-

ladação teria lugar no dia seguinte ás dez horas da manhã, que eu o viria buscar uma hora antes, e que ambos iríamos ao cemiterio.

Tambem eu confesso que estava com summa curiosidade de assistir áquelle espectáculo, e sempre direi que não dormi em toda a noite.

A avaliar pelos pensamentos que me assaltaram, havia de ter sido uma noite sem fim para o pobre Armand.

Quando na manhã seguinte ás nove horas entrei em casa d'elle, estava horrivelmente pallido, mas parecia tranquillo.

Sorrio-se para mim e apertou-me a mão.

As vélas tinham ardido até aos côtos, e antes de sair, Armand pegou n'uma carta volumosa dirigida ao pai, e sem duvida confidente das suas impressões daquella noite.

Meia hora depois, chegámos a Montmartre.

Já o commissario nos esperava. Elle ia adiante, e nós ambos o seguíamos a pequena distancia.

Sentia de vez em quando estremecer convulsivamente o braço do meu companheiro. Olhei então para elle : comprehendia este movimento, e sorria-se para mim ; depois que saíramos de casa não havíamos trocado nem palavra.

Um pouco antes da sepultura parou Armand para enxugar o rosto que lhe ia inundado por copioso suor.

Aproveitei aquella occasião para respirar, porque eu tambem tinha o coração comprimido.

Donde procederá o doloroso prazer que se toma naquella especie de espectaculos ! Quando

fomos chegados á sepultura, vimos ter o jardineiro arredado todas as jarras de flores: o gradeamento de ferro tinha sido tirado, e dois homens estavam a cavar.

Encostou-se Armand a uma arvore, e poz-se a olhar.

Parecia que toda a sua vida lhe estava passando por diante dos olhos.

De repente um dos alviões rangeu n'uma pedra.

A'quelle som, recuou Armand como por commoção electrica, e apertou-me a mão com tal força, que me fez doer.

Um coveiro pegou n'uma grande pá de ferro e foi despejando a cova a pouco e pouco; depois, quando já não restavam senão as pedras com que se cobre o caixão, entrou a atira-las para fóra a uma e uma.

Observava Armand, pois temia a cada minuto, que as sensações que elle concentrava não o despedaçassem por fim; mas elle não tirava dalli os olhos, espantados e com a vista fixa como os doudos, e uma leve contracção das faces e dos labios provava só que estava a padecer uma violenta crise nervosa.

Em quanto a mim, nada mais posso dizer, senão que já estava arrependido de ter ido ao cemiterio.

Quando o caixão ficou descoberto de todo, disse o commissario aos coveiros.

— Abram.

Aquelles homens obedeceram como se fosse a coisa mais simples do mundo.

O ataúde era de carvalho, e puzeram-se a desparafusar a parede superior que fazia a tampa. A humidade da terra tinha enferrujado os parafusos, e não foi sem grande trabalho, que se pôde abrir o ataúde. Exhalou-se um cheiro infecto, apesar das plantas aromaticas de que estava coberto.

— Oh! meu Deus! meu Deus! murmurou Armand, e ainda se fez mais branco.

Até os proprios coveiros recuaram.

Uma grande mortalha branca cobria o cadaver, desenhando-lhe algumas sinuosidades. Aquella mortalha estava quasi toda comida n'uma das pontas, e deixava passar um pé da defunta.

Eu tambem não estava longe de me perturbar, e no momento em que estou a escrever estas linhas, apparece a recordação daquella scena, ainda com toda a sua respeitavel realidade.

— Depressa, depressa, disse o commissario.

Então um dos dois homens estendeu a mão, entrou a descozer a mortalha, e pegando-lhe pela ponta, descobrio repentinamente o rosto de Margarida.

Era terrivel para vêr, e horrivel para contar.

Os olhos não eram mais que dois buracos, os beiços tinham desaparecido de todo, e os dentes brancos estavam cerrados uns contra os outros. Os longos cabellos negros e secos estavam empastados em cima das fontes, e encobriam um tanto as cavidades verdes das faces, todavia ainda pude reconhecer naquelle rosto, o rosto branco, rosado e alegre que tantas vezes tinha visto.

Armand sem poder descravar os olhos da-

quella cara meia comida, levára o lenço á bocca, e mordia-o.

A mim, parecia que um circulo de ferro me apertava a cabeça, toldaram-se-me os olhos, senti zunirem-me os ouvidos, e o mais que pude fazer, foi abrir um frasquinho, que por acaso tinha levado comigo, e respirar com toda a força os saes aromaticos que tinha dentro.

No meio desta perturbação, ouvi o commissario dizer a Armand:

— Reconheceis este cadaver?

— Sim, respondeu com voz abafada o mancebo.

— Então fechem e levem, disse o commissario.

Tornaram os coveiros a deitar a mortalha por cima da cara da defuncta, fecharam o caixão, pegou-lhe cada um pela sua extremidade, e dirigiram-se para o sitio que lhes tinha sido designado.

Armand não se movia. Tinha ainda os olhos pregados naquella cova vazia; estava pallido como o cadaver que acabavamos de ver... Parecia petrificado.

Compreendi o que estava para acontecer quando a dôr diminuisse pela ausencia do espectaculo, se por consequencia não o sustivesse.

Ceguei-me ao commissario.

— A presença deste senhor, disse-lhe eu mostrando Armand, é ainda necessaria?

— Não, respondeu elle, e até vos aconselho que o leveis daqui para fóra, por que me parece bastante doente.

— Vinde, disse eu então a Armand travando-lhe do braço.

— Quem é?! exclamou elle olhando para mim como se me não conhecesse.

— Concluiu-se já, lhe tornei, é preciso irmo-nos embora, meu amigo, estais pallido, tendes frio, estas agitações podem matar-vos.

— Tendes razão; sim, vamo-nos, respondeu maquinalmente, mas sem dar um passo.

Tomci-lhe então do braço, e affastei-o d'alli.

Deixava-se conduzir como uma criança, murmurando sómente de quando em quando:

— Vistes-lhes os olhos?

E voltava o rosto como se aquella visão o perseguisse.

Entretanto ia andando, e de instante a instante a parar; parecia caminhar aos balanços, os dentes batiam-lhe uns nos outros, as mãos estavam enregeladas, uma violenta agitação nervosa tomava inteira posse delle.

Fallei-lhe, mas não me respondeu.

O mais que podia fazer, era deixar-se conduzir.

Encontramos á porta uma carruagem. Já era tempo.

Apenas tomou logar, augmentou-se-lhe o calafrio, e teve um verdadeiro accesso de nervos, no meio do qual, o receio de me assustar o fazia murmurar, apertando-me a mão:

— Não é nada, não é nada, desejava poder chorar!

— Via-lhe o peito a entumecer-se-lhe, o sangue lhe subia aos olhos, mas as lagrimas sem correrem.

Fiz-lhe respirar o vidro que me tinha servido, e quando chegámos a casa, só os calafrios se manifestavam ainda.

Com o auxilio do criado, metti-o na cama, fiz accender um bom fogo no seu quarto, e corri a chamar o meu medico a quem contei o que se acabava de passar.

Veio logo

Armand estava rôxo e a afogueado, delirava, e estava balbuciando palavras sem connexão, por entre as quaes só o nome de Margarida se distinguia bem.

— Então? dissê eu ao doutor depois de ter examinado o doente.

— Então, tem uma febre cerebral, nem mais nem menos, e é bem feliz, porque me parece, Deus me perdoe, que endoideceria. Felizmente a doença phisica matará a doença moral, e dentro de um mez estará talvez salvo de uma de outra.

VII.

As doenças como a de Armand ou matam immediatamente ou deixam-se vencer muito depressa.

Quinze dias depois dos acontecimentos que acabo de narrar, Armand achava-se já em convalescença, e estávamos ligados em estreita amisade. Não lhe tinha abandonado o quarto nem por um momento em quanto durou a sua doença.

Tinha a primavera espalhado com profusão flores, folhas verdes, passaros, e gorgejos. e a janelle do meu amigo deitava para um jardim ri-

dente, cujas saudáveis exalações vinham até nós.

O medico tinha-lhe permittido que se levantasse, e ficavamos muitas vezes a conversar ao pé da janella aberta, á hora em que o sol é mais animador, do meio dia ás duas horas.

Evitava muito em lhe fallar de Margarida receando sempre que este nome não despertasse nelle uma triste recordação adormecida sob o socego do doente ; mas Armand, pelo contrario, parecia ter prazer em fallar della, não como n'outro tempo, com as lagrimas nos olhos, mas com um sorrir melancolico que me socegava a respeito do estado da sua alma.

Havia notado que desde a sua ultima visita ao cemiterio, desde o espectaculo que tinha determinado nelle aquella crise violenta, a medida da dôr moral, parecia ter sido arrasada pela doença, e que a morte de Margarida já lhe não apparecia sob o aspecto do passado. Daquella certeza evidente lhe tinha resultado uma especie de consolação, e para expulsar a lugubre imagem que sempre se lhe appresenta, se embebia nas felizes lembranças das suas relações com Margarida, e parecia não querer receber senão essas.

O corpo estava muito quebrado pelo ataque e curado da febre, para permittir ao espirito uma commoção violenta, e a alegria universal da primavera de que Armand era rodeado, levava o seu espirito ás imagens risonhas.

Sempre se tinha recusado obstinadamente a informar a sua familia do perigo que corria, e depois de estar salvo ainda seu pai ignorava que estivesse doente.

Uma tarde havíamos ficado á janella até mais tarde que de costume, o tempo tinha estado magnifico, e o sol adormecia n'um crepusculo brilhante d'ouro e de azul. Ainda que estivessemos em Paris a verdura que nos rodeava, parecia isolar-nos do mundo, e só de tempos a tempos é que o ruído de alguma carruagem nos vinha perturbar a nossa conversação.

— Foi, pouco mais ou menos, na mesma estação do anno, e n'uma tarde como esta que conheci Margarida, disse-me Armand escutando os seus proprios pensamentos, e não o que eu lhe dizia.

Não respondi nada.

Voltou-se então para mim e disse :

E preciso que vos conte esta historia, haveis de escrever com ella um livro, em que se não ha de acreditar, mas que será muito interessante.

— Contar-m'a-heis mais tarde, meu amigo, lhe disse eu, ainda não estais de todo restabelecido !

— A tarde está quente, comí o meu peito de franga, me disse elle sorrindo, não tenho febre, não temos nada que fazer, vou contar-vos tudo.

— Pois que assim o quereis absolutamente, eu vos escuto.

— E' uma historia muito simples, accrescentou elle, e que vos contarei seguindo a ordem dos factos. Se della fizerdes algum romance, sois livre em contal-a como quizerdes.

Eis o que elle me contou, e só por acaso mudaria alguma palavra á sua tocante narrativa.

— Sim, começou Armand reclinando a cabeça nas costas da poltrona, sim, era n'uma tarde como

esta! Tinha passado o dia no campo com um dos meus amigos Gastão R..., de tarde tinhamos voltado a Paris; e não sabendo para onde irmos, entramos no theatro das variedades.

N'um entre-acto sahimos, e no corredor encontramos uma dama que o meu amigo cumprimentou.

A quem cumprimentais? perguntei-lhe eu.

— Margarida Gautier, me respondeu elle.

— Parece-me que deve estar muito mudada porque a não conheci, disse eu com uma commoção que d'aqui a pouco comprehendereis.

— Esteve doente; coitadinha não dura muito.

Recordo-me tanto d'estas palavras, como se as tivesse ouvido hontem.

— E' preciso saberdes, meu amigo, que havia dois annos que a vista d'esta rapariga, quando a encontrava, causava-me uma sensação estranha.

Sem que soubesse porque, empallidecia e o coração batia-me apressado. Tenho um amigo que se occupa de sciencias occultas, e que chamava ao que eu sentia afinidade dos fluidos; eu creio simplesmente, que estava destinado a apaixonar-me por ella e que já o presentia.

Sempre é verdade que sentia uma impressão real, muitos de meus amigos que tinham sido testemunha d'ella, tinham-se rido muitissimo quando reconheceram quem me causava essa impressão.

A primeira vez que a vi foi na praça da Bourse, á porta de Sune. Um carrinho descoberto estava parado, e uma mulher de branco tinha acabado de descer. Um murmurio de admiração a acolheu quando entrou no armazem. Eu, fiquei immovel no

lugar em que estava, desde o momento em que entrou até ao em que sahio. Atravez das vidraças, vi-a escolher na loja o que ali vinha comprar. Teria podido entrar, mas não me atrevi. Não sabia quem era esta mulher, e receiei que ella conhecesse a causa da minha entrada no armazem. e que se offendesse. Com tudo não julguei tornal-a a vêr.

Ella estava elegantemente vestida; trazia um vestido de mussellina, guarnecido de volantes, um chaile da India, bordado nas pontas d'ouro e de flores de seda; um chapéu de palha d'Italia, e um unico bracelete, grossa cadeia de ouro, moda que começava então.

Tornou a subir para o caleche e partio.

Um dos rapazes do armazem ficou á porta seguindo com os olhos o carrinho da elegante compradora. Approximei-me d'elle, e perguntei-lhe o nome d'esta mulher.

— É mademoiselle Margarida Gautier, respondeu-me elle.

Não me atrevi a perguntar-lhe a morada, e affastei-me.

A lembrança desta visão, porque na verdade o era, não me sahio do espirito com outras visões que tinha tido, e por toda a parte procurava esta mulher de branco tão perfeitamente bella.

D'ahi a alguns dias deu-se na Opera-Comica uma grande representação. Fui tambem lá. A primeira pessoa que vi n'um camarote da galeria junto ao proscenio foi Margarida Gautier.

O rapaz com quem eu estava reconheceu-a tambem, porque me disse, indicando-a:

— Vede aquella linda rapariga.

N'este momento, Margarida olhava para o nosso lado; vio o meu amigo sorrir-lhe e fez signal para que viesse fazer-lhe uma visita

— Vou-lhe dar as boas noites, disse-me elle, já volto.

Não pude deixar de lhe dizer: « Sois bem feliz! »

— Porque?

— Porque ides visitar essa mulher encantadora!

— Estais enamorado d'ella?

— Não, disse-lhe eu córando, porque realmente não sabia que pensar a esse respeito; mas tinha vontade de a conhecer.

— Vinde comigo, appresento-vos.

— Pedi-lhe primeiro licença

— Ah! não é preciso delicadezas; vinde.

O que elle me dizia mettia-me dó. Tremia de adquirir a convicção de que Margarida não era merecedora do que eu experimentava por ella.

Ha um livro de Alphonse Karr, intitulado *Nus Rauchen*, um homem que segue, de noite, uma mulher muito elegante, e de que logo á primeira vista se apaixonou, tal era a sua belleza. Só para lhe beijar a mão sentia-se com forças de tudo emprehender, com desejar de tudo conquistar, com animo de tudo fazer. Apenas se atreve a olhar para a meia que encerra a perna encantadora, que descobre um pouco para não manchar o vestido em contacto com a terra. Em quanto que elle pensa em tudo o que faria para possuir esta mulher, ella fal-o parar a uma esquina e pergunta-lhe se quer subir a sua casa.

Elle desvia d'ella os olhos, atravessa a rua, e volta tristemente para sua casa.

Recordava-me deste estudo, e eu que desejava soffrer tudo para possuir esta mulher, receava agora que me accitasse muito depressa, e que me concedesse um amor que queria pagar com uma longa espera.

Nós os homens somos assim ; e é hem feliz que a imaginação deixe aos sentidos essa poesia, e que os appetites do corpo concedam isto aos sonhos da alma.

Por fim se me tivessem dito : possuireis esta mulher esta noite, e amanhã morreréis ; teria accettato. Se porém me dissessem : dai dez luizes e se-reis seu amante ; teria recusado, e chorado como uma creança, que vê desvanecer-se os sonhos alegres da noite.

Queria comtudo conhecê-la, era um meio, e talvez o unico, de saber o que havia de pensar a seu respeito.

Disse ao meu amigo, que esperava que ella lhe concedesse a permissão de me apresentar, e passei pelos corredores imaginando em que a partir do momento em que ella me ia vêr, não saberia mais como haver-me sob a sua vista.

Procurava ligar antes as palavras que lhe ia dizer.

Que criancice é o amor !

Um instante depois desceu o meu amigo :

— Ella espera-nos, disse-me elle.

— Está sósinha ? perguntei eu.

— Está com outra mulher.

— Não está em companhia de homem nenhum ?

— Não.

— Vamos.

O meu amigo dirigio-se para a porta do Theatro.

— Não é por ahí, disse-lhe eu.

— Nós vamos buscar bolos. Pedio-me ella.

Entrámos n'um conserveiro da passagem da Opera.

Eu queria comprar toda a loja, e puz-me a procurar o que seria melhor para compor o seu saquinho; o meu amigo pedio logo uma libra de uvas cobertas.

— Sabeis se ella gosta?

— Não come nunca outro doce.

— Ah! continuou elle, quando sahimos da conservaria, sabeis a que qualidade de mulher vos vou appresentar, não imagineis que é a uma duqueza, é simplesmente a uma dessas mulheres .. bellas, portanto não vos encommodeis, e dizei o que vos vier á cabeça.

— Bem, hem, balbuciei eu, seguindo-o, e dizendo comigo mesmo que me ia curar daquella paixão.

Quando entrei no camarote ria Margarida ás gargalhadas.

Estimava mais que estivesse triste.

O meu amigo apresentou-me, Margarida fez-me uma leve inclinação, de cabeça, e disse-me:

— E os doces?

— Aqui estão.

Pegando nelles, olhou para mim. Eu abaixei os olhos e córe.

Ella inclinou-se ao ouvido da sua vizinha e dis-

se-lhe algumas palavras devagarinho, e ambas desataram a rir.

Com toda a certeza era eu a causa desta irritação; o meu embaraço redobrou. N'este tempo tinha por amante uma burgueza ternasinha e muito sentimental, cuja paixão e cartas melancolicas me faziam rir muitissimo. Compreendi então o mal que lhe tinha causado pelo que soffria, e durante cinco minutos amei-a, como nunca mulher alguma foi amada.

Margarida comia os seus doces sem mais se recordar de mim.

O meu introductor não me quiz deixar mais tempo neste embaraço ridiculo.

— Margarida, diz elle, não vos deveis admirar de que o sr. Duval, não diga nada; vós tendes-lhe feito andar a cabeça á roda de modo que não pôde achar expressões.

— Creio antes que esse senhor vos acompanhou aqui, por que vos enfastiára virdes visitar-me sósinho.

— Se fosse assim, atrevi-me a dizer, não teria pedido a Ernesto que viesse primeiro pedir-vos licença para me apresentar.

— Ora, isso não era senão buscar occasião para retardar o momento fatal.

Por pouco que se tenha vivido com mulheres do genero de Margarida, sabe-se bem o prazer que ellas tomam em fazer espirito á custa das pessoas que ellas veem pela primeira vez. E' sem duvida uma desforra das humilhações que são obrigadas a soffrer da parte daquelles que ellas vêem todos os dias.

Assim é preciso para lhe responder um certo habito do seu mundo, que eu não tinha, depois a idéa que tinha feito de Margarida, exaggerou-me o seu gracejo. Nada me era indiferente da parte desta mulher. Por isso, levantei-me dizendo com uma alteração de voz que me foi impossivel occultar inteiramente.

— Se é isso o que pensais de mim, senhora, só me resta pedir-vos perdão da minha indescricção, e despedir-me de vós, certificando-vos que nunca se renovará.

Depois, saudou-a e parti.

Assim que fechei a porta senti terceira gargalhada, desejara nesse momento, alguém me acolovesse.

Voltei para o meu logar.

Deram signal para subir o panno.

Ernesto voltou para o pé de mim.

— Como tomais as coisas a serio, disse-me elle sentando-se, ellas julgavam que estaveis doido.

— Que disse Margarida, quando sahi?

— Rio-se muito, e disse-me que nunca vira nada mais extravagante do que vós. Não, não é preciso ter-vos por vencido; só vos digo, que não façais a esta qualidade de gente a honra de vos agastardes. Ellas não sabem o que valle a elegancia e politica; é como os cães que se perfumam, elles acham que cheiram mal, e vão-se rolar na lama.

— Demais, que me importa? Disse eu tentando tomar um tom decidido, nunca mais a tornarei a vêr, e se a amava antes de a conhecer, agora que a conheço muda o caso muito de figura.

— Ainda espero ver-vos um dia no fundo do

seu camarote, e ouvir dizer que vos arruinaes por amor della. Demais, tendes razão, é mal creada, mas é uma linda pequena.

Felizmente, levantou-se o panno e o meu amigo callou-se. Não me seria possível dizer-vos o que se representava. O que me lembro é que de tempos a tempos levantava os olhos para o camarote que tão precipitadamente havia deixado, e em que appareciam a todos os momentos rostos de novos visitantes.

Comtudo estava bem longe de pensar em Margarida. Succedia-se em mim outro sentimento. Parecia-me que tinha de fazer esquecer o seu insulto e o meu ridiculo; imaginava, que, ainda que nisso gastasse quanto possuia, havia de ter aquella rapariga por minha conta, e havia de tomar de direito o logar que tão depressa tinha abandonado...

Antes de terminar o espectáculo, Margarida e a sua amiga saíram do camarote.

Contra a minha vontade, e sem saber bem por que, saí da plateia.

— Que é isso? já? disse-me Ernesto.

— Sim.

— Porque?

Naquelle momento reparou que o camarote estava sem gente.

— Ide, ide; boa fortuna; ou antes, melhor fortuna.

Saí.

Ouvi na escada o remurejar dos vestidos, e sons de vozes. Puz-me de parte, e vi passar, sem ser visto, as duas mulheres e os dois mancebos que as acompanhavam.

No periystilio do theatro, se lhes foi apresentar um sota.

— Vai dizer ao cocheiro, que espere á porta do café Inglez, disse Margarida, nós iremos a pé até lá.

Alguns minutos depois, andando eu a rondar no *boulevard*, vi a uma janella d'um dos vastos gabinetes da casa-de-pasto, Margarida, encostada á varanda a desfolhar a uma e uma as camélias do seu ramalhele.

Um dos dois homens estava encostado a um hombro de Margarida, e fallava em tom mansinho. Fui estabelecer-me na *Maison d'Or*, nos salões do primeiro andar, e não perdi de vista a janella em questão.

A' uma hora da noite, tornou Margarida a subir para a sua carruagem com os seus tres amigos.

Tomei um cabriolet, e seguia-a.

Parou a carruagem na rua d'Autin n.º 9.

Margarida apeou se, e entrou sósinha para casa.

Era, sem duvida, um acaso, mas esse acaso me fazia bem feliz.

Desde aquelle dia, encontrei Margarida muitas vezes no theatro, e nos *Campos-Elysios*. Sempre possuia a mesma alegria, e sempre eu tinha a mesma commoção.

Quinze dias comtudo se passaram sem eu a tornar a vêr em parte alguma. Encontrei-me com Gastão, e perguntei-lhe por ella.

— A pobre rapariga está mui doente.

— Que tem?

— Ora o que ha-de ter, padece do peito, e

como a vida que tem levado não é propria para a curar, está de cama quasi a morrer.

O coração é inexplicavel; quasi que fiquei contente com aquella doença.

Fui todos os dias saber della, sem todavia me inscrever, nem deixar bilhete. Dessa maneira, soube da sua convalescença, e da sua partida para Bagrières.

Depois, passou tempo; a impressão, se não a saudade, pareceu ir-se-me apagando do espirito. Viajei; relações, habitos, e trabalhos tomaram o lugar daquelle pensamento, e quando pensava naquella primeira aventura, não queria explical-a, senão por uma dessas paixões que se tem na primeira juventude, e que nos dão vontade de rir passado pouco tempo.

De mais, não havia grande merecimento em triumphar desta recordação, pois tinha perdido Margarida de vista depois que saíra de Paris, e como vos disse, quando ella passou por junto de mim no corredor das Variedades, já não a conheci.

Verdade seja que levava um veu pela cara; mas porem mil veus que levasse, dois annos antes, não me seria mister vê-la para a conhecer: adivinhal-a-hia.

O que não fez com que o coração deixasse de me bater quando soube que era ella; e os dois annos passados sem a ver, e os resultados que tal separação parecêra de primeiro trazer consigo, desvaneceram-se todos n'uma só nuvem, mal tocara de leve o seu vestido de seda.

VIII.

Com tudo, continuou Armand, depois de pequena pausa compreendendo que estava ainda enamorado d'ella, sentia-me com mais força que n'outro tempo, e nos meus desejos de me encontrar com Margarida, havia tambem a vontade de lhe fazer vêr, que me tinha tornado superior a ella.

Que de rodeios, e que arrasoados faz o coração para chegar ao que quer!

Mas, não pude ficar mais tempo nos corredores, e voltei para o meu lugar na plâtea superior, lançando um olhar rapido pelo salão, para vêr em que camarote estava.

Estava na frisa junto ao proscenio e sósinha. Achava-se muito transtornada, como vos disse, já lhe não via errar nos labios o seu sorriso indifferente. Tinha soffrido muito e ainda soffria.

Posto que já estivessemos em abril, estava ainda vestida de inverno, e toda coberta de veludos.

Olhei-a com tanta attenção, que o meu olhar attrahio o seu.

Considerou-me por alguns segundos, pegou no oculo para me ver melhor, e sem duvida julgou conhecer-me, mas sem poder dizer realmente quem eu era, porque quando largou o oculo, um sorriso, esse encantador cumprimento das mulheres, divagou pelos seus labios, como para corresponder ao que de mim esperava; mas eu não respondi, como para me vingar, é parecer tel-a esquecido quando ella se lembrava.

Ella julgou ter-se enganado e voltou a cabeça. Levantou-se o panno.

Tenho muitas vezes visto Margarida no theatro, nunca lhe vi prestar a menor attenção ao que se representava.

Quanto a mim, o espectáculo interessava-me tambem muito pouco, e só d'ella me occupava, mas de modo que ella o não percebesse.

Vi-a trocar olhares, com a pessoa que occupava o camarote fronteiro; voltei-me para esse camarote, e conheci n'elle uma mulher, com quem tinha muita familiaridade.

Tinha esta mulher sido n'outro tempo o que agora era Margarida, havia feito diligencias por entrar para o theatro, mas não tinha conseguido, e, contando com as suas relações com as elegantes de Paris, tinha-se tornado negocianta, e posto armazem de modas.

Vi logo n'ella meio de me encontrar com Margarida, e aproveitando o momento em que olhava para o lado em que eu me achava disse-lhe adeus, com a mão, e com os olhos.

Aconteceu o que tinha previsto, chamou-me para o sem camarote.

Prudencia Duvernoy, assim se chamava a modista, era uma dessas reverendaças de quarenta annos, com quem não ha precisão de grandes diplomacias para lhe fazer dizer o que se quer saber, sobretudo quando o objecto da nossa curiosidade é tão simples como o que eu lhe tinha a perguntar.

Aproveitei o momento em que recommençava a corresponder-se com Margarida para lhe dizer:

— Para quem estais a olhar?

— Para Margarida Gautier.

— Conheceil-a?

— Conheço ; sou sua modista e ella é minha visinha.

— Então morais na rua d'Anthin ?

— A janella do seu toucador, fica defronte da janella do meu.

— Dizem que é uma menina encantadora.

— Não a conheceis ?

— Não ; mas tinha empenho de conhecê-la.

— Quereis que lhe diga, que venha ao nosso camarote ?

— Não, gostava mais que me apresentasseis.

— Em sua casa ?

— Sim.

— E' mais difficil.

— Porque ?

— Porque é protegida, por um duque velho, muito cioso.

— Não está má protecção.

— Sim protegida, redarguiu Prudencia. Pobre velho, ficaria muito desgostoso vendo seu amante.

Prudencia contou-me então como Margarida havia travado relações com o duque em Bagrières.

— E' por isso que está aqui só ?

— Justamente.

— Mas, quem a reconduzirá ?

— Elle.

— Então elle vem-a buscar ?

— D'aqui a um instante.

— E a vós quem vos reconduz ?

— Ninguem.

— Offereço-me eu.

— Mas vós estaveis com um amigo, penso eu.

— Então offerecemo-nos ambos.

— Quem é o vosso amigo ?

— Um rapaz encantador, muito espiritoso e que ha de estimar muito. travar conhecimento com vosco.

— Bom ! estamos d'acordo, partiremos todos, depois d'esta peça, porque já vi a ultima.

Com muito boa vontade you prevenir o meu amigo.

— Pois ide.

— Ah ! diz-me Prudencia no momento em que ia para sair, eis o duque que entra no camarote de Margarida.

Eu olhei.

Um homem de setenta annos acabava com effeito de se assentar atraz da joven, e de dar-lhe um saquinho de bolos, de que ella tirou alguns sorrindo, depois collocou-o adiante de si fazendo a Prudencia um signal que se poderia traduzir por :

— Quereis ?

— Não, respondeu Prudencia.

A narração de todas estas circumstancias parece criancice, mas tudo o que diz respeito a esta mulher está tão presente á minha memoria que não posso impedir de recordar-me hoje.

Desci a avisar Gastão, do que tinha justo a nosso respeito.

Acceitou logo.

Deixámos os nossos logares para irmos ao camarote de madame de Duvernoy.

Tinhamos apenas sahido da plateia quando fomos obrigados a parar para deixar passar Margarida e o duque que se retirava já.

Daria de bom grado dez annos d'existencia para estar no logar do bom velhote.

Chegando ao boulevard, fez-a assentar n'um carrinho que elle mesmo conduzia e desapareceram ao trote largo de dois soberbos cavallos...

Entramos no camarote de Prudencia.

Quando se acabou a peça, descemos, e mettemo-nos n'um simples fiacre que nos conduziu á rua d'Antin n.º 7. A' porta de sua casa, Prudencia pedio-nos para subirmos, a fim de vermos a sua loja, que nem se quer de nome conheciamos, e de que tanto se vangloriava. Imaginais com que alvoroço accitei.

Parecia-me que me aproximava a pouco e pouco de Margarida. Bem depressa fiz recair a conversação nella.

— O duque está em casa da vossa vizinha, disse a Prudencia.

— Não; é provavel que esteja sósinha.

— Mas, ha-de-se enfastiar horripelmente, diz Gastão.

— Passamos juntas quasi todas as noites, e assim que entra chama-me logo. Nunca se deita antes das duas horas da manhã. Não póde dormir mais cedo.

— Porque?

— Porque é doente do peito, e está quasi sempre com febre.

— Ella não tem amante? perguntei eu.

— Nunca vi ninguem ficar quando me vou embora; mas não posso jurar que não vem ninguem depois de eu ter sahido; encontro muitas vezes em casa della um certo conde de N... que julga adiantar os seus negocios, visitando-a sempre ás onze horas, e enviando-lhe todas as joias que ella apeteça; mas ella não o pode vêr nem mesmo pin-

tado. Não tem razão para isso pois é um rapaz muito rico. Tenho o cuidado de estar-lhe sempre a repetir: Minha filha, é o homem que vos convém! Ella, que quasi sempre me escuta com attenção, volta-me as costas e diz que é muito feio. Que seja feio, convenho, mas isto para ella seria uma posição, em quanto que lá o velhote do duque esse pôde morrer mais tarde, ou mais cedo. Os velhos são egoistas; a sua familia leva-lhe a mal a sua affeição por Margarida, eis duas boas razões para que não lhe deixe nada. Prego-lhe moral, mas responde-me que quando morrer o duque, ainda ha de haver muito tempo de tomar o conde.

— Isto nem sempre é divertido, continuou Prudencia, o viver como ella vive. Bem sei que comigo não seria assim; tel-o-hia já mandado passear. O velho é insipido; tracta-a por filha, acarinha-a como a uma creança, em fim nunca a deixa, parece a sua sombra. Aposto que a esta hora um dos seus creados passeia á roda da casa para ver quem sahe, e ainda mais quem entra.

— Ah! pobre Margarida! diz Gastão sentando-se ao piano e tocando uma valsa, eu não sabia isso. E' verdade, que ha algum tempo, tenho-lhe achado o semblante menos alegre.

— Chiton! diz Prudencia escutando.

Gastão parou.

— Chama por mim, julgo eu.

Escutámos.

— Com effeito uma voz chamava Prudencia.

— Ide-vos, meus senhores ide-vos, nos diz madame Duvernoy.

— Ah! é assim que entendeis a hospitalidade,

diz Gastão rindo, havemo-nos de retirar quando nos parecer.

— Porque nos haviamos de ir embora?

— Vou para casa de Margarida.

— Esperaremos aqui.

— E' impossivel.

— Então iremos comvosco.

— Ainda menos.

— Eu conheço Margarida, diz Gastão, posso ir fazer-lhe uma visita.

— Mas Armand não a conhece.

— Appresental-o-hei.

— Não pode ser.

Ouvimos de novo a voz da Margarida chamar outra vez Prudencia.

Esta correu ao seu camarim. Seguimol-a Gastão e eu. Ella abriu a janella.

Escondemo-nos de maneira que não nos podessem ver de fóra.

— Ha já dez minutos, que estou a chamar-vos, diz Margarida da sua janella, e com voz quazi imperiosa.

— Que quereis?

— Quero que venhais immediatamente.

— Porque?

— Porque o conde de V*** ainda aqui está, e faz-me morrer de enfado.

— Não posso agora.

— Quem vos impede?

— Tenho em minha casa dois rapazes que não querem sahir.

— Dizei-lhe que tendes precisão de sahir.

— Já lhes disse isso.

— Pois bem ! deixai-os sósinhos : quando vierem que sahistes, sahirão tambem.

— Depois de terem mechido em tudo.

— Mas o que pertendem elles ?

— Querem ver-vos.

— Como se chamam ?

— Vós conheceis um delles, Mr. Gastão R***

— Ah ! sim, conheço ; e o outro.

— Mr. Armand Duval. Não o conheceis.

— Não ; mas trouxe-os, gosto de tudo que não seja o conde. Espero-vos, vinde depressa.

Margarida fechou a janella, e Prudencia tambem.

Margarida que se tinha por um instante re-
cordado do meu rosto, tinha-se completamente es-
quecido do meu nome.

Estimava mais ter achado uma lembrança para
mim desvantajosa do que este completo esqueci-
mento.

— Bem sabia, diz Gastão, que ella havia de
ficar encantada de nos ver.

— Encantada, não é a palavra propria respon-
deu Prudencia pondo o chaile e o chapeo, ella re-
cebe-vos para fazer sair o conde. Procurai ser mais
amavel do que elle ; senão, conheço bem Margarida,
zangar-se-ha comigo.

Seguimos Prudencia que descia.

Eu tremia todo ; parecia-me que esta visita ia
ter grande influencia na minha existencia.

Estava ainda mais commovido que na noite da
minha apresentação na Opera-Comica.

Ao chegar á porta do quarto que conheceis,
battia-me o coração tão depressa e de rijo, que ia
perdendo os sentidos.

Alguns sons de piano chegaram até nós.

Prudencia tocou a campainha.

Calou-se o piano.

Uma mulher que antes parecia uma dama de theatro, que uma creada de quarto, veio abrir-nos a porta.

Passámos para a sala, e da sala para o camarim, que nessa época era o mesmo que depois vistes.

Um homem estava encostado ao fogão.

Margarida assentada ao piano, deixava correr os dedos por cima das teclas, e começava bocados de muzica que não acabava.

O aspecto desta scena era o enfado, resultante, para o homem do embarasso de sua nullidade, para a mulher, da visita dessa personagem lugubre.

A' voz de Prudencia, levantou-se Margarida, e vindo direita a nós, depois de ter lançado um olhar de gratidão a M.^{me} Duvernoy, nos disse :

— Entrai, senhores, e sede bem vindos a esta vossa casa.

IX.

Boas noites, querido Gastão, diz Margarida ao meu companheiro, estimo muito ver-vos. Porque não entrastes esta noite no meu camarote nas Variedades?

— Temia ser indiscreto.

— Os amigos, e Margarida assentou esta palavra, como para dar a entender aos que a rodeavam, que apesar do modo familiar com que o recebia, Gastão não era, nem tinha jámais sido para ella, senão um amigo; os amigos nunca são indiscretos.

— Então permittis-me que vos apresente o meu amigo Armand Duval?

— Já tinha auctorisado Prudencia para m'o appresentar.

— Além disso, senhora, disse eu inclinandome, e conseguindo serenar um pouco a minha voz; já tive a honra de vos ser apresentado.

Os olhos encantadores de Margarida, pareciam querer procurar-me entre as suas recordações, mas não conseguiram recordar-se, ou pareceu não se recordar.

— Senhora, tornei-lhe então, agradeço-vos o ter esquecido essa primeira apresentação, porque na verdade cahi no ridiculo, e devia ter-vos parecido muito tedioso. Foi ha dois annos, na Opera-Comica, estava com Ernesto de***

— Ah! já me recordo! tornou Margarida sorrindo. Não ereis vós, que estaveis ridiculo, era eu que estava impertinente e ainda o estou alguma coisa, mas menos do que então. Mas já me perdoastes, não é assim?

E estendeu-me a mão que beijei.

— E' verdade, continuou ella. Imaginai, que tenho o mau costume de querer enlear as pessoas que vejo pela primeira vez. E' uma grande asneira. O meu medico diz, que é porque sou nervosa, e estou sempre a soffrer; acreditai no meu medico.

— Mas vós pareceis muito saudavel.

— Oh! estive muito doente.

— Bem sei.

— Quem vol-o disse.

— Todos o sabiam. Vim muitas vezes saber

da vossa saude, e foi com muita satisfação que soube da vossa convalescença.

— Nunca me entregaram o vosso bilhete.

— E' porque nunca o deixei.

— Serieis vós um mancebo que vinha todos os dias informar-se de mim em quanto estive doente, e que nunca quiz dizer o seu nome?

— Era eu mesmo.

— Então, sois mais que indulgente, sois generoso. Conde, vós não ereis capaz disso, ajuntou ella dirigindo-se ao sr. de N*** depois de me ter lançado um desses olhares, com que as mulheres completam a sua opinião sobre um homem.

— Eu só vos conheço, ha dois mezes redarguiu o conde.

— E este senhor só me conhece ha cinco minutos. Bem se vê, que não dizeis senão parvoices.

As mulheres são implacaveis para com pessoas que não amam.

O conde corou, e mordeu os beiços de raiva.

Tive dó d'elle, porque parecia apaixonado como eu, e a dura franqueza de Margarida devia fazel-o soffrer muito, principalmente diante de pessoas estranhas.

— Tocaveis quando entramos, disse eu para mudar de conversa, far-me-hieis o obzequio de me tractar como um antigo conhecimento, continuais?

— Oh! disse ella sentando-se n'um sophá, e fazendo-nos signal, para que nos sentassemos nelle tambem, Gastão sabe bem que qualidade de musica eu toco. Isso é bom para quando estou só com o conde, mas não quereria fazer-vos soffrer tal supplicio.

— Tendes então essa preferencia para mim? tornou o sr. de N*** com um sorriso que quiz tornar fino e ironico.

— Não me deveis arguir disso porque é a unica.

Estava decidido que este pobre rapaz não fallaria mais. Lançou á joven um olhar, verdadeiramente supplicante.

— Dizei-me uma coisa Prudencia, continuou Margarida, fizeste o que vos tinha pedido?

— Sim.

— Bom, contar-me-heis isso mais tarde. Temos que conversar, não vos retireis sem fallardes primeiro comigo.

— Sem duvida, somos indiscretos, disse eu então, e agora que obtivemos, quero dizer que obtive a fortuna de uma segunda appresentação para fazer esquecer a primeira, vamos retirar-nos, eu e Gastão.

— Não; não era por vós, que eu dizia isto. Pelo contrario desejo muito que vos demoreis aqui.

— O conde puchou por um relógio muito elegante vio as horas, e disse:

— São horas de ir para o club. Margarida não respondeu.

O conde deixou então o fogão, e vindo direito a ella disse.

— Adeus, minha senhora.

Margarida levantou-se.

— Adeus, meu querido conde já nos deixais?

E' verdade; receio muito enfadar-vos.

— Não me enfadais hoje mais do que nos outros dias, quando nos tornaremos a vêr?

— Quando o permittirdes.

— Então, adeus! Era cruel, confessal-o-heis?

O conde tinha felizmente uma boa educação e excellente natural. Contentou-se com heijar a mão, que Margarida lhe estendia como por demais, e sair depois de nos ter saudado.

No momento em que franqueava o limiar da porta olhou para Prudencia.

Esta encolheu os hombros com um modo que significava.

— Que quereis? tenho feito tudo o que podia.

— Nanine! gritou Margarida, alumia ao sr. conde.

Ouvimos abrir e fechar a porta.

— Emfim! exclamou Margarida tornando a apparecer, sempre se foi; este rapaz ataca-me horriavelmente os nervos.

— Minha filha, diz Prudencia, sois realmente de una crueldade extraordinaria para elle, que tão bom é e que procura querer advinhar os vossos pensamentos. Aqui está ainda sobre o fogão um relógio que vos dá, e que estou certa, que pelo menos lhe custou mil escudos.

E M.^{me} Duvernoy, que se tinha chegado ao fogão, entrou a brincar com a joia de que fallava, e lançava-lhe olhares ardentes de cubiça.

— Pois minha querida, diz Margarida sentando-se ao piano, quando peso de um lado o que elle me dá e da outra o que me diz, acho que ainda lhe vendo as visitas baratas.

— Esse pobre rapaz está apaixonado por vós.

— Se fosse necessario escutar todos aquelles que se dizem apaixonados por mim, nem sequer teria tempo de jantar.

E ella correu pelo piano os seus lindos dedos, depois voltando-se para nós disse :

— Tomais alguma coisa ? eu, beberia uma gôta de ponche.

— E eu, comeria um bocadinho de frango, diz Prudencia, se ceassemos.

— E' verdade, vamos cear, diz Gastão.

— Não ceamos aqui. Tocou, Nanine, appareceu.

— Manda buscar de cear.

— O que manda buscar ?

— O que quizeres, mas depressa, depressa.

Nanine sahio.

— Ainda bem, diz Margarida saltando como uma creança, vamos cear. Esse conde inbecil é bem aborrecido !

Quanto mais via esta mulher, mais me encantava d'ella. Era arrebatadora. Mesmo a sua magreza era mais uma graça.

Eu estava em contemplação.

Mal poderia explicar o que então em mim se passava. Era todo indulgencia para a sua vida, todo admiração para a sua belleza. Essa prova de desinteresse, que dava não accetando um mancebo, elegante e rico, decidido a arruinar-se por ella, perdoava, a meu ver, todas as suas faltas passadas.

Havia nesta mulher alguma coisa que se similhava á candura.

Bem se via que ainda se achava na virgindade do vicio, andar gracioso, o corpo flexivel, os grandes olhos ligeiramente cercados de azul denotavam nella um desses naturaes ardentes, que espargem ao redor de si o perfume do deleite, como esses frasquinhos, que vem do Oriente, que por

mais bem tapados que venham deixam escapar o perfume da essencia que em si conteem.

Finalmente, quer fosse natureza, quer consequencia do seu estado valetudinario passava-lhe de tempos a tempos pelos olhos raios de desejos, cuja expansão teria sido uma revelação para o homem que ella amasse. Mas os que haviam amado Margarida, já não tinham conta, e os que ella havia amado, ainda não se poderião contar.

Depressa se conhecia nesta rapariga, a donzella, que um quasi nada tinha prostituido, e a prostituida que outro nada teria tornado na donzella mais amante e mais pura.

Margarida ainda era altiva e independente, sentimentos estes que uma vez offendidos, poderiam fazer o que faz o pudor. Eu não dizia nada a minha alma, parecia ter-se-me refugiado no coração, e o coração nos olhos.

— É' verdade, creis vós, disse ella de repente, que vinheis saber de mim quando estava doente?

— Sim, era eu.

— Isso era maravilhoso! E que posso eu fazer para vos agradecer?

— Permittir-me de vir de tempos a tempos visitar-vos.

— Quando quizerdes, das cinco ás seis, e das onze á meia noite. Gastão, tocai-me o convite á valsa.

— Para que?

— Para me dardes esse prazer em primeiro logar; e depois porque não posso chegar a tocal-a sósinha.

— Que é que vos impede?

— A terceira parte, a passagem em diésis.

Gastão levantou-se chegou-se ao piano, e começou essa maravilhosa melodia de Weber cuja musica estava aberta sobre a estante.

Margarida, com uma das mãos apoiada no piano, olhava para o caderno, e seguia com os olhos cada nota que acompanhava em voz baixa: e quando Gastão chegou á passagem indicada, cantarolou, tamborilando com os dedos na tampa do piano.

— Eis o que nunca posso conseguir. Tornai a começar.

Gastão recommçou, depois disse-lhe Margarida:

— Agora, deixai-me experimentar.

Tomou o seu lugar, e tocou, mas os seus dedos rebeldes, sempre se enganavam n'alguma das notas que acabamos de dizer.

— E' incrível, diz ella com verdadeira intocção de criança, não poder eu chegar a tocar esta passagem! Acreditareis que estou algumas vezes duas horas a batalhar com isto! E quando penso que esse imbecil, esse conde toca-a sem musica, e perfeitamente, penso que é por isso que eu me torno furiosa contra elle

Tornou-a a começar umas poucas de vezes e sempre com o mesmo resultado.

— Leve o diabo Weber, a musica, e os pianos, disse ella atirando com o caderno até ao fim do quarto.

Crusou os braços, olhando para nós, e batendo o pé.

Subio-lhe o sangue ao rosto, e uma tesse ligeira lhe assomou aos labios.

— Deixamo-nos agora disso, disse Prudencia

que tinha tirado o chapéu e estava a alisar os *bandós* diante do espelho, ide-vos encolerisar outra vez, e isso faz-vos mal, bem o sabeis; vamos cear, que é muito melhor; estou a morrer de fome.

Margarida chamou de novo, sentou-se ao piano e começou em voz baixa, uma cantiga libertina, em cujo acompanhamento não se enganou desta vez.

Gastão sabia a cantiga, e fizeram uma especie de dueto.

— Não canteis assim, disse eu familiarmente a Margarida, e com tom de supplica.

— Oh! como sois casto! disse-me ella estendendo-me a mão.

— Não é por mim, é por vós.

Margarida fez-me um gesto que queria dizer: oh! ha já muito tempo que acabei com a castidade.

Neste instante appareceu Nanine.

— A ceia está prompta? perguntou Margarida.

— Sim senhora, não tarda nada.

— A proposito, disse-me Prudencia, ainda não vistes o quarto, vinde que vol-o mostro.

Bem sabeis que a sala era uma maravilha.

Margarida acompanhou-nos por um pouco, depois chamou Gastão, e passaram á casa de jantar para vêr se a ceia estava prompta.

— Esperai, diz Prudencia, olhando para uma mesa, e pegando n'um bonequinho de Saxe, não conhecia cá este João-Fernandes!

— O que é?

— Um pastorinho que tem uma gaiola com um passaro bem bonito.

— Ficai com elle se vos agrada.

— Ah! mas receio privar-vos delle.

— Eu queria dal-o á criada, porque o acho desengraçado; mas visto que vos agrada, ficai antes com elle.

Prudencia só via o presente, e não a maneira por que era feito. Poz o seu João-Fernandes de parte, e levou-me ao camarim, onde mostrando-me duas miniaturas que estavam em symetria me disse:

— E' o conde de G. . . que estava muito apaixonado por Margarida, foi elle que a encaminhou. Conheceil-o?

— Não. E este? perguntei eu mostrando a outra miniatura.

E' o viscondesinho de L. . . vio-se obrigado a partir.

— Porque?

— Porque está quasi arruinado de todo. Era um bello rapaz que amava Margarida.

— E ella amava-o muito, sem duvida.

— E' uma rapariga muito exquisita, nunca se póde saber quando está satisfeita. Esteve no theatro, segundo o seu costume, na noite do dia em que elle partio, comtudo ella tinha chorado no instante da partida.

Neste momento appareceu Nanine, para nos avisar de que a ceia estava na mesa.

Quando entramos na casa de jantar, achava-se Margarida encostada á parede, e Gastão pegando-lhe nas mãos fallava-lhe devagarinho.

— Estais doido, respondia-lhe Margarida, bem sabeis que não quero nada de vós. Não é no fim de dois annos d'intimidade com uma mulher como eu, que se lhe pede para ser seu amaute. Nós cá entregamo-nos ou logo, ou nunca. Vamos para a mesa.

Escapando-se das mãos de Gastão. Margarida fel-o assentar á sua direita, e a mim á esquerda, depois disse a Nanine.

— Antes de te sentares, recommenda que se ouvirem tocar não abram.

Esta recommendação era feita á uma hora da madrugada.

Rio-se, bebeu-se e coineu-se bastante nesta ceia. No fim d'alguns instantes, a alegria tinha descido até os seus ultimos limites, e as palavras, que certa qualidade de pessoas acham divertidas e que sujam a boca das que as pronunciam, se pronunciaram com grandes festas de Nanine, de Prudencia, e de Margarida. Gastão divertia-se francamente; era um rapaz de excellente coração, mas cujo espirito se tinha corrompido pelos primeiros habitos. Por um momento quiz-me aturdir, quiz tornar o coração e a alma indifferentes ao espectaculo que tinha debaixo dos olhos, e tomar tambem parte n'essa alegria que parecia ser um dos pratos da ceia, mas a pouco e pouco tinha-me isolado deste ruido, o meu copo havia ficado cheio, e tinha-me tornado melancolico vendo esta mulher bella, de vinte annos, beber, e fallar como um moço de fretes, e rir tanto mais quanto o que se dizia era mais escandaloso.

Comtudo esta alegria que nos outros me parecia o resultado da devassidão, do costume, ou da força, nella parecia-me uma necessidade de esquecimento, um delirio, uma irritabilidade nervosa. A cada copo de vinho de Champagne que bebia, cobriam-se-lhe as faces de uma vermelhidão de febre, e uma tossesinha ligeira no principio da ceia,

linha-se tornado para o fim tão forte, que a obrigava a encostar a cabeça nas costas da cadeira, e a comprimir o peito com as mãos, todas as vezes que tossia.

Eu soffria com o mal que deveria fazer a essa organização fragil estes excessos de todos os dias.

A final, chegou uma coisa, que tinha previsto, e que receava. Para o fim da ceia Margarida teve um ataque de tosse mais forte de que todos os outros. Parecia que o peito se despedaçava interiormente.

A pobresinha fez-se roxa, fechou os olhos com ardor, levou á bocca o guardanapo, que veio tinto de sangue. Então, levantou-se e correu para a camara.

— O que tem Margarida? perguntou Gastão.

— O que tem, rio muito, e deita sangue pela bocca, diz Prudencia. Oh! não hade ser nada, isso acontece-lhe todos os dias. Já volta. Deixemola só, ella estima mais isso.

Quanto a mim não me pude conter, e com grande pasmo de Prudencia e Nanine, que me chamavam, fui ter com Margarida.

X.

A camara para onde ella se tinha refugiado apenas estava allumiada por uma unica véla posta em cima da mesa, Atirára consigo para um canapé, com o vestido amarrotado, uma das mãos sobre o coração e a outra descahida. Na mesa havia uma bacia de mãos, de prata, meia d'agua; a agua estava marmoreada de raios de sangue.

Margarida, muito pallida e com a bocca entre-aberta fazia esforços para tomar o ar. Algumas vezes intumescendo o peito, exhalava um prolongado suspiro, que parecia allivia-la um pouco, e a deixava por alguns segundos n'um sentimento de certa satisfação.

Aproximei-me della : não fez movimento algum ; assentei-me a seu lado, e tomei-lhe a mão que se reclinava no canapé.

— Ah ! sois vós ? me disse com um sorriso nos labios.

Parece que eu estava com o semblante transformado, porque accrescentou :

— Tambem estais doente ?

— Não, porem dizci-me, ainda padeceis muito ?

— Muito pouco, e limpou com um lenço as lagrimas que a fosse lhe tinha feito assomar aos olhos ; presentemente estou acostumada a isto.

— Mas senhora, isso mata-vos, lhe tornei eu com a voz commovida ; desejava ser vosso amigo, vosso parente, para vos não deixar adoecer assim.

— Ah ! não é coisa que valha a pena de vos assustardes, me respondeu Margarida com alguma indiferença, vêde se os outros se importam comigo ; é por que sabem que não ha remedio contra este padecimento.

Depois, levantou-se, e pegando no castiçal foi pô-lo no fogão e vio-se ao espelho.

— Como estou descorada disse concertando o o vestido, e passando os dedos pelos cabellos que estavam despenteados. Adiante ! vamos sentar-nos outra vez á mesa. Vindes ?

Eu estava assentado, e não mechia comigo.

Julgou apenas que me tinha feito aquella scena, pois se achegou para mim, dando-me a mão, e dizendo assim :

— Então, vinde d'ahi ?

Peguei-lhe na mão, e levei-a aos labios, molhando-lha, sem querer, com duas lagrimas reprimidas por muito tempo.

— Ora ! mas isso é ser creança, disse sentando-se outra vez junto de mim ; está a chorar ! Que tendes ?

— Parece-vos uma piéguice, não é assim ? mas o que acabo de vêr fez-me um mal terrivel.

— Que bondade ! Então que quereis ! não posso dormir, é preciso distrair-me. E depois, mulheres como eu, uma de mais ou uma de menos, que importa ? Os medicos dizem-me que o sangue que cuspo vem dos bronchios ; finjo acreditar-os é o mais que lhes posso fazer.

— Ouvi, Margarida, disse eu então com uma expansão que não poude conter, não sei que influencia deveis ter na minha vida, mas o que sei, é que a estas horas, não ha ninguem, nem mesmo minha irmã, por quem eu me interesse mais como por vós.

E assim tem sido sempre, desde que vos vi. Ora bem, em nome do ceu, tratai de vós, e não continueis a viver assim.

— Se tratasse de mim, morria. O que me sustenta, é a vida febril que levo. E de mais ; tratar de si, é bom para as mulheres que tem familia e amigos ; mas nós, desde que não podemos servir á vaidade, ou ao prazer dos nossos amantes, abandonam-nos, e longas noites vem succeder a longos, ainda mais longos dias. Bem o sei, ora vêde, estive

dois mezes de cama; no fim de tres semanas, ninguem já me vinha vêr.

— E' verdade que eu não vos sou nada, continuei eu, mas se quizerdes, tratarei de vós como um irmão, não vos deixarei um só momento e ficareis boa. Então, quando tiverdes forças, voltaeis de novo á vida que ao presente levais, se vos agradar; mas, estou certo de que antes preferireis uma existencia tranquilla que vos ha-de fazer mais feliz, conservando-vos a formosura.

— Pensais assim esta noite, porque o vinho vos deu para tristezas, mas não tereis de certo essa paciencia de que tanto vos prezais.

— Permitti-me dizer-vos, Margarida, que estivestes doente dois mezes, e que em quanto vos durou a doença vim aqui todos os dias saber da vossa saude

— E' verdade; mas porque não subieis?

— Porque então não vos conhecia.

— Então com uma rapariga da minha qualidade tambem ha ceremonias?

— Ceremonias sempre ha com uma mulher; pelos menos, é o meu modo de pensar.

— Então havieis de tratar de mim?

— De certo.

— E até todas as noites?

— Todo o tempo que vos não aborrecesse.

— E como chamais a isso?

— Dedicção.

— E' d'onde vem essa dedicção?

— D'uma sympathia irresistivel que sinto para vós.

— Então estais namorado de mim? mais vale dizel-o d'uma vez, é muito mais simples.

E' possível mas se devo dizer-vol-o um dia, não é hoje.

— Melhor farcis se m'ò não disserdes nunca.

— Porque?

— Porque dessa declaração não podem resultar senão duas cousas.

— Quaes são?

— Ou vos não acceito, e então ficais mal comigo; ou vos acceito, e então tereis uma triste amante; uma mulher nervosa, doente, triste, ou alegre com uma alegria ainda mais triste que a tristeza, uma mulher que deita sangue pela boca e que gasta cem mil francos por anno, é bom para um ricasso velho como o duque, mas é bem aborrecida para um moço como vós, e a prova é que todos os amantes moços que tenho lido, em pouco tempo se separaram de mim.

Eu não respondia coisa alguma; ouvia só. Esta franqueza que tocava quasi as raiz da confissão, esta vida dolorosa que eu entrevia sob o veu dourado que a acubertava, e a cuja realidade a pobre rapariga tentava fugir no seio da devassidão da embriaguez e da insomnia, tudo isto me impressionava de tal forma, que não atinava com uma palavra que lhe respondesse.

— Ora vamos, continuou Margarida, estamos para aqui a dizer creancices. Dai-me a mão, e entremos na casa de jantar. Não saberão já o que a nossa ausencia quer dizer.

— Tornai entrar, se vos pede a vontade, mas eu peço-vos licença para ficar aqui.

— Porque?

— Porque a vossa alegria me faz muitissimo mal.

— Então, nesse caso, estarei triste.

— Esperai, Margarida, deixai-me dizer-vos uma coisa, que naturalmente vos têm mil vezes sido repetida, e que pelo costume de a ouvirdes talvez a não possais acreditar, mas que nem por isso é menos real, e que talvez vos não torne nunca a repetir.

— O que é?... disse ella com o sorriso que mostram as mãis ainda jovens quando esperam ouvir uma loucura do filhinho.

— E' que desde que vos vi não sei como, nem porque, tendes tomado um logar na minha vida; é que por mais que eu faça para afastar a vossa imagem do meu pensamento, ella volta sempre! é que hoje quando vos encontrei, depois de ter estado dois annos sem vos ver, firmastes no meu coração e no meu espirito um ascendente ainda maior; é que em fim, agora que me recebestes, que eu vos conheço, que eu sei tudo quanto em vós ha de extraordinario, sois indispensavel para a minha existencia, e enlouquecerei, não sómente se me não amardes, mas até se não consentis que eu vos ame!

— Porém, infeliz, dir-vos-hei o que dizia M.^{me} D*** sois muito rico! mas não sabeis que despendo seis ou sete mil francos por mez, e que esta despeza se me tem tornado necessaria para a minha existencia; não sabeis, meu pobre amigo, que em dois dias vos arruinaria, e que a vossa familia vos censuraria, quando soubesse que vivieis com uma creatura como eu. Amai-me embora, mas como bom amigo, d'outro modo, não penseis em tal. Vinde ver-me, riremos, conversaremos, mas não exagereis os meus merecimentos, porque realmente não valho muito.

Tendes bom coração, tendes precisão de ser amado, sois ainda muito moço, tendes demasiada sensibilidade para viver nesta nossa atmosphera. Escolhei uma mulher casada. Bem vêdes que sou boa rapariga, e que vos fallo com toda a franqueza.

— Olé! que diabo fazeis ahí dentro? gritou Prudencia, a quem não tinhamos sentido os passos, e que apparecia á porta meia despenteada, e com o vestido em desalinho. Conheci naquella desordem a mão de Gastão.

— Estamos com proposito, disse Margarida, deixai-nos agora por um bocadinho, lá vamos já.

— Pois sim, pois sim, conversem minhas joias, disse Prudencia voltando para fóra, e fechando a porta, como para confirmar a inflexão com que pronunciára as ultimas palavras.

— Assim, fica ajustado, continuou Margarida quando ficámos outra vez sós, não me amareis mais.

— Ir-me-hei.

— Chega a esse ponto!

Tinha eu avançado muito para retrugadar, e alem disso, aquella rapariga perturbava-me a cabeça. Aquelle mixto de alegria, tristeza, candura, e prostituição; até essa doença que lhe devia desenvolver tanto a sensibilidade de impressões, como a irritabilidade dos nervos, tudo me fazia comprehender, que se desde a primeira vez não tomasse imperio nessa natureza descuidada e ligeira, estava perdida para mim.

— Então, sempre fallais serio? me disse Margarida.

— Muito serio.

— Mas porque não me havieis dito isso mais cedo?

— E quando o havia de ter dito?

— No dia seguinte á noite em que me fostes apresentado na Opera Comica.

— Julgo que me havieis de ter recebido muito mal, se vos tivesse vindo ver.

— E porque?

— Porque na vespera tinha estado estúpido.

— Lá isso é verdade. Mas já desde então me amaveis?

— Já sim.

— O que vos não privou de vos irdes depois deitar, e dormir com toda a paz de espirito depois do espectáculo. Já sabemos o que são esses amores fabulosos.

— Ora ahi está! enganai-vos completamente. Sabeis o que eu fiz na noite da Opera-Comica?

— Não por certo.

— Esperei-vos á porta do café inglez. Segui a carruagem em que ieis; tanto vós como os vossos tres amigos, é quando vi que vos apeaveis sósinha á vossa porta, e que sósinha entraveis, não fazeis idéa do quanto me julguei feliz.

Margarida poz-se a rir.

— De que vos rides?

— Essa é boa! de nada.

— Não, de alguma coisa hade ser dizei-mo, peço-vol-o eu, senão, acredito que estais zombando comigo.

— Não vos haveis de agastar?

— E com que direito me havia de agastar com-vosco?

— Então bem ; havia uma razão forte para eu entrar só.

— Qual é ?

— E' porque estava aqui alguém a minha espera.

So me tivessem dado uma punhalada, não me teria doído mais. Levantei-me, e dei-lhe a mão a apertar.

— Adeus.

— Ora, bem me estava a dizer o coração que vos haveis de agastar, me disse ella. Os homens desejam sempre saber o que lhes ha de por força causar desgosto.

— Porém affirmo-vos, respondi-lhe eu com frieza, como se lhe quizesse provar que estava curado para sempre da minha paixão, affirmo-vos, que não me dá isso o menor cuidado. Era tão natural esperar-vos alguém, como é natural retirar-me eu ás tres horas da madrugada.

— Tendes tambem em casa alguém á vossa espera ?

— Não ; mas preciso sair.

— Então, adeus.

— Pondez-me fora ?

— De forma alguma.

— Porque me magoais ?

— Que mágoa vos causei ?

— A de dizer que alguém vos esperava.

— Ora, não me pude suster de que me não desse vontade de rir com a lembrança de que tinheis sido feliz por me verdes entrar só, quando havia razão tão forte para isso.

— Quando cada um concebe uma alegria pu-

eril, é maldade destruir essa alegria, quando, deixando-lh'a subsistir, se póde tornar mais feliz o que a sente.

— Mas, ora dizei-me cá meu amigo, com quem cuidais estar tratando? Eu não sou nem uma virgem, nem uma duqueza. Apenas vos conheço de hoje, e não vos devo dar conta das minhas acções. Admittindo mesmo que um dia venha a ser vossa amante, cumpre saberdes que tenho tido outros amantes sem serdes vós. Se já antes de vos pertencer estais com scenas de ciumes, o que será depois, se porventura esse depois existir! Nunca vi um homem semelhante.

— E' que ninguem vos amou nunca como eu vos amo!

— Ora vamos, com toda a franqueza, então sempre me amais muito?

— O mais que é possível amar, penso eu.

— E dura isso desde...?

— Desde um dia que vos vi apear de um *caleche* e entrar em casa de Susse, ha tres annos.

— E' galante! ? Pois bem! que é preciso que faça para pagar esse grande amor?

— Amar-me tambem, por pouco que seja, disse eu com um palpitar de coração que me embargava quasi a voz; porque, apesar dos sorrisos de escarneo com que tinha acompanhado toda aquella conversação, parecia-me que Margarida. começava a sentir tambem parte da minha agitação, e que se ia aproximando o momento desejado ha tanto tempo.

— Então! e o duque?

— Qual duque?

— O meu velho ciumento.

— Não o saberá.

— E se o souber?

— Perdôa-vos.

— Ai não! abandona-me, e que será de mim?

— Arriscais perder esse, mas ficará outro.

— Como sabeis?

— Pela rocommendação que fizestes esta noute de não deixar entrar ninguém.

— E' verdade, mas aquelle é um amigo serio.

— Com quem vos não importa, pois o que quer dizer vedar-lhe a entrada a semelhante hora!

— Não era de vós que devia partir a queixa, pois foi para vos receber a ambos, tanto a vós, como ao vosso amigo.

A pouco e pouco me tinha ido aproximando de Margarida, enlaçára-lhe as mãos em roda da cintura, e sentia aquelle corpo flexivel pesar-me levemente entre as minhas mãos juntas.

— Oh! se soubesseis quanto vos amo? lhe disse devagarinho.

— Sério?

— Juro-o.

— Está bom! se me prometteis fazer todas as minhas vontades sem dizer uma palavra, sem me fazerdes uma observação, sem me interrogardes, talvez vos ame.

— Farei tudo o que quizerdes!

— Mas desde já vos previno, quero ter a liberdade de fazer o que me parecer, sem vos dar satisfações. Ha muito tempo que procuro um amante joven, sem vontade, amando sem desconfiança amado sem direitos. Até hoje ainda me não foi possível encontrar um. Os homens, em logar de se con-

tentarem com o conceder-se-lhes por muito tempo, o que apenas esperariam obter uma vez, pedem á amante contas do presente, do passado, e até do futuro. Ao passo que se vão acostumando com ellas, querem dominal-as, e tornam-se tanto mais exigentes, quanto mais se lhes dá o que elles desejam.

Se me decidir a tomar agora novo amante, quero que elle tenha tres qualidades bem raras, a saber confiança, submissão e discrição.

— Está bom, serei tudo o que quizerdes.

— Veremos.

— Mas quando?

— Mais tarde.

— Porque?

— Porque, diz Margarida soltan-se-me dos braços, e tirando d'um grande ramalhete de camelias vermelhas trazido aquella manhã, uma camelia que me poz na casa da casaca, porque nem sempre se podem executar os tratados no proprio dia em que se assignam.

Facil era de comprehender.

— E quando vos tornarei a vêr? lhe disse eu apertando-a nos braços.

— Quando essa camelia mudar de côr.

— E quando ha ella de mudar de côr?

— A' manhã das onze horas para a meia noite.

Agrada-vos.

— Ainda m'o pergunta?

— Nem uma palavra de quanto aqui se passou, nem ao vosso amigo, nem a Prudencia, nem a ninguem.

— Está promettido.

— Agora um beijo, e vamos para a casa de jantar.

Apresentou-me os labios, alisou de novo o cabello, e saímos daquella camara, ella a cantar e eu meio louco.

Na sala, disse-me baixinho, e parando:

— Deve parecer-vos estranho que me mostre assim prompta a acceitar-vos de repente; sabeis donde isto procede?

Procede, continuou Margarida tomando-me uma das mãos e levando-a ao coração, cujas pal-pitações violentas e repetidas senti, procede isto de que tendo eu de viver menos tempo que as mais, tenho tenção de viver mais depressa!

— Oh! não me falleis assim, por quem sois.

— Consolai-vos, tornou ella a rir. Por menos tempo que eu viva, ainda assim viverei mais tempo que o vosso amor.

E entrou a cantar na casa de jantar.

— Onde está Nanine? disse ella vendo Gastão e Prudencia sós.

— Está alli a dormir naquelle quarto, em quanto vos não ides deitar, respondeu Prudencia.

— Coitada! Mato-a por minhas mãos! então, senhores, são horas, retirai-vos.

Dez minutos depois saímos ambos, Gastão e eu, Margarida apertava-me a mão, dizendo-me adeus, e ficou com Prudencia.

— Então? perguntou-me Gastão já na rua, que dizeis de Margarida?

— Que é um anjo, e que estou louco de amores por ella.

— Bem me queria parecer, dissestes-lhe isso?

- Sim disse.
- Prometteu acreditar-vos?
- Não.
- Não é como Prudencia.
- Prometteu-vos?
- Fez melhor, meu amigo! Quem tal diria? Aquella gorducha da Duvernoy, ainda é menos má!

XI.

Neste ponto da narração, parou Armand.

— Tendes a bondade de fechar a janella, entro a sentir frio. Entretanto, vou-me deitar.

Fechei a janella. Armand que ainda estava muito fraco, tirou o chambre e metteu-se na cama, deixando repousar alguns instantes a cabeça no travesseiro, como um homem fatigado de correr muito, ou agitado por penosas recordações.

— Parece-me que tendes talvez fallado em demasia; quereis que me vá embora, para vos deixar dormir? Outro dia me acabareis de contar essa historia.

— Achais que vos aborrece, não é verdade?

— Pelo contrario.

— Então, vou continuar; se me deixais só, não durmo.

— Quando tornei a casa, continuou elle sem se demorar a colligir as idéas, tão presentes lhe estavam no pensamento todas aquellas circumstancias, não me deitei; entrei a reflectir na aventura daquelle dia. O encontro, a apresentação, o ajuste que Margarida fez comigo, tudo havia sido tão rapido, tão inesperado, que por momentos me pare-

cia estar sonhando. Entretanto não era a primeira vez que uma rapariga como Margarida se prometia a um homem para o dia seguinte áquelle em que se lhe pedia semelhante concessão.

Por mais que fizesse, esta reflexão, tão forte fôra a sua primeira impressão que sobre mim tinha produzido a minha futura amante, ainda existia como de principio. Obstinava-me pois a não ver nella uma rapariga semelhante ás outras do mesmo jaez, e com a vaidade tão commum a todos os homens, sentia-me disposto a acreditar que ella participava invencivelmente para mim da mesma atracção que para ella me arrastava.

Comtudo, bem contradictorios exemplos tinha diante dos olhos, e muitas vezes ouvira dizer que o amor de Margarida tinha passado ao estado d'um genero mais ou menos caro segundo a estação.

Mas, por outra parte, como era possivel conciliar aquella reputação com as continuas recusas feitas ao joven conde com quem nos linhamos lá encontrado? Talvez me direis que lhe desagradava, e que, sendo esplendidamente sustentada pelo duque, no caso de tomar outro amante, então queria-o a seu gosto. Mas sendo assim, porque não gostava de Gastão, amavel, espirituoso rico, e parecia agradar-se de mim, que tão ridiculo me tinha achado a primeira vez que me tinha visto?

E' verdade que ha incidentes d'um minuto, que fazem mais que um anno d'assiduidade.

Dos que se achavam á ceia, fui eu o unico a quem deu cuidado ter-se ella levantado da meza. Tinha-a acompanhado, sensibilizei-me a ponto de lh'o não poder occultar, quando lhe beijei a mão,

chorei. Essa circumstancia, reunida ás minhas visitas quotidianas durante os dois mezes que ella esteve doente, tinha podido fazer-lhe ver em mim um homem differente do que até alli conhecera, e talvez pensasse que muito podia fazer por um amor assim expressado, o que tinha feito tantas vezes, que já não podia receiar especie alguma de consequencias.

Ora todas estas supposições, como o estais vendo, eram verosimeis; mas, fosse qual fosse a razão do seu consentimento, o grande caso, o que era dubitavel, é que tinha consentido.

E eu, estava verdadeiramente enamorado de Margarida, ia possuil-a, que mais podia desejar? Contudo, ainda o repito, ainda que Margarida era o que nós sabemos, de tal sorte havia feito desse amor um amor sem esperanza, talvez para o poetisar, que, quanto mais se aproximava o momento em que nem mesmo precisão de esperar teria, tanto mais duvidava.

Não cerrei os olhos em toda a noite.

Não cabia em mim de contente. Estava meio louco. Ora me não achava sufficientemente bello, nem bastante rico, nem assaz elegante para possuir tal mulher, ora me sentia cheio de vaidade com a lembrança de similhante posse; depois entrava a temer não livesse apenas Margarida por mim um capricho d'alguns dias, e pressentindo a desgraça d'um breve rompimento, dizia entre mim, que talvez fizesse melhor se não fosse á noite a sua casa, e se me despedisse escrevendo-lhe quaes os meus receios. Dalli passava a esperanças sem limites, e a uma confiança interminavel. Sonhava com futuros

incriveis ; imaginava que aquella rapariga me deveria a sua cura physica e moral, que havia de passar toda a minha vida com ella, e que o seu amor me faria mais venturoso que os mais virginaes amores.

Finalmente, não era possivel repetir-vos os mil pensamentos que me subiam do coração à cabeça, e que a pouco e pouco se apagaram no somno que sobre manhã me dominou.

Quando acordei eram duas horas. O tempo estava magnifico. Nunca me lembra ter encarado a vida debaixo de mais bello aspecto. As recordações da vespera se me representavam ao espirito sem sombras, sem obstaculos e alegremente acompanhadas pelas esperanças dessa noite. Vesti-me á pressa. Sentia-me contente, e capaz de praticar as melhores accções. De tempos a tempos palpitava-me o coração de alegria e d'amor dentro do peito. Agitava-me uma dôce febre. Já me não davam cuidado as razões que me haviam preocupado antes de adormecer, só via diante de mim o resultado, não pensava senão na hora em que havia de tornar a ver Margarida.

Não me foi possivel ficar em casa. O meu quarto parecia-me muito pequeno para conter a minha felicidade ; precisava de toda a natureza para dilatar coração.

Saí a passeio.

Passei pela rua d'Antin. O *coupé* de Margarida, estava-a esperando á porta ; tomei para o lado dos *Campos-Elysiós*. Amava, sem mesmo as conhecer, todas as pessoas que encontrava.

Como o amor nos torna bons !

Ao cabo de uma hora de andar passeando nos *Campos-Elysios*, vi ao longe a carruagem de Margarida; não a reconheci, adivinhei-a.

No momento de voltar o angulo do passeio, mandou parar, e um mancebo alto destacou de uma roda de rapazes com quem estava conversando, para ir fallar com ella.

Conversaram alguns momentos; voltou o cavalleiro para os amigos, os cavallo tornaram a andar, e eu que me tinha aproximado do grupo, conheci no moço que tinha fallado a Margarida o tal conde de G..., cujo retrato tinha visto, e que Prudencia me havia feito notar como a pessoa a quem Margarida devia a sua posição.

Fora a elle que na vespera tinha vedado a entrada; suppoz que havia mandado parar a carruagem para lhe dar desculpa do acontecido, e esperava que ao mesmo tempo se tivesse lembrado de algum novo pretexto para não o receber na seguinte noite.

Como o resto do dia se passou, não será facil dizel-o; passei, fumei, conversei, do que disse, e das pessoas que encontrei, ás dez horas da noite já me não recordava nem pouco, nem muito.

Tudo o que me lembra, é que fui a casa, gastei tres horas a preparar-me, e que olhei cem vezes ora para a pendula do fogão, ora para o meu relógio, que infelizmente regulavam um pelo outro.

Deram dez e meia; eram horas de sair.

Naquella época morava na rua de Provença: tomei pela rua do Monte-Branco, atravessei o *boulevard*, segui a rua de Luiz-Grande, a rua de Por-

Mahon e rua d'Antin. Olhei para as janellas de Margarida; havia luz por dentro.

Toquei a campainha.

Perguntei ao porteiro se Mll.^e Gautier estava em casa.

Respondeu-me que antes das onze horas, ou onze e um quarto, nunca se recolhia. Olhei para o relógio.

Parecia-me que tinha vindo muito de vagar, e a final, vi que só gastára cinco minutos da rua de Provença a casa de Margarida.

Puz-me então a passear por essa rua sem lojas, e áquellas horas inteiramente deserta.

Passada uma boa meia hora, chegou Margarida. Apeou-se do *coupé* olhando em de redor, como se procurasse alguém.

Como a cocheira e cavallariças não eram na casa, tornou a carruagem a ir-se embora, muito a passo. No momento em que Margarida ia tocar, cheguei-me a ella, e disse-lhe:

— Boas noites.

— Ah! sois vós! me disse com um modo pouco animador, em relação ao prazer que lhe causava ver-me alli.

— Não me tinheis permittido vir fazer-vos hoje uma visita?

— E' justo; já me não lembrava de tal.

Aquellas palavras destruíam todas as minhas reflexões de pela manhã, todas as minhas esperanças desse dia. Comtudo ia-me principiando a costumar-me áquelles cumprimentos, e está claro que me não fui embora, como provavelmente teria feito n'outro tempo.

Entrámos.

Nanine tinha aberto a porta.

— Prudencia já veio para casa? perguntou Margarida.

— Não, minha senhora.

— Vai lá dizer que assim que entrar venha cá. Mas antes, apaga o candieiro da sala, e se alguém vier, responde-lhe que ainda não voltei, nem voltarei esta noite.

Sem duvida que me estava a parecer uma mulher preocupada por alguma idéa, e talvez mesmo aborrecida de algum importuno. Eu mesmo não sabia que figura fizesse, nem o que havia de dizer. Margarida dirigio-se para o lado da alcôva; e eu deixei-me ficar onde estava.

— Vinde, disse-me ella.

Tirou o chapéu, a capa de velludo, e deitou tudo para cima da cama, depois, deixou-se cair n'uma grande poltrona ao pé do fogo que mandava accender até ao principio do verão; e disse, a brincar com o grilhão do seu relógio:

— Então! que ha de novo?

— Nada, a não ser que estou arrependido de ter vindo cá esta noite.

— Porque motivo.

— Porque me pareceis contrariada, e sem duvida, estou a incommodar-vos.

— Nada; não me incomodais; é que me sinto doente; padeci todo o dia, não dormi, e tenho uma dor de cabeça terrivel.

— Quereis que me retire para vos deixar deitar?

— Oh! podeis ficar; se eu me quizer deitar, não tem duvida, deito-me diante de vós.

Naquelle momento tocavam á campainha da porta.

— Quem teremos? disse ella com um movimento de impaciencia.

Alguns segundos depois, tocaram de novo com mais força.

— Não ha ninguem que vá abrir; será preciso ir eu mesma.

Com effeito, levantou-se, dizendo-me:

— Esperai aqui.

Atravessou o aposento, e ouvi abrir a porta d'entrada.

Escutei.

A pessoa a quem ella fôra aberta, parou na casa de jantar. A's primeiras palavras reconheci a voz do joven conde de N...

— Como vos achais esta noite?

— Mal, respondeu com enfado Margarida.

— Venho incommodar-vos? ...

— Talvez.

— Como vós me recebeis! Que vos fiz, minha querida Margarida?

— Meu querido amigo, não me fizestes nada. Estou doente, preciso deitar-me cedo, e assim espero que me façais o grande favor de vos irdes embora. Já não posso supportar este supplicio de não ser senhora de vir para casa á noite que vos não veja á porta cinco minutos depois. Que quereis? vamos... Que eu seja vossa amante? Está bom! já vos tenho dito um cento de vezes que não, que ao ver-vos sinto um tedio de morte, e que podeis procurar outra vida. Repito-vol-o pela ultima vez: não vos quero; está dito; agora, boa viagem,

*

adeus. Esperai, ahí vem Nanine que vos alumie. Boas noites.

E sem mais palavras, sem escutar o que balbuciava o mancebo, Margarida tomou para o seu quarto e atirou com a porta, pela qual depois Nanine, entrou quasi immediatamente.

— Entendestes tu, disse-lhe Margarida, has de dizer sempre áquelle papalvo que não estou em casa, ou que não lhe quero fallar. Dize-lhe o que quizeres, mas que não entre. Ouviste? Estou já cansada de pessoas que vem pedir-me o mesmo, que me pagam, e que se julgam quites comigo. Se as que encetam o nosso vergonhoso officio soubessem o que elle custa, antes se metteriam a criadas de servir. Mas não; a vaidade de terem vestidos, luxo, carruagens e diamantes, seduz-nos, arrasta-nos; acredita-se no que se ouve, porque a prostituição tem a sua fé, gasta-se a pouco e pouco o coração, o corpo, e a belleza; fogem de nós como d'um animal feroz, somos aborrecidas como o mais vil reptil; cercam-nos de pessoas que levam sempre mais do que dão, e arrebenta-se um bello dia para ahí para um canto como um cão, depois de ter perdido os outros, e de se ter cavado a propria perdição.

— Então, minha senhora, tranquillisai-vos, disse Nanine, estais mal dos nervos esta noite.

— Parece que abafó n'este vestido, tornou Margarida, e palavras não eram ditas fez saltar os colchetes do vestido; traze-me um penteador.

A' maneira que se ía despindo, punha pouco reparo em esconder muitas de suas bellezas, que eu devorava com os olhos.

! Então!! Prudencia?

— Ainda não veio para casa, mas lá ficou dito, que assim que voltasse, viesse ter com a senhora.

— Ah! temos mais uma, continuou Margarida tirando o vestido, e cobrindo-se com o penteador, ah! temos mais uma que só sabe vir ter comigo quando precisa de mim, e que nunca faz nada sem interesse. Sabe que espero por aquella resposta esta noite, que a preciso, que não posso ter socego, e não se me dava de apostar que foi para aonde lhe deu na cabeça, sem se lhe importar comigo.

— Talvez a não deixassem sair.

— Que arranquem ponche.

— Isso ainda vos vai fazer peor, diz Nanine.

— Tanto melhor. Traze fructas tambem; pasteis ou uma aza de gallinha; alguma cousa, seja o que for, tenho fome.

Contar-vos a impressão que aquella scena me causou, é inutil; podeis fazer idéa, não é assim?

— Ceais comigo, me diz ella; em quanto esperais, pegai n'um livro, vou um instante ao meu toucador e volto já.

Acendeu as velas de um candelabro, abriu uma porta ao pé da cama, e desapareceu.

E eu, fiquei a reflectir na vida daquella rapaga, e o meu amor tornava-se em compaixão.

Caminhava a grandes passos pelo quarto a scismar, quando entrou Prudencia.

Ainda aqui?! me diz ella; onde está Margarida?

— No gabinete do toucador.

— Esperarei; então, dizei-me, ella morre por vós; não sabieis ainda?

— Não por certo.

- Ainda vol-o não disse? ora...
- Palavra d'honra.
- Como vos achais aqui?
- Vim fazer-lhe uma visita.
- A' meia ñoute?
- E porque não?
- Velhaco...
- Até me recebeu com muito máu modo.
- Hade receber-vos melhor.
- Achais?
- Trago-lhe boas novas.
- Viva! então ella fallou-vos de mim?
- Hontem á noite, ou para melhor dizer, esta madrugada, depois de terdes saído com o vosso amigo... A proposito, como vai elle? é Gastão R..., chama-se assim, creio eu?

— Chamalhe respondi eu, sem me conter, que me não sorrisse ao lembrar-me da confidencia que Gastão me tinha feito, e vendo que Prudencia apenas lhe sabia o nome.

— E' galante rapaz; que faz elle?

— Tem vinte e cinco mil francos de renda.

— Ah! sim! está bom, mas como ía dizendo Margarida fez-me perguntas a vosso respeito; primeiramente, quem vós ereis, o que fazieis, que amantes linheis tido, finalmente, tudo o que a respeito de um homem da vossa idade se pode perguntar. Conteilhe quanto sei, acrescentou que ereis um rapaz muito amavel, e mais nada.

— Obrigado, agora, dizei-me de que commissão vos encarregou ella hontem?

— De nenhuma; o que estava a dizer, era para vêr se o conde se punha ao fresco; mas en-

carregou-me de uma para hoje, e é a resposta que lhe trago.

Neste momento sahio Margarida do seu camarim, graciosamente toucada, com um barretinho de dormir, enfeitado de laços de fita côr de cana.

Estava linda de matar.

Trazia os pés mettidos n'umas chinellas de setim, e estava acabando de aparar as unhas.

— Então, diz ella ao ver Prudencia, estives-tes com o duque?

— Estive.

— E que vos disse elle?

— Deu...

— Quanto?

— Seis mil...

— Trazei-los ahi?

— Sim, trago.

— Mostrou-se contrariado?

— Não.

— Pobre homem!

Aquelle *pobre homem*! foi dito com uma inflexão impossivel de imitar. Margarida pegou nas seis notas de mil francos.

— Já era tempo, disse ella. Querida Prudencia, tendes precisão de dinheiro?

— Bem sabeis, menina, que d'aqui a dous dias são 15 do mez, se me podesseis emprestar trezentos ou quatrocentos francos, far-me-hieis um favor muito grande.

— Mandai buscar-os ámanhã pela manhã, porque agora é muito tarde para se ir trocar.

— Não vos esqueçais.

— Fica a meu cuidado; quereis cear comnosco

— Não, Carlos está esperando por mim lá em casa.

— Ainda morreis por elle?

— Isso não se pergunta queridinha! Até amanhã. Adeus, Armand.

Madame Duvernoy saíu.

Margarida abriu uma gaveta e deitou-lhe as notas do banco dentro.

— Dais-me licença de me deitar, disse ella sorrindo-se, e dirigindo-se para a cama.

— Não só concedo licença, mas até vol-o rogo.

Puchou a colxa de rendas para os pés da cama, acabou de se despir e deitou-se.

— Agora vinde assentar-vos ao pé de mim, para conversar-mos um pouco.

Prudencia tinha razão; a resposta que tinha trazido a Margarida, lhe tinha reanimado o animo.

— Perdoais-me o máu modo com que estive esta noute? me disse ella pagando-me na mão.

— Estou mesmo disposto a perdoar-vos não só esse.

— Amais-me deveras?

— Como um leuco.

— Apesar do meu máu genio?

— Sim, sim, apesar de tudo.

— Jurais?

— Sim, lhe disse devagarinho.

Nanine entrou n'esta occasião com pratos, um frango frio, uma garrafa de Bordéos, morangos e dois talheres.

— Não vos mandei fazer ponche, diz Nanine, o Bordéos ha de fazer-vos melhor. Não é assim, meu senhor?

— Certamente, respondi eu ainda todo commovido das ultimas palavras de Margarida, e com olhos ardentemente pregados nella.

— Bom! disse Margarida, põe tudo isso em cima da mesa pequena, chega-a para a cama; nós cá nos serviremos. Ora já ha tres noutes que perdes, has de estar com somno, vai-te deitar; não preciso mais nada.

— Dou volta á chave?

— Por certo! E' verdade, não te esqueças de dizer, que não deixem entrar ninguem amanhã, antes do meio dia.

XII.

A's cinco horas da manhã quando ainda mal transparecia por entre o cortinado das janellas a claridade do novo dia, me disse Margarida.

— Perdoai-me o mandar-te embora, mas assim é necessario. O duque costuma vir todas as manhãs; quando chegar dizem-lhe que ainda durmo, e é provavel que espere até eu me levantar.

Abracei a linda cabeça de Margarida, cujos cabellos soltos se esparziam em anneis elegantes ao redor della, e lhe dei um ultimo beijo, dizendo:

— Quando te tornarei a ver?

— Escuta, me tornou ella, toma aquella chavinha dourada de cima dô fogão. vai abrir a porta, traz-m'a depois e vai-te. De dia, receberás uma carta minha e as minhas ordens; porque bem sabes que me deves obedecer cégamente.

— Sim, bem sei; mas se eu já te pedisse alguma cousa?

— O que é?

— Que me desses esta chave.

— O que me pedes, nunca o fiz a pessoa alguma.

— Embora, fal-o-has agora por mim ; porque, eu te juro, que não te amo como os outros te amavam.

— Pois fica com ella ; mas desde já te preveno que só de mim depende fazer com que essa chave de nada te sirva.

— Porque ?

— A porta tem mais fechos por dentro.

— Isso é maldade.

— Hei de mandal-os tirar.

— Deveras amas-me muito ?

— Não sei como isso foi ; mas parece-me que sim. Agora vai-te, que estou morta com somno.

Ficámos ainda alguns segundos nos braços um do outro, e depois partí.

As ruas estavam dezertas, a grande cidade ainda dormia, corria uma suave frescura por todas essas ruas, que poucas horas depois seriam invadidas pelo ruído dos homens.

Parecia-me que esta cidade profundamente adormecida me pertencia ; passava pela imaginação, o nome de todos aquelles cuja felicidade tinha até então invejado, e não me recordava de nenhum, a cuja felicidade não excedesse a minha.

Ser amado de uma donzella pura e casta, ser o primeiro a revellar-lhe os estranhos mysterios do amor, na verdade que é já grande felicidade, mas é a cousa mais facil do mundo. Assenhorear-se de um coração, ainda não costumado a ataques, é, como entrar n'uma cidade indefesa e sem guarnição.

A educação, o sentimento dos proprios deveres e a familia são sentinellas bem fortes, mas não ha sentinellas tão vigilantes que não sejam enganadas por uma menina de dezesseis annos, a quem, pela voz do homem que ama, a natureza dá esses primeiros conselhos de amar, que são tanto mais ardentes, quanto parecem mais puros.

Quanto mais a joven crê no bem, tanto mais facilmente se abandona, senão ao amante, pelo menos ao amor, porque sendo sem desconfiança, é tambem sem forças, e fazer-se amar della é um triumpho, que qualquer homem de vinte e cinco annos pôde conseguir quando quizer. E isto é tão verdade, que bem se vê como se rodeiam as donzellas de vigilancia e muralhas.

Os conventos não têm paredes tão altas, as mães não têm fechaduras tão fortes, a religião deveres tão assiduos que possam encerrar estas ávesinhas encantadoras nas suas gaiolas, em que, ninguém mesmo se dá ao incommodo de deitar as flores. Como não devem ellas desejar conhecer esse mundo que lhes occultam, como não devem julgá-lo tentador, como não devem escutar com avidéz a primeira voz, que, atravez das grades que as cercam lhes vem contar os seus segredos, como não devem abençoar a mão, que primeiro levanta para ellas um canto do véu mysterioso.

Porem ser realmente amado de uma mulher como Margarida, é uma victoria muito mais difficil. Entre esta classe de mulheres, o corpo tem assassinado a alma, os sentidos têm devorado o coração, a devassidão tem endurecido os sentimentos. As palavras que se lhes possam dizer, já ellas

as sabem ha muitissimo tempo; os meios que se possam empregar já ellas os conhecem; até mesmo o amor que ellas inspiram, já o têm vendido. Amam por officio, e não por inclinação. Estão mais bem guardadas pelos seus calculos interesseiros, que uma virgem por sua mãe, e pelo convento; inventaram a palavra capricho para esses amores sem trafico que teem de tempos a tempos, como repouso, como desculpa, ou como consolação; semelhantes áquelles usurarios que arruinam milhares de individuos, e que julgam tudo equilibrar, emprestando um dia vinte francos a um pobre miseravel que morre de fome, sem lhe exigir juros, e sem lhe pedir recibo.

Quando Deos concede a uma destas mulheres o amor, esse amor que primeiro lhes parece um perdão, torna-se-lhe quasi sempre em castigo. Não ha absolvição sem penitencia. Quando uma creatura, a quem todo o seu passado argúe, se sente rapidamente preocupada por um amor profundo, sincero, irresistivel, de que nunca se julgára capaz e quando tem confessado este amor, como a domina o homem amado! Como se sente forte com o direito cruel de lhe dizer: Não fazeis mais pelo amor, do que o que tendes feito pelo dinheiro.

Não sabem ellas então que provas hão-de dar. Conta a fabula, que um menino depois de se ter por muitas vezes divertido n'um campo a gritar que lhe acudissem, para incommodar os trabalhadores, foi um dia devorado por um urso sem que aquelles que tantas vezes tinham sido logrados por elle, acreditassem dessa vez nos seus gritos sinceros.

Acontece o mesmo a estas desgraçadas quando chegam a amar verdadeiramente. Tantas vezes teem mentido que já ninguém quer acreditar-as, e são, no meio de crueis remorsos, deveradas pelo seu amor.

Nascem d'ahi essas grandes dedicações, essas elausuras austeras, de que algumas raparigas infelizes teem dado o exemplo.

Mas quando o homem que inspira este amor redemptor tem a alma bastante generosa para o aceitar, sem se recordar do passado, quando a elle se abandona, quando enfim ama como é amado, este homem goza d'uma vez todas as commoções terrestres, e depois deste amor o seu coração se achará fechado para outro amor.

Estas reflexões, não as fazia eu, quando pela manhã entrava em minha casa. Ellas só podiam ser o pressentimento de que me ía acontecer, e apesar do meu amor a Margarida, não entrevia ainda semelhantes consequencias; é só hoje que as faço. Estando tudo para sempre acabado, resultam naturalmente do que teve logar.

Mas tornemos ao primeiro dia desta união. Quando entrei em casa, estava louco de alegria. Pensando em que as barreiras collocadas pela minha imaginação entre mim e Margarida tinham desaparecido, que eu a possuia, que occupava um pouco os seus pensamentos, que tinha na algibeira a chave do seu quarto, e o direito de me servir della, estava contente da vida, soberbo de mim, e amava a Deus que permittia tudo isto.

Um dia um mancebo passa por uma rua, acotovella uma senhora, encara com ella, volta-se e passa. Elle não conhece esta mulher; ella, tem

prazeres, pezares, amores, em que elle não toma parte alguma. Elle não existe para ella, e talvez, que se lhe fallasse, zombasse delle, como Margarida tinha feito de mim. Semanas, mezes e annos inteiros se passam, e quando cada um delles tem seguido o seu destino em ordens differentes, a logica do acaso os reconduz face a face. Torna-se esta mulher sua amante, ama-o muito. Como! porque! as suas duas existencias não fazem mais do que uma só; apenas existe a intimidade parece-lhe ter sempre existido, e tudo o que a precedeu se risca da memoria dos dois amantes. E' na verdade curioso, confessemol-o.

Em quanto a mim, já me não lembrava como tinha vivido até alli. Todo o meu ser exaltava de alegria com a lembrança das palavras trocadas nesta primeira noite. Ou Margarida era muito habil em enganar ou tinha para mim uma destas paixões subitas que se revelam desde o primeiro beijo, e que algumas vezes morrem como nasceram.

Quanto mais reflectia, tanto mais dizia para mim que Margarida não tinha rasão alguma de fingir um amor que não sentisse, e que as mulheres tem dois modos de amar que podem resultar um do outro; que, ou amam com o coração ou com os sentidos. Uma mulher toma muitas vezes um amante, só por obedecer á vontade dos seus sentidos, e aprende, sem esperar, os mysterios do amor immaterial, e só vive pelo coração; muitas vezes uma menina procurando só no casamento a reunião de duas affeições puras, recebe a subita revelação do amor physico, essa energica conclusão das mais castas impressões da alma.

Adormeci embalado pôr estes pensamentos. Fui acordado por uma carta de Margarida, a qual só continha estas palavras.

« Eis-aqui as minhas ordens: Esta noite no « Vaudeville. Vinde durante o terceiro entre acto.

M. G.»

Fechei este bilhete n'uma gaveta, a fim de ter sempre á mão a realidade, no caso de duvidar, como por momentos me acontecia.

Não me dizia que a fosse vêr de dia; por isso não ousei apresentar-me em sua casa; mas tinha tamanho desejo de a encontrar antes da noite, que me encaminhei para os *Campos Elyseos*, onde, como na véspera, a vi passar e descer.

A's sete horas já eu estava no Vaudeville.

Nunca tinha entrado tão cedo n'um theatro.

Todos os camarotes se encheram uns após outros. Só um ficava fechado; era a friza junto ao proscenio.

No principio do terceiro acto ouvi abrir a porta deste camarote, no qual tinha quasi que constantemente os olhos fitos. Apareceu Margarida.

Chegou-se á frente, olhou para a plateia superior, vio-me e agradeceu-me com um volver d'olhos.

Estava admiravelmente bella essa noite.

Seria por minha causa, que tanto se enfeitára? Amar-me-hia ella tanto, para julgar, que quanto mais bella me parecesse, mais feliz eu seria? Ainda o ignorava, mas se tal fôra a sua intenção, tinha-o conseguido, porque assim que appareceu, ondula-

ram todas as cabeças, e o actor então em scena, fitou tambem aquella que só pela sua apparição perturbava os espectadores.

E eu tinha a chave do quarto desta mulher, e dentro em tres ou quatro horas ia de novo pertencer-me.

Ha quem censure os que se arruinam por actrises e por esta qualidade de mulheres; a mim, o que me admira, é os rapazes não praticarem por ellas cem vezes mais loucuras. E' preciso ter como eu vivido esta vida, para saber quanto as pequenas vaidades que todos os dias dão aos seus amantes, penetram fortemente no coração, pois que não temos outro ser alem do amor que elle lhes tem.

Prudencia tomou depois o seu lugar no camarote, e um homem que eu conheci pelo conde de G... assentou-se no fundo.

Quando o vi resfriou-se-me o coração.

Sem duvida Margarida percebeu a impressão má que em mim causava a presença deste homem no seu camarote, porque de novo sorriu para mim, e voltando as costas ao conde, pareceu dar muita attenção para a scena. No terceiro entre-acto, voltou-se para traz e disse duas palavras; o conde sahio do camarote, e Margarida fez-me signal para a ir visitar.

— Boas noites; diz-me ella quando entrei, e estendeu-me a mão.

— Boas noites, respondi eu dirigindo-me a Margarida e a Prudencia.

— Assentai-vos.

— Porem eu tomo o lugar de alguem. O sr. conde de G... não volta.

— Volta, sim, mandei-o buscar bolos, para podermos conversar sós um instante Madame Duvernoy é minha confidente.

— Sim, meus filhos, diz esta; podem estar certos de que não direi nada a ninguem.

— Que tendes esta noite? diz Margarida levantando-se, e vindo na sombra do camarote, dar-me um beijo na testa.

— Estou alguma coisa incommodado.

— Então é preciso irdes-vos deitar, tornou ella com um certo ar de ironia que tão bem lhe assentava naquella cabeça fina e espirituosa.

— Onde?

— Em vossa casa.

— Bem sabeis que ahi não poderia dormir.

— Então é preciso não virdes amuar-vos para aqui, por terdes visto um homem no meu camarote.

— Não é essa a razão.

— Ora... bem sei; mas não tendes razão, e por tanto não fallemos mais disso. Ireis depois do espectáculo a casa de Prudencia, demorar-vos-heis até que vos chame. Ouvís?

— Sim.

Poderia eu desobedecer-lhe?

— Amais-me ainda? tornou elle.

— Ainda m'ò perguntais!

— Pensastes muito em mim?

— Todo o dia.

— Sabeis que receio muitissimo apaixonar-me por vós? Perguntai-o antes a Prudencia.

— Ah! respondeu a gorda mulher, nunca vi cousa semelhante.

— Agora, voltai para o vosso logar, o conde vem ahi, e é inutil que vos veja aqui.

— Porque ?

— Porque me parece, que vos ha de ser desagradavel encontralo-o.

— Não; sómente se me tivesses dito, que desejaveis vir ao Vaudeville esta noute, teria podido mandar-vos a chave do camarote tão bem como elle.

— Infelizmente trouxe-m'a sem que lha pedisse, offerecendo-se-me para me acompanhar. Bem o sabeis, não o podia recusar. Tudo o que podia fazer, era escrever-vos dizendo para onde ia, para que me visseis, e porque eu mesmo tinha muito prazer em vos tornar a ver mais cedo; mas, visto que é assim que me agradeceis, hei de aproveitar a lição.

— Não tinha razão, perdoai-me

— Pois bem, voltai elegantemente para o vosso logar, e sobretudo não torneis a fazer scenas de ciuime.

Beijou-me de novo, e eu sahi.

Nos corredores, encontrei o conde que voltava.

Tornei para o meu logar.

Afinal, a presença Mr. G... no camarote de Margarida era a cousa mais simples do mundo. Tinha sido seu amante, tinha-lhe alugado um camarote; acompanhava-a ao theatro, tudo isto era muito natural, e desde o momento em que tinha por amante uma rapariga como Margarida, era-me necessario acceitar os seus costumes.

Fui muito infeliz o resto da noite, e estava muito triste quando me retirei, depois de ter visto

o conde, Prudencia e Margarida subir para o caleche que os esperava á porta.

Comtudo um quarto d'ora depois estava em casa de Prudencia.

XIII.

Apenas tinha entrado:

— Vieste quasi tão depressa como nós, diz-me Prudencia.

— Sim, respondi-lhe machinalmente. Onde está Margarida?

— Em sua casa.

— Sósinha?

— Com Mr. de G...

Entrei a passear a passos largos pela sala.

— Que é isso! o que tendes?

— Pois nem se quer vos occorre o que acho de singular em estar aqui á espera que Mr. de G. saia de casa de Margarida?

— Não sois rasoavel. Imaginai que Margarida não pôde pôr fóra o conde. Mr. de G... viveu muito tempo com ella, e sempre lhe tem dado, e dá ainda muito dinheiro. Margarida gasta mais de cem mil francos por anno; e tem muitas dividas.

O duque lhe envia o que ella lhe pede, mas ella não se treve a pedir-lhe tudo o que precisa.

Por isso bem vedes que não é conveniente acabar com a amizade do conde que lhe rende pelo menos uns dez mil francos por anno. Margarida ama-vos muito, caro amigo, mas a vossa relação com ella, por seu e vosso interesse, não deve ser seria. Não é com os vossos sete ou oito mil francos de pensão que haveis de sustentar o luxo desta rapa-

riga, ora. . nem sequer bastariam para o sustento da carroagem. Tomai Margarida pelo que é; por uma boa rapariga espirituosa e galante, sêde seu amante um mez, ou dois; dai-lhe ramalhetes, bolinhos, e camarotes, mas não vos mellais mais nada em cabeça; e não representeis mais d'essas scenas ridiculas de ciume.

Bem sabeis com quem tendes que tratar. Margarida não é uma virtude. Vós agradais-lhe, e amais-la muito, o resto não vos importe. Acho-vos graça estardes a hi fazer de susceptivel! tendes a mais-bella amante de Paris! Ella recebe-vos n'um aposento magnifico, cuberta de diamantes não vos custará um unico soldo, se assim o quizerdes, e ainda não estais contente. Que diabo! sois na verdade muito difficil de contentar!

— Assim será, mas a idéa de que este homem é seu amante, faz-me um mal terrivel; é mais forte do que eu.

— Vamos por partes, tornou Prudencia, será elle ainda seu amante? é um homem de que ella precisa e nada mais.

Ha dois dias que se lhe nega; veio esta manhã, ella não poude recusar-lhe o camarote, e que a acompanhasse. Elle a conduz a casa, sóbe um instante com ella, e não se demora, pois que estais aqui á espera. Não ha nada mais natural, segundo me parece. Demais, não recebeis bem o duque?

— Recebo, mas esse é velho, e estou certissimo, que Margarida não é amante d'elle. Depois pode se aceitar uma relação, mas duas.. Esta facilidade parece-se muito com um calculo, e aproxima o homem que nella consente, ainda por amor d'es-

ses que n'uma esphera mais baixa, fazem d'esse consentimento um officio, e d'esse officio uma renda.

— Ai! que pensamentos tão antiquados! quantos não tenho eu visto, e dos mais nobres, dos mais elegantes, dos mais ricos, fazer o que vos aconselho, e isso mesmo sem esforço, sem vergonha sem remorsos! Mas isto vê-se todos os dias. Mas como querieis que mulheres como Margarida podessem sustentar um estado, se não tivessem tres ou quatro amantes ao mesmo tempo? Não ha fortuna por mais consideravel que seja, que possa prover às despezas exorbitantes d'uma destas mulheres. Uma fortuna collossal em França; pois bem, meu amigo, quinhentos mil francos de renda não chegavam, já vos digo a razão. Um homem que tem tamanhos rendimentos, tem casa posta, cavallos, criados, carruagens, caçadas; às vezes é casado, tem filhos; entra em corridas, joga, viaja, enfim, que sei eu! Está de tal modo afferrado, a todo este estado que não póde desfazer-se, d'elle sem que se diga que está arruinado, e dar escandalo. Feitas as contas, com quinhentos mil francos por anno, não póde dar a uma mulher mais de quarenta a cincoenta mil francos, e ainda assim é dar muito. Outros amores, vem completar a despeza annual da mulher. Ainda, com Margarida, lá é mais commodo; por milagre cahio do céu sobre um pobre velho millionario, a quem lhe morreram a mulher e a filha, que só tem sobrinhos, e esses bem ricos, que lhe dá tudo o que ella deseja, sem mesmo nada lhe pedir em paga; mas ella não lhe póde pedir mais de sessenta a setenta mil francos por anno, e estou bem certa

que, se ella lhe pedisse mais, apesar mesmo da sua grande fortuna, e da affeição que lhe tem, elle se recusaria.

Todos esses mancebos, tendo vinte a trinta mil libras de renda em Paris, isto apenas é o necessario para viverem no mundo em que são admittidos, sabem perfeitamente, quando são amantes d'uma mulher como Margarida, que não poderiam pagar a casa e os criados com o que elles lhe dão.

Não lhes dizem que o sabem, fazem que não veem nada, e quando estão fartos, vão-se embora. Se, porém, teem a presumpção de quererem fazer todas as despesas sósinhos... adeus minhas encomendas, gastam o que teem, e o que não teem, como loucos que são, e vão morrer lá para a Africa, tendo deixado uns cem mil francos de divida em Paris. Julgais que essa mulher lhe fica muito agradecida? Pois enganai-vos. Pelo contrario diz que lhes sacrificára posição e que em quanto estava com elles perdia do seu dinheiro. Ah! achais tudo isto vergonhoso, não é assim? pois é a pura verdade. Sois um rapaz encantador, a quem estimo de todo o meu coração; vivo ha mais de vinte annos entre esta casta de mulheres, sei o que são e o que valem, e não queria ver-vos tomar a sério, um capricho que tem agora por vós uma bonita pequena como Margarida.

Depois, admittamos ainda, continuou Prudencia, que Margarida vos ama tanto que renuncie ao conde e ao duque, no caso em que este se apercebesse da vossa relação e lhe dizia que escolhesse entre vós e elle, o sacrificio que ella vos fazia seria enorme, é incontestavel. Que sacrificio egual po-

derieis vós fazer-lhe? quando viesse a saciedade, quando nada mais della quizesseis, que farieis para a compensar de tudo o que lhe tivesseis feito perder? Nada! Tel-a-hieis isolado d'um mundo em que era toda a sua fortuna e futuro, ter-vos^hia ella dando os seus mais bellos annos de existencia e seria esquecida. Ou vós serieis um homem vulgar, então, lançando-lhe em rosto o seu passado, dir-lhe-hieis que fazieis como os seus outros amantes, abandonando-a, e entregal-a-hieis a uma miseria certa; ou serieis homem de bem, e julgando-vos obrigado a conserval-a junto a vós, entregar-vos-hieis a uma desgraça inevitavel, porque esta relação desculpavel n'um mancebo, não o é n'um homem maduro. Torna-se um obstaculo a tudo, não permite ter, nem familia, nem ambição, estes segundos e ultimos amores do homem. Acreditai-me, meu amigo, tomai as cousas pelo que valem, e as mulheres pelo que são, e não deis a estas mulheres o direito de se dizerem vossas credoras seja no que fôr.

Na verdade era um prudente raciocinio uma logica, de que eu julgava Prudencia incapaz. Não achei nada a responder-lhe, senão que tinha razão; apertei-lhe a mão, e agradei-lhe os seus conselhos.

Ora vamos, diz-me ella, affastai estas más theorias; e diverti-vos, a vida é encantadora, é segundo o vidro pelo qual para ella olhamos. Esperai, consultai o vosso amigo Gástão que é um rapaz que me parece, que comprehendeu o amor, como eu o comprehendo. O que é necessario que vos convençais, sem o que vos tornarieis um rapaz insipido, é que ha aqui bem perto uma rapariga encantadora, que espera com impaciencia que o homem que

está em sua casa se vá embora, que pensa em vós, e que guarda para vós a sua noite, e que vos ama muito, estou bem convencida disso. Vamo-nos agora pôr á janella, para vermos sahir o conde que não tarda a deixar-nos o logar.

Prudencia abriu a janella, e encostamo-nos ao parapeito um ao lado do outro.

Ella, olhava para as raras pessoas que passavam; eu, pensava em Margarida.

Tudo o que Prudencia me tinha dito, me fervia na cabeça; não podia deixar de convir que ella tinha razão; mas o amor verdadeiro que eu tinha a Margarida, não se queria accommodar com essa razão.

De tempos a tempos, o meu pensar tumultuoso arrancava-me suspiros dolorosos, que faziam voltar o rosto a Prudencia, e encolher os hombros como um medico que desespera de salvar um doente.

« Como deve ser curta a vida, dizia eu comigo mesmo, a avalia-la pela rapidez das sensações! Ha só dois dias que conheço Margarida; ha um só que é minha amante, e já tem de tal sorte invadido os meus pensamentos, o meu coração, e a minha vida, que a visita deste conde de G. é para mim uma infelicidade.»

Em fim o conde sahio, subio para a carroagem, e desapareceu. Prudencia fechou a janella.

Já nesse momento Margarida nos chamava.

— Vinde depressa, dizia ella, ponham a ceia na mesa, vamos cear.

Quando entrei no seu quarto, veio Margarida logo direita a mim, saltou-me ao pescoço, e beijou-me com toda a ternura d'uma amante extremosa.

— Ainda estamos muito zangados? diz-me ella?

— Não. já se acabou tudo respondeu Prudencia, preguei-lhe um sermão e prometteu-me que havia de ter juizo.

— Ora, ainda bem!

A meu pesar deitei os olhos para a cama e vi que não estava amarrotada. . . . Margarida estava já de penteador branco.

Puzemo-nos á mesa. Encantos, doçura, expansão, tudo se reunia em Margarida; e de tempos a tempos via-me bem obrigado a reconhecer que não tinha direito de lhe pedir mais nada; quantas pessoas não seriam felizes em meu logar, e eu, como o pastor de Virgilio, não tinha mais do que gozar dos prazeres que para mim preparava um deus, ou antes uma deusa.

Tratei de pôr em pratica as theorias de Prudencia, e de ser tão alegre como o eram as minhas duas companheiras; mas o que nellas era natureza, em mim era esforço, e o riso convulso que eu ria, com que ellas se enganaram, avisinhava-se muito das lagrimas.

Acabámos por fim de cear e fiquei só com Margarida. Foi, como de costume assentar-se no tapete diante do fogo, a olhar com ar triste para a chamma do fogão.

Pensava! Em que? não sei; eu olhava-a com amor, e quasi que com terror pensando no que estava para soffrer por amor della.

— Vem sentar-te ao pé de mim, diz-me ella de repente.

Assentei-me ao seu lado.

— Sabes no que pensava?

— Não por certo.

— N'uma combinação que estava fazendo.

— Que combinação.

— Não posso ainda confiar-la ; mas posso dizer-te o que della resultaria. Resultaria que daqui a um mez estaria livre, não deveria nada a ninguém, e iríamos passar juntos o verão no campo.

— E não me podieis dizer qual era esse meio ?

— Não. E' só preciso que me ames, como eu te amo, e tudo o mais conseguirá o seu fim.

— E foste só vós que fizestes essa combinação ? lhe perguntei.

— Sim, fui.

— E executal-a-heis sósinha ?

— Os incommodos serão só para mim, disse-me Margarida com um sorriso que nunca esquecerei ; mas nós partilharemos os lucros.

Não pude deixar de córar a esta palavra lucros, lembrei-me logo de Manon Lescant comendo com Desgrieux o dinheiro de mr. de B***

Respondi com um tom aspero, e levantando-me :

— Haveis de permittir, querida Margarida, que não participe dos lucros, se não das empresas que eu emprehendo.

— Que significa isso ?

— Significa que suspeito muito que o senhor conde de G. é vosso socio n'essa feliz combinação, de que não acceito nem o encargo nem os lucros.

— Sois uma creança. Pensava que me amaveis ; mas já vejo que me enganei completamente !
Ao mesmo tempo levantou-se abriu o seu piano

e poz-se a tocar a introduccão, d'uma valsa até aquella linda passagem em tom maior que sempre a fazia parar.

Seria por costume, ou para me recordar do dia em que pela primeira vez nos tínhamos encontrado? O que eu sei é que com esta melodia me vieram as recordações e que aproximando-me d'ella, tomei-lhe a cabeça entre as minhas mãos e a beijei.

— Perdoais-me? perguntei-lhe eu.

— Bem o vêdes, respondeu-me ella; mas notai bem que ainda hoje é o segundo dia, e que já tenho alguma coisa que vos perdoar. Cumpris bem mal, todas aquellas promessas de obediencia cega.

— Que quereis Margarida! amo-vos muito, e sou cioso do menor dos vossos pensamentos. O que ainda agora me propunheis tornava-me louco de alegria, mas o mysterio que precede a execução d'este projecto, aperta-me o coração.

— Vejamos, sêde razoavel, continua ella pegando-me nas mãos e fitando-me com o seu sorriso encantador, a que me era impossivel resistir; amais-me, não é assim, e serieis feliz se passasseis tres ou quatro mezes no campo só comigo, eu tambem me julgaria feliz com esta so'idão de nós dois; não é só isso, mesmo tenho della precisão para a minha saude. Não posso deixar Paris, por tão longo tempo sem pôr em ordem os meus negocios, e os negocios d'uma mulher como eu, estão sempre muito embrulhados; pois bem, achei um meio para conciliar tudo, os meus negocios, e o meu amor por vós; sim, por vós; não vos riáis, tenho a loucura de vos amar! e eis que tomais ares de grande

diplomata, entraes a fazer frases empoladas. Creança, trez vezes creança. lembrai-vos unicamente que vos amo e não vos inquieteis com o mais. Estamos d'accordo.

— Estou por tudo o que quizerdes, bem o sabeis.

— Então, dentro em um mez estaremos em alguma aldeia, e passearmos á borda d'agua, e a tomarmos leite. Ha de parecer-vos estranho que eu, Margarida Gaúthier, falle assim; mas isto vem meu amigo, de que, quando este viver de Paris, de que me pareço achar tão feliz, me não abraza me não aborrece, e então tenho aspirações subitas para uma existencia mais tranquilla, que me recorde mais de infancia. Sempre se teve uma infancia, apesar do que sejamos depois. Oh! socegai, que não vos vou dizer que sou a filha d'um coronel reformado, e que fui educada em Saint-Diniz. Sou uma pobre rapariga do campo, e que ainda ha seis annos não sabia escrever o meu nome. Eis vos socegado n'esse ponto, não é assim? Porque será, que sois o primeiro a quem me dirijo para partilhar da alegria do desejo que tive? Sem duvida, porque reconheci, que me amaveis por mim, e não por vós, em quanto que os outros nunca me amaram senão por amor de si mesmos.

Estive muitas vezes no campo mas não da maneira de que gosto. Conto comvosco para ter esta felicidade, não sejais cruel, e concedei-m'a. Dizei isto comvosco: Ella não deve viver velha e viria a arrepender-me de lhe ter negado a primeira coisa que me pedia, e que me é tão facil conceder-lhe.

Que responder a taes palavras, se ainda com

as recordações da primeira noite de amores eu tinha a esperança d'outra?

Uma hora depois, tinha Margarida nos braços, e se ella me tivesse pedido, que commettesse um crime commettel-o-hia.

A's seis horas da manhã parti, e disse-lhe sem hesitar!

— Até á noite.

Beijou-me com muitissimo carinho, mas não respondeu.

De dia recebi uma carta que continha estas palavras;

« Queridinho, acho-me incommodada, e o medico ordena-me repouso. Hei-de-me deitar cedo « esta noite, e não vos verei. Mas em recompensa, « esperar-vos-hei amanhã ao meio dia. Amo-vos. »

A minha primeira palavra foi: engana-me.

Um suor frio me inundou o rosto, porque já amava muitissimo esta mulher, para que esta suspeita não me perturbasse muito.

E com tudo devia esperar por este procedimento de Margarida, coisa que já me tinha acontecido muitas vezes com as minhas anteriores amantes; sem que d'isso me preocupasse muito. Donde viria o imperio. que esta mulher tomava sobre a minha vida?

Pensei então que, visto ter a chave do seu quarto, podia ir vê-la como de costume. Assim saberia bem depressa toda a verdade, e se achasse um homem no seu quarto, dar-lhe-hia uma bofetada.

Entretanto, fui aos Campos-Elyseos. Demorei-me quatro horas, e não appareceu. De noite, entrei em todos os theatros em que ella tinha o costume de ir. Não estava em nenhum.

A's onze horas, fui á rua d'Aulin.

Não havia luz por dentro das janellas de Margarida. Não obstante toquei.

O porteiro perguntou-me onde ía.

— A casa de mademoiselle Gauthier, disse-lhe eu.

— Ainda não entrou.

— Vou subir, e esperar por ella.

— Não está ninguém em casa.

Esse inconveniente pouco valia para mim, visto que tinha a chave, mas receei um escandalo ridiculo, e sahi.

Mas, não voltei para casa; não podia deixar a rua, e não perdi de vista a casa de Margarida. Parecia-me, que ainda tinha alguma cousa a observar, ou que pelo menos se iam confirmar as minhas suspeitas.

A' meia noite um *coupe* que eu bem conhecia, parou diante da porta n.º 9.

O conde G... desceu e entrou em casa, depois de ter despedido a carruagem.

Por um momento, esperei que, como a mim, lhe diziam, que Margarida não estava em casa, e que o veria voltar para casa; mas eram quatro horas e ainda esperava.

Tenho soffrido bastante nestas tres semanas, mas não é nada em comparação com o que soffri essa noite terrivel.

FIM DO 1.º TOMO.

COLLOCAÇÃO DAS ESTAMPAS.

Margarida Gautier no frontispicio.

Armand Duval. — pag. 50.

A' d'esse hora, ind'a vos d'allo
 A' d'esse hora, ind'a vos d'allo
 A' d'esse hora, ind'a vos d'allo
 A' d'esse hora, ind'a vos d'allo

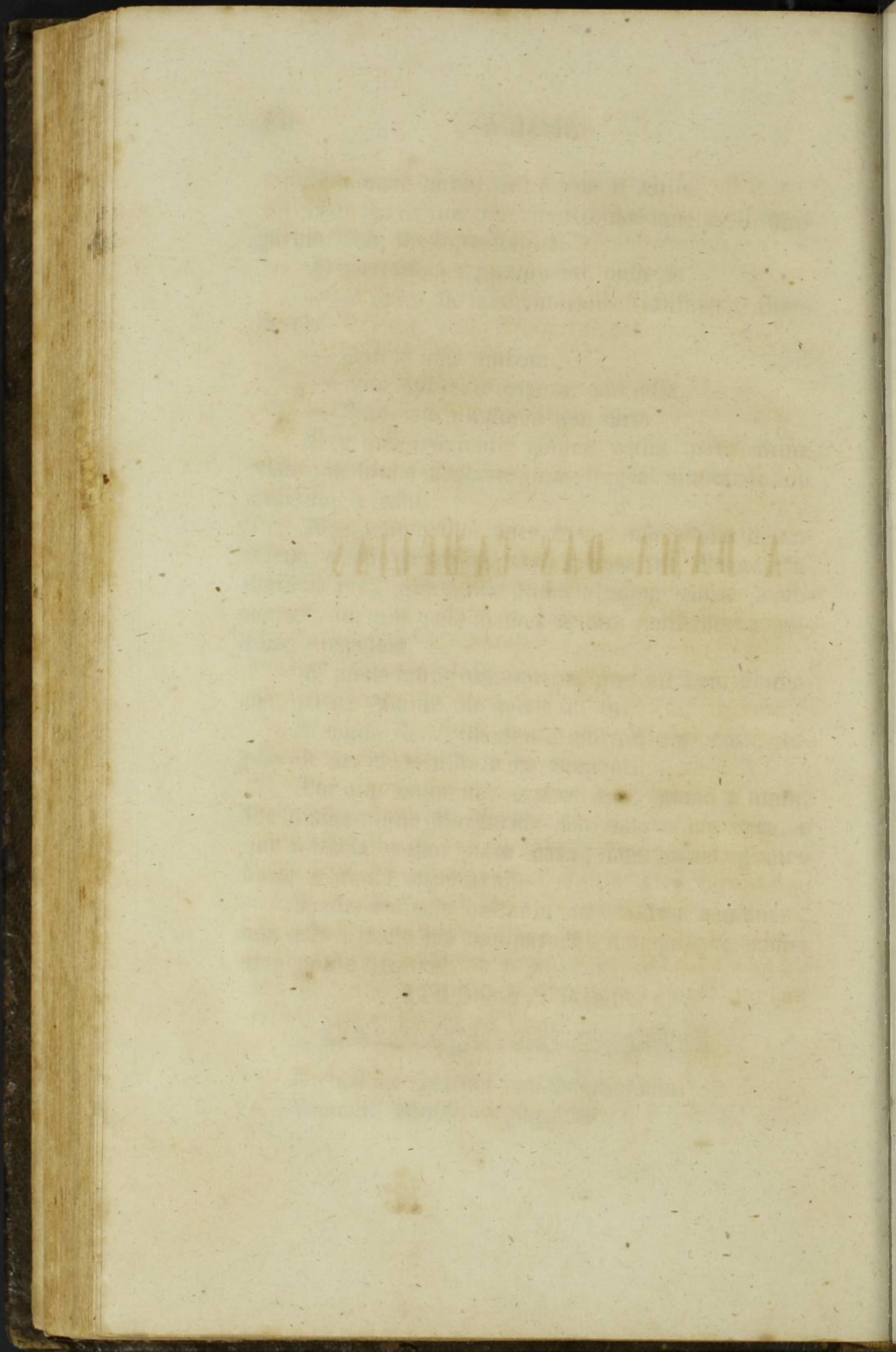
— Ainda não chegou
 — Não sabe e esperar por ella
 — Não está ninguém em casa
 — Não está ninguém em casa

— Mas não volvei para casa, não podis deixar
 — Mas não volvei para casa, não podis deixar
 — Mas não volvei para casa, não podis deixar
 — Mas não volvei para casa, não podis deixar

— O condão de deves e entrar em casa, de-
 — O condão de deves e entrar em casa, de-
 — O condão de deves e entrar em casa, de-
 — O condão de deves e entrar em casa, de-

— Tenho de ir para a casa, mas não posso
 — Tenho de ir para a casa, mas não posso
 — Tenho de ir para a casa, mas não posso
 — Tenho de ir para a casa, mas não posso

COLLECCIO DE ESTADOS
 Macarico Gaudet no hospicio
 Amicus Inveni - pag. 50



A DAMA DAS CAMELIAS.

A. D. 1771. FEBRUARY 1.

A DAMA DAS CARTEIRAS

ROBERTO FERREIRA DE ALMEIDA

1870

A DAMA DAS CARTEIRAS

1870



Michelles del.

Titi & Foxa & Lima.

PRUDENCIA.

A DAMA DAS CAMELIAS

ROMANCE ESCRIPTO EM FRANCEZ

POR

ALEXANDRE DUMAS (FILHO.)

PRECEDIDO D'UM PROFACIO

POR

JULES JANIN

TRADUCCÃO LIVRE.

NOVA EDIÇÃO CORRECTA E AUGMENTADA COM ESTAMPAS

PUBLICADA POR L. C. DA CUNHA.

TOMO II.

LISBOA

NA TYPOGRAFIA DE LUIZ CORREA DA CUNHA,
COSTA DO CASTELLO N.º 15.

1860.

A DAMA DAS CAMÉLLAS

ROMANÇO ESCRITO EM FRANCIS

POR

117

ALEXANDRE DE MENEZES (TITULO)

TRADUZIDO P. EM PORTUGAL

POR

JULIUS JARDIN

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF TORONTO
1880

XIV.

Assim que entrei em casa, puz-me a chorar como uma criança. Não ha um unico homem que não tenha sido enganado, ao menos uma vez na sua vida, e que não saiba que tormentos são aquelles.

Disse comigo, sob a influencia oppressora dessas revoluções da febre, que sempre nos parece ter força para conter, que me era necessario romper immediatamente com este amor, e esperei o dia com impaciencia, para ir tomar lugar na posta, voltar para junto de meu pai e de minha irmã; duplice amor com que eu contava como certo, e que me não havia de enganar.

Comtudo, não queria partir sem Margarida saber o motivo da minha ausencia. Só um homem que decididamente não lem amor nenhnm á sua amante, é que se separa della sem lhe escrever.

Fiz e desfiz vinte cartas no pensamento.

Tratava com uma rapariga semelhante a todas as outras da sua qualidade, havia-a poetisado talvez de mais, ella tinha-me tratado como a um estudante, empregando para me enganar mais a seu salvo, a astucia de uma insultante simplicidade, não havia ainda que duvidar. Dominou-me então o amor proprio. Era mister deixar aquella mulher sem lhe dar a satisfação de saber o que semelhante rompimento me custava, e eis-aqui o que lhe escrevi, com muito bonita letra, e com lagrimas de raiva e desespero nos olhos.

« Minha querida Margarida.

« Espero que a vossa indisposição de hontem não seja cousa de cuidado. Fui ás onze horas da noute saber de vós, e responderam-me que ainda não linheis voltado. M. de G... foi mais feliz do que eu, porque se apresentou alguns instantes depois, e ás quatro horas da manhã ainda estava em vossa casa.

« Perdoai-me algumas horas aborrecidas que vos tenho feito passar, e ficai na certeza de que jámais poderei esquecer os momentos felizes que vos devo.

« Teria ido saber hoje de vós, mas tenciono ir ter com meu pai.

« Adeus, minha querida Margarida; não sou nem bastante rico para vos amar como desejaria, nem bastante pobre para vos amar como quereis. Portanto esqueçâmos, vós, um nome que vos deve ser pouco mais ou menos indifferente, eu, uma felicidade que se me torna impossivel.

« Restituo-vos a chave, que nunca me servio, e que vos poderá servir, se muitas vezes estiverdes doente, como hontem á noite »

Bem vedes, não tinha tido força para acabar esta carta sem uma ironia impertinente, o que prova quanto eu ainda estava enamorado.

Li e reli dez vezes esta carta, e a lembrança de que causaria desgosto a Margarida me tranquilisou alguma coisa. Tentei firmar-me nos sentimentos ali manifestados, e quando ás oito horas o criado me entrou no quarto, dei-lh'a para a ir levar logo ao seu destino.

— Espero pela resposta? me perguntou José, (o meu criado chamava-se José, como todos os criados).

— Se te perguntarem se tem resposta, dize que não sabes, e espera.

Ainda tinha uma esperança d'ella me responder. Quanto somos fracos e pobres!

Todo o tempo que o meu criado esteve por fóra, senti extraordinaria agitação. Ora lembrando-me como Margarida se me tinha entregado, perguntava a mim mesmo com que direito lhe escrevia uma carta impertinente, quando ella me podia responder que não era M... de G... que me enganava, mas sim eu que enganava a M. de G... raciocinio que permite a bastantes mulheres terem muitos amantes. Ora me recordava dos juramentos d'aquella rapariga, e queria convencer-me que ainda a minha carta era muito branda, e que não havia expressões, por mais fortes que fossem, para injuriarem uma mulher que se ria d'um amor tão sincero como o meu. Depois, pensava que talvez tivesse feito melhor se lhe não houvesse escripto, indo a sua casa de dia, e que d'essa maneira teria gosado das lagrimas que lhe faria derramar.

Finalmente, perguntava a mim mesmo que me iria ella responder. já disposto a acreditar na desculpa que me daria.

Entrou o José.

— Então? perguntei eu.

— Meu senhor, me respondeu elle, a senhora estava deitada e a dormir ainda, mas logo que chamar, entregam-lhe a carta, e se houver resposta cá a trarão.

Ella dormia!

Vinte vezes estive a ponto de mandar buscar outra vez a carta, mas dizia sempre comigo:

Talvez lh'a tenham já entregue; isto tinha ar d'arrependimento.

Quanto mais se aproximavam as horas em que provavelmente me havia de estar respondendo, mais pena tinha de haver escripto a malfadada carta.

Deram dez, deram onze, bateu o meio dia.

Ao meio dia, estive quasi a ir ter com ella, como se nada se tivesse passado. Emfim não sabia que havia de imaginar para sair do circulo de ferro que me opprimia.

A' uma hora, ainda esperava.

Então julguei com essa superstição de quem espera, que se desse uma volta, quando tornasse para casa, havia de achar resposta. As respostas impacientemente esperadas, sempre chegam quando não estamos em casa.

Sai portanto, sob o pretexto de ir almoçar.

Em lugar de ir almoçar ao café Foy, ao canto do *boulevard*, como costumava fazer, preferi ir almoçar ao *Palais-Royal*, e passar pela rua d'Antin. Cada mulher que via ao longe, me parecia Na-

vine com a resposta. Passei pela rua d'Antin sem encontrar nem ao menos um moço de recados. Cheguei ao *Palais-Royal*, e entrei no Véry. O rapaz fez-me comer, ou antes, servio-me o que quiz, por que não comi.

Máu grado meu, não tirava os olhos da pendula.

Tornei a entrar em casa, persuadido de que vinha achar uma carta de Margarida.

O porteiro não tinha recebido carta alguma. Esperava ainda no meu criado. Não tinha vindo ninguém de fóra desde que eu saíra.

Se Margarida tivesse de me responder, ha que tempos me teria escripto.

Então entrei, a arrepende-me dos termos da minha carta; devia-me ter callado completamente, o que não deixaria de lhe ter dado em que pensar; pois, vendo que não ia ao *rendez-vous* dado na vespera, havia de me perguntar sem duvida as razões porque fallára, e então era a mim que me competia dar-lh'as. D'essa maneira, não teria tido remedio senão desculpar-se, isso e o que eu queria, era tudo o mesmo. Sentia já que havia de acreditar em todas e quaesquer razões que me objectasse; emfim, teria preferido tudo a deixar para sempre de a ver.

Até me lembrei de que ella propria viria a minha casa: mas passaram-se horas e horas, e ella não apparecia.

Acredito que Margarida não era como todas as mulheres, porque bem poucas haverá que, tendo recebido uma carta semelhante á que eu acabava de escrever, não respondessem alguma coisa.

A's cinco horas corria os Campos Elysios.

Se a encontrar, pensava eu, fingirei um ar indifferente, e ella ficará convencida de que já não penso nella.

Ao virar da rua Real, vi-a passar na sua carruagem; tão rapido foi o encontro, que cheguei a mudar de côr. Não sei se ella deu pela minha agitação; eu estava tão perturbado, que não via se não a carruagem.

Não continuei o meu passeio nos *Campos Elysios*. Olhei para os cartazes dos theatros, por que ainda tinha uma probabilidade de vel-a.

Havia uma primeira representação no Palais-Royal. Era certo Margarida não faltar, segundo o seu costume.

A's sete horas estava no theatro.

Encheram-se todos os camarotes, porém Margarida não appareceu.

Então deixei o Palais-Royal e entrei em todos os theatros que ella frequentava mais; no *Vau-deville*, nas *Variedades*, e na *Opera-Comica*.

Em nenhum delles estava Margarida.

Ou a minha carta lhe tinha causado muito desgosto para ter vontade de ir ao theatro, ou receava encontrar-se comigo, e queria evitar uma explicação.

Eis o que a minha vaidade me ia dizendo ao ouvido no *boulevard*, quando encontrei Gastão, que me perguntou donde vinha.

— Do Palais-Royal.

— E eu da opera, me disse elle; até me pareceu que te devia encontrar lá.

— Mas porque? lhe perguntei.

— Porque Margarida estava lá.

— Ah! ella estava ahí?

— Sim, estava.

— Só?

— Não, com uma amiga.

— Mais ninguem?

— Foi o conde de G... um instante ao seu camarote; mas ella saio com o duque. A todos os momentos me parecia vêr-te chegar. Havia ao pé de mim um logar que ficou vazio toda a noite, e ninguem me tirava da cabeça que estava alugado por ti.

— Mas porque hei de ir aonde vai Margarida?

— Essa é boa! porque és seu amante.

— E quem vos disse isso?

— Prudencia a quem hontem encontrei. Dou-vos os parabens, meu amigo, é um a linda amante, que nem quantos a querem a tem. Conservai-a, por que vos faz honra.

Esta simples reflexão de Gastão me fez vêr quão ridiculas eram as minhas susceptibilidades.

Se na vespera me tivesse encontrado, e me fallasse assim, de certo que não tinha feito a tolice de escrever aquella carta ridicula.

Estive quasi indo a casa de Prudencia e mandar dizer a Margarida que tinha que lhe fallar; mas tive medo de que por vingança me respondesse que não me podia receber, e tornei para casa depois de ter passado pela rua d'Antin.

Perguntei outra vez ao meu porteiro se havia alguma carta para mim.

Nada de novo.

Quiz vêr se eu dava algum novo passo, e se

retratava a minha carta d'hoje disse eu quando me deitei, porém vendo que lhe não escrevi, naturalmente escreve-me amanhã.

Naquella noite então é que me arrependi mais que nunca do que tinha feito. Estava só, não podia dormir, devorado de desassocego e ciumes, quando se tivesse deixado ir seguindo ás coisas o seu verdadeiro curso, estaria sem duvida junto de Margarida, ouvindo palavras d'encantar que apenas tinha ouvido duas vezes, e que me escaldavam os ouvidos na minha solidão.

O que na minha situação havia de espantoso, é que o raciocinio me suscitava baldado arrependimento; com effeito, tudo me dizia que era amado por Margarida. Primeiro, esse projecto de ir passar o verão comigo só no campo, depois aquella certeza de que nada a obrigava a ser minha amante, pois que os meus haveres eram insufficientes ás suas precisões e até aos seus caprichos. Portanto, nella só tinha havido a esperança de encontrar em mim uma afeição sincera capaz de a fazer descansar dos amores mercenarios em que vivia, e logo ao segundo dia eu destruia aquella esperança, e pagava com ironia impertinente o amor acceitado por duas noites. O que eu fizera pois, não só era ridiculo, senão muito grosseiro. Tinha eu porventura pago áquella mulher para ter direito de lhe lançar em rosto as suas acções? Não parecia aquella minha retirada logo ao segundo dia, d'um parasita d'amor que receia não ser contemplado com um talher? Como? Não haver mais de trinta e seis horas, que conhecia a Margarida, e estar já a fazer de susceptivel! E em lugar de me considerar muito

feliz della repartir comigo. queter possuil-a só eu e mais ninguém, e obrigar-a a quebrar de repente as relações do seu passado, que eram as rendas do seu futuro! Que tinha eu que lhe arguir? Nada. Tinha-me escripto que estava doente, quando me podéra ter dito com toda a sequidão, com a hedionda franqueza de certas mulheres, que tinha de receber um amante; e em logar de acreditar na sua carta, em logar de ir passear nas ruas de Pariz, excepto na rua d'Antin; em logar de passar o serão com os meus amigos, e de me apresentar no dia seguinte á hora que me indicava, fazia d'Othello, espionava-a, e julgava punil-a não a vendo mais. Pelo contrario, ella que havia de estar contentissima daquella separação; mas sempre me devia achar mil vezes tolo, e o seu silencio nem mesmo representava odio, era indicio d'uma fria indiferença.

Talvez devesse então fazer a Margarida um presente que lhe não deixasse a menor duvida sobre a minha generosidade, e que me permittisse, tratando-a como quem era, julgar-me quite a seu respeito; mas pensaria offender pela mais pequena apparencia de trafico, senão o amor que tinha por mim, pelo menos o amor que eu lhe tinha, e já que este amor era tão puro que não admittia partilhas, não podia pagar com um presente, por mais magnifico que fosse, a felicidade que me proporcionou por mais curta que tivesse sido aquella felicidade.

Eis o que me vinha de noite ao pensamento, e o que a cada instante me sentia disposto a ir dizer a Margarida.

Quando rompeu o dia, ainda estava acordado; tinha febre; era-me impossível pensar n'outra coisa, que não fosse em Margarida.

Como perceberéis, era preciso tomar um partido decisivo, e acabar com a mulher, ou com os meus escrupulos se todavia ella ainda consentisse em me receber.

Mas, bem o sabeis, sempre se retarda um partido decisivo; por tanto não podendo estar em casa, e não me atrevendo a apresentar-me em casa de Margarida, tentei um meio de me approximar a ella, meio que o meu amor-proprio podia encarar, como accaso, na supposição de que sortia bom resultado.

Eram nove horas; corri a casa de Prudencia que me perguntou a que motivo devia aquella visita tão cedo.

Não me atrevi a dizer-lhe francamente o que ali me trazia. Respondi-lhe que tinha saído de manhãzinha para ir tomar lugar na diligencia de C... aonde meu pai vivia.

— Sois bem feliz, me disse ella, por poderdes deixar Paris agora, que faz tão lindo tempo.

Olhei para Prudencia, sem saber se com effeito estava a zombar commigo.

Mas o seu rosto não podia estar mais sério.

— Ides dizer adeus a Margarida? tornou ella com a mesma seriedade.

— Eu não.

— Fazeis bem.

— Parece-vos?

— Naturalmente. Se rompestes com ella, de que serviria tornal-a a ver?

— Sabeis do nosso rompimento?

— Mostrou-me a carta.

— E que vos disse?

— Minha querida Prudencia, o vosso protegido é incivil; aquellas cartas pensam-se, mas não se escrevem.

— E com que modo vos disse isso?

— A rir, e acrescentou:

— Ceou duas vezes commigo, e nem mesmo me faz uma visita depois de ter feito a digestão.

Eis o effeito que a minha carta e os meus ciumes tinham produzido. Fui cruelmente humilhado na vaidade do meu amor.

— E que fez ella hontem á noite?

— Foi á Opera.

— Já sei. E depois?

— Veiu cear para casa.

— Sosinha?

— Com o conde de G.... creio eu.

Assim, o meu rompimento não tinha alterado em nada os habitos de Margarida.

— E' por estas e outras loucuras que certas pessoas vos dizem:

— Não deveis pensar mais n'esta mulher que vos não ama.

— Ora, e a mim que me dá muito cuidado ver que Margarida se não afflige por minha causa! tornei eu com um sorriso contrafeito.

— E ella teve muitissima razão. Vós fizestes o que devieis, fostes mais sensato do que ella, porque realmente ella amava-vos; não fazia senão estar continuamente fallando em vós, e teria sido capaz de alguma loucura por vosso respeito.

— Se me tem amor, porque me não respondeu ?

— Porque intendeu não ter feito bem em vos amar. Pois as mulheres permitem algumas vezes que se lhes fira o seu amor proprio, e sempre se fere o amor proprio d'uma mulher que se deixa dois dias depois de ter sido seu amante, sejam quaes forem os motivos que dêem lugar a semelhante rompimento. Eu conheço Margarida ; mais facil lhe seria morrer, que responder-vos.

— Então que heide fazer ?

— Nada. Esquecer-vos-ha, esquecer-a heis, e ficais pagos na mesma moeda.

— Mas se eu lhe escrevesse para lhe pedir perdão ?

— Não penseis em tal, perdoar-vos-hia.

Estive a ponto de saltar ao pescoço de Prudencia, de contente que fiquei.

D'ahi a um quarto d'hora tinha voltado para casa, e escrevia a Margarida.

« Alguem que se arrepende d'uma carta que
« escreveu bontem, que partirá amanhã se lhe não
« perdoais, desejava saber a que horas podia ir con-
« fessar o seu arrependimento a vossos pés.

« Quando vos encontrará só ? pois bem sabeis,
que as confissões devem ser feitas sem testemu-
nhas.»

Dobrei esta especie de madrigal em prosa, e mandei pelo José, que entregou a carta mesmo a Margarida ; disse-lhe ella que mais tarde daria a resposta.

Apenas saí um instante para ir jantar, e ás onze da noite ainda não tinha recebido resposta alguma.

Tomei então a resolução de não padecer por mais tempo, e partir no dia seguinte.

Em consequencia desta resolução, e convencido de que não adormeceria se me deitasse, entrei a encher as minhas malas.

XV

Havia perto de uma hora que eu e o José preparavamos tudo para a minha viagem, quando bateram muito de rijo á porta.

— Abro? disse o meu criado.

— Abre, sim; disse-lhe eu perguntando a mim quem podia ser áquellas horas, e não me atrevido a crêr que fosse Margarida.

— Meu senhor, disse o José, são duas senhoras.

— Somos nós, Armand, gritou uma voz que eu conheci logo ser a de Prudencia.

Sahi do meu quarto.

Prudencia de pé olhava para essas poucas curiosidades da minha sala; Margarida assentada no canapé, reflectia.

Quando entrei, fui direito a ella, ajoelhei, tomei-lhe ambas as mãos, e muito commovido, lhe disse: Perdão!

Beijou-me na testa, e disse-me:

— E' já a terceira vez que vos perdoo.

— Ia partir amanhã.

— Em que é que a minha visita póde fazer-vos mudar de resolução? Não venho cá para vos obstar que deixeis Paris. Venho, porque não tive tempo de vos responder em todo o dia, e não quiz

que accreditasseis que estava mal comvosco. Até Prudencia não era d'opinião que eu viesse, porque dizia que era possível vir-vos incommodar.

— Vós! incommodar-me... vós, Margarida! mas como?

— Ora essa! não podia acontecer terdes uma mulher comvosco, respondeu Prudencia, e disse-me se ella havia de ficar muito contente de ver entrar duas?

Durante esta observação de Prudencia, olhava Margarida para mim com summa attenção.

— Minha Prudencia, respondi eu, não sabeis o que estais a dizer.

— O caso é que morais n'umas casas muito bonitas, tornou Prudencia; póde-se ver o vosso quarto?

— Pois não!

Prudencia entrou no meu quarto, menos por desejo de o ir ver, que para d'algun modo reparar a tolice que acabava de dizer, e deixar-nos em liberdade a mim e a Margarida.

— Porque vos acompanhou Prudencia?

— Porque estava comigo no theatro, e queria ter alguém que me acompanhasse quando sair d'aqui.

— Não podieis contar comigo?

— Sim, mas além de que vos não queria dar incommodo, tinha toda a certeza de que chegando a ir até á minha porta me-pedirieis para subir, e como vol-o não podia permittir, não queria que vos retirasseis com direito de me increpades da minha escuza.

— E porque me não podieis receber?

— Porque sou muito vigiada, e a menor suspeita podia fazer-me muito prejuizo.

— Não tendes outra razão?

— Se houvesse outra, dizel-a-hia com toda a franqueza; ainda vinha a tempo termos segredos um para o outro.

— Vamos, Margarida, não quero tomar muitos rodeios para chegar ao que vos desejo perguntar. Francamente, tendes-me algum amor?

— Muito, me respondeu.

— Então porque me enganastes?

— Meu amigo, se eu fosse a senhora duqueza de tal, se tivesse duzentas mil libras de renda, sendo vossa amante e tendo outro amante sem serdes vós, terieis nesse caso o direito de me perguntar porque vos engano; mas eu sou mll.^e Margarida Gautier, tenho quarenta mil francos de dividas, não tenho um soldo de meu, e dispendo cem mil francos por anno; por consequencia a vossa pergunta torna-se ociosa, e a minha resposta inutil.

— E' justo, disse eu, deixando cair a cabeça no regaço de Margarida, porém amo-vos como um louco.

— Está bom, meu amigo, era preciso ou amardes-me menos, ou comprehenderdes-me melhor. A vossa carta affligio-me bastante. Se eu pudesse, se tivesse a liberdade de consultar só o coração, primeiramente, não tinha recebido o conde antes d'hontem, ou no caso de o receber, teria vindo pedir-vos o perdão que ainda agora me pedeis, e não havia de ter para o futuro outro amante senão vós. Ainda acreditei um momento poder gozar dessa

felicidade por seis mezes, não o quizestes assim; todo o vosso empenho era conhecer os meios, oh! meu Deus, os meios facillimos eram de adivinhar. Era um sacrificio maior do que vós pensais, que eu fazia se os empregasse. Podéra ter-vos dito: preciso de vinte mil francos; como estais enamorado de mim, encontral-os-hieis, mesmo a risco de m'os lançardes em rosto mais tarde; antes quiz não vos ficar devendo coisa alguma; não comprehendestes esta delicadeza, porque foi. Nós outras, quando ainda nos resta alguma alma, damos ás palavras e ás cousas uma extensão e um desenvolvimento que as outras mulheres não conhecem; repito-vos pois, que da parte de Margarida Gautier, o meio que ella achava para pagar as suas dividas sem vos pedir o dinheiro necessario para esses pagamentos, era uma delicadeza de que deveis aproveitar-vos sem murmurar. Se me tivesses conhecido hoje pela primeira vez, não vos julgariéis muito feliz com o que eu vos promettesse, sem me perguntardes o que fiz antes d'hontem? Algumas vezes nos vemos obrigadas a comprar uma satisfação para a nossa alma, á custa do proprio corpo, e padecemos muito mais, quando depois essa satisfação nos foge.

Ouvia e olhava para Margarida com assombro. Quando pensava que aquella maravilhosa creatura, cujos pés outr'ora me daria por feliz de beijar, consentia a fazer-me entrar nos seus pensamentos e projectos, a fazer-me representar um papel na sua vida, e que eu não me contentava ainda com o que ella me dava, reflectia que o desejo do homem é illimitado; não se lhe póde marcar

termo; depois de satisfeito como o meu tinha sido, ainda ambiciona mais, cada vez mais.

— E' verdade, continuou Margarida; nós outras, creaturas do acaso, temos desejos chimericos, e amores incompreensiveis. Ora nos damos por uma cousa, ora por outra. Pessoas ha que se arruinariam sem nunca obterem nada de nós; outras, que por um ramallete de flôres nos possuem. E' que o nosso coração tem caprichos; é a sua unica distracção, é a sua unica desculpa. Entreguei-me a ti mais depressa do que a nenhum outro homem; posso-t'o jurar; e porque? porque tendo-me tu visto deitar sangue pela boca, me pegaste na mão; porque choraste, porque és a unica creatura que tem tido compaixão de mim. Vou dizer uma loucura, mas sempre a digo; tinha n'outro tempo um cãozinho, que olhava para mim muito triste, quando eu estava a tossir; ó o unico ente que tenho amado.

Quando morreu, chorei mais que pela morte de minha mãe. E' verdade que ella me deu pancadas pelo espaço de doze annos. Pois bem, e perdeu a minha franqueza, amei-te tão depressa como ao meu cão. Se os homens soubessem o que se pôde conseguir com uma lagrima, seriam mais amados, e nós menos ruinosas.

A tua carta desmentiu-te; revelou-me que não tinhas todas as intelligencias do coração, fez-te peor no amor que tinha por ti, quo tudo o que me podesse vir a fazer. Eram ciumes, é verdade, mas ciumes ironicos e impertinentes. Eu estava já triste quando recebi a tua carta, contava vêr-te ao meio-dia, almoçar contigo, apagar emfim com a tua com-

panhia um pensamento que de continuo me seguia, e que antes de te conhecer admittia sem esforço.

Depois, continuou Margarida, tu eras a unica pessoa diante de quem eu podia pensar e fallar com liberdade. Todos os que cercam as mulheres que vivem como eu vivo, teem interesse em sondar-lhes as mais insignificantes palavras, em tirar consequencias das suas menores accões. Nós não temos naturalmente amigos. Temos amantes egoistas, que dão cabo de quanto possuem, não por amor de nós, como dizem, mas por amor da sua vaidade.

Para essa gente, é mister estarmos alegres quando estão alegres, passar bem de saude quando querem cear, scepticos emfim como elles o são. E'-nos prohibido termos coração, sob pena de sermos apupadas, e de deitar a perder a nossa reputação.

Não somos senhoras de nós. Não somos entes, somos cousas. As primeiras no seu amor proprio, e as ultimas na sua estima. Temos amigas, mas como Prudencia, mulheres que em outro tempo tiveram a mesma occupação que nós e que ainda conservam gosto por despezas que a sua idade lhes não permite fazer. Então, tornam-se nossas amigas, quero dizer, nossas commensaes. A sua amizade toca o servilismo, mas jámais o desinteresse. Nunca nos dão, senão um conselho lucrativo. Pouco lhes importa que tenhamos mais de dez amantes, com tanto que d'ahi lhes resultem vestidos ou braceletes, e que possam passear uma vez por outra na nossa carroagem, e ir ao theatro para o nosso camarote. Teem os nossos ramalhetes da véspera, e vestem os nossos vestidos. Nunca nos fazem um serviço,

por mais pequeno que seja, sem fazer com que se lhes pague o dobro do que vale. Tu mesmo observaste na noite em que Prudencia me trouxe os seis mil francos que eu tinha mandado pedir por ella ao duque; levou-me quinhentos francos d'empres-timo que nunca me ha-de satisfazer, ou que pagará em chapeus que nunca sahirão das suas caixas.

Nós nunca podemos pois ter, ou antes, eu nunca podia ter senão esta felicidade; e vem a ser: triste como eu o estou quasi sempre, a padecer como padeço, achar um homem bem superior para me não pedir contas da minha vida. e para ser muito mais o amante das minhas impressões, que o do meu corpo. Tinha achado este homem no duque, porém o duque é velho. e a velhice não protege, nem satisfaz. Tinha julgado que podia acceitar a vida que me elle propunha; mas que queres? havia de morrer de aborrecimento; mas para morrer, tanto val lançar-se a gente n'um incendio, ou asphixiar-se com carvão.

Foi então que te encontrei, joven, ardente, feliz, e tentei fazer de ti o homem, que tinha evocado do meio da minha ruidosa solidão. O que em ti amava, não era o homem d'então, mas o que viria a ser. Não acceitas este encargo, rejeital-o como indigno de ti, és um amante vulgar; faze como os outros, paga-me e não fallemos mais em tal.

Margarida a quem esta longa confissão tinha fatigado, reclinou-se sobre as costas do canapé e para suffocar, um ligeiro accesso de tosse levou o lenço á bocca, e dalli aos olhos.

— Perdôa-me, perdôa-me, murmurei eu en-

ternecido, tudo isso tinha eu comprehendido, mas queria ouvil-o da tua propria bocca, minha adorada Margarida. Esqueçamos tudo, e só disto nos lembremos, que somos moços e que nos amamos muito.

Margarida faz de mim o que quizeres, sou o teu escravo, o teu cão; mas, pelo amor de Deus; rasga a carta, que te escrevi, e não me deixes partir ámanhã, pois morreria de saudades.

Margarida tirou a carta e dando-ma, me disse com um sorriso de ineffavel doçura:

— Ei-la; já t'a trazia.

Fiz em mil pedaços a carta, e beijei com as lagrimas nos olhos a mão que m'a entregava:

Neste momento appareceu Prudencia.

— Prudencia, sabeis o que me elle pede? diz Margarida.

— Pede-vos perdão?

— Justamente.

— E vós perdoais, não é assim?

— Está claro, mas ainda pede outra coisa.

— O que?

— Quer vir cear connosco.

— E vós consentis?

— O que vos parece?

— Penso, que vós ambos sois umas crianças e que um não tem mais juizo que o outro. Mas tambem penso que tenho muita vontade de comer e que quanto mais depressa consentirdes, mais depressa cearemos

— Vamos, diz Margarida, poderemos caber todos tres na carroagem? Tomai, ajuntou ella voltando-se para mim, Nanine ha de estar já deitada,

abrirei a porta, tirarei a chave, e vêde não a torneis a perder.

Abracei Margarida com ternura.

Neste comenos entrou o José.

— Meu senhor, diz me elle com ar de quem estava satisfeito comsigo mesmo, as mallas estão já arranjadas.

— Todas ?

— Sim, senhor.

— Pois bem! despeja-as, pois eu já não parlo.

XVI.

Teria podido, diz-me Armand, contar-vos em poucas palavras o principio desta união, mas queria que visseis bem os acontecimentos e gradações porque passamos e chegamos, consentir eu em tudo o que Margarida quizesse; ella a não poder viver senão comigo.

Foi na manhã seguinte á noite em que ella me foi procurar, que lhe mandei *Manon Lescaut*.

Desde este momento, como não podia mudar a vida da minha amante, mudei a minha. Antes de tudo, não queria dar ao meu espirito tempo de reflectir no papel que tinha accettato; porque a meu pesar ter-me-ia affligido muito. Por isso a minha vida, de ordinario tão tranquilla, revestio-se d'uma apparencia de ruido e desordem. Não acrediteis que por mais desinteressado que seja o amor que uma destas mulheres vos tem, nos sahe de graça. Nada é mais caro que os mil caprichos de flores, de camarotes, de ceias, de partidas de campo, que nunca se podem recusar a uma amante.

Como ja vos disse, não tinha uma fortuna. Meu pai era, e é ainda recebedor geral de C... Tem grande reputação de lealdade, graças ao que deve a fiança que lhe era necessario dar para entrar em funcção. Desta receita, rende-lhe quarenta mil francos, e ha dez annos que está empregado; já tem reembolsado o penhor, e tratou de juntar o dote para minha irmã. Meu pai é o homem mais honrado que se tem visto. Minha mãe, quando morreu, deixou seis mil francos de renda, que repartio entre minha irmã e eu, no dia em que meu pai conseguiu o emprego que sollicitava; depois quando fiz vinte e um annos juntou a esta pequena renda uma pensão annual de cinco mil francos. certificando-me que com oito mil francos poderia ser muito feliz em Paris, se quizesse juntamente com esta rendinha crear-me uma posição quer no sôro, quer na medicina. Cheguei a Paris, frequentei direito, e fui reconhecido advogado e como muita gente, metti o meu diploma na algibeira e entreguei-me por algum tempo á vida indulente de Paris. As minhas despesas eram muito moderadas, só acontecia que gastava em oito mezes as rendas de todo o anno, e passava os quatro mezes de verão em casa de meu pai; o que me fazia a final de contas a renda de doze mil libras, e dava-me uma reputação de bom filho. Além disto, nem um soldo de dividas.

Aqui está em que situação me achava, quando travei conhecimento com Margarida.

Bem comprehendereis, que mau grado meu, se augmentaram as minhas despesas. Margarida era de natural caprixosa, e era dessas mulheres, que nunca olham como uma despeza real, as mil

distracções de que se compõe a sua existencia. Resultava d'ahi que querendo passar comigo o mais tempo possivel, escrevia-me de manhã que jantaria comigo, não em sua casa, mas em alguma casa de pasto de Paris ou do campo. Ia ter com ella, jantavamos, iamos ao theatro, ceavamos algumas vezes, e á noite já eu tinha gasto quatro ou cinco luizes, o que fazia dois mil e quinhentos, ou tres mil francos por mez, o que reduzia o meu anno a tres mezes e meio, e me punha na necessidade de contrair dividas, ou de me separar de Margarida.

Ora tudo accitaria, menos esta segunda eventualidade.

Perdoai-me se entro nestas minuciosidades, mas haveis de ver que foram a causa dos acontecimentos que se seguiram. O que vos conto é uma historia verdadeira, simples, e a que deixo toda a singeleza das circumstancias, e toda a simplicidade do desenvolvimento.

Compreendi então, que como nada no mundo teria sobre mim a influencia de me fazer e quecer da minha amante, tornava-se-me necessario achar um meio para prover ás despezas que ella me obrigava a fazer.

— Depois, este amor de tal forma me anniquilava, que todos os instantes que passava longe de Margarida eram para mim annos, e que sentia necessidade de queimar estes momentos ao fogo de uma paixão qualquer, e de os viver tão depressa que me não apercebesse que os vivia.

Commecei a adiantar cinco ou seis mil francos sobre o meu pequeno capital, e meti-me a jo-

gar, porque depois que se prohibiram as casas de jogo, joga-se em toda a parte. N'outro tempo quando se entrava no Frascati, tinha-se a alternativa de se fazer fortuna; jogava-se contra dinheiro, e se se perdesse tinha-se a consolação de se dizer que se teria podido ganhar; em quanto que agora, excepto nos circulos em que ainda ha uma certa severidade para o pagamento, tem-se quasi toda a certeza de, que no momento em que se ganha uma somma importante se podem perder as esperanças de a receber. Facilmente se comprehenderá a razão disto.

O jogo não póde ser praticado senão por mancebos que tenham grandes precisões, e a quem faltem os haveres necessarios para occorrer ás despesas da vida que levam; jogam portanto, e naturalmente, vem a resultar o seguinte: ou elles ganham, e então os que perdem servem para pagar os cavallos e as amantes daquelles senhores, o que é muito ridiculo ou perdem, e como já lhes falta dinheiro para viverem, com muito mais forte razão lhes deve faltar dinheiro para pagarem o que perderam; não pagam, o que é muito desagradavel. Contraem-se dividas; relações começadas á roda de um panno verde, acabam por questões em que a honra e a vida se vão defecando; e quando se é homem de bem, depara-se muitas vezes com um defeixo de ruina completa, e esta ruina causada por mancebos muito de bem, que não tinham outro defeito senão, o de não possuirem duzentas mil libras de renda.

Não tenho precisão de vos fallar daquelles que roubam ao jogo, e de que se ouve dizer um dia que fugiram, o que não podia deixar de acontecer,

ou que foram condemnados depois de haverem desapparecido.

Lancei-me pois nesta vida rapida, tumultuosa, volcanica, que me assustava n'outro tempo quando pensava nella, e que se tinha tornado para mim o complemento inevitavel do meu amor por Margarida. Que querieis que eu fizesse?

As noites que não passava na rua d'Antin, se as tivesse passado só em minha casa, não dormia. O ciúme me teria acordado, e queimado o pensamento e o sangue; enquanto que o jogo distrahia por um momento a febre que forçosamente me teria dominado o coração, e derivava-a, por assim dizer, para uma paixão cujo interesse se apoderava de mim, mau grado meu, até que chegasse a hora de ir para junto della. Então, e era por ahí que reconhecia a violencia do meu amor, quer ganhasse, quer perdesse, deixava inexoravelmente a banca, com certa compaixão daquelles que lá deixava, e que não iam encontrar como eu a felicidade, quando dalli saíssem.

Para a maior parte, o jogo era uma necessidade; para mim era um remedio.

Curado da paixão por Margarida, estava curado do jogo.

E por isso, no meio daquelle turbilhão, conservava bastante sangue-frio; não perdia senão o que podia pagar, e não ganhava senão o que teria podido perder.

Finalmente a fortuna favoreceu-me. Não fazia dividas, e gastava tres vezes mais dinheiro que quando não jogava. Não era facil resistir a uma vida que me permittia satisfazer, sem me incommodar,

aos mil caprichos de Margarida. Em quanto a ella, amava-me como sempre, e até mais.

Como vos disse, tinha começado primeiro por sómente ser recebido da meia noite ás seis horas da manhã, depois fui admittido de tempos a tempos nos camarotes, depois ella veio jantar algumas vezes comigo. Uma manhã não me retirei senão ás oito horas, e aconteceu um dia não sahir de lá senão ao meio dia

Entretanto a metamorphose physica tinha tido lugar em Margarida. Tentára cura-la, e a pobre rapariga, adivinhando-me a intenção, obedecia-me para me provar o reconhecimento. Sem abalos nem esforços, tinha conseguido separal-a quasi de todos seus antigos habitos. Tinha-me dito o meu medico, com quem eu tinha feito com que ella se encontrasse, que só o repouso e tranquillidade lhe podiam conservar a saude, desorte que ás ceias e ás insomnias, tinha chegado a substituir um regimen hygienico, e somno regular.

A seu pezar, Margarida ia-se acostumando tambem a esta nova existencia, cujos effeitos lhe davam boa saude. Já principiava a passar algumas noites em casa, e se fazia bom tempo, deitava um chaile por cima dos hombros, cubria-se com um véo, e iam os ambos a pé, como duas crianças, passear nas alamedas sombrias dos Campos Elysios. Entrava cansada, ceava pouco, deitava-se depois de ter tocado um pedaço, ou depois de ter lido, o que nunca lhe tinha succedido. Por consequencia, a sua saude ia-se restabelecendo rapidamente. A tosse, que, cada vez que lh'a ouvia, me oprimia o peito tinha desaparecido quasi completamente.

No fim de seis semanas, já se não tractava do conde, definitivamente sacrificado; só o duque me obrigava ainda a occultar as minhas relações com Margarida, e ainda aconteceu ter sido despedido muitas vezes estando eu lá, sob pretexto de que a senhora dormia e tinha prohibido que a acordassem.

Resultou do costume e até da precisão que Margarida tinha contraído de me vêr, que eu abandonava o jogo mesmo na occasião em que um jogador habil o teria deixado. Feitas as contas, achava-me, em consequencia dos meus ganhos, senhor d'uns dez mil francos, que me pareciam um inexgotavel capital.

Era chegado o prazo em que tinha o costume de ir ter com meu pai e minha irmã, e eu sem partir; não era por falta de cartas de ambos, a pedirem-me para sahir de Paris, e ir para a casa paterna.

A todas essas instancias respondia o melhor que podia, repetindo sempre que passava bem, e que não tinha precisão de dinheiro, duas cousas, que, no meu intender, consolariam alguma coisa a meu pai da demora que havia na minha visita annual.

Entretanto aconteceu que tendo acordado uma manhã Margarida com um sol esplendido, saltou da cama pedindo-me que a levasse todo o dia ao campo.

Mandou-se chamar Prudencia, e partimos todos tres, depois de Margarida ter recommendado a Nanine, que dissesse ao duque, que tinha querido aproveitar tão bonito dia. e que tinha ido ao campo com madame Duvernoy.

Além de ser necessaria a presença da Duvernoy para tranquillisar o velho duque, era Prudencia uma dessas mulheres que parecem feitas de proposito para estas digressões campestres. Com a sua alegria inalteravel, e seu appetite eterno, não podia deixar um momento de infado a quem acompanhava, e era magnifica para encommendar óvos, cerejas, leite, coelho assado, e tudo o mais de que costuma constar o almoço tradicional dos arredores de Paris.

Só nos restava saber aonde iriamos.

Foi ainda Prudencia que veio desempatar os projectos.

— Querem um bello passeio de campo com todos os seus encantos, não é assim?

— Sim, queremos.

— Então bom! vamos a Bougival a Point du Jour, á viuva Arnould. Armand, ide alugar um *calèche*.

D'ahi a hora e meia, estavamos em casa da viuva Arnould.

Conheceis talvez esta estalagem casa de pasto de semana, e tasca ao domingo. Do jardim, que está na altura d'um primeiro andar ordinario, descobre-se um ponto de vista magnifico. A' esquerda o aqueducto de Marly fecha o horisonte, á direita estendem-se os olhos por verdes colinas sem fim; o rio, quasi sem corrente neste sitio, desenrola-se como uma fita larga ondeada de branco, entre a planicie dos Gabillons e a ilha de Croissy, eternamente embalada pelo brando estremecer de seus alamos, e pelo murmuro melancolico dos formosos salgueiros.

No cimo. n'um largo reflexo de sol surgem alegres casinhas alvas com os seus telhados vermelhos e algumas fabricas, as quaes. perdendo pela distancia o seu natural austero e commercial, completam admiravelmente esta bella paizagem.

Lá no fundo, n'uma athmosphera neblosa, está Paris!

Como nos tinha dito Prudencia, era um verdadeiro campo, e devo tambem não omittir que foi um verdadeiro almoço.

Não é por gratidão para com a felicidade que lhe devi que digo tudo isto, mas Bougival, apesar do seu nome terrivel, é uma das mais bonitas vivendas que se pode imaginar. Tenho viajado muito, tenho visto coisas maiores, porém não mais seductoras que este lugarejo alegremente reclinado na encosta da collina que o protege.

Madame Arnould offereceu-nos bordejarmos n'um barquinho, o que Margarida e Prudencia acceitaram com alegria infantil.

Sempre se juntou ao campo o amor, e com razão; não ha painel em que diga tão bem a mulher que se ama, como o céo azul, os perfumes, as flores, a solidão resplandecente dos campos ou dos bosques. Por mais forte que seja o amor que se tem a uma mulher, por mais confiança que nella se deposite, por maior certeza que haja no futuro que nos promette o seu passado, sempre ha um ou maior ou menor vislumbre de ciume. Quem está namorado, mas devéras namorado, sente sempre esta precisão de affastar do mundo o ente a quem consagra toda a sua existencia. Parece que por mais indifferente que a mulher amada se mos-

tre por tudo quanto a rodeia, perde uma parte do seu perfume e da sua unidade com o contacto dos homens, e dos objectos estranhos. Eu sentia isto como ninguem. O meu amor não era um amor vulgar; estava apaixonado como uma creatura humana o pode estar; mas com Margarida Gautier, pôde-se dizer, que em Paris era acotovelar a cada passo um homem que tivesse sido amante de Margarida, ou que o seria no seguinte dia. Em quanto que no campo, no meio de pessoas que nunca tínhamos visto, e que nem sequer de nós se occupavam, no meio de uma natureza alaviada com a vinda da primavera, e separados do ruido da capital; podia occultar o meu amor, e amal-a sem pejo e sem temor algum.

A sua antiga condição ia desapparecendo progressivamente. Tinha a meu lado uma mulher moça e bella, a quem amava, e de quem era amado, que se chamava Margarida; o passado era sem formas, o futuro sem nuvens. O sol abrihantava a minha amada, como o teria feito á noiva mais casta.

Passeavamos sósinhos por esses sitios encantadores, que pareciam ter sido feitos de proposito para recordarem os versos de Lamartine ou cantar as melodias de Scudo. Margarida trazia um vestido branco; recostava-se ao meu braço, e me repetia de noute sôb um céu marchetado de estrelas o que na vespera me tinha dito; e o mundo lá ao longe continuava a sua vida sem vir manchar com as suas sombras o risonho quadro da nossa mocidade e do nosso amor.

Tal era o sonho que atravez da folhagem me trazia o sol abrazador, deste dia, em quanto que

deitados sobre a relva da ilha em que tinhamos aportado, livres de todos os laços que antes nos opprimiam, deixava divagar o meu pensamento, e entesourar as esperanças que encontrava.

Ajuntai a tudo isto, que do logar em que me achava, via sobre a outra margem uma casinha encantadora com dois andares, com seu gradeamento em meia laranja; atravez das grades, diante da casa, um tapete aveludado de relva; por detrás desta linda habitação, um bosquesinho cheio de mysteriosos retiros, e que devia apagar todas as manhãs sob o seu abundante musgo o carreiro aberto na vespera.

Trepadeiras floridas occultavam parte das paredes desta casa deshabitada, e a abraçavam até ao primeiro andar.

A' força de olhar para aquella formosa vivenda, acabei por me convencer de que realmente era minha, tanto nella se resumiam os meus sonhos. Parecia estar vendo lá Margarida e eu, de dia no bosque que vestia a collina, á noute no relvado, e perguntava se era possível terem jámais gosado creaturas terrestres uma felicidade semelhante.

— Ai que linda casa! me disse Margarida que me tinha seguido a direcção dos olhos, e talvez a dos meus pensamentos.

— Aonde? perguntou Prudencia.

— Acolá. E Margarida apontava com o lindo dedo para a casa em questão.

— Ah! é um paraíso! replicou Prudencia, agrade-vos?

— Muitissimo.

— Ainda bem! disse ao duque que vol-a man-

de alugar; estou certo de que o fará. Se quereis, eu me encarregarei disso.

Olhou para mim Margarida como para consultar a minha opinião.

Voára por ares e nuvens o meu sonho com as ultimas palavras de Prudencia, e tão brutalmente me tinha atirado para a realidade prosaica, que ainda estava como que atordoado da queda.

— Sem duvida, é uma feliz lembrança, balbuciei eu sem saber o que dizia.

— Ora pois, eu tratarei disso, me disse Margarida apertando-me a mão; interpretára as minhas palavras segundo o seu desejo. Vamos já ver se está para arrendar.

Estava devoluto, e arrendava-se por dois mil francos.

— Serieis feliz aqui? disse-me ella.

— Posso ter a certeza de vir cá?

— E por quem viria enterrar me aqui, se não fo se por amor de vós?

— Está bom, Margarida, deixai-me alugar esta casa a mim mesmo.

— Estais louco? é não só inutil, mas até perigoso, bem sabeis que não tenho direito d'acceitar dinheiro senão d'um unico homem; deixai-vos ir, meu louquinho, sem dizer nada.

— Visto isso, quando por lá tiver dois dias livres, venho passar comvosco, disse Prudencia.

Deixámos a casa, e tomámos outra vez a estrada de Paris, conversando sobre a nova resolução que tinhamos tomado. O que é certo é que trazia Margarida reclinada nos braços, e ao apear-me da carruagem, começava já a encarar a combinação

da minha amante com um espirito menos escrupuloso.

XVII.

No dia seguinte, Margarida despedio-me cedo, dizendo-me que o duque devia vir de manhãzinha, e promettendo escrever-me logo que elle saisse, para me participar a que hora nos veriamos á noite, segundo o costume.

Com effeito, pelo diã adiante, recebi este aviso :

« Vou a Bougival com o duque; ide a casa de Prudencia, ás oito horas da noite. »

A' hora indicada, tinha voltado Margarida, e viéra ter comigo a casa de madame Duvernoy.

— Ainda bem! está tudo arranjado, disse contente logo que entrou.

— Está alugada a casa? perguntou Prudencia.

— Está sim; consentio logo.

Eu não conhecia o duque, mas confesso que tinha vergonha de o enganar d'aquella maneira.

— Mas, ainda aqui não está tudo! tornou Margarida.

— Então que mais?

— E' que eu tambem cuidei da habitação de Armand.

— Na mesma casa? perguntou Prudencia a rir.

— Não, mas em Point du Jour, onde almoçámos ambos, o duque e eu. Em quanto gosava da vista, perguntei a madame Arnould, é madame Arnould que ella se chama, não é? perguntei-lhe se tinha um aposento decente. Pois tem um que nem

arranjado de proposito : sala, saleta e alcova. Então, que mais é preciso? não é verdade meu amigo? Sessenta francos por mez. Tudo mobilado é capaz de distrair um hypocondriaco. Fiquei com os quartos. Fiz bem?

Saltei ao pescoço de Margarida.

— Como ha-de ser aprazivel! quem me déra lá! haveis de ter uma chave da porta pequena, e eu prometti ao duque uma chave do portão, que não acceita, pois quando vier, vem de dia. Parece-me que está muito contente com este capricho que me affasta de Paris por algum tempo, e fará calar alguma coisa a sua familia. Entretanto, perguntou-me como eu, que tanto gosto de Paris, me podia decidir a enterrar-me n'aquelle sitio; respondi que estava doente, e que era para descansar. Pareceu custar-lhe a acreditar. Aquelle pobre velho está sempre em afflições. Havemos de tomar muitas precauções. Armand; porque estou certa que me manda espiar alli por alguém, e não está tudo em alugar-me uma casa, é preciso ainda que pague as minhas dividas, e, infelizmente, tenho algumas. Estais d'acordo?

— Pois não! respondi-lhe eu, fazendo por calar todos os escrúpulos que aquelle modo de viver despertava em mim de tempos a tempos.

— Vimos a casa com toda a miudeza. E' bonita; ai, como não havemos de lá passar bem! O duque, de tudo se inquitava. Ah! amiguinho, acrescentou a louca abraçando-me, não sois infeliz: é um millionario que vos faz a cama.

— E quando vos mudais? perguntou Prudencia.

— O mais cedo que for possível.

— Levais o trem e os cavallos?

— Levo tudo Encarregar-vos-heis da minha casa em quanto estiver por lá.

Oito dias depois tinha Margarida tomado posse da casa de campo, e eu estava estabelecido em Point du Jour.

Começou então uma existencia que muito difficil me será de descrever-vos.

Ao principio da sua estada em Bougival, não pôde Margarida desfazer-se dos seus habitos, e como em sua casa todos os dias eram dias de festa, todas as suas amigas a iam visitar; pelo espaço d'um mez não se passou dia algum que Margarida não tivesse oito ou dez pessoas á mesa. Pela sua parte Prudencia levava todas as pessoas do seu conhecimento, e fazia-hes as honras da casa, como se fosse dona d'ella.

Tudo isto pagava o dinheiro do duque como deveis de suppôr, todavia aconteceu de tempos a tempos pedir-me Prudencia uma nota de mil francos, dizia ella que da parte de Margarida. Já vos disse que tinha tido alguns lucros ao jogo, não tardei nunca a entregar a Prudencia o que Margarida me mandava pedir por ella e receando não viesse a precisar de mais do que eu tinha, cheguei a tomar emprestada em Paris uma quantia igual a outra que já antigamente tinha pedido, e que havia pago com toda a regularidade.

Achei-me portanto outra vez senhor de uns dez mil francos, sem contar a minha mezada.

Comtudo o prazer que Margarida sentia em receber as amigas, aplacou mais alguma cousa na

presença das despezas que d'ahi resultavam, e mormente, diante da necessidade em que se via algumas vezes de me pedir dinheiro. O duque, que tinha alugado aquella casa para o descanso de Margarida, já não apparecia por lá sempre com medo de encontrar alegre e numerosa companhia de quem não tinha vontade de ser visto. Procedia aquillo de que tendo ido um dia com tenção de jantar só com Margarida, achou-se no meio de um almoço de quinze pessoas, que ainda não estava acabado ás horas em que contava sentar-se á meza, para jantar. Quando sem nada suspeitar, abriu a porta da casa de jantar, acolheu uma gargalhada geral a sua entrada, e foi obrigado a retirar-se repentinamente á vista da impertinente hilaridade dos circumstantes.

Margarida levantou-se da meza, foi ter com o duque a outra sala, e empregou altas diligencias para lhe fazer esquecer esta aventura; mas o velho ferido no seu amor proprio, ficára com raiva concentrada, e fallou com desabrimento á pobre rapariga, dizendo que estava farto de pagar as loucuras de uma mulher que nem mesmo o sabia fazer respeitar em sua casa, e saiu muito encolerizado.

Desde aquelle dia não se tinha ouvido fallar d'elle. Mudar Margarida os seus habitos, despedir as commensaes, de que servio? nada resolveu o duque a dar noticias suas. Quem tinha ganho com isso, era eu, porque mais completa posse da amante me resultára, e via enfim realisado o meu sonho. Margarida já não podia passar sem mim. Sem lhe darem cuidado as consequencias, dava a conhe-

cer em publico sem reboço algum as nossas relações, e tinha chegado até a ponto de eu não sair de sua casa. Os creados chamavam-me o senhor, e olhavam-me oficialmente como seu amo.

Prudencia, a proposito desta nova vida, tinha feito suas moralidades a Margarida; porém esta respondera-lhe que me tinha amor, que não podia viver sem mim, e que, dêsse por onde dêsse, não renunciava a felicidade de me ter sempre junto de si, accrescentando que todos aquelles a quem isto não agradasse, podiam deixar de voltar quando bem lhes parecesse.

Foi o que lhe ouvi um dia em que Prudencia havia dito a Margarida que tinha o que quer que fosse muito importante para lhe communicar, e que eu fui escutar á porta do quarto onde se tinham fechado ambas.

Passado tempo, voltou Prudencia.

Estava eu no fim do jardim quando ella entrou; não reparou em mim. Logo me pareceu pelo ar com que Margarida lhe foi fallar, que ia haver outra conversação semelhante á que eu tinha apanhado, e quiz ouvil-a como ouvi a primeira.

Fecharam-se no quarto do toucador, e puz-me á escuta.

— Então? perguntou Margarida.

— Então! vi o duque.

— Que vos disse?

— Que de bom grado vos perdoava a primeira scena, mas que lhe tinha constado que vivieis publicamente com M. Armand Duval, e que isto é que vos não perdoava nunca. Separe-se Margarida deste mancebo, disse elle, e eu lhe conti-

nuarei a dar tudo quanto quizer, ao contrario excusa de se lembrar de me pedir seja o que fôr.

— Que lhe respondestes?

— Que vos havia de participar a sua decisão, prometti-lhe aconselhar-vos o que é razoavel. Reflecti, minha querida menina, na posição que perdeis, e que Armand nunca vós poderá fazer recuperar. Ama-vos com todas as forças da sua alma, mas não tem posses que cheguem a fazer face a todas as vossas precisões, e quando for preciso separar-vos, já será tarde, e o duque não estará já pelo que está hoje. Quereis que eu vá fallar a Armand?

Margarida parecia reflectir, porque não respondia. Com violencia me batia o coração em quanto esperava pela sua resposta.

— Não, disse ella, não me separo de Armand, e para viver com elle não me hei-de matar. Talvez seja uma loucura, mas se eu o amo! se o amo tanto! que quereis? E depois, agora tomou já os costumes de amar-me sem obstaculos; quanto lhe não custaria ter de me deixar, que mais não fosse que uma hora por dia! Demais não me resta agora tanto tempo de vida, que valha a pena de me tornar infeliz, e de fazer as vontades a um velho, cuja presença só por si basta para me envelhecer. Pois fique-se embora com o seu diaheiro; passarei muito bem sem elle.

— Mas que fareis?

— Eu sei cá!

Já Prudencia ia sem duvida a responder mais alguma cousa, porém eu entrei de repente, e corri a lançar-me aos pés de Margarida, inundando-lhe

as mãos de lagrimas, que me fazia derramar tão copiosamente a alegria de ser assim amado.

— A minha vida pertence-te, Margarida, já não tens precisão daquelle homem. não estou eu aqui? abandonar-te-hei? poderei retribuir jámais a felicidade que me dás? Acabe-se o constrangimento, minha Margarida, amêmo-nos! o mais que nos importa?

— Oh! sim, sim, eu te amo, meu Armand! murmurou ella, enlaçando-me o pescoço com os braços, amo-te como nunca acreditei poder amar homem algum. Havemos de ser felizes... muito felizes; viviremos tranquillos; e direi um eterno adeus a essa vida de que agora me envergonho. Nunca me has-de lançar em rosto o meu passado, não é assim?

As lagrimas embargavam-me a voz. Não pude responder, senão com o apertar junto ao coração a Margarida.

— Vamos, diz ella voltando-se para Prudencia, e com a voz ainda alterada, contareis esta scena ao duque, e accrescentareis que não temos precisão d'elle para coisa alguma.

Desde esse dia, nunca mais se tratou do duque. Já não era Margarida a mesma que eu tinha conhecido. Evitava tudo o que me podia ter feito recordar a vida a que de principio eu a vira entregue. Nem esposa, nem irmã teve jámais para com seu esposo, ou seu irmão o amor e o extremo que ella tinha para comigo. Aquella compleição valetudinaria, aquelle natural mórbido estava prompto para todas as impressões, accessivel a todos os sentimentos. Tinha rompido com as suas amigas, como

se desfizera do seu habitual viver, da sua linguagem, das suas despesas de outro tempo. Quando nos viam sair de casa para irmos bordejar n'um elegante batel que eu tinha comprado, ninguem diria que aquella mulher simplesmente vestida de branco, com um grande chapeo de palha, levando debaixo do braço a singella pellica para se livrar da frescura da agua, era essa Margarida Gautier, cujo luxo e escandalos, quatro mezes antes, tanto davam que fallar em Paris.

Ai de nós! que tanto nos apressavamos em gosar dessa felicidade, como se adivinhassemos que não a haviamos de ter por muito tempo.

Havia já dous mezes que não iamos a Paris. Ninguem nos tinha vindo visitar a não ser Prudencia e aquella Julia Duprat de que já vos fallei, e a quem Margarida havia de entregar mais tarde a pathetica narração que alli vêdes.

Passei dias inteiros aos pés da minha amada. Abriamos as janellas que davam para o jardim, a ver descair o estio alegremente sobre as flores, para as fazer desabrochar e desentranharem-se em mysteriosos perfumes, que de sob as sombrias verduras da folhagem, se lançavam na brisa a embalsamar os ares. Aspirava-mos então ambos, ao lado um do outro, aquella vida verdadeira nem por Margarida, nem por mim até então comprehendida.

Admirava-se das menores cousas, como uma criança. Havia dias em que deitava a correr loucamente no jardim, como uma menina de dez annos atraz de uma borboleta. Essa mundana, que tinha feito gastar em ramalhetes mais dinheiro do que bastaria para fazer viver alegremente uma fa-

milia, assentava-se algumas vezes na relva, e levava mais de uma hora a analysar a singela flor, do seu nome.

Foi neste tempo que ella leu muitas vezes *Mannon Lescaut*. Encontrei-a bastantes vezes a anotar esse livro; e sempre me dizia que quando uma mulher ama, não póde fazer o que fazia *Mannon*.

Escreveu-lhe o duque duas ou tres vezes. Conheceu-lhe a letra, e deu-me as cartas sem as abrir.

Algunas vezes me faziam chegar as lagrimas aos olhos as expressões daquellas cartas.

Acreditára que não facultar os seus cabedaes a Margarida era fazel-a mudar de resolução; mas ao vêr a inutilidade do expediente que tomou, não pode ser senhor de si. Escreveu, tornando a pedir, como d'antes, licença de tornar, fossem quaes fossem as condições impostas á concessão.

Tinha lido essas cartas supplicantes e reiteradas, e tinha-as rasgado, sem dizer a Margarida o que continham; e sem lhe aconselhar que tornasse a vêr o velho, ainda que a isso me induzisse certo sentimento de compaixão para com a magoa do pobre homem; mas receava que ella encarasse este conselho de fazer volar o duque, como um meio de que eu me servia para que as despezas da casa tornassem a voltar a seu cargo; temia mais que tudo ainda, que ella me julgasse capaz de recusar a responsabilidade da sua vida, em todas as consequencias em que o amor que me consagrava me podia arrastar.

Resultou d'ahi, que o duque não recebendo

resposta alguma, deixou de escrever, e Margarida e eu continuámos a viver juntos sem nos importar com o futuro.

XVIII.

Contar-vos as particularidades da nossa nova vida, seria difficil. Compunha-se de uma serie de puerilidades para nós encantadoras, mas insignificantes para aquelles a quem eu as contasse. Bem sabeis o que seja amar uma mulher, sabeis como se abreviam os dias, e com que amoroso abandono se passam as noites. Não ignorais por certo esse completo olvidar de tudo, olvido que nasce d'um amor violento confiado e partilhado. Todo o ser que não seja a mulher amada nos parece inutil na criação. Tem-se pezar de termos lançado parcelas do nosso coração a outras mulheres, e não provemoz a possibilidade de apertarmos outras mãos, que as que temos entre as nossas. O cerebro não admite trabalho nem recordações, nada emfim de que o possa destrahir do unico pensamento que sempre se offerece. Todos os dias se descobre na amante um encanto novo, um deleite desconhecido.

A existencia já não é senão o complemento reiterado de um desejo continuo, a alma a vestal encarregada de entreter o fogo sagrado do amor

lamos muitas vezes ao sol posto sentarmo-nos sob um bosquesinho que dominava a casa em que habitava-mos.

Escutavamos as ridentes harmonias do anoitecer, pensando ambos na hora que em seguida nos ia encontrar, e deixar até pela manhã nos braços um do outro. Outras vezes ficavamos deitados dias

inteiros, sem mesmo deixar penetrar o sol na nossa camara. Deixavamos as cortinas da janella hermeticamente fechadas, e o mundo exterior se suspendia para nós. Só Nanine tinha o direito de abrir a porta do quarto, mas era sómente para nos trazer o alimento; comiamos sem mesmo nos levantarmos, interrompendo-nos a cada momento com risos e loucuras. A isto succedia um somno de alguns momentos, porque desapparecendo no nosso amor, eramos como dois mergulhadores obstinados que não voltam ao lume d'agua senão para respirar.

Surprehendia algumas vezes em Margarida, momentos de tristeza, e até mesmo a surprehendia a chorar, perguntava-lhe donde lhe provinha esse pezar repentino, respondia-me ella:

— O nosso amor, não é um amor ordinario, querido Armand. Amas-me como se nunca tivesse pertencido a ninguem, e tremo que mais tarde, arrependendo-te do teu amor, e fazendo-me um crime do passado, me obrigarás a lançar-me no meio dessa vida de que me tirastes. Penso em que agora, que tenho gosado desta nova existencia, morreria se tornasse a tomar a outra. Dize-me que nunca me abandonarás.

— Juro-t'o!

Ella então encarava comigo, como para me lèr nos olhos se o meu juramento era sincero, depois lançava-se-me nos braços, e occultando a sua cabeça no meu seio, dizia-me:

— E' que tu não sabes quanto te amo meu querido Armand!

Uma noite estavamos encostados á janella, olhavamos para a Lua que parecia sahir com dif-

ficuldade do seu leito de nuvens, e ouviamos o murmurio do vento agitando as arvores ; estavamos de mãos entrelaçadas e havia, já quasi uma hora que não fallavamos, quando Margarida me disse.

— Está chegado o inverno, queres que par-
tamos?

— E para onde?

— Para a Italia

— Aborreces e aqui?

— Reccio o inverno, e ainda mais a nossa
volta para Paris.

— Porque?

— Por muitas razões.

Continuou immediatamente sem me dar as ra-
zões do seu reccio.

— Queres partir? venderei tudo o que pos-
suo, iremos depois viver para fóra da França, e
nada do que meu era nos restará, ninguem saberá
quem eu sou. Queres?

— Partamos, se isso te dá prazer Margarida;
vamos fazer uma viagem, lhe disse eu; mas onde
está a necessidade de vender o que estimarás en-
contrar quando voltares? Não posso acceitar tal sa-
crificio, mas a minha fortuna ainda hade chegar
para viajarmos á nossa vontade por cinco ou seis
mezes, se isso te dá prazer.

— Na verdade que não, continuou ella dei-
xando a janella, e indo-se assentar no canapé, para
que se hade ir gastar dinheiro, fóra d'este sitio?
aqui já eu te custo bastante.

— E' uma reprehensão? Margarida, isso não
é generoso.

— Perdão, diz me ella estendendo-me a linda

mão, este tempo de tempestade, faz-me mal aos nervos, não digo o que quero dizer.

E depois de me dar um terno heijo, cahio n'uma profunda meditação.

Muitas vezes, se passaram scenas semelhantes, e se eu ignorava o que lhes dava lugar, não me surprehendia menos em Margarida um sentimento de inquietação pelo futuro. Não podia ella duvidar do meu amor, porque augmentava todos os dias, comtudo, via-a muitas vezes triste, sem que nunca me explicasse a causa das suas tristezas, de outra maneira que por incommodos physicos.

Receiando que ella se fatigasse com uma vida tão monotonica, propunha-lhe que voltassemos para Paris, mas rejeitava esta proposta e me certificava que em nenhuma outra parte era tão feliz, como no campo.

Prudencia já não vinha senão raras vezes, mas em paga escrevia-lhe cartas que nunca tinha pedido para ver, ainda que lançassem Margarida em profunda preocupação, não sabia que imaginar.

Um dia Margarida ficou no quarto. Eu entrei, e observei que escrevia.

— A quem escreves? lhe perguntei eu.

— A Prudencia: quares que te leia o que escrevo?

Tinha horror a tudo o que podia parecer suspeita, respondi pois a Margarida, que não tinha necessidade de saber o que ella escrevia e entretanto, bem sabia eu, que se lesse aquella carta, saberia a verdadeira causa das suas tristezas.

No dia seguinte, fazia um tempo magnifico.

Margarida propoz-me que dessemos um passeio embarcados e que fossemos visitar a ilha de Croissy. Ella parecia muito alegre; eram cinco horas quando entramos.

— Veio madame Duvernoy, diz Nanine vendo-nos entrar.

— Já se foi? perguntou Margarida.

— Sim senhora, na carruagem da senhora; disse que já estava convencionado.

— Bom, diz vivamente Margarida; ponham o jantar na meza.

Dois dias depois chegou uma carta de Prudencia e por quinze dias, rompeu Margarida com as suas mysteriosas melancolias; de que ella não se cansava de pedir perdão desde que não existiam.

Com tudo a carroagem não voltava.

— Porque motivo Prudencia não te manda o teu *coupe*? lhe perguntei eu um dia.

— Adoeceu um dos cavallo, e é preciso fazer concertos na carroagem. E' melhor que se façam em quanto aqui estamos, que não temos precisão de carruagem, do que esperar que voltemos para Paris.

Prudencia vei-nos visitar dias depois, e me confirmou no que Margarida me tinha dito.

As duas passearam sós no jardim, e quando fui ter com ellas mudaram de conversa.

De tarde, Quando Prudencia se ia embora; queixou-se de frio, e pedio a Margarida que lhe emprestasse um chale.

Passou-se um mez desta maneira, durante o qual Margarida foi mais alegre, e mais amavel do que nunca o tinha sido.

Entretanto a carruagem ainda não tinha volado, o chale de cachemira ainda não tinha sido reenviado, tudo isto me fazia scismar, máu grado meu, e como sabia em que gaveta guardava Margarida as cartas de Prudencia, aproveitei d'um momento em que ella estava no fim do jardim, corri á gaveta, e tentei abril-a, mas debalde estava fechada á chave.

Então abri as gavetas em que de ordinario estavam as joias e os diamantes. Abriram-se sem resistencia, mas os cofres tinham desaparecido com o que continham, bem entendido.

Uma suspeita pungente, me apertou o coração. Ia reclamar de Margarida a verdade destes desaparecimentos; mas, certamente ella não o confessaria.

— Minha boa Margarida, disse eu então, venho pedir-te licença de ir a Paris. Não sabem em minha casa oude estou, e devem ter recebido cartas de meu pai; sem duvida, elle está inquieto, é preciso que lhe responda.

— Vai, meu amigo, me disse ella, mas voltas aqui bem cedo, sim?

Eu parti, sem demora.

Corri immediatamente a casa de Prudencia.

— Respondei-me com franqueza, lhe disse eu sem outros preliminares aonde estão os cavallos de Margarida?

— Vendidos.

— O chale de cachemira?

— Vendido.

— Os diamantes?

— Empenhados.

— E quem vendeu e empenhou?

— Eu.

— Porque me não avisaste?

— Porque Margarida me tinha prohibido isso.

— E porque me não pediste dinheiro?

— Porque ella não queria.

— E para que servio esse dinheiro?

— Para pagar as suas dividas.

— Ella deve ainda muito?

— Trinta mil francos, pouco mais ou menos.

Ah! meu querido, bem vos tinha eu dito! não me quizes-te acreditar; ora, agora, já estais convencido. O armador para com quem o duque tinha respondido, foi posto fóra quando se apresentou em casa do duque, que lhe escreveu no dia seguinte dizendo que não pagava nada pela menina Gaulier.

Este homem quiz dinheiro, deu-se-lhe á conta, foram alguns mil francos que vos pedi; depois almas caridosas o advertiram que a sua devedora abandonada pelo duque, vivia com um rapaz sem fortuna, os outros credores, tambem foram prevenidos, e pediram o dinheiro e citaram-na. Margarida quiz vender tudo, mas já não havia tempo, e mesmo eu não consentia em tal. Era preciso pagar-lhes, e para não vos pedir dinheiro vendeu os cavallos, os chales, e empenhou as joias. Quereis os recibos dos compradores e os conhecimentos do monte-pio?

E Prudencia abrindo uma gaveta me mostrou esses papeis.

— Ah! julgais, continuou ella com a persistencia da mulher que tem o direito de dizer. Eu

linha razão! Ah! julgais que é bastante amar-se e ir viver para o campo uma vida pastoril e vaporosa? não, meu amigo, não. Ao lado da vida ideal, está a vida material, e as resoluções mais castas são sustidas na terra por cadeias rediculas, mas de ferro, e que não se despedaçam facilmente. Se Margarida vos não tem enganado vinte vezes, é porque é de uma natureza excepcional. A culpa não foi minha; não foi á falta de lh'o ter aconselhado bastantes vezes, porque cauzava-me pena ver a pobre rapariga privar-se de tudo. Ella não quiz!... respondeu-me que vos amava muito, e que nunca vos enganaria. Tudo isto é muito bonito, muito poetico, mas não é com essa moeda que se paga aos crédores, e agora já se não póde passar sem uns trinta mil francos. torno a dizer-vos.

— Bom, eu darei a quantia.

— Ides pedil-a emprestada?

— Por Deus; sim.

— Isso é uma loucura; ides-vos comprometter, com o vosso pai, e embarçar os vossos recursos; não se acham assim de um dia para o outro trinta mil francos. Acreditai-me, querido Armand, conheço melhor as mulheres, do que vós, não façais essa leviandade de que vos arrependereis daqui a pouco. Sêde rasoavel. Não vos digo que abandoneis Margarida, mas vivei com ella, como no principio do verão. Deixai-a procurar recursos para sair deste embaraço. O duque a pouco e pouco, se irá approximando. O conde de N... se ella o accita, dizia-m'o ainda hontem, paga todas as suas dividas e dá-lhe quatro ou cinco mil francos por mez. Elle tem duzentas mil libras de renda. E' uma

leve posição para ella, em quanto a vós sempre ha de ser necessario que a deixeis; para isso não esperéis, que estejais arruinado; e ainda mais, porque o conde de N... é um imbecil, e não vos impedirá de ser o amante de Margarida. Ella ha de chorar alguma coisa ao principio, mas acabará por se habituar, e um dia vos agradecerá do que tiverdes feito. Supponde, que Margarida é casada, e enganai o marido, e o mesmo ja vos disse n'outra occasião, só com a differença que dessa vez não passava de um conselho e agora, é quasi uma necessidade.

Prudencia infelizmente tinha rasão.

— Esta é a verdade; continuou ella fechando os papeis que me tinha mostrado, estas mulheres prevêem sempre que as amarão, e nunca prevêem que as hão-de amar; se assim fosse podia poupar dinheiro, e aos trinta annos podia pagar-se o luxo de ter um amante de graça. Se eu soubesse o que sei agora!... Emfim não digais nada a Margarida, e trazei-a para Paris. Viverdes só com ella quatro ou cinco mezes, bem está; agora fechai os olhos, é tudo o que vos peço. No fim de quinze dias ella aceitará o conde de N... fará as suas economias este inverno, e no verão que vem recomeçareis de novo. Aqui está como se arranjam as cousas!

E Prudencia parecia estar encantada do seu conselho, que eu rejeitei com indignação.

Não sómente o meu amor e a minha dignidade me não permittiam de obrar assim, mas até estava bem convencido de que Margarida, no estado em que estava, morreria antes que aceitar esta partilha.



Michele. del.

del. di J. G. & L. G. G.

DUVAL PAY .

— Basta de gracejar, disse eu a Prudencia, quanto é realmente preciso a Margarida?

— Já vos disse; uns trinta mil francos.

— E quando é necessario pagar essa quantia?

— Antes de dois mezes.

— Margarida terá esses trinta mil francos.

Prudencia encolheu os hombros.

— Mandal-os-hei, continuei eu, mas haveis de me jurar, que não direis a Margarida que eu os mando.

— Estai socegado a esse respeito.

— E se ella vos mandar alguma cousa para vender ou empenhar, preveni-me.

— Ide descansado, já não tem mais nada que vender.

Passei então por minha casa para vêr se havia cartas de meu pai.

Havia quatro.

XIX.

Nas tres primeiras cartas, mostrava meu pai estar com cuidado no meu silencio, e perguntava-me o motivo; na ultima, deixava-me perceber que o tinham informado da minha mudança de vida, e annunciava-me a sua proxima chegada.

Tenho tido sempre um grande respeito e sincera affeição para com meu pai. Respondi-lhe portanto que uma pequena viagem tinha sido a causa da minha falta de escrever, e pedi-lhe que houvesse de me prevenir do dia em que devia chegar, a fim de eu poder ir esperal-o.

Ensinei ao meu criado a minha casa de campo, e recommendei-lhe que me fosse levar a pri-

meira carta que trouxesse o sello da cidade de C..., depois parti immediatamente para Bougival.

Estava Margarida esperando por mim á porta do jardim.

Nos olhos se lhe adivinhava bastante inquietação. Abraçou-me, sem poder deixar de me dizer :

— Viste Prudencia ?

— Não.

— Estiveste tanto tempo em Paris !

— Encontrei cartas de meu pai, a que era indispensavel responder.

Alguns instantes depois, entrou Nanine bastante cansada. Margarida levantou-se e fallaram em segredo.

Quando Nanine saíu, disse-me Margarida, vindo outra vez sentar-se ao pé de mim, e pegando-me na mão :

— Por que me enganaste ? tu foste a casa de Prudencia.

— Quem t'o disse ?

— Foi Nanine.

— E como o sabe ?

— Foi atraz de ti.

— Recommendaste-lhe que me seguisse ?

— Recomendei, sim. Pensei que era necessario haver um motivo poderoso que te obrigasse a ir a Paris ; a ti, que me não tens deixado ha quatro mezes. Estava com medo não te tivesse acontecido alguma desgraça, ou talvez não fosses tu ver outra mulher.

— Creança !

— Agora sim, estou descansada, sei o que fi-

zeste, mas o que ainda não sei é o que te disseram.

Mostrei a Margarida as cartas de meu pai.

— Não é por isto que eu te pergunto; o que eu queria saber, é porque foste a casa de Prudencia.

— Para a vêr.

— Mentos, meu amigo.

— Como queres que t'ò diga... pois sim! fui perguntar-lhe se o cavallo estava melhor, e se ella já não precisava do teu chale de cachemira, nem das tuas joias.

Margarida córou, mas não respondeu.

— E, continuei eu vim a saber que uso tinhas feito dos teus cavallos, dos chales e dos diamantes.

— E ficas mal comigo?

— Estou mal contigo por não teres tido antes a lembrança de me pedires o que precisavas.

— N'uma convivencia como esta nossa, se a mulher ainda tem alguma dignidade, deve antes sujeitar-se a todos os sacrificios, que pedir dinheiro ao seu amante e dar um lado venal ao seu amor. Tu amas-me, estou bem certa disso, mas não sabes quanto é ténue o fio que prende no coração o amor que se tem por mulheres da minha condição. Quem sabe? póde ser que n'um dia de constrangimento ou d'enfado, te figurasses vêr nesta relação um calculo habilmente combinado! Prudencia é uma falladôra. Que precisão tinha eu daquelles cavallos? Fiz uma economia em os vender; posso bem passar sem elles, e já me não fazem despeza; com tanto que tu me tenhas amor, é quanto te peço, e has-de amar-me sem cavallos, sem cachemiras, e sem diamantes, não é assim?

Tudo isto era dito com tanta naturalidade, que estava com os olhos arrasados de lagrimas só de a ouvir.

— Mas, minha boa Margarida, respondi eu apertando com amor as mãos da minha amante, tu bem conhecias que um dia viria a saber o teu sacrificio, e que uma vez que o soubesse, não o havia de consentir.

— Então porque?

— Porque? amorsinho! eu t'ó digo: não intendo que a afeição que tens por mim te prive nem mesmo d'uma joia. Porque eu tambem não quero que n'um momento de constrangimento, ou d'enfado, possas reflectir que se vivesses com outro homem, não haviam de existir esses momentos aziaços, nem que te arrependas, por um minuto só que fosse, de viver comigo. Em poucos dias tornarás a possuir os teus cavallos, os teus diamantes e as tuas cachemiras. Tudo isso te é tão necessario, como o ar para a vida, e, talvez seja ridiculo, mas amo-te mais sumptuosa que simples.

— Então, é que já me não amas!

— Que lembrança!

— Se me tivesses amor, consentias que te amasse ao meu modo: pelo contrario, não continuas a ver em mim senão uma mulher vulgar a quem é indispensavel esse luxo, e que tu te julgas obrigado a pagar. Tens vergonha de acceitar provas do meu amor. A teu pesar, pensas já em vir um dia a separar-te de mim, e não tens vontade senão que a tua delicadeza fique desaffrontada de toda e qualquer suspeita. Tens rasão, meu amigo! eu linha tido melhores esperanças!...

E Margarida fez um movimento para se levantar; delive-a, e disse-lhe:

— Quero que sejas feliz; e que não tenhas nada de que me arguir; é a que se reduz tudo.

— Vamo-nos separar!

— Porque, Margarida? Quem poderá separar-nos? exclamei eu.

— Tu mesmo, que não me queres permitir que comprehenda a tua posição, e que tens a vaidade de me conservar a minha; tu mesmo, que, conservando-me o luxo em que tenho vivido, queres conservar a distancia moral que nos separa; tu, enfim, que não acreditas o meu affecto assaz desinteressado para repartires comigo a tua fortuna, com a qual podiamos ambos viver muito felizes, e preferes arruinar-te escravizando-te a um prejuizo ridiculo. Cuidas que comparo uma carruagem e umas joias ao teu amor? cuidas que a felicidade consiste para mim nas vaidades que contentam a quem não ama ninguem, e que bem mesquinhas parecem quando se ama? Pagarás as minhas dividas, desfalcarás a tua fortuna, enfim, farás todas as minhas despesas! Quanto tempo durará isso? dois ou tres mezes, não mais, e então já ha de ser muito tarde para tornar á vida que te proponho, porque então, accetarias tudo de mim, e é o que um homem d'honra não pôde fazer. Ao passo que presentemente tens oito ou dez mil francos de renda, com os quaes podemos viver. Em eu vendendo o superfluo do que tenho, consigo, só com o producto da venda, fazer duas mil libras por anno. Alugamos uma casa, bonita para vivermos ambos. De verão, vimos passar no campo, não para uma

casa como esta, mas para uma casinha sufficiente para duas pessoas. Tu és independente, eu sou livre, ambos na flôr da mocidade, em nome do céo. Armand, não me tornes a arrojar para uma vida que me via obrigada a levar n'outro tempo.

Não podia responder; inundavam-se-me os olhos de lagrimas de reconhecimento e d'amor, e precipitei-me com transporte nos braços de Margarida.

— Queria arranjar tudo. tornou ella, sem te dizer nada, pagar todas as minhas dividas, e mandar preparar as minhas casas novas. No mez d'outubro, voltariamos para Paris, e dizia-te então tudo; porém já que Prudencia o contou, é preciso que tu consintas antes, em lugar de consentires depois.

Tens-me bastante amor para m'o concederes, não é verdade?

Era impossivel resistir a tanta didicação. Beije as mãos a Margarida com effusão de amor e disse-lhe:

— Farei tudo quanto quizeres.

Ficou ajustado por tanto o que Margarida tinha decidido.

Então ficou louca de alegria: dansava, cantava, ria a proposito da simplicidade da sua casa nova, e consultava-me ácerca do arranjo e disposição domestica.

Via-a feliz e ufana desta resolução que parecia ter de nos aproximar definitivamente um do outro.

Não lhe quiz fhear atraz.

N'um instante decidi a minha vida. Estabeleci a posição da minha fortuna, e fiz a Margarida

a cessão da venda que me vinha de minha mãe, e que me pareceu bem insufficiente para recompensar o sacrificio que eu aceitava.

Restavam-me os cinco mil francos de pensão, que meu pai me dava, e acontecesse o que acontecesse, sempre tinha naquella pensão annual bastante com que passar.

Não disse a Margarida o que tinha resolvido, pois estava convencido de que havia de recusar aquella doação.

Provinha esta renda de uma hypotheca de sessenta mil francos sobre uma casa que eu até nunca tinha chegado a ver. Tudo o que sabia era que em cada trimestre o tabellião de meu pai, amigo velho da nossa familia, me entregava seletentos e cincoenta francos por um recibo meu.

No dia em que Margarida e eu viémos a Paris procurar casas, fui ao escriptorio daquelle tabellião, e perguntei lhe de que maneira me devia haver para fazer o trespasso daquella renda a outra pessoa.

O bom do homem cuidou que eu estava arruinado, e me fez varias perguntas para indagar a causa daquella decisão. Ora como era mister mais cedo ou mais tarde que eu lhe dissesse em favor de quem fazia esta doação, preferi contar logo toda a verdade.

Não me fez nenhuma das objecções que a sua posição de tabellião e de amigo o auctorisavam a fazer, e me certificou que se encarregava de arranjar tudo o melhor possivel.

Recommendei-lhe naturalmente a maior discrepção para com meu pai, e fui ter com Margarida que me esperava em casa de Julia Duprat,

aonde tinha querido antes aprear-se, que ir ouvir a enfadonha moral de Prudencia.

Entrámos a procurar casas. Todas quantas viamos, as achava Margarida muito caras, e eu muito baratas. Com tudo, acabamos por combinar ambos, e decidimos a escolha n'um dos bairros mais socegados de Paris, e ajustamos uma casa de um só andar sem mais inquilinos.

Por detraz da casa havia um quintal ajardinado muito bonito, e pertencente ao mesmo edificio, com muros sufficientemente altos para ficarmos separados dos visinhos, e sufficientemente baixos para não tolher a vista.

Era melhor do que esperavamos.

Em quanto cheguei a casa para me desfazer do aluguer com o meu senhorio, foi Margarida a casa de um procurador, o qual, disia ella, já tinha feito para uma amiga sua o mesmo serviço que ella lhe ia sollicitar.

Veio ter comigo á rua de Provença, muito satisfeita, porque aquelle homem lhe tinha prometido pagar todas as suas dividas, dar-lhe os recibos, e lhe entregar ainda uns vinte mil francos, mediante a cessão de toda a mobilia.

Vistes pelo preço a que subio a venda que aquelle honrado homem teria ganho mais de trinta mil francos com a sua constituente.

Partimos muito contentes para Bougival, continuando a planear os nossos projectos de futuro, os quaes, graças á confiança com que nos deixavamos existir, e ainda mais ao nosso amor, viamos sob o aspecto mais doirado e esplendido que a imaginação podia compôr.

Oito dias depois, estávamos a almoçar quando Nanine me veio dizer que o meu criado procurava por mim.

Mandei-o entrar logo.

— Senhor, me disse elle, vosso pai chegou a Paris, e manda-vos pedir que chegueis já a vossa casa, onde vos espera.

Era esta noticia a coisa de si mais simples, com tudo, não sei porque, eu e Margarida olhámos assustados um para o outro.

Parecia adivinharmos alguma desgraça naquella incidente.

E tambem, sem ella me dar parte daquella impressão, de que eu não estava isento, lhe respondi tomando-lhe a mão:

— Não temas nada.

— Volta o mais depressa que puderes, murmurou Margarida beijando-me, ouviste, espero-te á janella.

Mandei o José dizer a meu pai que ia em caminho.

Com effeito, d'ahi a duas horas chegava á rua de Provença.

XX

Meu pai, de chambre, estava assentado na sala e eserevia.

Compreendi immediatamente, pela maneira com que levantou os olhos para mim quando eu entrei, que ia tratar de cousas graves.

Cheguei-me com tudo a elle como se nada tivesse adivinhado pelo seu rosto e dei-lhe um beijo:

— Quando chegastes, meu pai?

— Hontem á tarde.

— Entrastes em minha casa de costume?

— Sim entrei.

— Sinto muito não estar cá para vos receber.

Esperava ver surgir a esta palavra a reprehensão que me annunciava o rosto severo de meu pai, mas não me respondeu nada, selou a carta que acabava de escrever, e a deu a José para que a deitasse no correio.

Quando nos achámos sós, meu pai levantou-se e disse-me encostando-se ao fogão:

— Temos, querido Armand, de conversar em cousas muito sérias.

— Eu vos escuto, meu pai?

— Promettes-me ser franco?

— E' o meu costume.

— E' verdade que vives na companhia d'uma mulher chamada Margarida Gautier?

— E' verdade meu pae.

— Sabes o que era essa mulher?

— Amante de profissão.

— E' por amor della que esqueces'es vir-nos visitar este anno, a mim e a tua irmã?

— Sim, meu pai eu o confesso.

— Amas então muito essa mulher?

— Bem o vêdes, meu pai, pois que por amor della faltei a um dever sagrado, do que vos peço hoje humildemente perdão.

Meu pai não esperava de certo, respostas tão cathgoricas, porque pareceu reflectir por um instante, depois disse:

— Tu provavelmente, já comprehendeste, que não poderias viver sempre assim?

— Tenho-o receiado, meu pai, mas ainda o não comprehendí.

— Mas deveis ter comprehendido, que eu não o consentiria, tornou meu pai com um tom mais severo.

— Tenho dito comigo, que em quanto não praticar cousa que seja contraria ao respeito que devo ao vosso nome e á probidade tradicional de minha familia, poderia viver como vivo, o que socce-gou alguma cousa, sobre os receios que tinha.

As paixões tornam-nos fortes contra os sentimentos. Estava preparado para todas as lutas até mesmo contra meu pai, para conservar Margarida.

— Então é chegado o tempo de viver de outra maneira.

— Porque meu pai?

— Porque estais a ponto de fazerdes cousas que ferem o respeito que julgais ter para com a vossa familia.

— Não comprehendo essas palavras.

— Vou explicar-vo-las. Que tendes uma amante, concebe-se; que lhe pagueis como um homem deve pagar o amor d'uma dessas mulheres, vá que seja; mas esquecer por amor dellas as cousas mais sagradas; consentir que o ruido da vossa vida escandalosa chegue ao fundo da nossa provincia, e lance uma nodoa no nome honrado que, vos dei, isto é que eu não posso consentir.

— Permittireis que vos diga, meu pai que os que vos informaram, sobre meu comportamento, estavam tambem mal informados. Sou o amante de mademoiselle Gautier, não o nego, vivo com ella, é a coisa mais simples do mundo. Não dou a made-

moiselle Gautier o nome que de vós recebi, gasto com ella o que as minhas posses me permitem gastar, não tenho feito dividas, em fim, não me tenho achado em nenhuma dessas posições, que authorisam um pai a dizer ao seu filho, o que me vindes dizer.

— Um pai está sempre authorisado a desviar o seu filho do máo caminho em que o vê penetrar. Ainda não fizeste mal, mas fa-lo-heis.

— Meu pai!

— Senhor, conheço a vida melhor do que vós. Não ha sentimentos inteiramente puros, senão nas mulheres inteiramente castas. Manon póde sempre fazer um Des Grieux, os tempos e os costumes estão mudados. Seria inutil que o mundo envelhecesse, se se não emendasse. Vós abandonareis a vossa amante.

— Sinto muito desobedecer-vos, meu pai, porém é impossível.

— Hei-de-vos obrigar.

— Desgraçadamente meu pai, já não ha ilhas de Santa Margarida para onde se mandem as mulheres mundanas; e se houvessem, e vós tivesses conseguido que para hi mandassem mademoiselle Gautier, eu a seguiria. Que quereis! Talvez não tenha razão, mas não posso ser feliz, senão com a condição que ficarei sendo o amante desta mulher.

— Ora vamos, Armand, abri os olhos, reconheci o vosso pai que sempre vos tem amado, e que só quer vê-ros feliz. Será honroso para vós ir viver conjugalmente com uma rapariga que todos teem possuido?

— Que importa, meu pai, se ninguem mais a

deve possuir ! que importa se esta mulher me ama, e se se regenera pelo amor que eu lhe tenho ! Que importa se ella está hoje arrependida !

— E pensais vós, senhor que a missão d'um homem d'honra seja converter mulheres mundanas ? julgais que Deus tenha dado á vida esse fim grotesco, e que o coração não deva ter outro entusiasmo ? Qual será a conclusão dessa cura maravilhosa, e que terás pensado do que dizeis hoje quando tiverdes quarenta annos ? Rireis do vosso amor, se vos fôr permittido então rir delle, se não tiver deixado vestigios muito profundos no vosso passado. Que serieis a esta hora, se vosso pai tivesse tido as vossas ideias e se em lugar de estabelecer a sua vida sobre um pensamento de honra e lealdade, a tivesse abandonado a todos os revezes do amor ? Reflecti, Armand, e não me digas taes loucuras. Vamos abandonar essa mulher, é vosso pai que vos supplica.

Não respondi coisa alguma.

— Armand, continuou meu pai, pelo nome de vossa mãe, accreditai-me, renunciái a essa vida, que bem depressa esqueceréis, mais depressa do que pensais, e a que vos liga uma theoria impossivel. Tendes vinte e quatro annos, pensais no futuro. Não podeis amar sempre essa mulher, que nem sempre vos amará. Vós ambos exaggeraes o vosso amor. Fechais para vos toda e qualquer carreira. Um passo mais, e não podereis deixar o caminho em que estais, e toda a vossa vida tereis o remorso da vossa mocidade. Parti vinde passar um mez ou dois ao pé da vossa irmã. O repouso, e o amor piedoso da familia vos curarão rapidamente dessa febre, porque não e outra coisa.

*

Entretanto, a vossa amante, consolar-se-ha, tomará outro amante, e quando virdes por quem estivestes a ponto de ficardes mal com vosso pai e perder a sua afeição, dir-me-heis que fiz bem em vir-vos buscar e me abençoareis.

Vamos, tu vais partir, não é assim meu Armand?

Julgava que meu pai teria razão para todas as mulheres, mas estava convencido que não a tinha para Margarida. Contudo, o tom com que me disse as ultimas palavras era tão dôce, tão supplicante que não ousava responder-lhe.

— Então? disse elle com uma voz commovida.

— Então, meu pai, não posso prometer-vos nada, disse eu por fim; o que me pedis é superior as minhas forças. Accreditaime, continuei eu vendo-o fazer um movimento d'impaciencia, vós exageraes os resultados desta união. Margarida não é a mulher que julgais. Este amor, longe de me lançar n'um máu caminho, é pelo, contrario capaz de desenvolver em mim os mais honrosos sentimentos. O amor verdadeiro torna-nos sempre melhores, seja qual fôr a mulher que o inspira. Se conhecesseis Margarida, comprehenderieis que me não exponho a nada. E' nobre, como as mulheres mais nobres. Tanto ha de cobiça nas outras, quanto de desinteresse nesta.

— O que a não impede de acceitar toda a vossa fortuna, porque os sessenta mil francos que vos vem da vossa mãe, e que vós lhe dais, são, lembrai-vos bem do que dizeis, a vossa unica fortuna.

Meu pai guardou provavelmente esta peroração e este ameaço para me dar o ultimo golpe.

Eu estava mais forte diante das ameaças do que diante das supplicas.

— Quem vos disse, que tencionava abandonar-lhe essa somma? tornei eu prontamente.

— O meu tabelião. Um homem honrado teria feito um acto semelhante sem me prevenir? E era para impedir a vossa ruina a favor dessa mulher, que vim a Paris. Vossa mãe deixou-vos quando morreu com que viver honradamente, porem não vos deixou com que fazer generosidades ás vossas amantes.

— Juro, meu pai, que Margarida ignorava esta doação.

— É então porque a fazicis?

— Porque Margarida, essa mulher que vós calumnias, e que quereis que eu abandone, faz o sacrificio de tudo o que possue para viver comigo.

— E vós acceitais esse sacrificio? Que homem sois então, senhor, para permittir que mademoiselle Margarida faça um sacrificio por amor de vós? Vamos, é de mais. Abandonareis essa mulher. Inda agora pedia-vos, agora ordeno-vos; não quero taes baixêzas na minha familia. Aprontai as vossas mallas e preparai-vos para me seguirdes.

— Perdoai-me, meu pai, disse eu então, mas eu não partirei.

— Porque...?

— Porque já tenho a idade em que se não obedece a uma ordem.

Meu pai impallideceu a esta resposta.

— Bem... senhor; tornou elle; já sei o que me resta a fazer.

Tocou a campainha.

José appareceu.

— Fazei transportar as minhas mallas para a hospedaria de Paris, disse elle ao meu creado. Depois passou ao quarto onde acabou de se vestir.

Quando tornou a apparecer, fui ter com elle.

— Prometteis-me, meu pai, lhe disse eu, de não fazer nada que dê desgosto a Margarida?

Meu pai parou, olhou para mim com desdem, e contentou-se com responder-me :

— Parece-me, que estais louco.

Depois sahio fechando a porta com bastante violencia.

Desci tambem, subi para um *cabriolet* e parti para Bougival.

Margarida esperava-me á janella.

XXI.

— Emfim ! exclamou ella abraçando-me. Até que chegastes ! Como vens palido !

Contei-lhe então o que passei com meu pai.

— Ah ! meu Deus ! bem m'o estava a advinhar o coração. Quando José nos veio annunciar a chegada de teu pai, sobresaltei-me tanto, como se viessem dizer-me uma desgraça. Pobre amigo ! E sou eu, sou eu que te causei todos estes desgostos. Talvez fizessees melhor em te separar de mim, que ficares mal com teu pai. Comtudo eu não lhe fiz nada. Vivemos bem tranquillos, pois não vivemos ? e ainda vamos viver mais tranquillos. Elle bem sabe que precisas ter uma amante, e devia estimar que fosse eu, porque te amo, e não ambiciono mais do que a tua posição permite.

— Sim, é o que mais o irritou, porque vio nesta determinação a prova do nosso mutuo amor.

— Agora que faremos?

— Ficar ambos, minha boa Margarida, e deixar passar a trovoadá.

— Passará?

— E' indispensavel.

— Mas teu pai ficará por ahi?

— Que queres tu que elle faça?

— Eu sei!?... tudo o que um pai pode fazer para que seu filho obedeça. Recordar-te-ha a minha passada vida, e talvez me fará a honra de inventar alguma historia de novo a meu respeito para te induzir a separares-te de mim.

— Tu bem sabes que te amo muito.

— Sei, sim; mas o que eu sei tambem, é que é mister, mais cedo ou mais tarde, obedecer a um pai, e por fim, acabarás talvez por te convencer.

— Não, Margarida, sou eu que o heide convencer a elle. São os escarceos e fallatorios de alguns amigos seus que lhe causam tamanha colera; mas elle é bom, é justo, e mudará de parecer. Depois, bem deitadas as contas, que m'importa!

— Não digas isto, Armand; tudo, tudo... mas ver-te desunido com a tua familia; isso nunca; deixa passar este dia, e amanhã torna a Paris. Teu pai talvez tenha reflectido da sua parte, assim como tu da tua, e, quem sabe? talvez se entendam melhor. Não lhe offendas os seus principios, finge fazer algumas concessões aos seus desejos, mostra não te importares tanto comigo, e elle deixará as cousas como estão. Espera, meu amigo, e fica bem

certo de que, aconteça o que acontecer, ainda te resta a tua Margarida.

— Juras isso ?

— Preciso jurar-l'ó?...

Quanto é doce ouvir renovar semelhantes protestos pela vóz amada ! Margarida e eu, passamos todo o dia a repelir os nossos projectos, como se houveramos comprehendido a necessidade de os realisar mais depressa. A cada minuto esperavamos por algum acontecimento mas felizmente, passou-se o dia sem succeder novidade alguma

No dia seguinte parti ás dez horas, e cheguei á hospedaria pela volta do meio dia.

Meu pai tinha já saído.

Fui a casa aonde me lembrava que talvez elle tivesse ido. Ninguem lá fôra. Fui a casa do meu tabellião. Ninguem !

Voltei á hospedaria, e esperei até ás seis horas. M. Dūval não tornou !

Tomei outra vez o caminho de Bougival,

Achei Margarida, não já a esperar-me á janella como na vespera, mas assentada ao pé do fogão, como a estação exegia.

Estava muito absorta nas suas reflexões, pois cheguei até á poltrona sem ella dar por mim. Quando lhe aproximei os labios da fronte, estremeceu, como se aquelle beijo a tivesse acordado de sobresalto.

— Metteste-me medo, disse ella. E teu pai ?

— Não o vi. Não sei o que significa isto ! Não o encontrei nem em sua casa, nem em nenhum dos logares onde havia probabilidade de o achar.

— Vamos, amanhã faz a mesma diligencia.

— Não agora a minha vontade é que elle me mande recado. Parece-me que já fiz tudo o que devia fazer.

— Não, meu amigo, não basta; deves ir outra vez a casa de teu pai, amanhã sem falta.

— Para que ha de ser amanhã, e não ha de ser n'outro qualquer dia?

— Porque, disse Margarida que me pareceu fazer-se vermelha a esta pergunta, porque assim parecerá mais viva a insistencia da tua parte, e poderá ser que resulte mais depressa o nosso perdão.

Esteve todo o resto do dia preocupada, triste e distraida. Era obrigado a repetir-lhe duas vezes o que lhe dizia para obter resposta alguma. Fez recair esta preocupação nos receios que lhe inspiravam para o futuro os acontecimentos daquelles dois dias.

Passei a noite a tranquillisal-a, e fez-me partir no dia seguinte com uma inquietação insistente que, por mais que quizesse explical-a, não podia.

Como na vespera, meu pai estava ausente; quando saio, deixou-me esta carta.

«Se me vieres procurar hoje, espera-me até ás quatro horas; se as quatro ainda não tiver vindo, vem amanhã jantar comigo; preciso fallar-te.»

Esperei até ás quatro, porem meu pai não appareceu. Parti immediatamente.

Na vespera tinha achado Margarida triste; nesse dia porem, achei-a com febre e agitada. Quando me vio entrar abraçou-me, e deixou-se ficar a chorar e a soluçar nos meus braços.

Interroguei-a a respeito de tão repentina ma-

goa, cuja gradação me assustava, e muito. Não me deu nenhuma razão posetiva, allegando tudo o que uma mulher póde allegar quando não quer responder á verdade.

Depois de mais socegada, contei-lhe os resultados da minha ida; mostrei-lhe a carta de meu pai, fazendo-lhe observar que me parecia de bom agouro:

A' vista desta carta e da reflexão que fiz; dobraram as lagrimas a tal ponto, que chamei por Nanine, e receiando não viesse em seguida um ataque de nervos, fomos deitar a pobre rapariga, que chorava sem dizer uma palavra mas que me não largava as mãos, e as estava de continuo a beijar.

Perguntei a Nanine se durante a minha ausencia sua ama teria recebido alguma carta, ou alguma visita que podesse motivar o estado em que a vinha achar, Nanine respondeu-me que não tinha vindo ninguem, nem tinham chegado cartas nenhuma.

Todavia conheci que desde a vespera se passava o quer que fosse de assustador que Margarida me encobria.

Pela noite adiante pareceu menos agitada, e fazendo-me assentar junto da cama, levou muito tempo a renovar-me os protestos do seu amor. Depois sorrio-se para mim, mas com visivel esforço, porque ainda que fazia diligencia para se mostrar animada, toldavam-se-lhe a miudo os olhos de lagrimas.

Empregava todos os meios possiveis para lhe fazer confessar a verdadeira causa da sua magoa, mas obstinou-se a dar-me sempre as razões vagas que já vos disse.

Finalmente adormeceu-me nos braços, mas n'um somno que quebranta o corpo em lugar de lhe servir d'allivio; dava um suspiro de tempos a tempos, accordava sobresaltada, e depois de se certificar que estava ao pé della, fazia-me jurar que a avia de amar sempre.

Não podia comprehender aquellas intermittencias de dôr que se perlongaram até pela manhã. Cahio então Margarida n'uma especie de modorra. Havia duas noites que não dormia.

Este repouso não foi de longa duração.

A's onze horas, acordou Margarida, olhou em torno de si exclamando:

— Vais-te já?

— Não, disse eu tomando-lhe ambas as mãos, mas quiz deixar-te dormir. Ainda é muito cedo.

— A que horas vais a Paris?

— A's quatro horas.

— Tão cedo? até então ficas ao pé de mim, não é verdade?

— Sem duvida, não é o meu costume?

— Que felicidade!

— Vamos almoçar? continuou ella com ar distraído.

— Se queres, vamos.

— E depois has-de-me abraçar até ao momento de partires, muitas vezes, não é assim?

— Sim, e voltarei o mais cedo que me fôr possível.

— Voltas? me disse ella com os olhos espantados.

— Tenho essa tenção.

— E' justo, sim, tu voltarás esta noite, eu,

espero-te como de costume e tu has-de amar-me: seremos felizes como o somos desde que nos conhecemos.

Todas estas palavras eram ditas com uma inflexão tão convulsa, pareciam encubrir um pensamento doloroso tão persistente, que eu estremecia a cada momento com a idéa de ver cair Margarida em delirio.

— Escuta, lhe disse, tu estás doente; não posso deixar-te assim. Vou escrever a meu pai que me não espere hoje.

— Não! não! exclamou Margarida logo, não façais semelhante cousa. Era para teu pai me accusar de te não deixar ir ter com elle quando elle o manda; não, não, é necessario ires, é preciso! De mais, eu não estou doente; doente!... nunca estive melhor. E' que tive um pesadelo, e não estava bem acordada!

Desde esse momento, fez Margarida por se mostrar mais alegre. Não chorou mais.

Quando foram horas de sair, dei-lhe um abraço, e perguntei-lhe se me queria acompanhar até ao caminho de ferro; esperava que o passeio a havia distrair, e que o ar lhe havia de fazer bem.

O meu principal empenho tambem, era estar na sua companhia o mais tempo que fosse possivel.

Acceitou, pôz uma capa, e acompanhou-me com Nanine, para não voltar só.

Vinte vezes estive para não partir. Mas a esperanza de tornar depressa, e o receio de indispor de novo a meu pai contra mim, me animavam, e o comboio me levou rapidamente

— Até á noite, disse eu a Margarida á despedida.

Não me respondeu.

Já uma vez me não tinha respondido áquella mesma frase, e o conde de G., bem haveis de estar lembrado, tinha passado a noite em casa della; mas isso já lá ia havia tanto tempo, que parecia ter-se-me apagado da memoria e so receiava alguma cousa, não era de certo ser enganado por Margarida.

Assim que cheguei a Paris, corri a casa de Prudencia, pedir-lhe que fosse visitar Margarida, na esperança de que o seu bom humor e natural alegria a distraissem.

Entrei sem me fazer annunciar, e achei Prudencia ao toucador.

— Ah! disse-me ella com certo desassocêgo. Margarida está ahí tambem?

— Não.

— Como passa?

— Incommodada.

— Então não vem?

— Devia vir?

Madame Duvernoy córou, e respondeu-me contrafeita:

— Ah! sim... queria dizer: já que vindes a Paris, não ha de vir ter comvosco?

— Não, por certo.

Olhei para Prudencia; abaixou os olhos, e li-lhe na physionomia o receio de que a minha visita durasse muito.

— Vinha até pedir-vos, querida Prudencia, que se não tivesséis nada que fazer, fosseis vêr Mar-

garida esta noite; fazicis-lhe companhia, e dormieis lá. Nunca a vi como hoje, e tenho tanto medo que cáia doente!...

— Vou jantar fóra, respondeu-me Prudencia, e não me é possível ir vêr Margarida; porém tenciono vel-a amanhã.

Despedi-me de madame Duvernoy, que me pareceu tão preocupada como Margarida, e fui a casa de meu pai; o seu primeiro volver d'olhos, foi para me estudar com attenção.

Deu-me a mão.

— As vossas duas visitas, Armand, disse elle, me tem feito esperar que da vossa parte havieis de ter reflectido, como eu reflecti, tambem, da minha parte.

— Posso tomar a liberdade de vos perguntar, meu pai, qual foi o resultado das vossas reflexões?

— Foi, meu amigo, conhecer que tinha exaggerado a importancia do que me tinham dito a teu respeito, e que estou resolvido a ser menos severo contigo.

— Que dizeis? meu pai, meu querido pai! exclamei eu cheio de alegria.

— Digo meu querido filho, que todo o moço precisa ter uma amante, e que, depois de novas informações, antes quero saber que és amante de maidemoiselle Gautier, que d'outra.

— Meu excellente pai! quanto me fazeis feliz?

Conversámos assim alguns instantes, depois, fomos para a mesa. Meu pai esteve muito prazenteiro em quanto durou o jantar.

Eu estava com pressa de tornar para Bougi-

val para contar a Margarida esta feliz mudança. A cada instante olhava para a pendula.

— Estás a vêr as horas, dizia-me meu pai; não podes occultar a impaciencia que tens de me deixâr. Rapazes, rapazes! sacrificam sempre as affeições mais sinceras, ás affeições duvidosas!

— Não digais isso, meu pai! Margarida ama-me muito, tenho toda a certeza.

Meu pai não respondeu, não podia duvidar, nem de acreditar,

Insistio muito para me fazer passar a noite inteira com elle, e para que não voltasse senão no dia seguinte; mas tinha deixado Margarida doente, disse-lh'o, e pedi-lhe licença para ir vel-a cedo, promettendo-lhe voltar no dia seguinte.

Estava bom tempo; quiz-me acompanhar até á estação do caminho de ferro. Nunca me tinha sentido tão feliz. Aparecia-me o futuro tal como o eu o havia imaginado ha muito tempo.

Amava meu pai como nunca o tinha amado em toda a minha vida.

No momento em que ia partir, insistio pela ultima vez para eu ficar, recusei sempre.

— Tens-lhe muito amor? perguntou me elle.

— Amo-a como um louco.

— Então vai! e passou a mão pela frente como se quizesse expulsar d'alli um pensamento, depois abrio a boca como para me dizer alguma cousa; mas contentou-se de me apertar a mão, e deixou-me de repente, gritando-me:

— Então, até amanhã!

XXII.

Parecia-me que o comboio não andava, tal era o meu desejo de chegar.

Cheguei a Bougival ás onze horas.

Nem sequer uma janella estava alumiada, e bati sem que me respondessem.

Era a primeira vez que tal cousa me acontecia. Emfim o jardineiro appareceu. E eu entrei.

Nanine veio esperar-me com uma luz. Cheguei ao quarto de Margarida, e disse:

— Onde está a senhora?

— A senhora partio para Paris, respondeu-me Nanine.

— Para Paris?

— Sim, senhor.

— Quando?

— Uma hora depois de vós.

— Não vos deixou nada para mim?

— Nada.

— Está celebre! Disse que a esperassem?

— Não.

Nanine deixou-me em seguida.

«E' capaz de ter tido receios, pensei eu, e de ir a Paris, para se certificar de que a visita, que eu lhe tinha dito que ia fazer a meu pai, não era um pretexto para ter um dia de liberdade.

«Talvez que Prudencia lhe escrevesse, para algum negocio importante, disse eu para mim quando me achei só, mas eu tinha visto Prudencia, quando chegara a Paris, e ella não me tinha dito nada que me fizesse suspeitar que tivesse escrito a Margarida.

De repente lembrei-me dessa pergunta que madame Duvernoy me tinha feito: então ella não vem hoje? quando eu lhe tinha dito que Margarida estava doente. Recordei-me ao mesmo tempo do ar embaraçado de Prudencia, quando olhei para ella depois desta phrase que parecia trahir uma entrevista. A estas lembranças se juntavam a das lagrimas de Margarida por todo o dia, lagrimas que o bom acolhimento de meu pai, me tinham feito esquecer por um pouco.

A partir deste momento, todos os acontecimentos do dia se vieram agrupar em torno da minha primeira suspeita, e affixaram-lão solidamente ao meu espirito, que tudo a confirmou até á clemencia paterna.

Margarida tinha quasi exigido de mim que fosse a Paris; e tinha-se fingido socegada quando lhe tinha proposto de ficar ao pé della. Teria eu cahido n'um laço! Margarida enganar-me-hia? Contaria ella estar de volta, antes que eu voltasse, e o acaso te-la-hia retido! Por que não teria ella dito cousa alguma a Nanine, ou porque me não tinha escripto? Que quereriam dizer essas lagrimas, esta ausencia, e todo este mysterio?

Eis o que eu me perguntava com terror no meio desta camara vasia, e com os olhos fitos no relógio que, marcando a meia noite parecia dizer que já era muito tarde para esperar a minha amante. Comtudo depois das disposições que tinhamos tomado, depois do sacrificio offerecido e acceitado seria verosimil que ella me enganasse? Não por certo. Procurei regeitar as minhas primeiras supposições.

— Pobre rapariga, achou talvez um comprador para a sua mobilia, e provavelmente foi a Paris para concluir o ajuste. Não me quiz prevenir, porque bem sabe que, apesar de consentir, esta venda necessaria á nossa felicidade futura, é para mim bem penivel, e terá receio de ferir o meu amor proprio e a minha delicadeza fallando-me nisso. Estima talvez mais, apparecer só depois de tudo estar concluido. Prudencia esperava evidentemente por ella, e trahio-se na minha presença: Margarida não pôde terminar o seu negocio hoje, e passa a noite em casa della, ou talvez mesmo que esteja a chegar a todos os momentos, porque bem deve imaginar a minha inquietação, e não quèrerá por mais tempo deixar-me em cuidados.

Mas então, qual seria a causa dessas lagrimas? Sem duvida, apesar do meu amor, a pobresita não se podesse resolver, sem muitas lagrimas, a abandonar o luxo em que viveu até agora, e que a tornava feliz e invejada.

Perdoava de boa vontade estes pesares a Margarida. Esperava-a com impaciencia para lhe dizer, cobrindo-a de ternos beijos, que tinha adivinhado a causa da sua mysteriosa ausencia.

Entretanto a noite adiantava-se, e Margarida sem apparecer.

A inquietação aperlava a pouco e pouco o seu circulo e me opprimia o coração. Talvez lhe acontecesse alguma cousa? Talvez esteja ferida, doente, ou morta! Talvez ia ver chegar um mensageiro, annunciando-me algum doloroso accidente! Talvez que o dia me achasse ainda na mesma incertesa, e nos mesmos receios.

A idéa de que Margarida me enganava, na hora em que eu a esperava no meio dos terrores que me causava a sua ausencia, não me tinha voltado ao espirito. Era preciso uma causa independente da sua vontade, para a prender longe de mim, e quanto mais pensava nisso, mais estava convencido de que esta causa não podia ser senão uma desgraça qualquer. Oh! a vaidade do homem representas-te sob todas as fórmulas.

Acabava de bater uma hora. Disse que ia esperar ainda uma hora, mas que ás duas horas, se Margarida ainda não tivesse voltado, partiria para Paris.

Esperando procurei um livro, porque me não atrevia a pensar.

Manon Lescaut estava aberto sobre a mesa. Pareceu-me que de espaços a espaços estavam as paginas molhadas como de lagrimas. Depois de o ter folheado, fechei este livro cujos caracteres me appareciam vãos de sentido através do véo das minhas duvidas.

A hora corria de vagar. O céu estava carregado de nuvens. Uma chuva do outono açoitava as vidraças. O leito vazio parecia-me ir tomando o aspecto d'um tumulo. Confesso que tinha medo.

Eu abria a porta, escutava e não ouvia senão o ruido do vento nas proximas arvores. Nem se quer uma carruagem passava pela estrada. Batem dois quartos na torre da igreja.

Receava que entrasse alguém. Parecia-me que só uma desgraça podia vir ter comigo a estas horas, e por este tempo sombrio.

Bateram duas horas. Esperei ainda. Só a pen-

dula perturbava o silencio com o seu ruido monotonico e cadenciado.

Emfim deixei este quarto de que os menores objectos tinham tomado esse aspecto triste que dá a tudo o que cerca a inquieta solidão do coração.

Na camara visinha estava Nanine adormecida sobre o seu trabalho. Com o ruido da porta, acordou e perguntou-me se a sua ama já tinha voltado.

— Não, mas se voltar dir-lhe-heis, que não pude resistir á minha inquietação, e que parti para Paris.

— A estas horas?

— Sim.

— Mas como? Já não achais carroagem.

— Irei a pé.

— Porém chove.

— Que me importa?

— A senhora não tarda, e se não vier, amanhã ha de haver muito tempo de se saber o que lhe succedeu. Podem assassinar-vos na estrada.

— Não ha perigo, minha Nanine, até amanhã.

A boa mulher foi-me buscar o capote, lançou-me nos hombros, offereceu-se-me para ir acordar a tia Arnould, e indagar della se era possível arranjar-se uma carroagem; mas eu oppuz-me convencido de que perderia nesta tentativa, talvez infructuosa, mais tempo do que o necessario para fazer metade do caminho.

Demais tinha necessidade de ar, e de uma fadiga physica que moderasse a grande excitação em que me achava.

Tomei a chave do quarto da rua d'Antin, e de-

pois de ter dito adeus a Nanine que me tinha acompanhado até ao pateo, parti.

Ao principio deitei a correr, mas a terra molhada de fresco, fatigava-me o dobro. No fim de meia hora de corrida, obrigado a parar, estava alagado. Tomei folego e continuei o meu caminho. A noite estava tão escura, que receava a cada momento esbarrar contra alguma das arvores da estrada, que se me apresentavam de repente diante dos olhos, parecendo grandes phantasmas que se encaminhavam para mim.

Um caleche se dirigia a trote largo para o lado de Bougival. No momento em que passava por diante de mim veio-me a esperança de que Margarida iria dentro.

Parei, gritando: Margarida, Margarida!

Mas ninguem me respondeu e o caleche continuou a correr. Vi-o affastar-se e tornei a partir.

Gastei duas horas em chegar á barreira da Estrella.

A vista de Paris deu-me forças, e desci correndo a comprida alameda, que tinha andado tantas vezes.

Nessa noite ninguem passava por alli.

Dir-se-hia o passeio d'uma cidade morta.

O dia começava a despontar.

Quando cheguei á rua d'Antin a cidade já remorejava antes de acordar definitivamente.

Batiam cinco horas na igreja de Saint-Roch no momento em que entrava na casa de Margarida.

Dei o meu nome ao porteiro que tinha recebido de mim bastantes peças de vinte francos para

saber que tinha o direito de entrar ás cinco horas em casa de mademoiselle Gautier.

Passei sem obstaculos.

Teria podido perguntar-lhe se Margarida estava em casa, mas poderia responder-me que não e gostava mais de duvidar dois minutos mais, por, que duvidando, ainda esperava.

Subi.

Escutei á porta, pensando surprehender, um ruido, um movimento.

Nada. O silencio do campo parecia ainda continuar aqui.

Abri a porta, entrei.

Todas as cortinas estavam hermeticamente fechadas.

Abri as portas da casa de jantar, e me dirigi para a camara de Margarida.

Corri para o cordão das cortinas e puchei-o com violencia.

As cortinas abriram-se, uma fraca claridade penetrou no quarto, corri ao leito.

Estava vasio!

Abri as portas umas apoz outras, corri todas as casas.

Ninguem.

Esta solidão era d'endoidecer.

Passei ao toucador, abri a janella, e chamei por Prudencia umas poucas de vezes.

A janella de madame Duvernoy ficou fechada.

Então desci a casa do porteiro e perguntei-lhe se mademoiselle Gautier tinha vindo a casa de dia.

— Sim, respondeu-me este homem, com madame Duvernoy.

— Não deixou nada dito para mim?

— Nada absolutamente.

— Sabeis o que depois fizeram.

— Sahiram de carruagem.

— E que qualidade de carruagem?

— Um *coupe* particular.

O que quereria dizer tudo isto?

Bati á porta visinha.

— Aonde ides, senhor? me perguntou o porteiro depois de me ter aberto a porta.

— A casa de madame Duvernoy.

— Ainda não veio para casa.

— Com certeza?

— Sim, senhor; aqui está mesmo ainda uma carta que hontem á tarde trouxeram para ella que ainda lhe não entreguei.

E o porteiro me mostrava uma carta sobre que tracei os olhos machinalmente.

Conheci a letra de Margarida.

Peguei na carta.

O sobrescripto trazia estas palavras:

«A madame Duvernoy, para entregar a M. Duval.»

— Esta carta é para mim; disse ao porteiro mostrando-lhe o sobrescripto.

— Sois o senhor Duval? tornou-me elle.

— Sim, sou eu mesmo.

— Ah! agora vos conheço, vindes até muitas vezes a casa de madame Duvernoy.

Assim que me vi na rua, quebrei o sinete da carta.

Se um raio cahisse a meus pés, não ficaria por certo mais assombrado do que fiquei com a simples leitura desta carta.

«A' hora em que lêdes esta carta, Armand, «serei já a amante do outro homem. Tudo está acabado entre nós.

«Voltai para junto de vosso pai; meu amigo, «ide vêr a vossa irmã, menina casta, e ignorante «de todas as nossas miserias; e ao pé de quem esquecereis bem depressa o que vos tiver feito sofrer esta mulher perdida, a quem chamam Margarida Gautier; a quem quizeste amar, e que vos «deve os unicos momentos felizes d'uma vida que, «assim o espero, já agora não será longa.»

Quando li a ultima palavra, julguei que en- doidecia.

Por um ins'tante, tive realmente medo de cahir desfallecido na calçada. Uma nuvem espessa me passou pelos olhos, e o sangue me batia nas fontes.

Emfim tornei um pouco a mim, olhei ao redor, todo admirado de vêr a vida dos outros continuar sem parar por causa da minha desgraça.

Não era bastante forte para supportar sósinho o terrivel golpe que me dava Margarida.

Recordei-me então que meu pai estava na mesma cidade que eu, e que em dez minutos poderia estar ao pé d'elle, e que sem curar da causa da minha dôr elle a partilharia.

Corri como louco, como um ladrão, até á hospedaria de Paris; encontrei a chave na porta do quarto do meu pai. Entrei sem demora.

Meu pai lia.

Pela pouca admiração que mostrou vendo-me apparecer, dir-se-hia que me esperava já.

Precipitei-me nos seus braços, sem lhe dizer uma unica palavra, e lhe dei a carta de Margarida, e deixando-me cahir diante da sua cama, dei livre curso ás minhas lagrimas.

XXIII

Quando todas as coisas da vida tomaram o seu curso, não pude acreditar que o dia que se levantava não seria similhante para mim áquelles que o tinham precedido. Havia momentos em que me figurava que uma circumstancia, de que me não lembrava, me tinha feito passar a noite fóra da casa de Margarida, mas que se eu voltasse a Bougival, a ía achar inquieta, como eu o tinha estado, e que ella me perguntaria quem me tinha detido longe della.

Quando a existencia contrae um habito como o deste amor, parece impossivel que se quebte esse habito, sem despedaçar ao mesmo tempo todas as outras molas da vida.

Era obrigado a lêr de tempos a tempos a carta de Margarida, para me convencer de que não tinha sonhado.

O meu corpo, succumbindo ao abalo moral, estava incapaz de todo o movimento. A inquietação, o andar da noute, a noticia da madrugada ñe tinham quebrantado. Meu pai, aproveitou-se da prostação total das minhas forças para me pedir a promessa formal de partir com elle.

Prometti tudo o que elle quiz. Estava incapaz

de sustentar qualquer discussão por pequena que fosse, e tinha necessidade de uma afeição real para me ajudar a viver depois do que se acabava de passar.

Estava muito contente que meu pai me quizesse consolar de tamanho pezar.

O que me lembra é que nesse dia, proximo ás cinco horas me fez subir com elle para uma carruagem de posta. Sem me dizer nada, tinha mandado preparar as minhas malas, tinha-as mandado prender com as suas atraz da carruagem e levava-me comsigo.

Não senti o que fazia senão quando sahiamos da cidade, quando a solidão da estrada me recordou o vacuo do meu coração.

Comecei então a chorar.

Meu pai compréhendeu que palavras, mesmo delle, não me consolariam, e me deixava chorar sem me dizer nada, contentando-se com me apertar a mão de vez em quando, como para me recordar que tinha um amigo fiel a meu lado.

De noute, adormeci um bocado. Sonhei com Margarida.

Acordei em sobresalto, não comprehendendo porque estava n'uma carruagem.

Depois a realidade me voltou ao espirito e deixei cair a cabeça sobre o peito.

Não me atrevia a conversar com o meu pai, tinha medo que me observasse:

— Bem vês, que tinha razão quando negava o amor dessa mulher.

Mas não abusou da sua vantagem, e chegamos a C... sem que me dissesse outra cousa, senão pa-

lavras completamente alheias ao acontecimento que nos tinha feito partir.

Quando abracei minha irmã, recordei-me das palavras da carta de Margarida, concernentes a ella, mas comprehendi immediatamente que por melhor que ella fosse, não podia fazer esquecer-me da minha amante.

A caça estava aberta, meu pai pensou que seria uma distracção para mim. Organizou pois partidas de caça com os vizinhos e amigos. Acompanhava-os sem repugnancia, mas sem enthusiasmo, com aquella especie de apathia que era o caracter de todas as minhas acções desde a minha partida.

Caçavamos ás lebres. Punham-me no meu posto. Descançava a espingarda desarmada a meu lado, e pensava. Olhava para as nuvens. Deixava o meu pensamento divagar em planices solitarias, e de tempos a tempos, ouvia um caçador chamar-me, mostrando-me uma lebre que fugia a dez passos de mim.

Nenhuma destas circumstancias escaparam a meu pai, e não se deixava enganar com o meu sosiego exterior. Comprehendia que, por mais abatido que estivesse o meu coração teria um dia uma reacção terrivel, perigosa talvez, e evitando parecer consolar-me, procurava distrahir-me.

Minha irmã bem se via que não era da confidencia de todos estes acontecimentos, não podia explicar por que, em n'outro tempo folgasão, me tinha de repente tornado tão pensativo e tão triste.

A's vezes, surprehendido no meio da minha tristeza por um olhar inquieto de meu pai, lhe estendia a mão, e apertava a sua, como para lhe pedir perdão, desgosto que involuntariamente lhe causava.

Um mez se passou desta sorte, mas foi o mais que pude supportar.

A lembrança de Margarida me perseguia continuamente. Tinha-a amado muito, ainda a amava da mesma maneira, para que esta mulher me fosse indifferente assim de um instante para o outro. Era necessario que amasse, ou que a aborrecesse. Era-me necessario algum sentimento que lhe livesse, que a tornasse a ver, e isto porém immediatamente.

Este desejo entrou-me no espirito, e fixou-se nelle com toda a violencia da vontade, que reaparece em fim n'um corpo inerte ha muito tempo.

Não era para o futuro, nem no mez seguinte, nem em oito dias que precisava ver Margarida, era no dia seguinte áquelle em que tinha tido a idéa: fui dizer a meu pai que ia partir para Paris para tractar de alguns negocios, mas que voltaria promptamente.

Advinhou sem duvida o motivo que me fazia auzentar porque insistio em que ficasse, mas vendo que o não executar este desejo, no estado irritavel em que me achava, podia ter consequencias fataes para mim, abraçou-me, e pediu-me, quasi com as lagrimas nos olhos que voltasse o mais depressa possível para o pé d'elle.

Não dormi em quanto não cheguei a Paris.

Depois de chegar, o que havia de fazer? não sabia; mas antes de tudo, tornava-se necessario occupar-me de Margarida.

Fui vestir-me a casa, e como fazia bom tempo, e ainda eram horas, fui aos Campos Elyseos.

Ao cabo de meia hora, vi ao longe, dirigindo-se para a praça da Concordia, a carruagem de Margarida.

Tinha acabado de comprar os seus cavallos, porque a carruagem era tal qual d'antes era. Só notei que não vinha dentro.

Assim que notei esta ausencia, voltando os olhos ao redor de mim, vi Margarida que passeavaapé, acompanhada de uma mulher que nunca d'antes tinha visto.

Ao passar por pé de mim empallideceu, e um sorriso convulso lhe encrespou os labios. Em quanto a mim, um violento palpitar de coração, me abalou o peito; porem consegui dar ao meu rosto uma expressão de frieza, e eu saudei seccamente a minha antiga amante, que logo se encaminhou para a carruagem e subio com a sua amiga.

Eu conhecia Margarida. O meu encontro inesperado devel-a-ia desorientar. Sem duvida teria ella sabido da minha partida, cousa que a tinha talvez tranquillizado sobre as consequencias do nosso rompimento, mas vendo-me voltar, e achando-se face a face comigo, pallido como o estava; deveria conhecer que a minha presença tinha um fim, perguntar a si mesmo o que iria acontecer.

-Se tivesse encontrado Margarida infeliz; se, para me vingar della fosse necessario ir a seu soccorro, ter-lhe-ia perdoado, e nem mesmo, com toda a certeza, teria pensado em lhe fazer mal; mas encontrava-a feliz, pelo menos na apparencia, outro lhe tinha entregado o luxo que eu não tinha podido continuar; o nosso rompimento, vindo da parte della, tomava ares do mais vil interesse; estava humilhado no meu amor proprio, era pois necessario infalivelmente que me pagasse o que eu tinha soffrido.

Não podia ser indifferente ao que fazia esta mu-

lher, por consequencia, o que mais mal lhe devia fazer era a minha indiferença tornava fingir este sentimento não só aos seus olhos mas aos olhos de todos.

Tratei de fazer uma cara risonha, e dirigi-me a casa de Prudencia.

A criada foi-me annunciar, e fez me esperar alguns instantes na sala.

Madame Duvernoy appareceu a final e me introduzio no seu toucador; no momento em que me assentava ouvi abrir a porta da sala, e uns passos ligeiros fizeram ranger o sobrado, a porta fechou-se com violencia.

— Incommodo-vos? perguntei eu a Prudencia.

— Não; Margarida estava alli. Quando vos ouvi annunciar, escondeu-se: é ella que saíu agora.

— Então metto-lhe medo agora?

— Não, mas receia que não gostais de a tornar a vêr.

— Porque? disse eu fazendo um esforço para respirar livremente, porque a comoção me suffocava; a pobre rapariga deixou-me para tornar a ter a sua carruagem a sua mobilia, as suas joias; fez bem, não lhe devo querer mal por isso. Ah! é verdade, encontrei-a hoje, continuei eu com negligencia affectada.

— Aonde? disse Prudencia, que olhava para mim e parecia perguntar se este homem era aquelle que ella tinha visto tão apaixonado.

— Nos campos Elyseos. Estava com outra mulher muito bonita. Quem era essa mulher?

— Que figura tinha?

— Aloirada, esbelta, vestida á ingleza; olhos azues e vestida com muita elegancia.

— Ah! é Olympia, uma rapariga, não é verdade, muito galante.

— Com quem vive?

— Vive com todos.

— E mora...?

— Na rua Trouçr, n.º... Que é isso? quereis fazer-lhé a corte?

— Não se sabe o que póde acontecer.

— E Margarida?

— Para vos dizer que já não penso nella, era mentir; mas sou desses homens para quem a maneira de romper qualquer relação faz muito. Ora, Margarida, despedio-me d'um modo tão ligeiro, que me julguei bem tolo por ter estado tão apaixonado por ella, porque, confesso-vos que estive muito apaixonado por essa rapariga.

Advinbais com que tom procurava dizer estas palavras, corria-me um suor frio pela frente.

— Ella tambem vos amava bastante, e ainda vos ama: a prova, é que depois de vos ter encontrado hoje, veio logo dar-me parte desse encontro. Quando chegou, coitadinha; estava toda a tremer, e proxima a desmaiar.

— Sim!... e o que vos disse?

— Disse-me que sem duvida, ha-de vir visitar-vos, e pedio-me que implorasse de vós o seu perdão.

— Já lhe perdoei, podeis dizer-lh'ó. Era uma boa rapariga, mas não passava disso; e o que ella me fez, devia-o já esperar. Mesmo sou-lhe devedor da sua resolução, porque hoje pergunto a que me teria levado a ideia de viver exclusivamente para ella. Era uma lotucura perfeita.

— Ha-de ficar muito satisfeita quando souber que tiraste partido da necessidade em que ella se achava. Já era tempo que vos deixasse, meu querido. O diabo do homem a quem ella tinha proposto a venda da mobilia, tinha ido procurar os credores para lhes perguntar quanto lhes devia; estes tiveram medo, e estava para se vender tudo em dois dias.

— E agora, está tudo pago?

— Quasi tudo.

— E quem correu com as despesas?

— O conde de N*** Ah! meu querido! ha homens feitos de proposito para estes negocios. N'um instante deu vinte mil francos; mas conseguiu os seus fins. Elle bem sabe que Margarida não o ama o que lhe não impede de se portar optimamente para com ella. Bem vistes, que lhe tornou a comprar os cavalloos, desempenhou-lhe as joias, e dá-lhe tanto dinheiro, quanto lhe dava o duque; e se ella quizer viver tranquillamente, este homem ficará muito contente com ella.

— E o que faz ella? habita sempre em Paris?

— Nunca mais quiz voltar a Bougival, depois que partistes. Fui eu que fui buscar tudo o que lá havia della, e mesmo o que era vosso, o que está tudo junto, para quando o mandardes buscar. Está tudo, menos uma carteirinha com o vosso nome. Margarida quiz ficar com ella, e tem-a em casa. Se a estimais muito peço-lha.

— Não; póde ficar com ella; balhuciei eu, porque senti as lagrimas affluirem-me do coração aos olhos, com a recordação dessa aldeia, onde tinha sido tão feliz, e com a ideia de que ella guar-

dava uma coisa que me tinha pertencido e que me fazia lembrado a ella.

Se ella tivesse entrado nesta occasião as minhas ideias de vingança teriam desaparecido completamente, e cairia a seus pés.

— De mais, continuou Prudencia, nunca a vi como agora, quasi que já não dorme, corre a todos os bailes, ceia, e mesmo ás vezes bebe até lhe fazer mal. Ultimamente, depois d'uma lauta ceia, ficou oito dias de cama; e quando o medico lhe deu licença de se levantar; tornou a começar, com risco de morrer. Ides vê-la?

— Para que? Vim ver-vos a vós, porque sempre me tendes obsequiado, e porque vos conhecia antes de Margarida. E' a vós que devo o ser seu amante, assim como é tambem a vós que devo não o ser já; não é assim?

— Ah! por amor de Deus, fiz tudo o que estava ao meu alcance para que ella vos deixasse, e acredito que mais tarde não me haveis de querer mal.

— Sou-vos duplicadamente agradecido, ajuntei eu levantando-me, porque já me aborrecia ver essa mulher tomar a serio tudo o que lhe dizia.

— Ides-vos já?

— Sim, vou.

Já sabia, o que queria.

— Quando nos tornaremos a ver?

— Bem depressa. Até á vista.

— Adeus, boa saude.

Prudencia conduzio-me até á porta, e entrei em casa com lagrimas de raiva nos olhos, e necessidade de vingança no coração.

Margarida não passava de ser uma mulher, como as suas companheiras; assim esse amor profundo que ella me tinha não poderá lutar contra o desejo de retomar a sua vida passada, contra a necessidade de ter uma carroagem, e de fazer orgias.

Eis o que eu pensava no meio das minhas insomnias, em quanto que, se reflectisse com a frieza, que simulava, teria visto na nova e estrondosa existencia de Margarida, a esperança de fazer calhar um pensamento continuo, uma recordação de todos os momentos.

Desgraçadamente, dominava em mim uma paixão má, e já não procurava senão um meio de torturar esta pobre creatura.

Oh! o homem é bem pequeno, e bem vil, quando uma das suas mesquinhas paixões se julga offendida.

Essa Olympia com quem a tinha visto, se não era a amiga de Margarida pelo menos era a pessoa com quem ella convivia mais desde a sua volta para Paris. Ia dar um baile, e como suppunha que Margarida iria a elle, tratei de arranjar um bilhete, e consegui-o.

Quando cheio de commoção cheguei ao baile, já elle estava muito animado. Dançava-se; fallava-se já em voz alta, e n'uma das quadrilhas percebi Margarida dançando com o conde de N***, que parecia muito ufano de a mostrar, e parecia dizer a todos:

— Esta mulher pertence-me.

Fui-me encostar ao fogão mesmo defronte de Margarida, e puz-me a vê-la dançar. Apenas me descobrio, perturbou-se toda. Olhei para ella e sau-

dei-a listrahidamente com a mão e com os olhos.

Quando pensava que depois do baile não seria comigo, mas sim com esse rico imbecil, que ella se retiraria, quando se me representava a scena que provavelmente se seguiria quando chegassem a casa, o sangue affluia-me ao rosto, e sentia a necessidade de perturbar os seus amores.

Depois da contradança fui cumprimentar a dona da casa, que patenteava aos olhos dos seus convidados uns hombros bem torneados, e metade de um seio verdadeiramente tentador.

Era uma mulher bella, e talvez mais bella que Margarida. Compreendi-o melhor por certos olhares que ella lançava sobre Olympia em quanto eu lhe fallava. O homem que fosse o amante desta mulher tinha tanto de se ufanar como o senhor de N***, e ella tinha belleza bastante para inspirar uma paixão igual á que Margarida me tinha inspirado.

Não tinha amante certo nesta occasião. Não era difficil adivinhal-o. Tudo estava em mostrar-lhe bastante ouro para fazer notavel.

Tomei uma resolução, a de me fazer seu amante.

Principiei o meu papel de pretendente, dançando com Olympia.

Meia hora depois Margarida, pallida como uma defunta, punha a sua capa de pelles e sahia do baile.

XXIV.

Era já alguma cousa, mas não era quanto desejava. Compreendia o imperio que tinha sobre aquella mulher, e abusava covardemente.

Quando penso que já morreu, pergunto entre

*

mim, se Deus me perdoará algum dia o mal que lhe causei.

Depois da ceia, que foi das mais tumultuosas, entraram a jogar.

Assentei-me ao lado de Olympia, e parei o meu dinheiro com uma ousadia tal, que ella não podia deixar de reparar. N'um instante ganhar cincoenta e dois luizes, que puz diante de mim; Olympia fitava os olhos ardentemente no ouro que eu ganhava.

Era eu o unico a quem o jogo não preoccupava completamente, e que se importava com ella. Todo o resto da noite ganhei, e fui eu que lhe dei dinheiro para jogar, porque ella tinha perdido todo o ouro que tinha trazido para a meza, e provavelmente quanto tinha em casa.

A's cinco horas da manhã levantou-se o jogo. Ganhei trezentos luizes.

Todos os jogadores estavam já em baixo na escada, só eu tinha ficado atraz sem que dessem por mim, pois não era amigo de nenhum daquelles senhores.

Olympia é quem foi alumiar, eu ia a descer como os outros, quando, voltando-me para ella, lhe disse:

— Preciso fallar-vos.

— A'manhã, me disse ella.

— Não, agora mesmo.

— Que tendes que me dizer?

— Vel-o-heis.

E entrei.

— Perdestes, lhe disse.

— Sim, perdi tudo.

— Quanto tinheis em casa?

Hesitou.

— Sêde franca.

— Pois bem, é verdade.

— Eu ganhei trezentos luizes, eil-os, se consentis que eu aqui fique esta noite.

E ao mesmo tempo lancei todo o oiro para cima da meza

— E porque me fazeis semelhante proposta?

— Tem bem que saber! porque vos amo.

— Não, mas porque estais namorado de Margarida, e quereis vingar-vos della tomando-vos eu por amante. Meu amigo, não se engana assim uma mulher como eu; infelizmente, sou ainda muito moça e muito bella para acceitar o papel que me propondes.

— Então recusais?

— Recuso, sim,

— Preferieis amar-me de graça? Então era eu que não acceitava. Reflecti, minha querida Olympia; se vos tivesse mandado uma pessoa qualquer propor-vos estes trezentos luizes da minha parte com as condições que ponho, acceitaveis. Quiz antes tratar directamente com vosco. Acceitai, sem indagar os motivos que tenho para assim proceder, dizei que sois bella, e que não é para admirar que esteja namorada de vós.

Ora Margarida era do mesmo viver que Olympia, todavia não me teria atrevido a dizer-lhe á primeira vez que a vi, o que acabava de dizer aquella mulher. E' porque eu amava Margarida, é porque tinha advinhado nella instinctos que fallavam a ess'outra creatura, e porque no proprio momento em que estava fazendo o meu ajuste apesar da sua extraordinaria belleza, aquella com quem o ia concluir me repugnava.

Deixou de se fazer grave, como era de crer, e ao meio dia seguinte, sai de casa della seu amante ; mas deixei o seu leito sem trazer saudades das ternas caricias e das palavras amorosas que se tinha julgado obrigada a prodigalisar-me pelos seis mil francos que lhe deixava em casa.

E comtudo, houve quem se arruinou por aquella mulher!

Desde esse dia, fiz soffrer a Margarida uma perseguição de todos os instantes. Olympia e ella, deixaram de se ver, bem comprehendéis o motivo por que. Dei á minha nova amante uma carruagem, e joias; joguei, fiz emfim todas as loucuras proprias de um homem ligado com uma mulher como Olympia. Em breve se espalhou por toda a cidade a minha nova paixão.

Até Prudencia caíu, e acabou por acreditar que tinha esquecido Margarida de todo. Esta, ou fosse por adivinhar o motivo que me fazia proceder assim, ou por se enganar como toda a gente, correspondia com grande dignidade aos golpes que todos os dias lhe dava. Porém era visível padecer ella, porque por toda a parte onde a encontrava, via-a sempre cada vez mais pallida, cada vez mais melancolica. O meu amor por ella, exaltado ao ponto de se tornar em odio, regosijava-se á vista daquella dôr quotidianna. Muitas vezes, em circumstancias em que fui de uma crueldade infame, ergueu Margarida para mim olhos tão supplicantes, que me chegava a envergonhar do papel que estava a fazer, e pouco faltava para lhe ir pedir humilde perdão.

Mas estes arrependimentos tinham a duração do relampago, e Olympia, que havia acabado por

pôr de parte todo o seu amor proprio, e comprehendêra finalmente, que, fazendo mal a Margarida, oblinha de mim quanto queria, excitava-me sem cessar contra ella, e insultava-a todas as vezes que encontrava occasião para isso, com aquella persistente covardia da mulher authorisada por um homem.

Por fim, Margarida já não frequentava nem o baile, nem o theatro, com medo de se encontrar comosco. Então as cartas anonymas tinham succedido ás desfeitas directas, e não havia cousas vergonhosas, que eu não fizesse com que a minha amante divulgasse, ou que não divulgasse, eu proprio, para denegrir a reputação de Margarida.

Era preciso estar doido para chegar áquelle ponto. Eu era como um homem que depois de se ter embriagado com máo vinho caí n'uma dessas exaltações nervosas em que a mão é capaz de um crime, sem que o pensamento tome a menor parte no attentado. No meio de tudo isto, padecia um martyrio. O socego sem desdem, a dignidade sem despreso com que Margarida correspondia a todos os meus insultos, e que a meus proprios olhos a tornavam superior a mim, irritavam-me ainda mais contra ella.

Uma noute, tinha ido Olympia não sei aonde, e encontrára-se com Margarida, que dessa vez não tinha tido paciencia para aturar os ultrajes d'aquella tola, a ponto de a obrigar a ceder-lhe o terreno. Olympia voltou furiosa, e tinham levado Margarida desmaiada.

Quando entrou, contou-me Olympia o succedido ; disse que tendo-a Margarida visto só quiz vingar-se de ser minha amante, e que era mister que eu lhe escrevesse, mandando-lhe dizer que devia res-

peitar, quer estivesse ausente, quer não o estivesse, a mulher que amava.

Não tenho precisão de vos dizer que consenti, e que tudo quanto me occorreu de rispido, vergonhoso e cruel, tudo puz nessa carta que mandei immediatamente ao seu destino.

Daquella vez era o golpe muito forte para que a desgraça o pudesse soffrer sem retorquir.

Eu estava advinhando que havia de receber resposta; tambem por isso, tinha resolvido não sahir de casa em todo o dia.

Havia de ser duas horas, quando bateram á porta, e vi entrar Prudencia.

Fiz por tomar um aspecto indifferente para lhe perguntar a que devia a sua visita; mas naquelle dia M.^{me} Duvernoy não estava com vontade de rir, e com a falla sériamente commovida, me disse que desde o meu regresso, isto é, que havia perto de tres semanas que não deixava escapar uma occasião de fazer soffrer Margarida; que por amor d'isso estava doente, e que a scena da vespera, e a minha carta de pela manhã a tinham levado á cama.

Portanto, sem se queixar de mim, mandava-me Margarida pedir que tivesse compaixão della, e que já não tinha nem força moral nem physica para supportar o que eu lhe fazia.

— Que mademoiselle Gautier me ponha na rua, está no seu direito, mas que insulte uma mulher que eu amo, sob o pretexto de estar essa mulher vivendo comigo, é o que não hei-de permittir.

— Meu amigo, disse Prudencia, estais dominado pelas influencias d'uma rapariga sem alma nem consciencia; é verdade que a amais, porém isso não

é razão para atormentar uma fraca mulher que se não pode defender.

— Mande-me mademoiselle Gautier o seu conde de N..., e a partida será igual.

— Bem sabeis que o não fará. Assim, querido Armand, deixai-a em paz; se a visseis, haviéis de vos envergonhar do modo com que vos portais para com ella. Anda pallida, tosse, emfim não dura muito tempo!

E Prudencia estendeu-me a mão accrescentando:

— Vinde vê-la, a vossa visita ha de fazer-lhe bem.

— Não desejo encontrar M. de N...

— M. de N... nunca está lá em casa. Ella não o pôde aturar.

— Se Margarida tem empenho de me vêr, que venha aqui, ella sabe bem onde eu móro; mas eu, nunca mais irei á rua d'Antin.

— E haveis de recebê-la bem?

— Perfeitamente.

— Ainda bem! estou certa de que virá.

— Pois venha quando quizer.

— Sabís hoje?

— Não; passo a noite em casa.

— Vou dizer-lhe isso.

Prudencia partio.

Nem mesmo escrevi a Olympia para lhe mandar dizer que não ia lá. Não fazia cerimonia com ella. Passava quando muito uma noite por semana com ella. Julgo que entretanto aproveitava o seu tempo com um actor de não seu que theatro do *boulevard*.

Sahi para jantar, e tornei d'ahi a pouco. Man-

dei accender todos os fogões, e dei licença a José para ir passear.

Impossível fôra descrever-vos as diversas impressões que me agitaram pelo espaço d'uma ora, que tanto foi o que esperei; mas lá para as nove horas, quando ouvi tocar, resumiram-se todas n'uma agitação tal, que quando fui abrir a porta me vi obrigado a encostar-me ás paredes para não cair no chão.

Felizmente a antecamara tinha pouca luz, e a alteração das minhas feições era menos visível.

Entrou Margarida.

Vinha vestida de preto; um véu lhe encubria o rosto. Apenas por baixo das rendas lhe reconhecia o semblante.

Entrou para a sala e levantou o veu.

Estava palida como um marmore.

— Eis-me aqui Armand; desejavaes ver-me, vim.

E deixando cahir a cabeça nas mãos, debulhou-se em lagrimas.

Aproximei-me della.

— Que tendes? lhe disse com a voz alterada.

Apertou-me a mão sem responder, porque as lagrimas ainda lhe tolhiam a falla. Mas, alguns instantes depois, já mais socegada disse:

— Muito mal me tendes feito, Armand, e eu não vos fiz mal algum.

— Não? repliquei eu com um sorriso amarello.

— Nada, senão o que as circumstancias me obrigaram a fazer-vos.

Não sei se em toda a vossa vida já sentistes

ou haveis de sentir, o que por mim se passava á vista de Margarida.

A ultima vez que tinha vindo a minha casa, tinha-se assentado naquelle mesmo lugar; só a differença que havia, era ter sido desde então amante d'outro homem; outros beijos, que não os meus, lhe tinham polluido os labios, para os quaes, a meu pezar, dirigia os meus, e entretanto, sentia amar aquella mulher tanto, e talvez mais, do que nunca a tinha amado.

Com tudo era difficil para mim encetar a conversação sobre o assumpto que a trazia a minha casa. Sem duvida o comprehendeu Margarida, porque continuou assim:

— Venho causar-vos aborrecimento Armand, porque tenho duas cousas que vos pedir: perdão do que disse hontem a mademoiselle Olympia, e mercê do que talvez ainda tendes tenção de me fazer. Voluntariamente ou não, depois que voltastes, tendes-me feito tanto mal, que seria agora incapaz de soffrer a quarta parte das commoções que soffri esta manhã. Tereis dó de mim, não é assim, e comprehendeis que para um homem d'alma, ha cousas mais nobres que fazer, que occupar-se a tomar vingança d'uma mulher doente e triste como o eu estou. Olha, aqui tens a minha mão. Estou com febre, sahi da cama para vos vir supplicar, não a vossa amisade, mas a vossa indifferença.

Com effeito, peguei na mão de Margarida. Estava ardente, e a pobre rapariga tremia de frio debaixo da sua capa de velludo.

Arrastei para o pé do fogo a cadeira de braços em que ella estava assentada.

— Cuidais que não tenho padecido, que não padeci muito nessa noite, em que depois de vos ter esperado no campo, vos vim procurar a Paris, onde apenas achei aquella carta, que por pouco me não endoideceu?

Como tivestes animo para me enganar, Margarida, a mim que vos amava tanto!

— Não fallemos em tal, Armand, não vim aqui para fallar-mos disso. Quiz ver-vos sem ser como inimigo, e mais nada, quiz apertar-vos ainda uma vez a mão. Tendes uma amante joven, linda, que amais, segundo dizem; sede feliz com ella, e esquecei-me.

— E vós, sem duvida, sois feliz, não sois?

— O meu parecer, achais que revela felicidade, Armand? Eu... mulher feliz! Ah! não zombes da minha dôr, vós, que sabeis, melhor que ninguem, qual é a causa della, qual é a extensão da minha mágoa.

— Só de vós dependia ser feliz para sempre, se, com effeito, o não sois, como dizeis.

— Não, meu amigo, as circumstancias tiveram mais força que a minha vontade. Obedeci, não aos meus instinctos de mulher impura, como pareceis estar dizendo, mas a uma necessidade séria, e a razões que um dia vireis a saber, e que farão com que me perdoeis.

— Porque me não dizeis estas razões, hoje mesmo?

— Porque não podiam restabelecer uma reconciliação, já agora impossivel entre nós, e ainda porque talvez vos affastassem mais de pessoas, de quem vos não deveis afastar.

— Que pessoas ?

— Não vol-o posso dizer.

— Então mentis.

Margarida ergueu-se, e encaminhou-se para a porta.

Não pude assistir áquella muda e expressiva dôr, sem me impressionar vivamente, comparando esta mulher pallida e lacrimosa com aquella rapariga loura que se tinha rido de mim na Opera-Comica.

— Não, não vos ireis, disse eu atravessando-me na porta.

— Porque motivo ?

— Porque apezar do que me fizestes, amo-te sempre, e não quero que te vás embora.

— Para amanhã me pôres fóra, não é assim ? Não ; é impossivel ! Estão separados os nossos dois destinos ; não tentemos reunil-os ; haviéis de desprezar-me talvez, em quanto que n'esta hora só podeis odiar-me.

— Não, Margarida, exclamei eu sentindo despertar-se todo o meu amor, e todos os meus desejos ao contacto d'aquella mulher. Não, esquecerei tudo, e seremos felizes, como ambos nos tinhamos jurado sel-o.

Margarida abanou a cabeça como quem duvida, e disse assim :

— Não sou eu a vossa escrava. o vosso cão ? fazei de mim o que quizerdes, aqui estou, pertenco-vos, disponde de mim.

Tirando o chapéu e a capa, atirou-os para cima do canapé, e entrou a desapertar o vestido com agonia, porque por uma dessas reacções tão

frequentes da doença, lhe subira o sangue do coração á cabeça, e sentia-se suffocada.

Seguiu-se uma tosse secca e cavernosa.

— Mandai dizer ao meu cocheiro que leve a carruagem.

Desci eu mesmo, e despedi aquelle homem.

Quando entrei, estava Margarida estendida diante do fogão, e tremia de frio.

Levei-a em braços, despia-a sem dar accordo de si, e levei-a gelada para a minha cama.

Assentei-me então junto della, e fiz deligencia por animal a, á força de caricias. Não me dizia uma unica palavra, mas surria-se para mim.

Oh! foi uma noite aquella, que não sei como vol-a conte! Parecia que toda a vida daquella mulher se traduzia nos beijos com que me cubria, e amava-a tanto, que no meio dos transportes do seu amor febril, perguntava entre mim, se não a estava a matar, para que não pertencesse a mais ninguém.

Um mez de amor como aquelle, de corpo e alma, sobraria para fazer dois cadaveres.

Amanheceu; ainda estávamos acordados.

Margarida estava pallida, e sem dizer palavra, a deslisarem-lhes aos olhos copiosas lagrimas, que lhe paravam nas faces, brilhando como diamantes. Os braços desfallecidos erguiam-se de quando em quando para me enlaçarem, mas tornavam a cair sem força em cima da cama.

Cuidei por um momento que podia esquecer-me do que se tinha passado desde a minha partida de Bougival, e disse a Margarida:

— Se queres, partimos, deixamos Paris?

— Não, não, respondeu ella quasi horrorisada; havia-mos de ser muito desgraçados, já não posso servir á tua felicidade, mas em quanto me restar um alento de vida, serei escrava dos teus caprichos. A qualquer hora do dia ou da noite que me quizeres, vem, serei tua; mas não associes o teu futuro ao meu, que serias muito infeliz, e era fazeres-me a mim tambem muito desgraçada.

Ainda por algum tempo tenho de ser bonita aproveita-te da minha belleza, mas não me peças mais coisa alguma.

Quando ella saio, fiquei attonito da solidão em que me deixava. Duas horas depois de se ter ido, ainda estava assentado na cama que ella abandonara, a olhar para o travesseiro onde reclinára a cabeça, e a pensar no que ia ser de mim entre o meu amor e o meu ciume.

A's cinco horas, sem mesmo saber para que, fui á rua d'Antin.

Foi Nanine que me abriu a porta.

— A senhora não vos póde receber, disse-me ella constrangida.

— Porque razão?

— Porque o sr. conde de N... está cá, e deu-me ordem para não deixar entrar ninguem absolutamente.

— E' justo, balbuciei eu, não me lembrava

Tornei para casa como um homem embriagado, e sabeis o que fiz nesse minuto de delirio e ciume que bastava para me fazer perpetrar a vergonhosa acção que ia executar, quereis saber o que fiz? Disse: aquella mulher zomba de mim; imaginei-a sós com o conde, repetindo as mesmas pa-

lavras que de noite me tinha dito a mim, e pegando n'uma nota de quinhentos francos, mandei-lha; com com estas palavras -

« Partis tes tão depressa esta manhã, que me esqueci de vos pagar.

« Aqui vai o diuheiro que ganhastes a noite passada »

Depois de remetter similhante carta, sahi, como para escapar ao instantaneo remorso daquella infamia.

Fui a casa d'Olympia, que achei a provar vestidos e que, quando ficámos sós, me cantou disparates para me distrair.

Aquella sim, é que era o verdadeiro typo da mulher perdida sem vergonha, sem alma, sem coração, sem consciencia, pelo menos, para mim, porque, pôde bem succeder que algum homem tivesse tido por ella os sonhados devaneios que eu tinha tido por Margarida.

Pedio-me dinheiro, dei-lh'o, e livre então, fui-me embora, e entrei em minha casa.

Margarida não me tinha respondido.

Escusado é dizer-vos a agitação em que passei o dia seguinte.

A's seis horas e meia entregou um homem ao meu criado um embrulho; abri o; era a minha carta, e a nota de quinhentos francos, sem mais uma palavra.

— Quem vos deu isto? perguntei ao portador.

Uma senhora que partia com uma creada na posta de Bolonha, e que me recomendou que vos não trouxesse isto senão quando a carroagem saísse do páteo.

Corri a casa de Margarida.

— A senhora partio para Inglaterra hoje ás seis horas, respondeu -me o porteiro.

Nada já me delinha em Paris; nem o amor, nem o odio. Sentia-me debilitado com tantas impressões. Um amigo meu ia fazer uma viagem ao Oriente; fui dizer a meu pai quanto desejava acompanhá-lo; meu pai deu-me letras, e cartas de recommendação, e d'ahi a oito ou dez dias embarquei para Marselha.

Foi em Alexandria que me constou por um addido da embaixada, com quem algumas vezes me tinha encontrado em casa de Margarida, que a pobre rapariga estava muito doente.

Escrevi-lhe então a carta á qual deu a resposta que vós conheceis, e que recebi em Toulon.

Parti immediatamente, e o mais, sabeil-o vós.

Agora não vos resta senão lêr essas folhas que me entregou Julia Duprat, e que são o complemento indispensavel do que acabo de contar-vos.

XXV

Armand, fatigado por esta longa narração, interrompida muitas vezes por abundantes lagrimas, poz as duas mãos na frente, fechou os olhos, ou para pensar, ou talvez para vêr se dormitava, depois de me ter dado as paginas escriptas pela mão de Margarida.

Alguns instantes depois, uma respiração um pouco mais socegada me provava que Armand tinha adormecido, mas com esse somno leve, que a menor bulha faz despertar.

Eis o que ali e transcrevo, sem lhe ajuntar nem cortar uma unica syllaba.

« São hoje 15 de dezembro. Ha tres ou quatro dias que padeço muito. Hoje fiquei de cama; o tempo está sombrio, e eu estou com uma tristeza incomparavel; ninguem está ao pé de mim; penso em vós, Armand. E vós, onde estais na hora em que escrevo estas linhas?

« Longe de Paris, e muito longe; assim me disseram, e talvez que ja esquecesses a vossa Margarida. Emfim, sêde feliz, sois o unico a quem devo os momentos felizes da minha vida.

« Não teria podido resistir por mais tempo ao desejo de vos dar a explicação do meu comportamento, escrevia-vos uma carta; mas escripta por uma mulher como eu, uma tal carta podia ser olhada como uma mentira, pelo menos que a morte a não sanctifique com a sua authoridade; e que em logar de ser uma carta, seja uma confissão.

« Agora estou doente; posso morrer desta doença, porque sempre tive o pressentimento de que morreria ainda nova. Minha mãe, morreu com uma doença de peito, e a maneira por que tenho vivido até agora, era bem para peorar a affecção, unica herança que me deixou; mas não quero morrer sem saberdes bem o que deveis pensar a meu respeito; se por acaso, quando voltardes, vos importardes ainda com a pobre rapariga que amaveis antes de partir.

« Eis o que continha a carta que transcreverei, para me dar uma nova justificação.

« Estareis lembrado, Armand, como a chegada de vosso pai nos admirou em Bougival; lembrar-

vos-heis tambem dos terrores involuntarios que esta chegada me causou ; e da scena que teve logar entre vós e o vosso pai, e que me contastes essa noite.

« No dia seguinte, em quanto andaveis em Paris, e que esperaveis por vosso pai que não estava em casa ; apresentava-se-me um homem e me entregava uma carta do sr. Duval.

« Esta carta, que junto a estes papeis, pedia-me nos termos mais graves, que vos affastasse sobre qualquer pretexto, no dia seguinte, e que o recebesse a elle ; tinha que fallar-me, e me recomendava sobre tudo de nada vos dizer áquelle respeito.

« Sabeis com que insistencia vos aconselhei a que fosseis de novo a Paris no dia seguinte.

« Tinheis partido havia uma hora, quando entrou o vosso pai. Não posso descrever-vos a impressão que me causou o seu rosto grave e severo. Vosso pai estava cheio de velhas theorias, que dizem que toda a peccadora deve ser um ente sem coração, sem razão ; uma especie de machina para receber oiro, sempre prompta como os engenhos de ferro, a despedaçar a mão que lhe apresenta alguma coisa, e a dilacerar sem piedade, sem discernimento, aquelle que a faz viver.

« Vosso pai tinha-me escripto uma carta com todas as conveniencias, para que eu consentisse em recebê-lo ; mas, não se apresentou do mesmo modo que tinha escripto. Traziam bastante altivez, insolencia, e até ameaças, as suas primeiras palavras ; em quanto lhe não fiz comprehender que estava em minha casa, e que não tinha que lhe dar contas

da minha vida, se não por amor da grande affeição que tinha por seu filho.

« M. Duval socegou um pouco, e entrou a dizer que não podia soffrer mais tempo que o seu filho se arruinasse por minha causá; que eu era bella, era verdade, mas que por mais bella que eu fosse não via nisso razão para me servir da minha belleza para perder o futuro d'um mancebo, com despezas como as que eu fazia.

« A isto havia só uma coisa que responder, era mostrar as provas de que desde que era vossa amante, a nenhum sacrificio me tinha poupado para vos ficar fiel, sem vos pedir mais dinheiro, do que o que me podieis dar. Mostrei-lhes os reconhecimentos do monte-pio, os recibos das pessoas a quem tinha vendido os objectos que não podéra empenhar; dei-lhe parte da resolução em que estava de vender a minha mobilia para pagar as minhas dividas, e para viver comvosco sem vos ser pezada. Contei-lhe a nossa felicidade, a revelação que me tinheis feito d'uma vida mais tranquilla, e mais feliz, acabou por se convencer inteiramente, e por estender-me a mão, pedindo-me mil desculpas da maneira porque se tinha apresentado ao principio.

« Depois disse-me :

« — Então, senhora, não é por admoestações, nem por ameaças, mas com rogos instantes, que tentarei obter de vós um sacrificio maior que todos aquelles que até aqui tendes feito por meu filho.

« Tremi quando ouvi tal preambulo.

« Vosso pai então aproximou-se mais de mim, e

pegando-me nas mãos, continuou com uma voz affectuosa :

« — Minha filha, não leveis a mal o que vos vou dizer ; bem sabeis que ás vezes ha na vida necessidades crueis para o coração, a que nos é forcoso sujeitar-mo-nos, e que esta é uma dellas. Sois bondosa, e a vossa alma tem generosidades desconhecidas por bastantes mulheres que talvez vos desprezem, e que não se vos podem comparar. Mas pensai que a par da amante está a familia ; que além do amor, ha deveres que á idade das paixões succede a idade em que o homem para ser respeitado precisa estar n'uma posição seria. O meu filho não é muito rico, e comtudo está prompto a ceder-vos a herança de sua mãe. Se acceitasse de vós o sacrificio que pretendeis fazer, seria da sua honra e da sua dignidade fazer-vos em troca essa doação que vos poria para sempre ao abrigo d'uma adversidade completa. Mas esse sacrificio não o pode elle acceitar, porque o mundo que não vos conhece, daria a esse consentimento uma causa desleal, que não deve manchar o nome que temos. Não indagariam se Armand vos ama, se vós o amais, e n'esse duplo amor que é uma felicidade para elle e uma reabilitação para vós, veriam só uma coisa, e é que Armand Duval consentio que uma mulher perdida, perdoai-me, minha filha, tudo o que me vejo obrigado a dizer-vos, vendeu tudo o que possuia por causa d'elle. Depois viria o dia das arguições e dos pezares para vós, estou certo como vem para os outros, e ambos trarieis grilhões que não poderieis despedaçar. O que farieis então ? A vossa mocidade tel-a-hieis perdido, o futuro do meu fi-

lho estaria perdido tambem ; e eu, seu pai, não teria senão d'um dos meus filhos a recompensa que espero d'ambos.

« Sois joven, sois bella, a vida vos consolará ; sois nobre, e a lembrança de uma boa acção vos remirá o passado. Ha seis mezes que vos conhece, e já Armand me esquece. Escrevi-lhe quatro vezes, sem que cuidasse uma só em responder-me. Eu podia até morrer, sem que elle o soubesse!

« Seja qual fôr a vossa resolução de viver d'outra maneira que tendes vivido, Armand que vos ama, não consentirá de certo na reclusão a que a sua modesta posição vos condemnaria, e que não foi feita para a vossa belleza. Quem sabe o que elle então faria?! Jogou, já o sei ; sem vos dizer nada, tambem o sei ; mas n'um momento de embriaguez poderia perder uma parte do que tenho ajuntado ha muitos annos, para o dote de minha filha, para elle, e para o descanso da minha velhice. O que então podia succeder, podeis imaginal-o!

« Estais bem certa, de que as opulencias que por elle deixareis, não vos haviam de attrair outra vez?

« Estais bem certa de que nunca mais amareis outrem?

« Não vos lembrais dos obstaculos que a vossa união causará á vida do vosso amante, e de que vos não podereis consolar, se com a idade, idéas d'ambição succederem aos somnos d'amor?

« Reflecti em tudo isto, senhora ; vós amais Armand, provai-lh'o pelo unico meio que ainda vos resta: fazendo ao seu futuro o sacrificio do vosso amor.

« Ainda não aconteceu desgraça nenhuma; mas podem vir a acontecer, e talvez maior do que a que prevejo.

« Armand pode ter ciumes de um homem que vos tivesse amado, pode provocal-o, bater-se, e pode emfim ser morto, e julgai o que soffririeis perante este pai que vos pediria contas da vida do seu filho.

« Emfim, querida filha, sabei tudo, porque ainda vos não disse o resto, sabei o que mo trouxe a Paris. Tenho uma filha, como já vos disse, joven, bella, pura como um anjo. Ella ama; e tambem fez desse amor o sonho da sua vida. Tinha escrito tudo isto a Armand, mais inteiramente possuido de vós, não lhe respondeu. Pois bem! minha filha vai casar-se. Desposa o homem que ama, entra no seio de uma familia honrada, que exige que tudo na minha o seja tambem.

A familia do homem, que se vai tornar meu genro, soube da maneira que Armand vive em Paris, e me declarou, que não cumpriam a sua palavra se Armand continua nesta vida. O futuro de uma donzella, que nada vos fez e que tem o direito de contar com o futuro, está nas vossas mãos.

« Tereis direito, e sentir-vos-heis com forças de o despedaçar? Pelo nome do vosso amor, e do vosso arrependimento, Margarida, concedei-me a felicidade de minha innocente filha.

« Chorava em silencio, meu amigo, diante de todas essas reflexões que já muitas vezes me tinha feito, e que, na boca de vosso pai, tornavam ainda mais seria realidade. Repetia interiormente palavra, por palavra tudo o que vosso pai se não atrevia a

dizer-me; palavras, que mais de vinte vezes lhe tinham assomado aos labios; que não era mais do que uma peccadora, e que por mais razões, que desse á nossa união, teria sempre ares de calculo interessado; que a minha vida passada não me dava direitos de sonhar tal futuro, e que accitava uma responsabilidade, a que os meus costumes e a minha reputação não davam garantias. Para tudo dizer, Armand, amava-vos...

«O modo paternal, com que me fallava o senhor Duval, os castos sentimentos que de mim evocava, a estima desse velho leal que ia conquistar, a vossa que estava certa de ter algum dia, tudo isto despertava no meu coração nobres pensamentos que me exaltavam a meus proprios olhos, e faziam fallar em mim santas vaidades até então desconhecidas. Quando pensava que um dia este velho, que me implorava pelo futuro do seu filho, diria a sua filha, que juntasse o meu nome ás suas orações, como o nome de uma amiga misteriosa e bem fazia transformava-me completamente.

«A exaltação do momento exagerava talvez a verdade destas impressões, mas era o que sentia, meu amigo, e estes sentimentos novos faziam callar os conselhos que me davam as recordações dos dias verdadeiramente felizes passados convosco.

«Pois bem, senhor, disse eu a vosso pai enchugando as lagrimas. Acreditais que amo o vosso filho?

«— Sim, diz o senhor Duval.

«Com um amor desinteressado?

«— Sim, acredito.

«Acreditais que tinha feito deste amor a esperança, o amor, e o perdão da minha vida.

« — Firmemente.

« Pois bem, senhor; beijai-me como beijareis vossa filha, e juro-vos que esse beijo, o unico verdadeiramente casto que tenho recebido, me fará forte contra o meu amor, e que antes de oito dias o vosso filho voltará para vós, talvez que desgraçado por algum tempo, mas curado completamente.

« — Sois uma nobre mulher, tornou vosso pai beijando-me na frente, e ides tentar uma cousa, que Deos vos levará em conta; mas receio muito que nada alcancareis de meu filho.

« Oh! descançai, senhor, ha-de me odear.

« Era preciso entre nós uma barreira que não podessemos transpor nem um nem outro.

« Escrevi a Prudencia dizendo que aceitava as propostas do conde de N... e que lhe participasse que cearia com ella e com elle.

« Fechei a carta e sem lhe dizer o que ella continha, pedi-lhe que a mandasse ao seu destino quando chegasse a Paris.

« Perguntou-me o seu conteudo.

« E' a felicidade do vosso filho, lhe respondi eu.

« Vosso pai beijou-me outra vez. Senti cahirem-me na frente duas lagrimas de reconhecimento, que foram como um baptismo, das minhas faltas de outr'ora, e no momento em que me ia entregar a outro homem, resplandecia de orgulho pensando no que obtinha com resgatar esta nova culpa.

« Era bem natural, Armand; tinheis-me dito que vosso pai era o homem mais honrado que se poderia encontrar.

« Mr. Duval subio para a carruagem e partio.

« Comtudo, sempre era mulher, e quando vos tornei a ver, não me pude impedir de chorar, mas não fraquejei.

« Faria bem? eis o que a mim mesma pergunto hoje que fico n'uma cama que talvez não deixarei senão depois de morta.

« Fostes testemunha do que eu sentia á medida que se aproximava a hora da nossa inevitavel separação; vosso pai já não estava ao pé de mim para me dar valor, e até houve um momento em que fui tentada a tudo vos confessar; tanto me aterrava a idéa de que me ieis odear e aborrecer para sempre.

« Uma cousa que talvez não acrediteis, é que pedi a Deos, que me dêsse forças, e o que prova que aceitava o meu sacrificio é que me deu essa força que implorava.

« A' ceia, ainda tive necessidade de soccorro, por que não queria ter conhecimento do que ia fazer, tanto receiava que me faltasse o animo!

« Quem me diria, a mim Margarida Gautier, que havia de soffrer tanto, só com a idéa de tomar um amante!

« Bebi, quanto me fizesse esquecer de mim; e quando despertei no dia seguinte, estava no leito do conde.

« Eis toda a verdade meu amigo, julgai, e perdoai-me; como eu de todo o coração vos tenho perdoado todo o mal que me tendes feito desde esse dia.

XXVI.

«O que se seguiu a esta noite fatal, tão bem como eu o sabeis vós, mas o que não sabeis, e o que não podeis suppôr, é o quanto padeci desde a nossa separação.

«Tinha-me cõstado que vosso pai vos havia levado consigo, mas bem advinhava que não podies viver muito tempo longe de mim, e no dia em que vos encontrei nos Campos Elysios, impressionei-me, mas não me admirei.

«Começou então essa série de dias, em que se não passava um só que me não dirigissem um novo insulto, insultos que eu recebia quasi com alegria, porque além de provarem o amor que ainda me tinheis, parecia-me que, quanto mais me perseguissem, mais me exaltaria a vossos olhos no dia em que soubesseis a verdade.

«Não vos admireis destes jubilos no martyrio, Armand, o amor que tinheis tido por mim, abria-me o coração a nobres enthusiasmos.

«Comtudo, eu ao principio não tinha sido tão forte.

«Entre a execução do sacrificio que vos tinha feito, e o vosso regresso, havia decorrido longo tempo, durante o qual tinha tido precisão de me valer de meios physicos para não endoidecer, e para me atordoar nessa vida em que outra vez me precipitára. Prudencia vos disse, que eu não fallava a uma unica festa, a um vistoso baile, a uma orgia que fosse?

«Tinha uma certa esperança de me matar, á força de excessos, e cuido que esta esperança não

tardará a realizar-se. Necessariamente se me alterou a saúde cada vez mais, e no dia em que mandei madame Duvernoy pedir-vos mercê estava estenuada de corpo e alma.

« Não vos recordarei, Armand, de que maneira recompensastes a ultima prova d'amor que vos dei, e com que ultrage expulsastes de Paris a mulher, que á beira da sepultura, não tinha podido resistir á vossa voz, quando lhe pedieis uma noite d'amor, e que, como uma insensata, acreditou por um instante, que podia tornar a consolidar o passado com o presente. Tinheis o direito de fazer o que fizestes, Armand; nunca me pagaram tão caro as minhas noites!...

« Então deixei tudo. Substituío-me Olympia junto de Mr. de N..., e encarregou-se, dizem, de lhe dar a saber o motivo da minha partida. O conde de G... estava em Londres. E' um daquelles homens, que, não dando ao amor, por mulheres da minha condição, senão sómente a importancia necessaria para não exceder d'um passatempo agradável, continuam a ficar amigos das mulheres que tiveram, sem odios, nem ciumes; emfim, é destes fidalgos que apenas nos abrem um lado do seu coração, mas que nos abrem os dois lados da sua bolsa. Foi nelle que logo puz o pensamento. Fui procural-o. Recebeu-me optimamente, mas era amante d'uma mulher de qualidade, e teve medo de se comprometter mostrando-se em publico comigo.

Apresentou me aos seus amigos que me deram uma esplendida ceia depois da qual um delles me levou consigo.

« Que querieis que eu fizesse, meu caro amigo?

« Matar-me ? era encarregar-vos a vida, que deve ser feliz, com inuteis remorsos, de mais, de que serve o suicidio, se a morte ha-de vir inexoravelmente ? »

« Passei ao estado d'um corpo sem alma, d'uma cousa sem pensamento ; vivi algum tempo essa vida machinal, depois voltei para Paris, e procurei por vós ; soube então que tinheis ido fazer uma longa viagem. Nada restava para me conter. Tornou-se a minha existencia o que tinha sido dois annos antes de vos conhecer. Tentei attrair outra vez o duque, mas tinha-o offendido mui asperamente, e os velhos não são pacientes, sem duvida por conhecerem que não são eternos. Cada vez tomava a doença mais posse de mim, andava pallida, triste emmagreci ainda mais. Os homens que compram o amor, examinam a mercadoria antes de a aceitarem. Havia em Paris mulheres mais saudaveis, mais alegres e mais gordas que eu ; principiei a lembrar menos. Eis o passado até hontem. »

« Agora estou inteiramente enferma. »

« Escrevi ao duque a pedir-lhe dinheiro, porque o não tenho, e voltaram os implacaveis credores, trazendo-me os seus recibos com furor desapiedado. O duque respondera ? Não estardes em Paris, Armand ! Virieis vêr-me, e as vossas visitas me consolariam. »

20 de Dezembro.

« Faz um tempo horrivel, cahe neve, estou só em casa. Ha tres dias que me sobreveio uma febre tal, que não tenho podido escrever-vos nem uma unica palavra. Nada de novo, meu amigo ; »

todos os dias espero uma carta vossa mas não chega, nem ao menos chegará. Só os homens é que tem a força de não perdoar. O duque não me respondeu.

« Prudencia tornou a começar as suas viagens ao Monte Pio.

« Não cesso de deitar sangue pela bocca. Oh! haviéis de ter muita compaixão de mim se me visseis. Sois bem feliz, por estardes n'um clima quente, e por não terdes como eu um inverno intenso de gelo a abafar-vos o peito. Hoje levantei-me da cama, e por entre as cortinas da minha janella, entrei a vêr passar essa vida de Paris com a qual cuido ter rompido para sempre. Passaram pela rua algumas caras alegres sem cuidados. Nem uma só levantou os olhos para a minha janella. Todavia, alguns mancebos teem por aqui vindo deixar o seu nome. Uma vez, estava eu doente, e vós, que me não conheceis ainda, que apenas tinheis obtido de mim uma impertinencia no dia em que vos havia visto pela primeira vez, vinheis saber de mim todas as manhãs. Eis-me outra vez doente. Passámos juntos seis mezes. Tive por vós tanto amor como o coração de uma mulher póde sentir, e é capaz de retribuir; e vós estais longe, amaldiçoais-me, e nem se quer uma palavra de consolação! Como tudo mudou?... Mas é só ao acaso que devo este abandono; sim, não o posso duvidar, porque, se estivesseis em Paris, não deixaríeis a minha cabeceira, não abandonaríeis por um só momento o meu derradeiro agonisar. »

23 de Dezembro.

« O meu medico não quer que eu escreva to-

dos os dias. Tem razão. As saudades fazem-me augmentar a febre; porem hontem recebi uma carta, que me fez bem, ainda mais pelos sentimentos que expressava, que pelo soccorro material que trazia. Por tanto posso escrever-vos hoje. Esta carta era de vosso pai, e eis o que ella continha:

«Minha senhora.

«Acabo agora de saber, com a maior magua, «que estais doente. Se estivesse em Paris eu mesmo «iria saber de vós; se meu filho estivesse aqui eu «lhe diria a elle que fosse; mas não posso deixar «C..., e Armand está a seiscentas ou setecentas le- «guas de distancia: permitti-me, pois, que vos es- «creva, para vos significar, minha senhora, «quanto o vosso padecimento me penalisa, e acre- «ditar nos sinceros votos que faço pelo vosso prom- «pto restabelecimento.

«Um dos meus bons amigos, o sr H... se vos «apresentará; tende a bondade de o receber. Está «encarregado por mim d'uma incumbencia, cujo «resultado espero impassivamente.

«Rogo-vos acrediteis na mais distincta consi- «deração e respeito com que sou, minha senhora, vosso venerador.»

«Tal era a carta que recebi de vosso pai, é um coração nobre! Amai-o, meu amigo, porque ha poucos homens no mundo tão dignos de ser amados.

«Aquelle papel assignado por elle deu-me mais allivios que quantas receitas o nosso grande me- dico tem feito.

«Veio esta manhã o sr. H... Mostrava acanhamento para me explicar a missão delicada de que M. Duval o tinha encarregado. Afinal trazia-me mil escudos da parte de vosso pai. Ao principio quiz recusar, mas o sr. H... me disse, que se tal fizesse escandalisaria M. Duval, que o tinha authorisado a entregar-me primeiramente esta quantia, e a dar-me depois tudo quanto viesse a precisar. Aceitei aquelle favor, que da parte de vosso pai não póde ser uma esmóla.

«Se quando voltardes já tiver morrido, mostraes a vosso pai o que acabo de escrever a seu respeito, dizei-lhe que quando a pobre peccadora, a quem elle se dignára escrever esta carta consoladora, traçava estas linhas, derramára lagrimas de reconhecimento, e pedia fervorosamente a Deus por elle.»

« 4 de Janeiro.

«Acabo de passar bem dolorosos dias. Ignorava que o corpo fizesse padecer assim. Oh! minha vida passada! Estou-a hoje pagando!

«Velavam por mim todas as noites. Já não podia respirar. O delirio e a tosse haviam repartido entre si o resto da minha pobre existencia!

«A minha casa de jantar para ahi está cheia de doces, de presentes de todas as qualidades, que os meus amigos me teem trazido. Ha, sem duvida, entre elles alguns que esperam que eu seja sua amante. Se vissem a que estado me teem reduzido os padecimentos, fugiam de mim aterrados.

«Prudencia faz os seus presentes com os que eu recebo.

« Está cahindo geada, e o doutor disse-me que podia sahir d'aqui alguns dias se continuar a fazer bom tempo.»

« 8 de Janeiro.

« Sahi hontem na minha carroagem. Fazia um tempo magnifico. Os Campos-Elyseos estavam cheios de gente. Parecia o primeiro sorriso da primavera. Tudo em torno de mim respirava bastante alegria. Nunca me tinha passado pelo pensamento que havia de encontrar n'um raio de sol o que hontem encontrei de jubilo, doçura e consolação.

« Vi quasi todas as pessoas que conheço, sempre alegres, sempre cuidando nos seus divertimentos.

« Quantos são felizes sem saberem que o são! Passou tambem Olympia n'uma elegante carroagem, que lhe deu M. de Nini. Fez por me insultar n'um volver d'olhos. Mal sabe ella quão longe estou de todas essas vaidades! Um guapo mancebo, que ha muito tempo conheço, me perguntou se queria ir ceiar com elle, é um dos seus amigos, que, segundo elle dizia, deseja muito conhecer-me.

« Sorri tristemente, e dei-lhe a minha mão ardendo em febre.

« Nunca vi maior assombro como o que lhe revelava o semblante.

« Voltei para casa ás quatro horas, e jantei com algum appetite.

« O passeio fez-me bem.

« Se eu melhorasse!...

« Como o aspecto da vida e da felicidade dos outros faz desejo de viver áquelles a quem na ves-

pera, na solidão da sua alma, e na sombra da sua camara d'enfermos, desejavam que a morte se apressasse !... »

« 10 de Janeiro.

« Esta esperança de saude não passára d'um sonho. Eis-me outra vez de cama, com o corpo coberto de causticos, que me queimam toda! Vai, Margarida, vai agora offerecer este corpø, que tão caro le pagavam n'outro tempo, e vê o que te darão hoje por elle!

« Bastante mal devemos ter feito antes de nascer, ou bem grande felicidade nos espera depois da morte, para que Deus permitta ter n'esta vida todas as torturas da espição, e todas as dôres da prova »

« 12 de Janeiro.

« Continuo a padecer.

« O conde de N*** mandou-me dinheiro hontem : não lh'o accitei. Não quero nada daquelle homem. Foi elle a causa de não estardes ao pé de mim.

« Oh! bellos dias de Bougival! aonde estais?!

« Se eu sahir viva deste aposento hade ser para fazer uma peregrinação á casa aonde moravamos ambos, e d'alli não saio senão para a sepultura!

« Quem sabe se ámanhã vos escreverei? »

« 20 de Janeiro.

« Já ha onze noutes que não durmo, que me suffoco; e que a todos os instantes julgo morrer. O medico ordenou que me não deixassem pegar na

penna. Julia Duprat, que por mim vella, permitto-me que vos escrevesse algumas linhas. Não voltareis antes que eu morra?! Tudo se acabaria pois entre nós?! Parece-me que se voltasseis, ainda recobriria a minha saude! Mas para que me hei-de curar?»

« 28 de Janeiro.

« Esta manhã fui acordada por um grande motivo. Julia, que dormia no meu quarto, correu á casa do jantar. Ouvi vozes d'homens, contra as quaes a sua luctava em vão. Tornou a entrar chorando.

« Vinham fazer uma penhora. Disse-lhe que deixasse fazer o que elles chamam justiça. Entrou no quarto um official de justiça, com o chapéu na cabeça. Abrio todas as gavetas, e relacionou tudo o que vio; e nem sequer pareceu aparceber-se que havia uma moribunda nesse leito que felizmente a caridade da lei me deixa.

« Teve a benevolencia de me dizer quando sahio, que antes de nove dias podia reclamar, mas deixou um guarda! Que será de mim, meu Deus! Esta scena tornou-me ainda mais doente. Prudencia quiz pedir dinheiro ao amigo de vosso pai, mas oppuz-me fortemente a isso.»

« 30 de Janeiro.

« Recebi a vossa carta esta manhã. Tinha já bastante necessidade della. A minha resposta chegar-vos-ha a tempo? Ver-me-heis ainda? Fui um dia feliz que me fez esquecer todos os que tenho passado ha seis semanas. Parece-me que vou me-

*

lhor, apesar do sentimento de tristeza sob que vos respondi.

« Afinal de tudo, não devemos ser sempre infelizes.

« Quando penso que ha de succeder que eu não morra, que volteis, que torne a ver a primavera, que me torneis a amar, e que recomecemos a nossa vida d'outr'ora !...

« Louca ! mal posso pegar na penna com que vos escrevo este sonho insensato do meu coração!

« Aconteça, o que acontecer, amava-vos bastante, Armand, e já de ha muito que estaria morta se não tivesse para me assistir a recordação deste amor, e como uma vaga esperança de vos tornar a ver ainda ao pé de mim.»

« 4 de Fevereiro.

« O conde de G... voltou. A sua amante enganou-o. Está muito triste, amava-a muito. Veio-me contar tudo. O pobre rapaz vai de mal a peor nos seus negocios o que lhe não impedio de pagar ao official de justiça, e despedir o guarda. Fallei-lhe de vós, e elle prometeu-me fallar-vos de mim. Como me esquecia nesses momentos que tinha sido seu amante, e como elle tratava de se fazer esquecer ! E' um bom coração.

O duque mandou saber noticias minhas hontem, e veio esta manhã. Não sei o que póde fazer viver ainda esse velho. Esteve tres horas ao pé de mim ; e não me disse vinte palavras. Duas grandes lagrimas lhe cahiram pelas faces a baixo quando me vio tão pallida. Era a lembrança da morte de sua

filha que o fazia chorar assim. Vel-a-ha morrer duas vezes. As costas todas curvadas, a cabeça a inclinar-se-lhe para o chão, de beijo cahido, e olhar apagado, é o typo da decrepitude. A idade e a dôr com o seu duplice pezo parecem querer-lhe esmagar o corpo debilitado. Não me arguo. Dir-se-ha até que estava a gozar interiormente dos estragos que a molestia me tinha feito. Parecia ufano de estar ainda em pé quando eu tão nova ainda, jazia alli, succumbido á força de padecer.

« Voltou o máu tempo, ninguem me vem ver! Julia véla o mais que pode junto de mim. Prudencia a quem já não posso dar tanto dinheiro, como n'outro tempo, principia a pretextar negocios para não vir a minha casa.

« Agora que estou á beira da sepultura, apesar do que me dizem os medicos, porque não são poucos, o que prova que a doença vai em augmento, quasi que estou arrependida de ter attendido o vosso pai, se adivinhasse que não tomava senão um anno ao vosso futuro, não teria resistido ao desejo de passar esse anno comvosco, e pelo menos morria apertando a mão d'um amigo. E verdade, que se tivéssemos vivido juntos esse anno, não morria tão cedo.

« Cumpra-se a vontade de Deus! »

« 5 de fevereiro.

« Oh! vinde, vinde, Armand, padeço hor-
rivelmente; meu Deus, vou morrer. Estava hon-
tem tão triste que tencionei passar fóra de casa a
noite que promettia ser tão comprida como a da

vespera. O duque tinha vindo de manhã. Está-me a parecer que a vista deste velho esquecido pela morte me faz morrer mais depressa.

« Apezar da ardente febre que me escaldava, fiz com que me vestissem e levassem aò vaudeville. Julia poz-me côr na cara para não parecer um cadaver. Estive naquelle camarote em que vos marquei a nossa primeira entrevista; estive todo o tempo com os olhos fitos no logar que occupaveis naquella noite, e onde hontem estava uma especie d'alarve, que ria ás gargalhadas de todas as asneiras, que diziam os actores. Levaram-me meia morta para casa. Tossi, e deitei sangue pela bocca toda a-noite. Hoje nem fallar posso; quando muito apenas movo os braços. Meu Deus! meu Deus! Estou a morrer. Bem m'ò dizia o coração... Ha muito tempo que o esperava, mas o que eu não posso é acostumar-me á idéa de padecer mais do que padeço, e se..... »

Desde esta palavra algumas lettras que Margarida tinha querido traçar, eram illegiveis, e Julia Duprat é que tinha continuado.

« 18 de fevereiro.

« Senhor Armand.

« Desde o dia em que Margarida quiz ir ao theatro foi de mal a peor. Perdeu inteiramente a falla: depois ficou entorpecida; é impossivel descrever tudo o que padece a nossa pobre amiga. Não estou acostumada a estas sensações, e sinto continuos terrores.

« Quem me dera que estivesseis ao pé de nós. Está quasi sempre a delirar, mas delirante, ou lú-

cida é sempre o vosso nome que pronuncia quando chega a poder dizer uma palavra.

« Está por pouco, me disse o medico. Desde que vae a peor não tornou o duque.

« Disse ao doutor que este espectáculo lhe fazia muito mal.

« Madame Duvernoy não se porta com dignidade. Esta mulher que julgava viver á custa de Margarida completamente, tomou encargo com que não podia, está empenhada, e vendo que a sua vizinha já lhe não serve de banqueiro até a não virem. Todos a abandonam. M. de G... perseguido por dividas vio-se obrigado a ir outra vez para Londres. Quando partio mandou-nos algum dinheiro; fez tudo o que ponde: mas vieram outra vez embargar o que tínhamos em casa, e os credores estão á espera que ella dê o ultimo suspiro para porem tudo em almoeda.

« Quiz usar dos meus ullimos recursos para impedir todos estes embargos, mas o official de justiça disse-me que era escusado, e que ainda havia outros tramites que executar. Já que morre, mais valle tirar o sentido de tudo, que salvá-lo para a familia que nunca a quiz ver, e que nunca a amou. Não podeis imaginar, no meio de que doirada miseria se fina a pobre rapariga, hontem não tínhamos dinheiro nenhum. Faqueiros, joias, cachemiras, tudo está empenhado, o resto está vendido ou embargado. Margarida tem ainda a consciencia do que se passa junto de si. Copiosas lagrimas lhe inundam as faces tão cadavericas e tão pallidas, que se a podesseis vêr não conhecerieis as feições d'aquella que tanto amaveis. Fez-me

prometter-lhe que vos havia de escrever assim que ella não podesse mais e estou a escrever isto diante d'ella. Volta os olhos para mim, mas não me vê, tem a vista embaciada pela morte que se lhe avizinha; comtudo ainda sorri e todos os seus pensamentos, toda a sua alma a vós se dirigem, tenho toda a certeza disso.

« Cada vez que se abre a porta, animam-se-lhe os olhos; parece-lhe sempre que vos vê entrar; depois, quando sente que não sois vós, torna-lhe o semblante para a mesma dolorosa expressão, bannha-se de suor frio, e as faces se lhe inflamam. »

« 19 de fevêreiro, á meia noite.

« Que triste dia foi o de hoje, pobre senhor Armand! Esta manhã, Margarida suffocava; o medico sangrou-a, a voz tornou-lhe. O doutor aconselhou-a que visse um sacerdote. Ella consentio e foi elle mesmo procurar o abbade de S. Roque.

« Entretanto, Margarida chamou-me para ao pé do seu leito, pedio-me que abrisse um armario, depois indicou-me uma bella touca, e uma camisa comprida toda coberta de ricas rendas, e me disse com uma voz enfraquecida :

« — Vou morrer depois de me ter confessado, então me vestirás isso: é uma vaidade de moribunda.

« Depois abraçou-me chorando, e ajuntou :

« — Eu posso fallar, mas suffoco-me muito quando fallo; eu morro! ar! desejo ar!

« Desfazia-me em lagrimas, abri a janella e alguns instantes depois entrou o cacerdote.

« Fui ter com elle.

« Quando soube em casa de quem estava, pareceu ter medo de ser mal recebido.

« — Entrai affeito, meu padre, lhe disse eu; esperam-vos com impaciencia.

« Demorou-se pouco tempo á cabeceira da doente, e saio dizendo-me;

« — Viveu como peccadora, mas ha-de morrer como christã.

« Instantes depois, voltou acompanhado com um menino do côro, que trazia um crucifixo, e com um sacristão que caminhava adiante d'elles tocando uma campainha, para annunciar que Deos se encaminhava para a morada da muribunda.

« Entraram todos tres nesta camara, que tinha ouvido n'outro tempo tantas palavras extranhas. e que nesta occasião era um tabernaculo santo.

« Caí de joelhos. Não sei quanto tempo me durará ainda a impressão que em mim produzio este espectaculo triste, mas não creio que até que eu mesma me ache em occasião identica, coisa nenhuma me poderá impressionar tanto.

« O sacerdote ungio com os santos oleos os pés, as mãos, e a fronte da infeliz muribunda; depois recitou uma curta oração, e Margarida achava-se preparada para partir para o céo, onde sem duvida entrará se Deus lhe levar em conta as provas porque passou na sua vida, e a santidade da sua morte.

« Desde esse momento não pronunciou mais uma palavra, nem fez um movimento. Mil vezes a julgaria morta, se a não ouvisse respirar.

« 20 de fevereiro, cinco horas da tarde.

« Está tudo acabado.

« Margarida entrou em agonia esta noite pelas duas horas. Nunca martyr algum soffreu iguaes torturas, a julgar pelos ais que dava. Duas ou tres vezes se poz em pé no leito como se quizesse segurar a sua vida que subia para o ceu.

« Proferio tambem por duas ou tres vezes o vosso nome, depois tudo se callou; cahio desfallecida sobre o leito. Lagrimas silenciosas se lhe deslizaram dos olhos, e expirou.

« Então, cheguei-me a ella, chamei-a pelo seu nome, e como me não respondesse, fechei-lhe os olhos, e dei lhe um beijo na frente.

« Minha querida Margarida, queria ser uma santa mulher, para que este beijo te encommendasse a Deus.

Depois, cumprindo a minha promessa vesti-a como me tinha pedido, e fui procurar um sacerdote a São Roque, queimei por ella duas tochas e rezei uma hora na igreja.

« Dei aos pobres todō o dinheiro que ella possuia.

« Não entendo muito de religião, mas penso que o bom Deus conhecerá que as minhas lagrimas eram verdadeiras, as minhas orações fervorosas, e as minhas esmólas sinceras, e terá compaixão d'aquella que, morrendo joven e bella, só a mim teve para lhe fechar os olhos, e fazel-a sepultar.»

« 22 de Fevereiro.

« Hoje teve lugar o enterro. Muitas das amigas de Margarida vieram á igreja, Algumas dellas choravam com sinceridade. Quando o sahimento se encaminhou para Montmartre, só dois homens iam atraz, o conde de G..., que tinha vindo de proposito de Londres e o duque que caminhava amparado por dois criados.

« E' de sua casa que vos escrevo todas estas circumstancias, no meio das minhas lagrimas, e diante de uma lampada, que arde tristemente ao pé de um jantar em que não tóco, como bem haveis de imaginar, mas que Nanine me mandou fazer, porque ha vinte e quatro horas que não como.

« A minha idéa não póde conservar por muito tempo estas lugubres recordações, porque a minha vida não me pertence mais a mim, do que a de Margarida lhe pertencia a ella; é a razão porque vos dou esta narração no proprio lugar em que se passaram estes lugubres acontecimentos com medo de que, se muito tempo se passar entre elles e a vossa volta, não vos possa já dar conta destes factos.»

XXVII

— Lestes? disse-me Armand quando acabei a leitura do manuscripto.

— Comprehando quanto deveis ter soffrido, meu amigo, se tudo o que li é verdade.

— Meu pai confirmou-m'o n'uma carta.

Conversámos ainda por algum tempo sobre o triste destino, que acabava de se cumprir; entrei

depois em minha casa para tomar algum descanso.

Armand, sempre triste, mas algum tanto aliviado pela narração da sua historia, restabeleceu-se depressa, fomos juntos visitar Prudencia, e Julia Duprat.

Prudencia tinha quebrado. Disse-nos que Margarida tinha sido a causa d'isso, que em quanto esteve doente lhe tinha emprestado muito dinheiro por amor do qual se vio obrigada a passar lettras que não poude pagar; Margarida, morreu sem lh'o satisfazer, e não lhe deixou recibos com que ella se podesse apresentar como credora.

Com esta fabula que madame Duvernoy contava a quem a queria ouvir, tirou uma nota de mil francos a Armand, que não a acreditava, mas que queria fingir que acreditava, tanta veneração tinha elle por tudo o que dizia respeito á sua amante.

Depois fomos a casa de Julia Duprat que nos contou os tristes acontecimentos, de que tinha sido testemunha, vertendo lagrimas sinceras, com a lembrança da sua amiga.

Emfim, fomos visitar o tumulo de Margarida, sobre o qual os primeiros raios de um sol de abril, faziam rebentar as primeiras folhas.

Restava a Armand ainda um dever a cumprir. Era o de ir ter com seu pai. Quiz ainda que o acompanhasse.

Chegámos a C. . onde vi o senhor Duval, como o tinha imaginado pelo retrato que d'elle me tinha feito seu filho: alto, digno, benevolente.

Accolheu Armand com lagrimas de felicidade, e me apertou affectuosamente a mão. Percebi que

o sentimento paternal, era o que dominava todos os outros no honrado recebedor.

Sua filha, chamada Branca, tinha essa transparencia de olhos e de olhar, essa serenidade de sorrir que prova que a alma só concebe pensamentos santos, e que os labios só proferem palavras piedosas. Sorria ao ver seu irmão de volta, ignorando, casta donzella, que bem longe. uma mulher, peccadora, tinha sacrificado a sua felicidade, só ao invocarem o seu nome.

Fiquei por algum tempo com esta feliz familia, toda possuida d'aquelle que lhe trazia a convalescença do coração.

Voltei a Paris onde escrevi esta historia tal, qual me tinha sido contada. Não tem, senão um merito, que lhe não pode ser contestado, o de ser verdadeira.

Não tiro, d'esta narrativa a conclusão de que todas as mulheres como Margarida são capazes de fazer o que ella fez; longe de mim tal pensamento; mas soube por acaso que uma dellas tinha tido um amor serio, que tinha soffrido muito, e que disso morrerá. Contei ao leitor, o que me constou. Era um dever.

Não sou o apostolo do vicio, mas far-me-hei echo de toda a desgraça nobre, onde quer que a encontrar gemendo.

A historia de Margarida é uma excepção, repito-o; mas se tivesse sido uma generalidade, não tinha valido a penna de a escrever.

FIM.

Eduardo da Costa Louza

X mc -

C29 375, -

cons. 64-64

COLLOCAÇÃO DAS ESTAMPAS.

Prudencia — Frontespicio.

Duval pai — pag. 55.

p/ d. José Lindlin -

a/c David -

SE

